

OS PRÓS E OS CONTRAS DE NUNCA ESQUECER



Val Emmich



intrinsic

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Os prós e os contras
de nunca esquecer

Val Emmich

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2017 by Val Emmich

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Literária Riff

TÍTULO ORIGINAL

The Reminders

PREPARAÇÃO

Carolina Rodrigues

REVISÃO

Milena Vargas

Victor Almeida

DESIGN DE CAPA

hej!jeanne

ADAPTAÇÃO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK

Maria Góes

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0368-8

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Come Together

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

Gimme Some Truth

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

21

Help!

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

The Mindy Love Show

32

33

Across the Universe

34

35

A Day in the Life

36

37

38

Don't Let Me Down

Agradecimientos

Sobre o autor

Leia também

Para Jill, a única

É preciso força para lembrar, outro tipo de força para esquecer, e um herói para fazer as duas coisas.

James Baldwin

I'd give you anything I've got for a little peace of mind.

John Lennon

Os mais lembrados da História

(números de anos lembrados)

- Jesus (1980)
- Joana d'Arc (582)
- John F. Kennedy (50)
- John Lennon (33)

* Todos começam com a letra J!

Come Together

1

Meu pai se esqueceu de mim.

Estou esperando com o violão nos degraus duros e tem uma formiga no meu tênis. Ela é bem pequenininha, mas eu preferia ser isso, uma coisa pequenininha que ninguém nota, a ser uma menina de verdade que todo mundo vê, mas que não merece ser lembrada.

A Srta. Caroline está esperando comigo. O homem do carro está pronto para levá-la para casa, mas ela não pode ir embora antes de mim.

— Vou tentar ligar de novo para o seu pai.

Ela só tem que apertar o botão de rediscagem porque já ligou para o meu pai e deixou um recado. Depois de um minuto em silêncio, ela afasta o telefone da orelha e fala com uma voz muito gentil:

— Não se preocupe, Joan. Tenho certeza de que ele vai chegar logo.

Ela está sendo muito legal, o que só me deixa mais envergonhada. A única coisa boa nessa história toda é que hoje foi minha última aula de Apresentação Musical e, assim que meu pai me pegar, nunca mais terei que ver a Srta. Caroline de novo.

— Que horas são? — pergunto.

— Quase cinco — responde a Srta. Caroline.

A aula terminou às quatro e meia. Meu pai e eu geralmente estamos no carro às quatro e quarenta.

— Desculpa.

— Esquece, Joan.

Mas eu não consigo esquecer. Esse é o problema. Não consigo esquecer nada.

Não é só o fato de o meu pai não ter vindo me buscar hoje. É o fato de meu pai e eu termos visto um passarinho vermelho em uma árvore em 2011 e eu ter perguntado se ele se lembrava do outro passarinho vermelho que tínhamos visto antes, em 29 de abril de 2009, uma quarta-feira. Ele teve que pensar um pouco antes de responder:

— Lembro.

Mas, pelo jeito que ele falou, sei que não se lembra do outro passarinho vermelho e, por isso, não me sinto próxima dele como gostaria de me sentir.

E é o fato de minha mãe ter dito uma vez:

— Sempre dá certo.

E eu me lembrar na hora a quantidade de vezes que ela disse “sempre dá certo” nos últimos seis meses (vinte e sete). Então pedi para minha mãe adivinhar o número, dando uma dica — mais de dez e menos de cinquenta —, mas, em vez de entrar no jogo, ela apenas disse:

— O que você quer de mim, Joan?

E se afastou.

É o fato das pessoas fazerem cara feia quando eu digo que estão contando errado parte de uma história que envolve todos nós. Então meu pai me explica que, para a maioria das pessoas, lembranças são como contos de fada, o que significa que são mais simples, engraçadas, felizes e emocionantes do que a vida é de verdade. Não entendo como as pessoas podem fingir que alguma coisa aconteceu de um jeito diferente, mas meu pai diz que elas nem notam que estão fingindo.

A Srta. Caroline desce a escada para falar com o homem no carro e eles conversam baixinho. Ele desliga o motor, o que é bom para o meio ambiente, e baixa o assento todo, igual ao meu avô quando quer tirar uma soneca.

A Srta. Caroline sobe a escada e pergunta:

— O que você está desenhando?

Fecho meu diário.

— Nada.

Não ligo se meu futuro marido mostrar meus desenhos para todo mundo quando eu morrer, como a Yoko fez com o John, mas, por enquanto, meus desenhos são uma coisa particular.

John Lennon é o compositor favorito do meu pai, e o meu também. Meu pai queria que meu nome fosse Lennon, mas minha mãe vetou, o que é uma coisa que as esposas podem fazer, segundo ela. Por isso, papai pôs Lennon como meu nome do meio, e eu me tornei Joan Lennon Sully. O meio é um lugar legal para nomes importantes. O nome do meio de John Lennon era Winston, em homenagem a Winston Churchill, uma pessoa de quem todo mundo se lembra.

As pessoas têm um monte de motivos para não se lembrar das coisas. Elas culpam a falta de energia, os ouvidos que não escutam direito, ou simplesmente estarem ocupadas, velhas ou cansadas demais. Mas, na verdade, é só porque elas não têm espaço suficiente em suas caixas.

Quando fiz cinco anos, minha mãe comprou uma caixa para eu pôr meus desenhos. Ela estava cansada de me ver deixar papéis e projetos espalhados pela casa. Então me pediu para escolher os que fossem mais importantes, porque não havia espaço suficiente na caixa para guardar todos. É assim com o cérebro das pessoas. Ele só tem espaço para as lembranças mais importantes, e o resto é jogado fora. Quando eu sou a coisa que é jogada fora por não ser suficientemente importante, é difícil não ficar triste, igual a quando John Lennon canta no *Álbum Branco: I'm lonely and I wanna die*, me sinto sozinha e quero morrer. Especialmente porque eu nunca jogaria ninguém fora, já que meu cérebro nunca fica sem espaço. Só quero que a história seja justa.

Eu queria ser para sempre alguém importante e nunca ser esquecida, como John Lennon e Winston Churchill, mas sei que não posso. Aprendi alguns anos atrás que meu lugar não está garantido na caixa de ninguém, nem mesmo na da minha avó.

Sábado, 13 de fevereiro de 2010: casa nova da vovó.

— Vovó, sou eu, a Joan.

Ela parece confusa.

— Eu sou a Joan.

— Eu sei, vovó. Eu também sou a Joan. Meu nome é por sua causa.

Papai me tira de perto dela.

— Ela só está cansada, querida.

— Ela não se lembra de mim.

— Lembra, sim. Claro que ela se lembra. Ela só...

— Vovó, sou eu.

Ela tenta. Tenta de verdade. Mas eu não estou lá.

A vovó Joan teve que me tirar da caixa de seu cérebro para ter espaço suficiente para as letras de todas as suas músicas favoritas. Ela se lembrou delas até o dia em que morreu (sábado, 8 de outubro de 2011).

Tentei ajudar algumas pessoas a lembrar, deixando bilhetes e dando dicas. Até prestei atenção quando o noticiário disse que mirtilos fortalecem o cérebro. Pedi para a minha mãe comprar uma caixa grande e fiz minha

família comer tudo, mas foi perda de tempo. Se a vovó Joan conseguiu me esquecer, significa que todo mundo pode. Até meu pai.

* * *

— Que horas são agora? — pergunto, dedilhando o violão.

— Cinco e cinco.

Um carro está se aproximando rápido, mas passa direto. Toco uma nota grave porque não estou a fim de sons felizes.

A Srta. Caroline olha para as nuvens do céu ensolarado e diz:

— Faz tanto tempo que não chove...

— Na verdade, choveu dia 20 de junho, que foi uma quinta-feira, e isso faz menos de três semanas.

— É mesmo?

— É.

Ela parece impressionada.

— Você sempre teve essa memória incrível?

— Não — respondo. — Fiquei assim depois que caí de cabeça na Home Depot.

A Srta. Caroline ri, mas estou dizendo a verdade. Meu amigo Wyatt sabe tudo sobre histórias em quadrinhos e internet e me disse que cair de cabeça na Home Depot foi o que me deu uma memória autobiográfica altamente superior. E que cair de cabeça na Home Depot *de novo* me faria perder isso. Foi por esse motivo que nunca voltei à loja, mesmo depois de tantos anos.

Eu tinha só dois anos quando aconteceu (tenho dez agora). Papai me pôs de pé na ponta do carrinho de compras laranja e, enquanto ele não estava olhando, eu me inclinei sobre a beirada e caí. Minha cabeça bateu com força no concreto e meu pai gritou, não como grita com outros motoristas, mas como quando não está com luva de cozinha e encosta a mão na parte de cima da torradeira. Ele me pegou do chão e saiu correndo da loja.

Mas não conto nada disso para a Srta. Caroline, porque ela está ocupada demais olhando para a prancheta. Seu dedo está passando pela folha até chegar ao lugar em que está escrito *contato de emergência*.

— Quem é Jack Sully? — pergunta.

— Meu avô.

Ela contrai os lábios como se estivesse sendo forçada a beijar um homem feio.

— Eu consigo ir andando para casa — digo. — Não moro longe.

— Não posso deixar você fazer isso, Joan.

Ela liga para meu avô e deixa uma mensagem. Já ligou para a minha mãe.

— Isso já aconteceu? De você não conseguir falar com ninguém? — pergunta a Srta. Caroline.

— Não — respondo.

É verdade. Às vezes as pessoas não acreditam que eu consigo analisar todas as minhas lembranças tão rápido, mas não é como se eu estivesse tentando encontrar a única caneta que funciona na gaveta da bagunça da minha mãe. É mais como se eu fosse ligar uma luz e o interruptor estivesse sempre bem embaixo do meu dedo.

— Vamos fazer assim — diz a Srta. Caroline. — Às cinco e vinte, vou ligar para todo mundo de novo. Se a gente não conseguir falar com ninguém, vamos ver se conseguimos ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Talvez alguém possa levar você para casa.

— Quem? O seu amigo?

— Não — diz a Srta. Caroline. — Mas só vamos atrás de ajuda se todos os outros tiros saírem pela culatra.

Não sei de quem ela está falando nem por que quer manter a pessoa em segredo. Mas penso nas palavras *emergência*, *ajuda* e *tiro* e entendo para quem a Srta. Caroline quer ligar. Continuo olhando para a rua porque estou com medo de olhar para a Srta. Caroline e uma lágrima escapar por acidente.

Eu poderia fugir. Sei me virar em Jersey City, mas, mesmo que consiga chegar em casa, não tenho a chave. Procuo a pequena formiga, mas ela foi embora. Espero que tenha voltado para sua família.

Ouçõ um ronco parecido com o de um trovão e olho para o céu, mas o sol ainda está brilhando. O ronco fica mais alto e mais próximo e vem de um motor. O motor está dentro de uma grande van branca que aparece no fim da rua. A van buzina e para bem na nossa frente. Na lateral está escrito *Sully & Filhos*. Fico esperando meu avô sair dela, mas é meu pai que desce. Ele explica que houve um acidente na estrada e que a bateria do telefone acabou.

— Sinto muito — diz meu pai. — Muito obrigado por ficar com ela.

— Tudo bem — afirma a Srta. Caroline.

Mas não tem nada bem. O que o papai estava fazendo na estrada? Ele devia estar em casa, trabalhando no estúdio.

Meu pai me ajuda a subir no banco do passageiro e prende meu cinto. Não há bancos na parte de trás, por isso ele está me deixando sentar na frente. O que me faz lembrar de quando me sentei no banco da frente da van velha do papai, quatro anos atrás, e fiquei olhando enquanto ele colocava a bateria no porta-malas. Perguntei se podia ir com ele para Boston e ele respondeu:

— Talvez quando você for mais velha.

Sou mais velha agora, mas ele vendeu a van no ano passado e não toca mais em shows.

— Por que você está com a van do vovô?

— Fui ajudar seu avô hoje.

Meu pai fala como se não tivesse muita certeza das palavras que quer usar. Compositores como meu pai e eu tomamos muito cuidado com nossas palavras.

A parte traseira da van está cheia de ferramentas, o que me faz pensar na Home Depot, o que me faz pensar no único jeito de eu perder meu dom, meu problema, minha doença ou seja lá como você quiser chamar. Já que não posso fazer outras pessoas terem uma memória melhor, talvez eu possa me forçar a ter uma memória ruim.

— Não quero ir para casa — digo.

— Está bem — responde meu pai, tentando parecer animado. — Aonde você quer ir?

Talvez seja finalmente hora de voltar à Home Depot. Eu poderia subir em um lugar alto e pular para minha cabeça bater no chão de concreto. Doeria muito, mas só por um tempinho. Depois eu finalmente saberia o que todos querem dizer quando falam *Eu não lembro* e sempre teria uma desculpa para não ter feito alguma coisa que disse que ia fazer, tipo buscar minha filha no fim da aula de Apresentação Musical.

Mas eu não quero ir de verdade para a Home Depot. Só quero me sentir melhor. Acho que ficaria feliz se esquecesse coisas bobas, tipo quando as pessoas esquecem o meu “mêsversário”, ou não se lembram de passar protetor solar na ponta da minha orelha, ou esquecem que a palavra que eu

menos gosto é *Esquece*. Mas dói demais quando a coisa que as pessoas esquecem sou eu.

Estamos parados em um sinal vermelho e meu pai está tentando chamar minha atenção balançando a mão diante do meu rosto. Em vez de olhar para ele, pego o jornal caído no chão da van e finjo ler.

— Guardei isso para você — diz meu pai.

O jornal está dobrado em uma página específica.

— Qual é o meu nome, pai?

— Do que você está falando?

— Meu nome. Qual é?

Ele responde bem devagar.

— Seu nome é Joan.

— Claro. Você diz isso hoje. Quem sabe o que vai falar amanhã.

Meu pai bufa como se estivesse muito cansado.

— Joan, me desculpe pelo atraso. Não sei o que mais você quer que eu diga.

Olho para o meu colo e vejo algo no jornal que meu pai guardou para mim. Tem muitas caixinhas na página e, dentro de uma delas, cinco palavras escritas em maiúsculas.

CONCURSO “O FUTURO GRANDE COMPOSITOR”

Leio toda a informação contida na caixinha e começo a ter uma ideia nova.

— Me diga aonde estamos indo, Joan. Preciso de uma resposta.

Minha avó esqueceu muitas coisas no fim, inclusive de mim, mas não das músicas. Assim como meu pai às vezes se esquece de comprar leite de amêndoas na loja, apesar de estar na lista de compras, mas sempre cantarola junto cada nota do solo de guitarra de “Beat It”, de Michael Jackson, mesmo depois de ficar anos sem ouvir a música. A melhor coisa da música é que ela nunca para de tocar. Quando meu pai se esquece de alguém como Michael Jackson por um tempo, ele ouve uma das músicas e, de repente, lembra o quanto gosta desse cantor. Isso porque músicas são lembranças.

— Não posso ficar andando em círculos, Joan.

— Vamos para casa, pai.

— Achei que você não quisesse ir.

— Mudei de ideia.

Meu pai murmura alguma coisa enquanto gira o volante, e a grande van branca gira com ele. Minha cabeça também gira, igual às hélices de um helicóptero, e eu pairó sobre toda aquela sensação ruim. Porque talvez eu tenha achado um jeito de garantir que meu pai, minha mãe, meu avô, a Srta. Caroline e todo o resto do mundo nunca se esqueçam de mim.

2

Existe uma condição chamada síndrome do membro fantasma. Um homem que perde o braço continua sentindo esse braço e se comporta como se ele ainda estivesse lá. O que eu sinto, então, é um amor fantasma.

Moramos juntos por quatro anos. Dois no apartamento de Sydney, em West Hollywood, e dois aqui, em nossa casa em Los Feliz. Ele morreu há um mês e, desde então, moro sozinho. Mas não me sinto sozinho. Para onde quer que olhe, vejo lembranças: algumas tridimensionais, outras invisíveis, todas sempre falando e ocupando espaço.

Por exemplo, a cadeira em que estou sentado tem muito a dizer. Nós a encontramos no Rose Bowl. É uma antiguidade inglesa do século XIX, com patas de leão no lugar de pés e um design floral. Syd tinha um olho bom para esse tipo de coisa e sabia garimpar coisas incríveis em meio ao lixo.

Eu me lembro de quando a trouxemos para casa. Posso me ouvir agora reclamando de como a cadeira é desconfortável. Ouço Sydney rindo e explicando que não é para ser confortável. *É uma peça de decoração*, diz ele. *Por favor, Sr. Winters, se precisar se sentar, use o sofá.* No entanto, ele se sentava na cadeira. Ele adorava esta cadeira.

Mas não posso dizer que a adoro, não mais. Não quando a voz que ouço não é a de Sydney, mas algo semelhante, distante e abafado em comparação com a maneira como ele falava.

Eu me levanto e arrasto a pesada cadeira pela casa, pela cozinha, até o quintal. Deito-a de lado, ergo o pé sobre a perna mais alta e piso com força. A perna quebrada pende de farpas destruídas e a amputação não se completa até eu torcê-la uma dúzia de vezes e arrancar o toco de madeira. Quebro as outras três pernas da mesma forma.

Abro a lareira externa e monto uma estrutura com a madeira. O isqueiro enferrujado próximo da grelha ainda tem fluido, mas a chama azul não pega nas toras antigas. Eu poderia desistir agora. Ou pegar mais lenha.

Na caixa de palha sob a nossa cama encontro bilhetes, fotos e envelopes. Éramos mesmo dois bobos sentimentais. Guardávamos tudo: os retratos grosseiros que desenhamos um do outro, doidões de ecstasy; a faixa de cabelo que usei em nossa primeira trilha no parque Griffith (meu cabelo era comprido quando começamos a namorar); o avião de papel que fiz, com *Swissair* escrito em uma asa e *Me leve com você* na outra, e uma caixa de fósforos de um dos nossos jantares acampados no cânion.

Enquanto estou no quarto, tiro os lençóis da cama. O cheiro dele continua aqui — se de verdade ou na minha imaginação, não sei. Jogo os lençóis sobre a caixa de recordações e carrego tudo pelos corredores da nossa casa.

Jogo tudo na lareira e uso o isqueiro outra vez. Ouço um estalido quando o fogo pega e se espalha. Observo a chama subir e crescer com uma sensação de trabalho bem-feito.

Faço várias viagens, mas livro a casa de todas as lembranças:

O tapete onde encontrei o corpo dele.

O telefone dele.

Uma paisagem de floresta de um artista desconhecido.

Cortinas de linho escolhidas por Syd e penduradas por mim.

Caixas de som sem fio de um dos clientes dele.

Guias *new age* para o sucesso e a iluminação.

Edições da *Food & Wine*, da *Forbes* e da *Esquire* que estavam bem empilhadinhas na moderna mesa de centro holandesa.

A moderna mesa de centro holandesa.

Fones de ouvido — são meus, mas uma vez os compartilhamos no cinema, antes de os trailers começarem. Cada um pegou um dos fones e ficou ouvindo Passion Pit em semiestéreo.

Fotos emolduradas, os dois laptops, roupas, a xícara de chá favorita dele, esquis, bolas de pingue-pongue, livros intocados sobre como criar filhos, cartas, cartões-postais, cartões de aniversário, cartões de visita, cartões de “É Natal, veja como nossos filhos são lindos”.

Tudo isso está espalhado pelo gramado alto, esperando a vez de ir para a fogueira. Só terei mais espaço quando a primeira pilha for destruída. No momento, pouca coisa está acontecendo.

Pego a raquete de tênis de Sydney e a uso na fogueira. Empurro e cutuco tudo, desfazendo a pilha, deixando o ar passar pelos espaços entre as coisas. Algo começa a crepitar, e a tralha finalmente pega fogo.

Até olhar para o fogo é uma lembrança. Estávamos aqui fora com nossos coquetéis, descansando os pés no muro baixo de tijolinho. Tínhamos acabado de comprar a casa, e dessa nova sensação de maturidade veio uma lista de planos: mais viagens, alianças, até um filho.

Uma faísca pula da lareira externa para a barra da minha calça. Syd a comprou para mim em uma das nossas últimas idas ao shopping. Descalço as botas, tiro a calça e a lanço no ar. Ela pousa no topo da pilha como uma bandeira caída.

Na cozinha, preparo um coquetel. Gim, Campari e vermute vermelho doce: um Negroni, o drinque de Syd no momento. A geladeira está vazia, então dispenso a fatia de laranja. Abrindo o freezer para pegar gelo, noto a pulseira que estou usando. É uma coisa feia feita de couro barato. Nós compramos duas — uma para cada um — enquanto estávamos de férias no México. Só esta ainda existe.

Ponho a mão no fecho, começo a abri-la, mas me detenho. Com o nariz pressionado contra o couro e os olhos fechados, inspiro fundo e ali está o passado, de volta. Uma imagem de nós no México, o bronzeado de gringo de Syd. Na verdade, não visualizo a cena: vivo-a uma segunda vez, sinto-a, apenas por alguns segundos. Mas é o bastante. Decido poupar a pulseira por enquanto.

Enxaguo um garfo sujo e o mergulho na mistura vermelho-cereja. Enquanto estou mexendo, vejo pela janela dos fundos o que fiz. É maravilhoso e está absolutamente descontrolado. Iluminando a noite, uma fúria zigzagueante cospe um perigo laranja para todos os lados.

Corro para fora, rindo. Talvez de medo, euforia ou loucura, todas as alternativas anteriores, mas estou rindo. Ergo o copo diante das chamas.

— Tchau — digo.

— Eu te amo — digo.

E então:

— Sinto muito.

À minha volta, a noite ruge. Vozes do outro lado da cerca, uma sombra na janela do vizinho. O vento quente sopra contra meu pescoço. Viro-me de novo para o fogo, que agora escapa da lareira e sobe pela coluna que sustenta o toldo da varanda. Eu me afasto, termino meu drinque e observo nossas lembranças se transformarem em fumaça e desaparecerem em meio à noite.

3

O prazo final para o concurso “O Futuro Grande Compositor” é daqui a duas semanas, o que é perfeito porque as aulas acabaram e agora eu posso passar o tempo todo compondo. A música vencedora vai ser divulgada em um site muito famoso, acessado por pessoas no mundo todo. É o que diz a propaganda do jornal.

Para ganhar o concurso, preciso de uma música que faça as pessoas sentirem vontade de dançar ou chorar. Essas são as sensações mais fortes que uma música pode provocar. Quando dançam, as pessoas esquecem e, quando choram, elas lembram. Não sei qual é o melhor jeito de conseguir votos — dançar ou chorar, esquecer ou lembrar —, então vou começar com a música dançante.

Estou no estúdio do papai agora, balançando a palheta sobre a corda sol do violão como se sacudisse uma caixa de suco de laranja. Estou usando minha palheta especial, que tem meu nome escrito e foi um presente do amigo da minha mãe, o Sydney (domingo, 9 de setembro de 2012).

Bato no ombro do meu pai e ele tira o fone de um dos ouvidos.

— Como ficou? — pergunto, tocando minha música dançante.

Ele não parece animado.

— Tenho quase certeza de que é “I Want You To Want Me”, do Cheap Trick.

A música do concurso tem que ser *original*, o que significa que não posso enviar uma coisa que já foi composta por outra pessoa. Não entendo como meu pai consegue se lembrar do nome de todos os artistas que já existiram e quais músicas cantavam, mas não se recorda da senha que usa em cada site.

Meu pai faz músicas para comerciais, programas de TV e filmes, o que provavelmente é um dos melhores empregos que alguém poderia ter, especialmente porque ele pode fazer isso de casa. Moramos em um prédio

feito para duas famílias, mas, em vez de sermos duas famílias, moramos no andar de cima e meu pai tem o estúdio de gravação no de baixo.

O estúdio do meu pai é lotado de coisas, mas não de um jeito que nos deixa malucos, e sim de um jeito que nos deixa animados. Em todos os cantos há alguma coisa para ver (pôsteres, livros, suvenires) e sobre a qual perguntar (“O que CBGB OMFUG significa?”). O lugar é cheio de instrumentos estranhos, como um stylophone — um pequeno sintetizador que é tocado com uma caneta — e um teremim — que faz um som fantasmagórico assustador quando balançamos as mãos por cima dele. O estúdio do papai é uma fábrica onde músicas são feitas, e também um museu cheio de objetos estranhos, e também um esconderijo secreto onde ninguém incomoda você, e também um lugar onde dá para sonhar com o que vai acontecer com a sua vida quando você crescer.

Gosto muito mais de ficar aqui do que no andar de cima, em nossa casa, não só porque os móveis são mais novos e o sofá é mais confortável, mas porque posso ficar com meu pai. Ele me ensina sobre músicas antigas, me deixa tocar bateria e permite que eu encha sua xícara de café.

Além disso, ele me deixa tocar os violões e as guitarras dele. Meu pai tem uns doze violões e guitarras aqui, mas o que estou tocando é o meu favorito. É o Gibson J-160E, o mesmo que o John Lennon gostava de usar.



Todo mundo se lembra do John Lennon porque as músicas dele tocam em supermercados, elevadores e teatros e também em comerciais, filmes, no rádio e na internet. Ele é lembrado na Inglaterra e nas Américas, e meu pai diz que é famoso até no Japão. Papai tem as músicas dele em MP3, CD, vinil e fita cassete. Tudo que preciso fazer é compor uma música tão bem quanto o John Lennon, uma música que possa ficar tocando para sempre, que continue lembrando as pessoas.

Mas não posso fazer isso sozinha.

— Você vai me ajudar, pai?

— Agora não posso.

Ele já pôs o fone de novo e está com os olhos voltados para o computador. Parece estar mixando uma música, o que significa que está deixando cada instrumento no volume perfeito.

Folheio meu diário, olhando todas as músicas que compus nos últimos meses, e me pergunto se posso usar alguma delas. Meu diário é como uma cópia das minhas lembranças, igual ao backup que meu pai faz das músicas que grava. A gente faz isso porque, caso alguma coisa ruim aconteça, as coisas importantes não são perdidas — e foi o que aconteceu com a vovó Joan quando ela ficou doente.

Ela também era compositora. Uma das últimas músicas que eu a ouvi cantar era do Elvis (*Don't be cruel to a heart that's true*). Eu quis muito que ela tivesse prestado mais atenção à letra. Quando se esqueceu de mim, senti como se vovó tivesse pegado a borracha de um lápis gigante e me apagado enquanto eu ainda estava de pé diante dela. Ser capaz de parar de se preocupar com o quanto significamos para as pessoas deve ser a melhor sensação do mundo. Quando eu ganhar o concurso “O Futuro Grande Compositor”, finalmente vou saber como é.

Bato no ombro do meu pai de novo.

— E se a gente gravar dez músicas e escolher a que ficar melhor? Porque às vezes uma música parece boa quando a gente compõe, mas depois soa totalmente diferente quando a gente grava. O que você acha? Talvez a gente possa gravar uma música por dia e aí, dez dias depois, ainda vai dar tempo de deixar a música totalmente perfeita. A gente também vai precisar achar uma ótima cantora, tipo a Christina. Você acha que ela toparia?

Eu acabei de falar, mas meu pai não está olhando para a minha boca. Está olhando para o colo e levando muito tempo para responder.

— Não vou estar aqui amanhã.

— Tudo bem. A gente pode começar depois de amanhã.

— Joan.

Adoro ouvir meu nome, mas às vezes significa problemas.

— Oi.

— Largue o violão, por favor.

Agora estou muito nervosa. Meu pai e eu gostamos de tocar enquanto conversamos, apesar de irritarmos outras pessoas quando fazemos isso.

Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, olha para o carpete e puxa o cabelo.

— Eu queria contar para você.

Ele olha para mim. Tem os olhos cheios d'água e o cabelo arrepiado como um porco-espinho que perdeu os espinhos em todos os lados do corpo, menos um.

— Falei que estava ajudando o vovô hoje. Bom, de agora em diante vou ajudá-lo todo dia. Vou trabalhar com ele o tempo todo.

— E o trabalho aqui no estúdio?

Ele respira fundo, o que é sempre má notícia, e responde:

— Vamos fechar o estúdio.

Sexta-feira, 1º de abril de 2011: Meu pai me deixa na escola, entrega meu almoço e diz:

— *O homus acabou, então fiz um sanduíche de mostarda para você.*

Meu rosto fica vermelho, então meu pai sorri e fala:

— *Dia da mentira.*

Mas não é 1º de abril. Estamos em julho.

— Não entendi.

— Eu adoro ser músico — diz meu pai. — Você sabe disso. Desde que eu tinha a sua idade, era tudo que eu queria ser. Mas fazer um negócio funcionar é outra história. O novo emprego vai permitir que a gente faça muito mais coisas. Podemos consertar a casa e matricular você em mais aulas. E, antes que perceba, vai chegar a hora de você ir para a faculdade. Sua mãe não vai ter que trabalhar tanto no verão. Ela poderá relaxar. E adivinhe? Ela já está planejando uma viagem em família. Quando foi a última vez que andamos de avião juntos?

Meu pai pega um avião todo ano quando vai para o Festival South by Southwest no Texas, e, no meio do ano passado, minha mãe me levou para falar com um médico no Arizona, mas o papai não pôde ir porque estava terminando um projeto importante. E no mês passado a mamãe e o papai

foram sozinhos para Los Angeles, para o enterro do Sydney. Mas nós três nunca viajamos de avião juntos, nenhuma vez.

A gente devia ter tirado férias no ano passado, mas por algum motivo isso não aconteceu. Não fiquei chateada como a mamãe. Aviões parecem legais, mas é muito chato estar neles. Não são iguais a um estúdio.

— E a minha música? — pergunto. — Você disse que ia gravar para mim.

— Claro. O plano é alugar o espaço, mas isso só deve acontecer em setembro, no mínimo. Só vou começar a tirar minhas coisas em agosto. Ainda tenho alguns projetos para concluir. Vou terminar essas coisas à noite e no fim de semana. Depois disso, estou à sua disposição.

O estúdio costumava ser um apartamento vazio antes de o meu pai colocar o equipamento aqui e instalar o telefone vermelho, que ele atende dizendo:

— Você ligou para a Monkey Finger Produções. Aqui é o Ollie.

Olho para todas as coisas incríveis do meu pai e me pergunto onde ele vai pôr tudo aquilo e também para onde *eu* vou quando quiser compor músicas ou simplesmente ficar com meu pai enquanto ele trabalha.

— Ei — diz ele, tentando impedir minhas lágrimas antes que elas comecem. — Você se lembra de como se sentiu quando saiu da Concordia e começou a estudar na PS Eight? Você achou que ia odiar, mas agora adora. Vai ser difícil no início, mas é melhor assim. Eu acho mesmo. De verdade.

Ele me abraça. Eu sempre gosto de abraçar meu pai, mas hoje ele está esmagando meus ossos e trazendo uma sensação assustadora ao meu peito.

— Ollie!

É minha mãe gritando pelo alto-falante da parede. Meu pai me solta e abre um sorriso — mas não é verdadeiro, eu sei.

— Ollie! Venha aqui depressa!

É aí que percebemos que ela não está chamando só porque não está conseguindo mexer na televisão.

Meu pai e eu subimos correndo a escada até o apartamento e minha mãe está na sala de estar, de pé diante da TV, com os braços cruzados com força sobre a camisa do pijama. Ela aperta um botão no controle remoto e o volume fica mais alto. Parece que está vendo o noticiário, e eu odeio o jornal porque ele sempre mostra histórias tristes sobre pessoas em acidentes de carro ou ficando doentes ou quebrando a coluna enquanto esquiam, e no dia seguinte uma nova história aparece e a gente nunca fica sabendo das

pessoas de antes. Sou a única que quer saber o que aconteceu com os gêmeos que nasceram grudados e foram separados. Eles estão bem agora? E aquele cara rico que inventou uma espaçonave? Ele conseguiu ir para o espaço?

Costumo sair da sala quando a TV está ligada no jornal, mas, outro dia, fiquei muito interessada porque estavam falando de um homem que invadiu o SeaWorld e roubou uma morsa. Ele deixou o bicho nadar no mar e tentou voltar para pegar mais animais, mas a polícia prendeu o cara. Claro, a moça que dá as notícias nunca mais mencionou a morsa depois daquela noite, mas descobri um site onde a gente pode ver onde ela está nadando porque o SeaWorld pôs um sensor no corpo dela.

Agora a apresentadora está dizendo:

— Gavin Winters faz o detetive Beau Kendricks no seriado policial *The Long Arm*, cuja segunda temporada, coincidentemente, estreia hoje.

Meu pai olha para minha mãe, ela olha de volta, e eu olho para a tela da TV.

Não conheço Gavin Winters, mas sei quem ele é. Sei que é amigo dos meus pais da época da faculdade, antigo companheiro de banda do papai, ator de TV e também namorado do Sydney, que costumava vir à nossa casa. Mas o que estou vendo agora não combina com nenhuma dessas coisas. Hoje, na TV, ele parece um homem de cueca parado diante de uma enorme fogueira.

4

Um passarinho canta uma melodia ritmada, serena e eterna. De olhos fechados, sonolento, quase consigo me enganar sobre onde estou. Talvez esteja tudo bem. Talvez tenha sido tudo um sonho.

Acordo oficialmente e percebo que estou de bruços no colchão sem lençóis em meu quarto revirado e que o sol ilumina tudo. Acordar é difícil na maioria dos dias. Hoje é especialmente cruel.

Preciso de um segundo para voltar ao normal. O passarinho à minha janela ainda está cantando. Sydney ainda está morto. Eu ainda estou aqui. A casa está uma bagunça e a culpa é minha. Minha cabeça está uma bagunça e também é culpa minha. Os bombeiros apagaram o fogo, mas não puderam controlar minha sede por coquetéis.

A situação piora na sala de estar. O cômodo é um choque, assim como o que está acontecendo diante da janela. Há três vans estacionadas na minha entrada. Na calçada, meia dúzia de pessoas apontam câmeras com longas lentes para mim. Elas não teriam uma vista tão ampla da minha casa se as cortinas estivessem fechadas. Infelizmente, as cortinas não podem ser fechadas. Eu queimei todas elas.

Pego algumas toalhas para cobrir o vidro e me sento no sofá, o único lugar em que ainda dá para se sentar na sala de estar, sem contar o chão. A mudança na decoração foi, no mínimo, drástica. Mas, de alguma forma, parece apropriada. Syd sempre quis mais espaço.

Em algum momento meu telefone toca. Não sei por quanto tempo fiquei sentado aqui, analisando a bagunça. Tempo suficiente para me assustar com a interrupção repentina.

É uma amiga ao telefone e não sei se devo atender. Puxo a toalha para o lado e dou mais uma olhada na vigília jornalística no limite do meu terreno. Sentindo que estou em desvantagem, atendo o telefone.

— Paige.

— Você está vivo — diz ela.

— Infelizmente.

A ligação fica muda. Talvez minha piada tenha sido macabra demais. Meu humor foi para o saco.

— Escute — afirma Paige —, você sabe que adoro ver você na TV, mas prefiro que não seja no jornal da noite.

Ela conta que meu vizinho filmou a fogueira improvisada da janela dele. Aparentemente estava mais preocupado em filmar do que em me salvar do perigo. Eu gostaria de dizer que esse comportamento é típico de Los Angeles, mas hoje em dia o vírus da filmagem virou uma pandemia.

A gravação pode até existir, mas a noite passada ainda parece mentira. Assim como a anterior e a anterior a ela. Desde que perdi Syd, os dias não parecem melhorar. Sempre tive períodos sem trabalho ou testes de elenco, momentos em que fico de pijama até tarde. Mas, à noite e nos fins de semana, Syd e eu ficávamos juntos. Agora essas são as partes da semana de que eu mais tenho medo.

— Você está bem? — pergunta ela.

Foi a pergunta que as pessoas mais me fizeram nas últimas semanas.

— Estou.

— Tem certeza? E a casa?

— Fedendo igual a um cinzeiro, mas ainda está de pé.

Parece que bolas de pingue-pongue são extremamente inflamáveis. Quem poderia imaginar? Só o telhado da varanda foi afetado. Os caminhões chegaram antes que o fogo tivesse a chance de se espalhar pela casa.

— O que aconteceu? — pergunta Paige.

— Não sei.

— Parecia que você estava queimando móveis.

— Só alguns.

— Gavin...

Ela não diz mais nada. O que pode dizer? O que eu posso dizer? Seja qual tenha sido a loucura ou o alívio que senti ontem à noite, foi apagado muito antes das chamas. Quando ouvi as sirenes, já havia recuperado sanidade suficiente para procurar freneticamente o extintor de incêndio que supunha ter, mas não me lembrava de ter visto. Eu já me perguntava sem parar: *O que foi que eu fiz? Que porra foi essa?*

O que quer que eu tenha feito, não adiantou nada. Arrastei tudo para fora, mas não consegui esvaziar a casa. Meu amor fantasma continua vivo.

— Onde você está agora? — pergunta Paige.

— Em casa.

— Eu não acho que você deva ficar aí.

— E para onde eu iria?

— Não dá para ficar com alguém por um tempo?

Não há para onde fugir. Percebo agora que esse meu amor fantasma não é uma entidade separada. Ele é mais como um membro, no fim das contas. Faz parte de mim.

— Você poderia vir para cá — diz Paige.

— Para Nova Jersey?

— É, Nova Jersey. Qual é o problema? Quando foi a última vez que você fez uma visita?

Nasci lá, fui criado lá, passei dois terços da minha vida lá. Mas, desde que fui embora, só voltei uma vez, muitos anos atrás.

— Talvez você precise sair de Los Angeles por um tempo. Já acabou de filmar, não foi? Você devia viajar.

— Talvez eu escale o Everest.

— Estou falando sério. A gente tem um apartamento no andar de baixo. Você pode entrar e sair quando quiser.

— Obrigado, Paige. De verdade.

— Não me dispense.

— Não estou dispensando.

— Ollie e eu sentimos a sua falta. A gente devia ter falado com você antes.

Ela e o marido vieram para o enterro no mês passado. Antes disso, eu não conversava com meus velhos amigos de faculdade havia anos.

— Não se preocupe — digo. — Obrigado por ligar.

Ouçó vozes pela janela. Já tinha esquecido que eles estavam ali, os *paparazzi* ou quem quer que fossem. Alguns usam roupas comuns, outros parecem prontos para aparecer na TV. Todos confirmam o fato de que o incêndio aconteceu e não foi só fruto da minha imaginação.

— Você vai pensar no assunto? — pergunta Paige.

— Vou.

— Promete?

Não sei se acredito em promessas agora, mas prometo assim mesmo, e nos despedimos.

Quase ignorei o telefonema de Paige, mas fico feliz por ter atendido. É muito fácil esquecer que nem todos que vejo e ouço são fantasmas. Apesar

de, às vezes, achar que estou vivendo uma alucinação constante, esta é a vida real e ainda existem pessoas de verdade, com quem tenho elos reais.

Paige e Ollie foram os amigos que me apresentaram ao Syd. Paige era amiga de infância de Sydney. Eu era colega de quarto de Ollie na faculdade. Isso quase nunca acontece: o amigo da mulher namorar o amigo do marido. Mas fez sentido para a gente. Syd e eu nos conhecemos aqui na Califórnia, vindos de Nova Jersey. Nós nos víamos como pessoas novas, mas também conhecidas.

Mas já chega.

É hora de ir ao quintal analisar os danos. Estou quase saindo descalço quando percebo que é muito perigoso. Depois de calçar as botas, passo pela varanda destruída e vou para o pátio. Um anel cinzento cerca a lareira externa. Entretanto, no geral, a notícia é boa: três quartos do que arrastei para fora nunca chegou à fogueira. A maior parte continua intacta, espalhada pela grama e pelo pátio, como peças à venda em um mercado de pulgas.

É surreal encontrar minha vida interior ao ar livre. Ainda mais estranho é ver tudo sob o sol forte. A noite havia dissimulado a intimidade do que eu estava tentando queimar. Agora, à luz do dia, é impossível ignorar minha ligação com esses objetos.

No gramado, encontro a mala de Syd. Eu a tirei ontem à noite do fundo do armário do nosso quarto. Quando Syd morreu, enfiei vários pertences dele na mala, para tirar tudo da minha frente, e não voltei a abri-la. Até agora. Eu me ajoelho e a abro.

A maior parte dos objetos — com exceção do porta-retratos com a foto da mãe, que Syd mantinha em sua mesa de cabeceira — são produtos de higiene pessoal e pequenos itens particulares. Vejo uma escova de dente elétrica, um tubo de hidratante Kiehl, cera para cabelo, os óculos de leitura de armação preta, a carteira (ainda cheia de dinheiro) e alguns frascos de remédio. Também encontro o moletom azul-marinho, o cordão branco do gorro mordido e rígido. Mas é o item que está no fundo da mala que mais chama minha atenção: o barbeador elétrico dele.

Abro a nécessaire preta e seguro o barbeador, agarrando o metal frio. O aparelho liga e a vibração sobe pelo meu braço. Eu o desligo e uma chuva de fragmentos cai nos meus dedos. Minúsculos pelos escuros.

Passo o polegar pela borda serrada. Um resíduo escuro fica preso à minha pele. É igual às cinzas, algo que já foi humano, que já foi vivo.

Fecho os olhos e tento imaginar o queixo, as bochechas, o rosto, aquela porção exata dele. Não devia estar fazendo isso. É burrice, masoquismo e condescendência. Mas o que torna o ato realmente lamentável é que não consigo ver seu rosto — não por inteiro, não de forma tão clara quanto esperava. Minha imaginação, não minha memória, está fazendo a maior parte do trabalho.

Mas eu queria esquecer, não queria? Ontem à noite, sim, eu queria esquecer. Hoje não tenho tanta certeza. Minhas lembranças de Sydney são finitas. Nunca vamos construir novas. Queimar o pouco que resta em uma explosão de autopiedade, desespero ou frustração agora parece um erro horrível.

Não sei o que fazer. Há tanto a limpar. Parece impossível.

Começo com uma tarefa simples: ponho o barbeador de volta na nécessaire e ela de volta na mala, e então fecho o zíper. Limpo a mão na grama e depois no short. A leve sujeira escura se mantém. Um pouco de cuspe e uma boa esfregada também não a retiram. A mancha permanece ali. E eu já estou exausto.

Em vez de me levantar, fico em meio à grama alta, olhando para os fundos da casa. Eu me imagino voltando para ela, tendo que existir entre aquelas paredes, preso ali com meu amor fantasma. E, para piorar, com todos esses olhos me observando, toda essa atenção indesejada voltada para mim.

Paige está certa. Não posso mais ficar aqui.

5

Uso o garfo para dividir um *english* muffin e jogo metade dele na torradeira. Minha mãe está ao celular, andando pela cozinha, segurando um pequeno bloco.

O telefone fixo toca e eu o tiro da base, mas minha mãe o toma da minha mão. Ela olha para o número e desliga.

Eu me sento à mesa e espero a torradeira apitar ou mamãe me contar por que está tão animada. Mamãe se pronuncia primeiro:

— Está bem — diz ela, encerrando a ligação. Ela larga o bloquinho na mesa e o traseiro na cadeira. — Era minha amiga Melissa. Ela já esteve em tudo quanto é canto e acha que a gente tem que pesquisar sobre a Costa Rica. O voo é curto e eles têm florestas tropicais, praias, tirolesas e um vulcão. Não parece divertido?

— Não posso ir para a Costa Rica. Tenho que compor minha música.

— Não, boba. É só ano que vem. É perfeito. Você e eu temos a mesma semana de folga em março, e a estação das chuvas só começa em abril. Vou começar a procurar voos agora mesmo. Talvez a gente consiga uma promoção; ainda falta muito.

A torradeira apita e minha mãe traz o muffin para mim. Ela pega a manteiga e a faca, espalha a manteiga no muffin e me dá ele em um prato. Mamãe sempre diz que não é minha garçonete, mas hoje parece que mudou de ideia.

— Então é sério? O papai vai fechar o estúdio?

— Eu sei que você está chateada. Todos nós estamos.

Nunca vi minha mãe tão feliz.

Não, isso não é verdade. Ela estava feliz assim enquanto planejava a viagem no ano passado. Quando não deu certo, ela ficou muito triste. Mas é verdade que essa história toda está deixando papai e eu muito chateados.

— Ele adora o estúdio — digo. — Por que tem que fechar?

Ela abre a boca para responder, mas as palavras não saem por alguns segundos.

— Porque a gente não consegue mais manter.

Minha mãe gosta de fazer planilhas no computador e de guardar todas as notinhas. Ela se livra dos canais de TV a que não assistimos e diz à pessoa ao telefone que vai cancelar o serviço a não ser que consiga um preço mais baixo. Sempre sabe qual papel higiênico é o melhor negócio, o pacote de dezoito rolos normais por US\$ 11,69 ou o pacote de doze rolos duplos por US\$ 9,39. Então se a mamãe diz que a gente não consegue mais manter o estúdio, acho que tenho que acreditar nela. Mas não entendo como não podemos manter o estúdio, mas *podemos* pagar por uma viagem para a Costa Rica, seja lá onde isso fique.

— Você ganha muito dinheiro extra com as aulas particulares — digo. — Por que *você* não paga pelo estúdio?

— Porque não quero mais pagar.

— O quê?

— Esquece.

— Não consigo.

— Se quiser pagar pelo estúdio — afirma minha mãe —, fique à vontade.

Ela aponta a faca de manteiga para mim, mas não de maneira maldosa. Apenas como a professora que ela é. Apesar de estarmos de férias, ela ainda dá aulas quase todo dia porque diz que seu salário normal é muito baixo e ela só consegue ler um número limitado de livros no sofá antes de começar a ficar ansiosa.

Tenho quase certeza de que minha mãe se manteria ocupada mesmo que fosse rica, porque odeia ficar à toa. Ela chama meu pai de caseiro, o que significa que ela não é *nada* caseira, e é provavelmente por isso que está tão animada para comprar passagens de avião para todos nós.

— Tente não fazer bagunça hoje — pede minha mãe. — Vamos ter visita.

— Quem vem?

— Nosso amigo Gavin vai ficar com a gente por um tempo.

— O mesmo Gavin que apareceu no jornal outro dia?

— É. Esse mesmo.

Depois que vimos Gavin Winters na TV, mamãe me pediu que eu fosse para o meu quarto e colocasse o pijama, o que significava que ela e meu pai

precisavam conversar. Quando minha mãe entrou no meu quarto mais tarde, parecia ter chorado. Provavelmente porque estava pensando no amigo, Sydney. Ela chorou muito depois que ele morreu, mas tem estado bem nos últimos tempos, a não ser quando alguma coisa a faz lembrar dele.

— Por que o Gavin vem para cá?

— Porque eu chamei.

— Mas por quê?

— Ele está passando por um período difícil — diz mamãe. — Achei que seria bom para ele viajar um pouco.

— Você está obcecada com viagens.

Ela larga a faca na lava-louças.

— Seu pai vai pegar o Gavin no aeroporto hoje à noite, depois do trabalho.

Quando minha mãe diz *trabalho*, imagino meu pai gravando músicas no andar de baixo, mas por *trabalho* ela quer dizer “em uma obra com o vovô”. Não estou pronta para começar a mudar o sentido das palavras em nossa casa porque o estúdio ainda não foi fechado, e não pode fechar até eu terminar minha música. Na verdade, talvez não seja tão ruim o papai estar trabalhando nesse emprego novo. Isso significa que tenho o estúdio só para mim pela primeira vez.

Corro e como meu muffin porque quero compor o máximo que posso antes de a visita chegar. Agora faz sentido a casa estar cheirando a limão e os azulejos da cozinha estarem brilhantes e todas as coisas em cima da mesa de centro estarem alinhadas.

Quando deixo o prato sujo na mesa, penso em uma coisa importante.

— O Gavin é famoso?

Meu pai está sempre falando sobre a diferença entre ser famoso e ser lembrado, sobre como o primeiro é fácil, mas dura apenas quinze minutos, e o segundo é difícil, mas dura muito mais. Só que, antes de chegar ao segundo, é preciso ter o primeiro, o que significa que as pessoas têm que *saber* meu nome antes de conseguirem se lembrar dele. Caso eu ganhe o concurso “O Futuro Grande Compositor”, as pessoas finalmente vão saber meu nome (a parte da fama) e depois minha música vai fazer com que nunca se esqueçam (a parte da lembrança).

Minha mãe está ocupada no computador na sala de estar, provavelmente tentando encontrar as melhores ofertas de hotéis na Costa Rica.

— Não sei se eu diria que ele é famoso — diz ela. — Ele aparece na TV. Acho que é um pouco famoso.

Um pouco famoso ainda significa que tem uma boa quantidade de fama.

— Que horas ele vai chegar?

* * *

Quando a porta do estúdio se abre e meu pai e Gavin entram, estou sentada de pernas cruzadas, de botas, com o cabelo caindo no rosto. Apesar de minha perna estar dormente por eu ter ficado sentada desse jeito, de meus pés estarem suados por causa das botas pesadas e de eu não conseguir enxergar nada por causa do cabelo, não me importo porque aposto o que você quiser que estou maravilhosa.

— Ah, oi, querida — diz meu pai. — Não vi que você estava aí.

Eu me levanto e ponho o cabelo para o lado porque já causei uma boa impressão e agora quero conseguir ver.

— Joan — fala meu pai, preparando-me —, *este é o Gavin.*

O meu pai está falando assim, esticando o *este* como se fosse uma palavra mais longa do que é, porque sabe que é estranho eu estar conhecendo o Gavin só agora, depois de muitos anos ouvindo falar dele e de já ter visto o seu rosto em fotos e na televisão.

Terça-feira, 18 de março de 2008: Mamãe e eu estamos assistindo a American Idol e os comerciais começaram, então vou até a cozinha pegar chips de legumes. Minha mãe grita e eu fico com medo de ser uma aranha, mas ela diz:

— *É o Gavin!*

Olho para a TV e vejo Gavin usando um terno e dirigindo um carro bonito em algum comercial.

Meu pai está me olhando com as sobrancelhas levantadas como aquelas pontes que deixam navios passarem. Ele sabe que sempre estou em dois lugares ao mesmo tempo: onde minha mente está e onde meu corpo está.

O Gavin de verdade, o que está na minha frente agora e não o que estava na minha cabeça, está usando calça skinny, sapatos pontudos, uma camiseta listrada e um paletó azul-marinho. Seu cabelo é encaracolado, como uma grande onda, e ele parece cansado. Tem uma grande mochila nas costas, é

alto o bastante para alcançar o teto e tem olhos azuis brilhantes. Parece que poderia fazer alguma coisa especial.

Ele me encara como se fosse uma câmera. Nunca sei que expressão fazer quando alguém tira minha foto, então só fico parada ali, parecendo burra.

Depois ele faz uma reverência, como se eu fosse uma princesa ou alguma coisa assim, e diz:

— Oi, Joan.

Ele sabe meu nome.

Gavin olha em volta para os violões e guitarras pendurados, a mesa de som, o piano e a bateria do meu pai. Confere todas as coisas coloridas nas paredes e espia por uma janela quadrada outra pequena sala, onde as pessoas podem cantar em um microfone prateado (meu pai diz que é uma cabine isolada, mas eu a chamo de Sala Silenciosa).

— Lindo — diz Gavin. — Acho que este é o lado Coca-Cola da vida.

Gavin pisca para meu pai, mas papai só abre um pequeno sorriso. A frase que Gavin acabou de falar é de um comercial da Coca-Cola que tinha uma música do meu pai, mas não quero pensar em todos os comerciais legais que usaram os jingles dele porque isso só me faz lembrar do que vai acontecer com o estúdio.

Gavin olha para mim do alto.

— Eu soube que você também é uma baita compositora.

Será que já sou conhecida em todo o mundo e simplesmente não percebi?

Meu pai leva Gavin até o fim do corredor.

— As toalhas ficam aqui — diz, apontando para um armário estreito. — O banheiro é aqui.

Agora estamos na ponta do corredor e meu pai acende a luz do quarto de visitas.

Gavin vai até o pôster emoldurado na parede. É da Awake Asleep. É o nome da banda em que o papai e Gavin tocavam na faculdade. Meu pai era o baterista, e Gavin, o cantor.

Meu pai e eu estamos esperando Gavin falar ou fazer alguma coisa, mas ele não se move nem um centímetro. Ele seria ótimo para brincar de estátua.

— Era aqui que o Sydney costumava ficar? — pergunta Gavin.

— Algumas vezes — diz meu pai.

— Quatro vezes — falo, já que não há por que dizer *algumas* quando *quatro* é a resposta certa. — Sei as datas exatas.

Meu pai tenta me empurrar para fora do quarto.

— Vejo você lá em cima, meu amor.

— Você se lembra de todos os dias que ele ficou aqui? — pergunta Gavin.

— Lembro.

Meu pai solta meu ombro. Gavin olha para o chão e depois para mim.

— O que mais você lembra?

— Tudo.

Gavin faz uma careta, como se não acreditasse em mim. Meu pai tenta me empurrar para fora do quarto outra vez, mas eu travo o corpo. Não gosto de pensar que Gavin me acha mentirosa.

— No dia 10 de setembro de 2012, que foi segunda-feira — digo —, o Sydney estava usando um terno cinza sem gravata, e o terno tinha riscas cinza-claras.

Meu pai perde a paciência e fala:

— Está bem, Joan.

Enquanto estou saindo do quarto, ouço Gavin dizer:

— Da Ted Baker.

— O quê?

— Era o terno da Ted Baker — repete Gavin.

— Ah.

Fico paralisada. Todos estamos.

Então Gavin sorri e diz:

— Boa noite, Joan.

E eu sorrio e falo:

— Boa noite, Gavin.

6

Ollie põe a filha para fora do quarto e fecha a porta.

— Desculpe.

— Ela é legal — digo.

— Ela dá trabalho, mas a gente gosta dela mesmo assim.

Eu já tinha ouvido falar da memória pouco comum da menina, mas vê-la em ação é outra coisa. É meio chocante, na verdade. E é ainda mais chocante viajar para tão longe para me afastar do meu amor fantasma apenas para ter que confrontá-lo quase no mesmo instante. Não que eu esteja culpando Joan. Claro que ela tem lembranças dele.

Sydney sempre se esforçava para visitar Paige e a família dela quando ia a Nova York. O trabalho com marketing o trouxe muito à Costa Leste nos últimos anos. Em algumas ocasiões, ele até dispensava o hotel chique em Manhattan e vinha dormir aqui em Jersey City, neste mesmo quarto, só para passar mais tempo com sua amiga querida.

Então é claro que nada disso devia me surpreender. Mas eu não havia levado Joan em consideração. Estava mais concentrado nas coisas de que eu estava fugindo do que para onde eu estava indo.

Agora, a julgar pela cara de Ollie, parece que viajei para muito longe em minha mente.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou. Só é estranho estar de volta.

Eu me viro mais uma vez para o cartaz da nossa velha banda na parede. Para ser sincero, eu tinha sido forçado a lidar com o passado bem antes de Joan aparecer. Senti a presença dele na viagem até ali: enquanto Ollie dirigia do aeroporto de Newark e o fedor rançoso das fábricas entrava pela ventilação; ao ver as placas na estrada anunciando cidades em que eu não pensava havia anos (West Orange, Union, Hackensack); ao observar Ollie pegar a rampa da direita para virar à esquerda; ao ficar sentado no carro enquanto o frentista enchia convenientemente o tanque para nós; ao passar

pelo Dunkin' Donuts, pelo WaWa e pelo C-Town; e, por fim, ao entrar na rua de Ollie e observar a paisagem icônica a uma distância próxima, tão vívida e clara quanto se tivesse sido gerada por computador e projetada em uma enorme tela.

E agora, mais uma vez, ao encontrar o antigo pôster da banda na parede de Ollie. Ainda havia partes de mim que Sydney não conhecia.

— Você ainda tem cópias do nosso disco? — pergunto.

Ollie vai até o armário espelhado e desliza a porta para o lado, revelando pilhas de CDs e discos de vinil. Dezenas de cópias de tudo em que ele já trabalhou.

— Leve quantas quiser — diz.

Mas sei que não vou ouvir nossas músicas agora. Na verdade, não tenho conseguido ouvir muitas músicas nos últimos dias: todas parecem falar sobre saudade. No caminho, Ollie estava ouvindo algo animado e cheio de harmonias, e eu queria muito desligar o rádio. No entanto, se tivesse feito isso, só teria reforçado a ideia de que ele devia se preocupar comigo.

— Que tal um drinque? — pergunta Ollie.

— Ótimo.

Eu me viro e vejo Paige apoiada contra o batente da porta, como se estivesse nos observando o tempo todo. Ela abandona o posto e me dá um abraço. As pessoas agora estão sempre querendo me abraçar com muita força.

Ela me solta e me olha de cima a baixo.

— Você está muito magro.

— É o peso ideal para as câmeras.

— Estou com inveja.

— Conheço mães em Beverly Hills que pagariam muito dinheiro para ter um corpo igual ao seu.

— Não me chame de mãe.

Percebo que ela está brincando, mas a verdade é que tenho que pensar por alguns segundos para conseguir me lembrar da última vez em que estivemos juntos de verdade.

Dou uma boa olhada em Ollie e Paige, nos dois juntos. Mal me lembro deles no enterro, quase um mês atrás. Mal me lembro de ter ido, na verdade. Mas agora posso vê-los. Eles eram um dos casais feitos um para o outro da faculdade, e ainda estão apaixonados tantos anos depois. Ollie continua magro, desganhado e bonito; Paige ainda tem aquela apreensão nos olhos,

mesmo quando sorri. Estamos mais velhos — vejo isso, mas não consigo *sentir*. Se alguém me dissesse que estávamos no alojamento do primeiro ano da faculdade, eu acreditaria.

— Obrigado por me receberem — digo.

— Estamos muito felizes por você ter vindo — afirma Paige.

Ollie tira do bolso um molho de chaves.

— A porta para o nosso apartamento fica sempre aberta. Mas, se você sair pela porta da frente, só se lembre de trancar o cadeado. Ela dá para o térreo.

— Ele é paranoico com o equipamento — explica Paige.

— Eu imagino — digo. — Isto aqui parece um paraíso musical. Acho que tive um desses Casios quando era pequeno.

— É, eles são muito procurados hoje em dia — afirma Ollie.

— Eu adoraria ouvir as coisas em que você está trabalhando.

— Claro.

Com músicas instrumentais, o material de trabalho de Ollie, eu consigo lidar. Estou basicamente esperando que ele ligue os alto-falantes. Em geral, ele mal consegue esperar para mostrar suas músicas. Mas hoje está desanimado, talvez por minha causa. Mal sabe ele que eu preferiria saber da vida dele a falar da minha.

— Vou pegar os drinques — diz Ollie, deixando Paige e eu no quarto.

— Ele já mostrou onde ficam as coisas? — pergunta Paige.

— Já. Tudo certo.

Sozinhos, Paige e eu não conseguimos nos encarar. Ou talvez só eu esteja achando isso difícil. Quanto mais a analiso — o sorriso permanente, os suspiros frequentes, a maneira como cruza os braços apesar do calor do quarto —, mais me lembro de minhas tentativas frustradas de esconder minha angústia subjacente.

— Na verdade, eu não esperava que você viesse — diz Paige.

— Posso ir embora.

Ela inclina a cabeça, analisando-me por outro ângulo, então se aproxima para me dar outro abraço.

— O Ollie vai sair de manhã. Vou dar algumas aulas particulares, mas vou estar por aqui.

— Você não vai beber com a gente agora?

— Outro dia. Vou deixar vocês dois conversarem. — Ela já está de pijama: uma calça de moletom e uma camiseta velha. — Ah, e não sei se o

Ollie falou, mas, quando for usar o chuveiro, você tem que abrir a torneira toda para a água esquentar. Tem alguma coisa errada com o aquecedor.

Ela recua até a porta e olha para o quarto, achando algo engraçado, como se o visse só agora, apesar de morar aqui há muito tempo.

— É muito estranho — diz.

— O quê?

— O Sydney esteve aqui quando o estúdio abriu, e você está aqui agora que vai fechar.

— Fechar?

Paige assente, os olhos voltados para baixo.

— O Ollie vai trabalhar para o pai.

Isso explica por que ele estava usando aquela camisa azul-bebê de botão, com *Sully & Filhos* escrito sobre o coração. Imaginei que estava sendo irônico ao usar algo com o próprio sobrenome. Talvez por isso ele não quisesse me mostrar suas novas criações. Talvez não tivesse nenhuma.

Paige me dá boa-noite e agora estou sozinho.

Mas não de verdade. Sydney dormiu nesta mesma cama. Olhou para este mesmo pôster. Viajei quase cinco mil quilômetros e ainda estou à sombra dele.

Paro de olhar o pôster, abro a mala e começo a desfazê-la. Como não tinha ideia de quanto tempo ficaria nem do que isso causaria, imaginei que uma semana de roupas seria o suficiente. Tiro meu blazer e o penduro no armário. É parecido com o paletó da Ted Baker que Joan mencionou. Syd o havia usado em uma de suas visitas.

Eu me lembro da primeira vez que Syd desfilou com o terno para mim em nosso quarto. *Elegante* era a melhor palavra para definir a maneira como a peça combinava com sua barba e suas suíças grisalhas.

Só consigo me lembrar bem do terno da Ted Baker porque Syd tinha um guarda-roupas muito limitado. O armário dele era básico como uma loja do SoHo. Eu invejava o comedimento dele. E também odiava. Aquilo só salientava a quantidade de coisas que eu tinha.

Tento me lembrar de mais coisas naquele dia. Tento visualizar Sydney fazendo poses em frente ao nosso espelho, mas a imagem é embaçada demais. Aquele dia não parece mais importante do que os outros. Nada de anormal nem de extraordinário aconteceu. Foi apenas um dia comum, os mais fáceis de esquecer.

E agora estou fazendo isso de novo, permitindo que o passado me sugue. Para quê? Claro que sinto um leve entusiasmo ao resgatar o que foi perdido, a mesma alegria estranha que sentimos ao mexer em uma ferida sensível. No entanto, quando o entusiasmo passa, a ferida continua aberta.

7

Na manhã seguinte, depois de escrever uns bons vinte títulos de músicas, como “Viagem no tempo” ou “Para dançar”, lixar a unha torta do indicador para que meus acordes soem mais suaves e me sentar ao computador para conferir onde a morsa está nadando (Hilton Head, Carolina do Sul), entro na cozinha e vejo mamãe e Gavin sentados à mesa.

Bato o diário na mesa para que todos percebam que estou aqui e abro o armário porque estou pensando que hoje é dia de comer muffin de novo.

— O Gavin trouxe *bagels* — diz minha mãe.

Gavin saca um *bagel* gordo de uma sacola de papel.

— Sua mãe disse que você só gosta de *bagels* sem recheio.

Não posso mentir: estou muito animada por Gavin saber de que tipo de *bagel* eu gosto. Faço que sim com a cabeça, agradecendo, e ponho metade de um no forminho. Vejo minha mãe tocar no meu diário e o arranco da mesa.

— Calma — diz mamãe. — Eu só estava olhando.

Levo o diário comigo para o banheiro. Quando estou saindo da cozinha, ouço os dois falarem sobre mim.

— Desde o Arizona, ela faz um diário — explica minha mãe. — Ela gasta um caderno todo mês. Aparentemente é muito comum entre pessoas com essa condição.

O médico que me analisou no Arizona, o Dr. M, disse que eu era a única criança que ele conhecia com memória autobiográfica altamente superior, ou HSAM, que é a sigla em inglês. Todos os outros são adultos, umas trinta pessoas, e o Dr. M acha que sou muito especial por isso. Mas, na maior parte do tempo, não me sinto especial, apenas sozinha. Eu queria que todo mundo tivesse HSAM, especialmente meus pais e meus amigos, para que todos pudéssemos ter as mesmas lembranças.

Quando saio do banheiro, paro no corredor porque eles ainda estão falando de mim.

— Lembro que o Syd disse que você não queria levar a Joan ao médico — diz Gavin.

— É verdade — responde minha mãe. — Mas fico feliz por termos levado. Só que agora temos que aguentar os telefonemas.

— Telefonemas?

— Eu cometi um erro.

— Como assim?

— Quando a gente voltou do Arizona, depois que a Joan foi diagnosticada, posteí alguma coisa sobre o assunto no Facebook. Foi uma coisa boba. Eu só estava aliviada por finalmente ter um nome para o que minha filha tinha. Mas aí o estudo do qual ela fez parte foi publicado, e a HSAM começou a chamar atenção dos jornais. Apesar de nunca terem divulgado o nome dela, acho que alguém viu meu post. De repente, um bando de estranhos começou a tentar me adicionar e passei a receber telefonemas aleatórios de universidades, laboratórios farmacêuticos, um monte de gente. Ainda não conseguimos nos livrar disso.

É verdade que nosso telefone toca muito, mas eu não sabia que as ligações eram sobre mim. Minha mãe disse que eram pessoas tentando vender coisas de que a gente não precisa.

— Eu queria ter lidado melhor com isso — diz minha mãe. — O Ollie e eu só queremos que ela tenha uma vida normal.

— Não se preocupe com isso — responde Gavin. — Ela vai ficar bem. Ninguém é normal, no fim das contas.

Eles ficam em silêncio por um minuto, então volto à cozinha e corro para o forninho antes que meu *bagel* queime. Eu me sento ao lado de Gavin e percebo que nunca me sentei ao lado de uma pessoa que apareceu na TV.

Gavin olha para mim.

— Gostei da sua roupa.

Minha mãe acha que eu me visto igual a uma cigana. Odeio usar a mesma coisa duas vezes porque me faz lembrar da vez anterior em que vesti aquela combinação. Aí acabo pensando naquele dia em vez de viver o dia em que estou. Como a mamãe não quer ficar comprando roupas para mim o tempo todo, preciso montar versões diferentes das coisas que já tenho. Hoje estou com uma camiseta que já usei (no dia 11 de junho, uma terça-feira, quando derramei manteiga de amêndoa nela no almoço), mas nunca a combinei com este colete preto (do dia 26 de abril, uma sexta-feira em que fomos ao cinema) nem com este short jeans (dos dias 24 e 25 de junho).

Mas tudo bem, porque meu pai diz que o guitarrista dos Rolling Stones parece um cigano, e ele é um deus do rock.

Noto que Gavin está usando a mesma pulseira que Sydney usava. Agora ele está olhando para o meu prato.

— Sem manteiga nem cream cheese?

— Eu odeio cream cheese.

Quero explicar a ele por que odeio — porque tem cheiro de merda —, mas não sei o que o Gavin acha de palavrões. A regra do meu pai para isso é a seguinte: se o xingamento apareceu em uma música, tudo bem, contanto que ela seja boa. Bob Dylan e Pink Floyd falam *merda* em músicas boas, Johnny Cash diz *filho da puta* em uma música boa, e John Lennon diz o pior palavrão de todos em uma ótima música chamada “Working Class Hero”.

Minha mãe bebe o resto do café, que está tomando na xícara para viagem, apesar de não estar viajando para lugar nenhum. Ela pega a xícara comum do Gavin e diz:

— Quer mais café?

Gavin está mexendo no celular.

— Desculpe, tenho que atender.

Ele se levanta. Está de short, e os pelos da sua perna não têm cor, o que me dá medo. Ele abre a porta e desce até o estúdio.

O *bagel* no prato do Gavin tem apenas uma marquinha de mordida, e minha mãe o tira da mesa para abrir espaço para seus grandes livros, o que significa que algum aluno vem ter aula hoje. É de se imaginar que ela adore crianças, porque passa muito tempo com elas, mas, na verdade, fica muito irritada quando estamos em um restaurante e tem crianças por perto. Além disso, ela vive dizendo que precisa de mais *tempo com adultos*.

Hoje eu preciso de *tempo para escrever*, por isso me levanto e pego meu diário.

— Com licença — diz mamãe. — Você deixou seu prato.

Acho que ontem ela só estava fingindo ser minha garçonete e agora quer que tudo volte ao normal, o que por mim estaria ótimo se isso significasse que meu pai ia manter o estúdio e a gente não fosse tirar férias. Mas, pelo jeito que está sorrindo, acho que minha mãe não vai parar de falar da Costa Rica até a gente estar no avião e a moça nos mandar guardar os iPods para a decolagem.

— Aonde você vai? — pergunta minha mãe.

— Lá para baixo.

— Só não fique em cima dele, está bem?

É o que ela me diz quando meu pai está ocupado com alguma coisa, então fico curiosa para saber o que está mantendo Gavin tão ocupado.

* * *

A porta do quarto de Gavin está fechada, e estou no fim do corredor, dedilhando o Gibson no sofá do estúdio. Ponho os acordes em outra ordem e o som faz eu me sentir pesada. É aí que percebo que estou escrevendo uma música para chorar.

Normalmente, quando dedilho alguns acordes, posso perguntar para meu pai se está ficando bom. Sem ele aqui, decido procurar a outra pessoa em que posso confiar: John Lennon.

As Dez Regras para Composição de John Lennon são uma lista de regras que inventei depois de ouvir com cuidado suas quarenta melhores músicas. Ainda não sei sobre o que minha música vai falar, mas provavelmente vai seguir a regra número quatro: use sempre a primeira pessoa, a não ser que esteja compondo “Nowhere Man”. Isso significa que a letra da minha música deve usar *eu*, não *ele*, *ela* nem *Bungalow Bill*.

Pego o iPod e me gravo tocando a nova sequência de acordes e cantarolando uma melodia rápida que surge na minha cabeça sem muito esforço. Ponho um dos fones grandes do papai e ando pelo estúdio, escutando a gravação sem parar. Estou pensando no Arizona porque minha mãe mencionou a consulta no café da manhã.

Foi no ano passado, no terceiro domingo de julho, que conheci o Dr. M na universidade em Tucson. Ele sabia tudo sobre meu tipo de memória, que não era “fotográfica”, o que significa que não consigo pôr *tudo* na caixa do meu cérebro, só lembranças. Quando tenho que me lembrar de fatos e curiosidades como o nome do décimo primeiro presidente ou quantos lados tem um trapézio, preciso estudar como todo mundo. E, se minha mãe me mandar desligar a luz ao sair da sala, vou me lembrar do que ela disse, mas, às vezes, não no momento exato em que estiver deixando a sala, por isso vou me “esquecer” de desligar a luz. Mas esse tipo de pequeno esquecimento não me incomoda. É o outro tipo, o grande, quando as pessoas esquecem o que aconteceu na vida delas, que me deixa deprimida.

Perguntei ao Dr. M:

— Ter HSAM dói?

Ele me perguntou:

— Você sente algum tipo de dor?

Eu não sabia o que dizer, e foi aí que ele me contou:

— Muitos portadores de HSAM acham que ajuda ter um diário. Para eles, isso dá certo alívio. É um jeito de descarregar a cabeça.

Pensar no Arizona e no Dr. M me dá uma ideia. Abro o diário e escrevo uma letra.

Fui ao Arizona

Um homem conhecer

Ele me pediu calma

Ele podia entender

Existem muitas músicas sobre a Califórnia, de artistas como os Beach Boys, Red Hot Chili Peppers e Katy Perry. Mas só consigo me lembrar de uma música que fala sobre o Arizona: “Get Back”, dos Beatles. Isso faz com que eu me sinta no caminho certo com a minha música.

Será que o Gavin já esteve no Arizona, já que fica muito perto da Califórnia, que é onde todos os atores moram? Quando ele sair do quarto, vou perguntar. Também quero saber por que ele ficou parado diante daquela fogueira imensa e não fugiu. Eu teria feito isso, a não ser que o fogo fosse só um efeito especial e Gavin estivesse apenas atuando. Parece divertido ser ator, mas muito mais pessoas escutam músicas antigas do que veem programas de TV antigos, o que significa que músicas são lembradas com mais frequência. Além disso, meu pai é compositor, então é o que eu quero ser.

Penso nas centenas de músicas que o meu pai compôs e gravou aqui no estúdio. Ouço as músicas na minha cabeça e vejo as coisas que aconteceram aqui, tipo o quarteto de cordas que meu pai contratou, o quadro que caiu da parede quando meu pai estava tocando bateria com empolgação demais e o apagão que destruiu uma das músicas dele e fez com que tivesse que gravar todos os instrumentos de novo.

É difícil pensar no que vai acontecer com o estúdio depois. Vejo isso todo ano na escola, quando mudamos de sala, ou quando um restaurante fecha no shopping e outro abre no mesmo lugar. Daqui a pouco meu pai vai

tirar as coisas dele, o apartamento vai ficar vazio e as novas pessoas vão querer pôr as coisas delas aqui. Mas, para mim, este lugar nunca vai ficar vazio. Sempre vai estar cheio porque, onde quer que eu olhe, em todos os cantos, vejo o que ninguém mais vê: as lembranças.

8

— Então, espera, você está em Nova Jersey? — pergunta minha irmã.

— Estou.

— A mamãe sabe que você está aí?

— Ainda não.

Afasto o telefone da orelha. Ouço alguém dedilhando um violão baixinho. Só há dois músicos na casa, e um deles saiu antes de o sol nascer. Deve ser Joan.

— Você podia ter vindo para cá, sabia? — diz Veronica.

Ela fala isso com seu jeito tranquilo, mas fico com medo de ter desrespeitado alguma lei sagrada do código fraternal. Ela está certa. Eu poderia ter ido direto para a Flórida. Veronica se mudou de Miami para Key West um ano atrás, e ainda não fui visitar sua casa nova. Mas aí eu teria que ficar perto do namorado dela, e isso demandaria mais energia do que tenho agora.

— Desculpa — digo.

— Não se desculpe.

É um pedido muito simples, mas quase sempre que penso em minha irmã penso em pedir desculpas. Ela era só um bebê quando nosso pai morreu, e desde então sempre senti uma obrigação em relação a ela, algo que nunca consegui cumprir, que supera em muito as responsabilidades normais de um irmão mais velho.

— Vou visitar você depois — prometo.

— Só se você quiser.

— Claro que quero. Como você está? E a vida na ilha?

— Eu sei o que você está fazendo — afirma Veronica. — Não ache que vou deixar você desligar sem me contar o que aconteceu.

Veronica nunca parece ficar ansiosa com a própria vida, mas não consegue deixar de se preocupar com a minha.

— Eu falei que devia ter ficado depois do enterro — diz ela.

— Sinto muito por deixar você preocupada. Estou bem agora. Estou com amigos, vivendo um dia de cada vez.

— Um dia de cada vez? Você acabou mesmo de dizer isso? Agora que eu não acredito mesmo em você.

Ela está certa. Parece algo saído de um roteiro, uma fala padrão para alguém de luto. É muito cansativo ter que pensar em maneiras novas de garantir às pessoas que estou bem. Além disso, o que eu falei é verdade. Estou basicamente vivendo segundo por segundo, ignorando o que vai ou não acontecer amanhã.

— Eu conheço você, Gavin.

Não estou gostando do rumo da conversa.

— Você não sabe esquecer as coisas — diz ela.

Fico incomodado ao ouvir isso de minha irmã. Primeiro, porque perder a pessoa mais importante da minha vida não é algo que eu possa simplesmente esquecer. Segundo, porque, na nossa relação, sou eu que devo dar conselhos, sou eu que tenho dez anos a mais de experiência para passar. Terceiro, porque Veronica é alguém que não gosta de desperdiçar tempo em coisas bobas como sentimentos, então, se ela está tentando desvendar os meus, significa que está muito mais preocupada do que imaginei. E, por fim, porque ela está absolutamente certa.

— Viu? — diz Veronica. — Pronto. Você está pensando nisso de novo.

É assim que devo soar quando ligo para saber dela, coisa que não faço com muita frequência.

— Estou bem, eu juro. Não sei mais o que dizer.

— Ah! — exclama ela de repente. — Eu vi a estreia ontem! Gavin, você estava incrível. É sério. Foi uma performance sutil, mas frenética, se é que isso faz sentido. Eu não conseguia tirar os olhos de você. E não só porque você é meu irmão.

— Obrigado — respondo, aliviado por estar conversando sobre meu eu fictício e não sobre meu eu real. — Você gostou mesmo?

— Eu *adorei*.

Só lembrei hoje que a estreia tinha sido ontem à noite, quando olhei o telefone de manhã. Aparentemente, foi a maior audiência que *The Long Arm* já teve. A mídia creditou o aumento na audiência ao que chamaram de “fogueira de Gavin Winters”. É verdade que nossa audiência nunca foi maravilhosa, o que é frustrante, porque *The Long Arm* é um seriado criminal inteligente e emocionante, exibido no horário nobre de um canal a

cabo respeitável, e o detetive Beau Kendricks é, de longe, o melhor personagem que já interpretei. Eu só queria que a série fizesse sucesso pelos próprios méritos, não por causa de um escândalo que vai ser esquecido em uma semana.

— Tem uma coisa que eu não entendi — continua Veronica. — Estão tentando fazer você virar um cara mau? Parece que o seriado está seguindo nessa direção. Eles fariam isso?

— Na verdade...

— Não, não me conte.

— ... meu irmão gêmeo mau.

— Fique quieto.

Syd era igualzinho. Ele me proibia de contar qualquer coisa sobre o rumo da história. Queria esperar como todo mundo. Assistimos à primeira temporada inteira juntos, com Syd voltando todas as minhas cenas com um orgulho patético nos olhos. Agora ele nunca vai saber como a história termina.

— Até a mamãe aprovou — diz Veronica. — E você sabe que ela nunca finge gostar de alguma coisa.

— Você falou com ela?

— Ela me ligou, tipo, literalmente uns cinco segundos depois que o programa terminou e fez uma análise de uns vinte minutos. Ela até chamou amigos para assistirem com ela.

Imagino minha mãe a apenas uma hora ao sul daqui, no refúgio solitário daquela antiga casa, dividindo o espaço com seu amor fantasma nos últimos trinta anos. Já Veronica e eu fomos embora assim que pudemos.

— Você vai lá? — pergunta ela.

— Uma hora vou fazer uma visita.

Alguém bate à porta.

— Espere um pouco, V.

É Joan, as mãos para trás, um Converse esmagando o outro. Já vi aquele mesmo estilo misturado de roupas em hipsters de Silver Lake, mas a versão de Joan parece bem menos intencional. Seu penteado, se é que pode ser chamado assim, também parece ter sido improvisado: o cabelo está despenteado e preso casualmente atrás das orelhas. Mas o caos da aparência é quebrado pela franqueza de seu olhar. Há algo de confiante e inabalável nele.

— Veronica, posso ligar para você de novo no fim da semana?

— Quando quiser. Só me faça o favor de ficar longe de problemas.
Isso vindo dela, a irresponsável da família.

— Pode deixar.

Jogo o celular na cama e dou toda minha atenção a Joan.

— Quem era? — pergunta ela.

— Minha irmã.

— Ah.

Ela põe as mãos para a frente e revela seu diário, o que o médico a aconselhou a fazer. Deve ser assustador ter um filho com um problema raro como o de Joan. Na clínica, quando Syd e eu estávamos planejando ter um filho, fornecemos nossos históricos médicos completos. Eu sabia que o pai de Syd havia morrido por causa de um problema no coração, mas foi a primeira vez que percebi há quanto tempo os homens da família Brennett tinham destinos similares. Ao saber disso, eu havia ficado preocupado com meu futuro filho. Nunca havia pensado em me preocupar com o homem sentado ao meu lado.

Joan olhava para baixo.

— Sabe de uma coisa? Os pelos das suas pernas parecem aquelas linhas que a gente põe em varas de pescar.

— Obrigado — digo.

Imagino que ela vá falar mais, mas a menina entrou em um tipo de transe. Aceno para ela.

— Joan? Você está bem?

Ela se concentra.

— Eu só estava pensando em quando o vovô me levou para pescar. Foi em um domingo, dia 5 de junho de 2011.

— Isso é incrível.

— O quê?

— O modo como você faz isso. O fato de você saber que dia da semana era há dois anos. Não consigo imaginar como é.

Ela olha para o diário como se escondesse o rosto. Eu me pergunto se a deixei envergonhada.

— Você gosta de pescar? — pergunto.

— Não, porque é maldade. Meu avô diz que os peixes não sentem dor como a gente porque têm cérebros pequenos, mas e se um deles tiver um cérebro diferente de todos os outros peixes? Como a gente vai saber que não está pescando o único peixe que sente muita dor?

— Sei como é. — Percebo então que ainda não descobri por que ela bateu à porta. — Posso ajudar com alguma coisa, Joan?

— Pode, Gavin.

Ela abraça o diário e se vira para o corredor. Não tenho certeza, mas acho que ela quer que eu a siga.

9

Gavin se senta no sofá e eu toco minha nova música. Canto os quatro versos que escrevi sobre o Dr. M e me sinto orgulhosa, mas também envergonhada, porque odeio o som da minha voz.

— É isso — digo, para que ele saiba que pode bater palmas.

Gavin abre os olhos, que estão iluminados, mas não úmidos. Ele me encara e diz de uma maneira não muito empolgada:

— Ficou bem legal.

— Você chorou?

Gavin olha para a esquerda e para a direita e depois direto para mim.

— Se eu chorei?

— É.

— Não, não chorei.

Solto um grunhido baixinho para que Gavin saiba que ele tem que me perguntar o que houve, mas ele não pergunta, então falo:

— Estou compondo uma música para o concurso “O Futuro Grande Compositor” porque acho que pode ser um bom jeito de garantir que as pessoas nunca me esqueçam.

— Como assim? Por que elas se esqueceriam de você?

— Porque todo mundo se esquece de tudo. Esquecem o nome da segunda pessoa que beijaram e o que aconteceu com os gêmeos que foram separados quando bebês e até dos próprios netos. E não é justo, porque eu nunca faria isso.

— Eu acredito em você.

— Mas então eu percebi que as pessoas não têm culpa por terem cérebros ruins. É para isso que os lembretes existem. Minha mãe nunca se esquece de pagar as contas porque tem um lembrete no calendário. E meu pai só se lembra de trocar a bateria do alarme de incêndio porque ele começa a apitar. E ninguém se esquece do Martin Luther King porque ele tem um feriado todo ano. É igualzinho com as músicas. Todo mundo se

lembra do John Lennon, até a vovó, porque as músicas dele a fazem lembrar. Minha música vai fazer todos lembrarem que têm que me guardar na caixa do cérebro. E eu tenho menos de duas semanas para terminar.

Gavin está travado, igual a um computador. Ele leva alguns segundos para voltar a se mexer.

— Você obviamente passou muito tempo pensando nisso.

— É, passei.

— Mas o que chorar tem a ver com isso?

— Uma grande música tem que passar uma sensação forte, e uma das sensações mais fortes que existem é querer dançar. Até bebês querem dançar. A outra sensação forte é quando a gente fica triste e chora porque ouviu uma música e se lembra de tudo que aconteceu na vida. O que você acha melhor para um concurso? Querer dançar ou chorar?

Gavin solta um “hummmm”, parecendo um umidificador, e diz:

— Sinceramente, acho que as pessoas não dão a mínima para dançar ou chorar. Uma música boa é uma música boa.

— Não entendi.

— Quando uma música é boa, todo mundo sabe. Não dá para fabricar isso. Parece mágica. Você só tem que deixar acontecer. — Ele para e pensa.

— Na verdade, talvez você não devesse me ouvir. Eu não componho uma música há anos.

— John Lennon disse que não acreditava em mágica.

— Ele disse isso? Quando?

— Na música “God”.

— Ah, entendi — diz Gavin. — Bom, acho que ele não estava falando desse tipo de mágica.

Olho para o meu diário e me pergunto se há mágica ou não naquela página. De vez em quando, meu pai toca músicas da banda da faculdade e diz o quanto gostava das letras do Gavin. Ele diz que o Gavin conseguia “dar vida” às palavras. Tem uma música da Awake Asleep em que Gavin canta “*A noite veio lutar comigo*”. Apesar de eu não saber o que o verso quer dizer, sinto alguma coisa quando escuto.

Entrego meu diário ao Gavin para que ele possa ler minha composição sobre o homem do Arizona. Ele pega o diário com cuidado, como se estivesse com medo de ele estar muito quente, então o lê e fica quieto por muito tempo.

— Quem é o homem? — pergunta ele.

— O Dr. M.

— O Dr. M fez você chorar?

— Não. Por quê?

Ele me devolve o diário.

— Se essa experiência não fez você chorar, por que espera que ela vá fazer outras pessoas chorarem? O que faz *você* chorar?

— Filmes de terror, qualquer coisa com cachorros, dentes podres...

— Seja o que for, ponha na sua música.

Eu chorei no dia em que a Charlotte se mudou para o Texas (sábado, 7 de agosto de 2010), chorei algumas semanas atrás, quando a Sra. Dresden disse que o tempo da prova escrita tinha acabado, mas eu ainda não havia terminado (quarta-feira, 15 de maio de 2013), chorei quando chegou a hora de me despedir da vovó Joan (sábado, 8 de outubro de 2011) e também chorei quando o Pepper foi dormir pela última vez (quarta-feira, 25 de março de 2009). Nunca consegui chorar com uma música, mas já vi isso acontecer com outras pessoas.

Era sexta-feira e meu pai estava dirigindo. O telefone dele tocava músicas aleatórias e a música “Mother”, do John Lennon, começou. Mamãe pôs a mão no pescoço do meu pai e a deixou ali, fazendo cócegas na pele dele. Pelo espelho retrovisor, vi os olhos do papai brilhando. Ele ficou quieto durante toda a viagem de volta da casa da vovó Joan.

E me lembro de o papai dizer certa vez:

— Se uma música emociona você, ela nunca mais sai da sua cabeça.

É isso que eu mais quero, fazer minha música emocionar as pessoas, e é por isso que fazer pessoas chorarem é uma coisa boa — porque funcionou com o meu pai e a música “Mother”.

Gavin está me encarando.

— O que foi? — pergunto.

— Desculpe — diz ele, piscando. — Eu só estava pensando em uma coisa.

— Eu também. Eu conto o que estava pensando se você me contar o que estava pensando.

Ele bufa, quase como uma risada que nunca começou.

— Não sei se quero contar, se você não se importar.

Gavin estica o braço sobre a cabeça e a pulseira desliza pelo seu pulso.

— É a pulseira do Sydney, não é?

Ele baixa o braço e olha para a pulseira.

— É.

Agora estou me sentindo mal por fazer aquela pergunta, porque sei que mencionar certo nome pode deixar uma pessoa mais quieta. Acontece comigo quando ouço alguém dizer *vovó* ou com a minha mãe quando alguém fala do Sydney. O Gavin está fazendo a mesma coisa agora, olhando para baixo e girando a pulseira no braço.

— Quando você vê uma lembrança — pergunta Gavin —, quanto você realmente vê?

— Depende se eu estava prestando atenção na hora. Por quê? O que você quer saber?

— Nada. Eu só estava curioso.

— Eu não ligo. Adoro lembrar.

Ele balança a cabeça, mas acho que talvez só esteja tentando ser educado, tipo quando alguém oferece o último pedaço de bolo e a gente diz “Não, obrigado”, apesar de estar *louco* para comer mais um pedaço.

— Tenho uma ideia — digo. — Que tal eu contar as coisas que me lembro sobre o Sydney e você me ajudar com esse lance?

— Que lance?

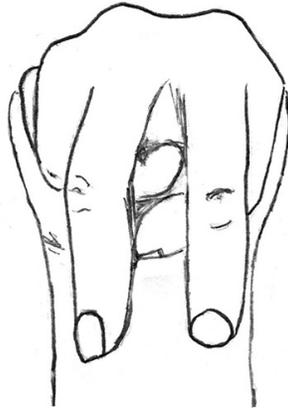
— Minha música. Em geral, meu pai me ajudaria, mas ele não está aqui, e no site do concurso diz que a composição não precisa ser de uma pessoa só. Pode ser de uma dupla, tipo Simon e Garfunkel, ou Tegan e Sara, ou Lennon e McCartney. Então você pode ser o McCartney e eu vou ser o Lennon. Vou ser a morsa. Sabe? *I'm the walrus*.

— Achei que a morsa fosse o Paul — diz Gavin.

— Não, era o John. Você pode ser o *Blackbird*. O melro. O Paul provavelmente seria esse. Acho que a gente devia ter um sinal de mão. Este é o meu.

Fecho a mão, mas deixo o indicador e o dedo médio estendidos e os viro para baixo, como se fossem presas.

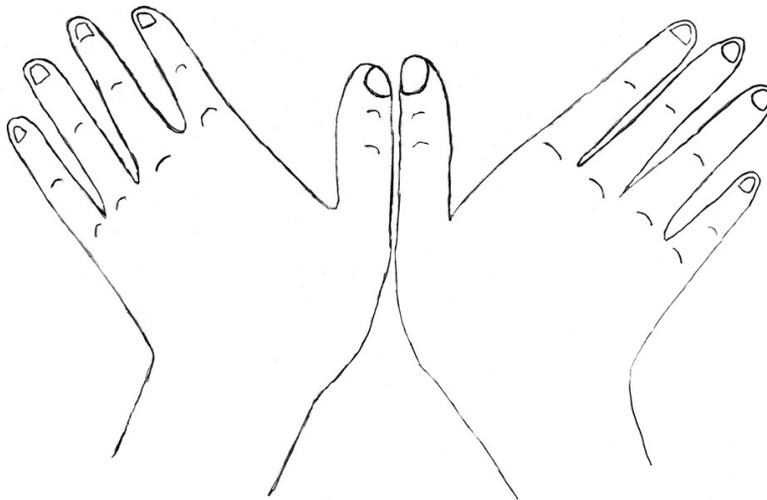
A morsa



— Qual é o seu? — pergunto.

Ele não sabe direito o que fazer, então eu ajudo. Abro as mãos dele e junto seus polegares e mostro como ele pode bater as mãos como se fossem asas.

O melro



Ele baixa as mãos.

— Escute, Joan, vou ajudar você sempre que puder, mas...

Espero que ele termine a frase, mas ele não continua.

— Como a gente já trabalhou na música por um tempo, talvez seja justo que a gente possa falar de uma lembrança — digo.

— Agora? Tem umas coisas que provavelmente eu devia fazer.

— A gente pode começar do início, quando achei que o Sydney era uma menina.

Gavin parece querer ir embora, mas também parece querer ficar. Não sei muito bem o que dizer agora. Eu me pergunto se é uma daquelas vezes em que eu *não consigo largar o osso* — minha mãe sempre diz que faço isso. Mas meu pai diz que *não largar o osso* pode ser uma coisa boa quando a gente está perdido na selva ou tentando fazer carreira como artista.

Gavin relaxa um pouco no sofá e pergunta:

— Em que ano foi?

— Em 2008. Uma segunda-feira. Vinte e sete de outubro.

Ele não diz nada, então continuo:

— A campainha tocou e minha mãe abriu a porta da frente do apartamento. Ela saiu e, quando voltou, estava segurando uma caixa amarrada com barbante. O Sydney estava parado atrás dela e eu fiquei muito surpresa porque, quando a mamãe falou que Sydney vinha jantar, imaginei que fosse uma menina.

— O que tinha na caixa? — pergunta Gavin.

— Macarons. Não dos de coco. Eram de outro tipo, que eu não gosto.

— *Macarons*. São franceses. Eu também não sabia o que eram até o Syd me mostrar. — Ele parece interessado agora. — Continue. Você sabe que roupa ele estava usando?

— Sei. Ele estava usando uma camisa de botão cor de pêssego para dentro da calça jeans e sapatos marrons de cano curto, aqueles sem cadarço. A calça estava com a barra dobrada e ele não estava usando meia.

— Ele nunca usava meia. — Gavin se recosta no sofá, como se estivesse pronto para ficar mais à vontade. — Ele falou alguma coisa quando entrou no apartamento?

— Ele disse: “Olá, Srta. Joan. Ouvi muito falar de você. Paige, você disse que sua filha tinha chifres. Não estou vendo chifre nenhum. Com licença, querida.” Então ele pôs a mão na minha cabeça para ver se eu tinha chifres e eu falei: “Tenho um livro sobre um unicórnio.” O Sydney disse: “Eu adoro livros e unicórnios. Que tal você ler para mim depois do jantar?” Falei que só sabia ler de mentirinha e ele disse: “Eu leio e você vira as páginas.” Então o papai entrou na sala e o Sydney começou a falar com ele.

— É inacreditável — diz Gavin, franzindo a testa como se tentasse decifrar uma charada muito difícil. — Era assim mesmo que ele falava.

Quero sorrir, então sorrio.

— Ele leu o livro para você? — pergunta Gavin.

— Leu, e eu nem tive que lembrar porque ele mesmo lembrou, e eu adoro quando isso acontece. Primeiro ele leu uma página e depois pigarreou para mostrar que eu tinha que virar a página. Quando a história acabou, ele me disse que adoraria ver um unicórnio de verdade um dia, e eu falei que era impossível porque unicórnios não existem, e ele perguntou: “Como você sabe disso?” Eu falei: “Já me disseram.” E ele respondeu: “Foi o que me disseram também, mas e se a gente estiver errado?” Isso me fez pensar um tempinho e ainda me pergunto se realmente há alguma coisa parecida com um unicórnio que mora longe, aonde ninguém vai, e fico animada só de pensar que talvez um dia eu veja um unicórnio.

Gavin faz que sim com a cabeça, como se não estivesse surpreso com o que digo.

— Mas tudo isso aconteceu depois do jantar — falo. — Estou me adiantando.

Espero que Gavin faça outra pergunta. Percebi que ele não é igual ao Sydney, porque está usando meias, e as dele têm listras de três cores diferentes: cinza, verde e amarelo. Gostei delas e quero pedi-las emprestadas.

— Alô! — digo, porque o silêncio está durando muito tempo.

— Estou tentando imaginar o rosto dele — responde Gavin, de olhos fechados. — É difícil.

— Quer que eu desenhe?

Ele abre os olhos.

— Você consegue?

Viro a página do meu diário e começo a desenhar.

— As pessoas dizem que meus desenhos são bons — explico —, mas acho que estou colando porque só desenho as lembranças da minha cabeça. O John Lennon também desenhava no diário dele.

Rostos sempre me tomam mais tempo, então paro no meio do caminho e pergunto:

— Como está até agora?

Gavin senta direito, pega meu diário e o ergue até a altura dos olhos. Ele fica observando por tanto tempo que começo a ficar com medo de ter desenhado a pessoa errada. Então ele põe uma das mãos na folha, toca a

lateral do rosto desenhado, passa um dos dedos sobre a orelha e fala, bem baixinho:

— Sydney.

10

Sydney me contou tudo sobre Joan, sobre como era estranho que ela pudesse armazenar tantos detalhes na cabeça, como as coisas monumentais e banais ocupavam o mesmo espaço na cabecinha dela. Ouvi o assombro em sua voz, mas não havia como entender de verdade os poderes dela estando longe. Agora, sentado diante da menina, finalmente entendo. Joan é quase um milagre.

Estamos conversando há mais de uma hora, recriando a primeira visita de Syd, cinco anos atrás. Quando começamos, eu estava desconfiado, então fascinado e, agora que estamos terminando, reluto em parar.

— Mais uma coisa — digo.

Apesar de ter me guiado por esse caminho, duvido que Joan soubesse no que estava se metendo. Enquanto ela me levava pela mão, minha curiosidade foi ficando mais intensa, até que quase comecei a interrogá-la. Eu não pretendia pressioná-la tanto. Mas não parava de fazer perguntas, e ela sempre tinha as respostas.

Minha última pergunta era sobre as estratégias casamenteiras de Paige e Ollie.

— Quando seus pais estavam falando de mim para o Sydney, eles disseram alguma outra coisa? Você disse algo sobre cinema.

— É, o Sydney quis saber de que coisas você gostava, tipo livros, filmes e coisas assim. Meu pai falou que vocês tinham assistido a um filme na faculdade e que você sempre imitava alguém chamado Zoro ou Toro.

— Benicio del Toro.

— Isso.

No filme *Os Suspeitos*, Benicio del Toro resmungava tanto que ninguém entendia o que ele dizia. Minha imitação do personagem sempre fazia as pessoas rirem. Joan não percebeu, mas esse último detalhe foi uma pepita de ouro para mim.

Ela se levanta para ir embora.

— Obrigado.

Ela sorri e pega o diário.

— Eu aviso quando pensar em uma boa letra.

— Beleza. Parece ótimo — falo. Tinha me esquecido do acordo que fizemos.

Parte de mim quer que tudo acabe aqui, pois sei que estou remexendo em sentimentos que deveriam ficar guardados. Mas outra parte não quer deixar o passado em paz.

— Estou curioso — digo. — Quantas lembranças você tem dele?

— Ele voltou em 2009 — responde Joan, começando a contar os dedos — e depois em 2010. Não apareceu em 2011. Aí ele voltou em 2012 e outra vez em 2013.

— Você só viu o Sydney uma vez este ano?

— Só em 26 de janeiro.

— Achei que ele tivesse visitado vocês em abril também.

Joan dá de ombros.

— Não. Ele só veio em janeiro.

— Espere. Tem certeza?

Ela franze a testa. Eu não queria ofender. Na verdade, confio mais no cérebro dela do que no meu, que não tem estado muito atento nos últimos tempos. Mesmo assim, eu poderia jurar que ele tinha vindo em abril.

— Agora estou lembrando. Ele levou a sua mãe para jantar no aniversário dela. Os dois provavelmente se encontraram em Manhattan — digo, satisfeito por não ter mais pontas soltas na história.

Mas Joan balança a cabeça.

— Não, acho que não. Minha mãe estava doente no aniversário dela este ano. Ela teve um problema sério no estômago e ficou sem trabalhar por dois dias. Ela não saiu com ninguém.

As palavras dela são definitivas e me deixam perplexo e bastante enojado com minha reles memória. Claro, eu não devia me sentir tão mal. O próprio Sydney tinha dificuldade de se lembrar dos seus muitos compromissos — por isso ele tinha uma assistente.

— Desculpe — digo. — Acho que me enganei.

Ela assente e segue para a escada, cantarolando uma melodia enquanto sobe.

Volto para meu quarto e desabo na cama, ao mesmo tempo exausto e revigorado. Talvez seja melhor eu me enrolar nos cobertores e tirar um

cochilo. Quando acordar, descansado e forte, posso olhar para o que aconteceu esta manhã como um lapso momentâneo, um gesto descuidado de clemência. Estou fortalecendo o domínio de Sydney sobre mim quando deveria estar tentando me libertar dele. Afinal, para que vim até Nova Jersey?

Mas talvez eu esteja cansado de me controlar. Talvez aquela fogueira tenha acendido algo em mim que ainda esteja queimando. De certa forma, eu estava errado sobre a possibilidade de construir novas lembranças de Sydney. Elas podem ser encontradas, pelo jeito, na cabeça de outras pessoas. Joan não foi a única que interagiu com Sydney quando ele veio aqui. Paige e Ollie também. E o tal projeto ao qual Syd estava dedicando tanto tempo?

Eu não conseguiria dormir agora nem se tentasse. Em vez disso, mando um e-mail para a assistente de Syd na Schiller Pierson e peço que ela me coloque em contato com todas as pessoas que ele encontrou quando veio trabalhar em Nova York no início do ano.

Entro no chuveiro, mantendo o braço direito longe da água para proteger a pulseira.

A história de Joan fez com que eu sentisse que estava me reconectando de alguma maneira com o verdadeiro Sydney. Senti a onda, o barato, a suspensão misericordiosa da tristeza. Ela me contou tudo sobre aquela noite. Havia lacunas na história, de quando ela foi ao banheiro ou parou de prestar atenção, mas não importava. Tudo que ela incluiu era tão vívido e idiossincrático que criava uma sensação de realidade. Por vários segundos, senti que Sydney estava realmente ali, que estávamos, por um breve momento, juntos.

De acordo com Joan, foi Paige quem mencionou meu nome no jantar em 2008. Sydney tinha acabado de sair de uma relação nociva e Paige estava determinada a achar um homem bom para ele. Ela olhou para Ollie e perguntou:

— Que tal o Gavin?

Eu me lembro de receber a mensagem de Ollie na época. Deve ter sido alguns dias depois daquele jantar. Ollie queria saber se eu tinha interesse em conhecer Syd. Eu estava cansado de ficar até tarde em bares e boates, de acordar ao lado de estranhos cujo nome não sabia, de me esforçar para me manter jovem e desejável. Um encontro às cegas me pareceu algo deliciosamente novo, apesar de tradicional.

Sydney me mandou um e-mail da conta do trabalho. Começava com *Caro Sr. Winters*. Eu não soube o que pensar. Aquele cara queria me pegar ou me vender um seguro de vida?

Nós nos encontramos em um restaurante japonês. Ele tinha o cabelo praticamente todo grisalho e não fazia esforço algum para parecer mais novo do que era. Na verdade, o cabelo fazia com que ele parecesse ter mais de trinta e oito anos. Só tínhamos cinco anos de diferença, mas pareciam mais de dez.

A mesma sinceridade descarada com que ele demonstrava a idade e a aparência se estendia para todas as áreas de sua vida. Naquela primeira noite, foi estimulante, e nem um pouco chato, ouvi-lo confessar casualmente tudo sobre sua família, seu histórico de relacionamentos e sua carreira. Mencionei que havia feito testes para alguns comerciais de sua empresa, a Schiller Pierson. Talvez ele tivesse me visto em algum. Sydney disse que não era possível — ele se lembraria de mim.

Ele perguntou se eu fazia alguma imitação. Quando falei que não era bom em imitações, ele disse: *E o Benicio del Toro?* Como ele sabia disso? Sydney indicou o cardápio. O nome do restaurante era Kobayashi, uma referência direta a *Os Suspeitos*. Perguntei: *Isso significa que você é Verbal Kint? Será que eu devo ficar preocupado?* Ele sorriu de maneira maliciosa.

Claro que ele havia interrogado Ollie e Paige para saber sobre mim. Eu tinha feito o mesmo. Joan não revelara nada que eu já não soubesse. Mas ela havia fechado o ciclo, me posto à mesa dos Sully enquanto Syd me analisava.

Eu me lembro de outra coisa daquela noite. Syd me perguntou onde eu queria estar em cinco anos. Eu teria rido da pergunta, se não fosse a seriedade no tom de voz dele. Na época, eu estava quase desistindo de ser ator. É verdade que já havia quase desistido várias vezes, mas, naquele momento, depois de uma série de rejeições dolorosas, não me sentia otimista em relação à minha carreira e analisava alternativas. Mas ali estava aquele cara, aquele homem confiante de cabelos grisalhos, fazendo uma pergunta banal com o máximo de sinceridade possível. Por isso procurei com afinco uma resposta digna.

Quando era iniciante, aos vinte anos, eu sonhava em dividir meu tempo entre filmes desafiadores com diretores intelectuais e papéis ocasionais em blockbusters. Mas eu já estava com trinta anos e tinha um único objetivo bem modesto: trabalhar. Conteí ao homem sério sentado à minha frente que,

em cinco anos, eu ficaria muito feliz se tivesse um emprego fixo em um programa de TV. Sydney assentiu e disse: *Eu entendo*.

Começo a me dar conta de que tudo se concretizou. Quatro anos depois, consegui um papel em *The Long Arm*. Se estivesse aqui agora, Syd me garantiria que não havia sido coincidência. Ele acreditava que podíamos realizar quase qualquer sonho se o visualizássemos. A primeira coisa que fazia de manhã era meditar, nunca pulava esse ritual. Não paro de me perguntar o que poderia ter acontecido se ele tivesse decidido mudar a rotina naquela última manhã, só por um dia. Se eu o tivesse segurado na cama e não deixado que ele saísse.

Afasto esse pensamento.

A água do chuveiro não está mais quente. Pode ser por causa do problema no aquecedor que Paige mencionou ou porque eu fiquei embaixo d'água por tempo demais. Desligo a torneira e relaxo o braço estendido. É hora de enfrentar o dia.

De volta à cama, pego o celular e confiro meu e-mail. A assistente de Syd, Isabel, já respondeu. Por um instante, penso em apagar o e-mail sem ler. Toda a energia que reuni já se foi, levando junto minha coragem. Seguir os passos de Syd em Nova York é uma busca inútil. No fim, vou continuar sem nada.

Mesmo assim, abro o e-mail.

Isabel deve estar confusa. Diz que Sydney não teve nenhuma reunião em Nova York nas datas que mencionei. Ele tirou alguns dias de folga em fevereiro e depois em abril. Ela não sabe direito por quê.

Leio o e-mail dela uma segunda vez, esforçando-me para entendê-lo. Então, a conversa com Joan invade meu cérebro, como um vírus perigoso. Ela contradisse uma certeza minha.

O número de telefone de Isabel está no fim do e-mail. Clico nele e logo ela atende.

— Oi, Gavin.

— Acabei de receber seu e-mail. Isso não pode estar certo. Tem certeza de que não havia um projeto em Nova York? Você pode perguntar aí no escritório? Talvez tenha havido alguma confusão. Sei que vocês contrataram gente nova lá.

— Gavin, não sei o que dizer. Tenho noventa e nove por cento de certeza. Posso conferir de novo, se você quiser, mas...

— E as viagens? Eu levei o Sydney ao aeroporto. Ele foi a algum lugar. Você reservou algum voo ou hotel para ele nessa época? Pode conferir isso também?

— Eu conferi — explica Isabel, o tom de voz ficando cada vez mais delicado. — Não consegui achar nada. Estou olhando para a agenda e tenho esses dias marcados como folgas. Ele nunca falou por que ia tirá-las e não disse que ia viajar.

— Ele falou que ia para Nova York. Foi o que ele me disse.

— Isso é tudo que eu sei. Sinto muito.

— Não estou entendendo. — Eu não pretendia ter falado isso em voz alta.

— Eu soube do incêndio. Tem sido difícil aqui também. Escute, se quiser sair, me avise, está bem? Gavin? Alô?

Mexo os lábios, mas, desta vez, nenhum som sai.

Gimme Some Truth

11

Estou sentada na beira da piscina da Harper, com meu diário no colo e os pés na água. Estou na parte funda, enquanto as outras meninas pulam, mergulham e riem na parte rasa.

Sei que pareço estranha sentada aqui, sozinha, mas estou quase terminando uma letra que acho que vai fazer Gavin chorar. Eu poderia ficar com os adultos, mas não aguento mais ouvir minha mãe falar sobre a Costa Rica. Às vezes, não quero ser criança, mas também não quero ser adulta.

Mesmo que não estivesse trabalhando na minha música, eu provavelmente ia querer ficar sozinha. A Harper sempre vai ser uma das minhas melhores amigas, apesar de a família dela ter se mudado para os arredores da cidade há alguns anos, mas é difícil ficar perto de algumas das novas amigas dela. Quando não conheço alguma palavra, tipo *chiffon*, elas me olham como se eu não tivesse cérebro e, se elas não conhecem palavras que fazem parte do meu mundo, tipo *staccato*, então sou metida ou sabichona.

Harper me chama da outra ponta da piscina.

— O tempo acabou, rockstar.

Ela sabe que gosto quando ela me chama de rockstar, mesmo que eu finja que não gosto. Enrolo a toalha em volta do diário para protegê-lo e finalmente mergulho.

Nado para longe das meninas e direto para Harper.

— O que rima com *esposo*?

Harper leva o cabelo molhado à boca e começa a mastigá-lo. Ela faz isso quando quer pensar.

— Essa é difícil.

— Não precisa ser uma rima perfeita — digo. — Só tem que ser parecida.

— Quanto dinheiro você vai ganhar se vencer esse troço?

— Não é esse tipo de concurso. Só quero que todo mundo escute a minha música e saiba meu nome.

— Ai, que chato — diz ela, jogando água em mim.

Meus melhores amigos gostam de mim e da minha memória estranha, mas nem eles entendem por que piro tanto com a possibilidade de ser esquecida. Acho que cada pessoa se preocupa com uma coisa diferente. A Harper tem medo de errar respostas em provas, o Wyatt reza para que o novo filme de *Star Wars* seja mais parecido com os livros e a Naveyah fica deprimida quando os Giants perdem um jogo. Acho que tudo depende das coisas que a gente nota. Tipo, eu nem sabia que havia livros de *Star Wars*.

Enfio a cabeça embaixo d'água e volto só quando fico sem fôlego.

— Você ouviu falar daquele ator?

— Que ator? — pergunta Harper.

— Ele faz uma série chamada *The Long Arm*. Ele apareceu no jornal porque fez uma fogueira enorme no quintal.

— Não fiquei sabendo.

— Ele é muito famoso.

— Qual é o nome dele?

Digo o nome do Gavin, e Harper promete procurá-lo no celular novo. Ela não tem música nenhuma no telefone porque diz que não faz sentido quando se tem internet, mas estou torcendo para que ela coloque pelo menos a minha quando eu a terminar.

Harper cospe o cabelo da boca e diz:

— Poço.

— O quê?

— Uma rima para *esposo*.

— Não funciona muito — explico.

Harper leva os lábios à água e começa a soprar bolhas.

— Seria melhor se eu soubesse sobre o que é a música.

Eu adoro isso na Harper: se você der uma charada a ela, a garota não vai desistir até resolvê-la. Decido dar uma pista, mesmo sabendo que ela vai rir de mim.

— A música é sobre lembranças.

É difícil ouvi-la porque ela está com a boca dentro d'água, mas tenho quase certeza de que ela diz:

— Claro que é.

* * *

Estou pronta para fazer Gavin chorar, mas ele não está no quarto, no banheiro nem no estúdio. Dou uma olhada no pátio e vejo a nuca de Gavin e o fone do estúdio do meu pai cobrindo suas orelhas. Ele está sentado à mesa, encarando o telefone.

Pego o violão, vou até o pátio e bato no ombro dele. Ele vira a cabeça e põe a mão no peito. Acho que o assustei.

Eu balanço os dedos como se fossem presas de morsa.

— Ah — diz Gavin, antes de bater suas asas de melro, mas só uma vez. Ele olha de novo para o telefone. — Em que dia o Sydney veio para cá em janeiro?

— Ele chegou no dia 25. Por quê?

Gavin não responde porque está ocupado digitando. Parece que está escrevendo um livro, de tantas palavras que escreve. Ele finalmente termina e põe o telefone na mesa.

— Desculpe — diz, tirando o fone. — O que houve?

É hora de ir direto ao assunto, o que significa que é hora de falar do que quero.

— Pensei no que você disse sobre a música e acho que agora consertei a letra.

No outro dia, quando mostrei ao Gavin o desenho do Sydney e vi como ele ficou triste, percebi que tinha que escrever uma letra sobre o Sydney. Se isso não fizer o Gavin chorar, não sei o que vai fazer.

*Vivíamos juntos, você e eu
Nosso amor era uma luz
Você se foi, meu coração morreu
E agora eu carrego essa cruz*

*Nos momentos que tivemos, eu penso
Nossos beijos me deixavam mais feliz
Achei que você seria meu esposo
Não acredito que tenha sido por um triz*

*Você se foi e não volta tão cedo
Estou só e com medo*

*Eu só tenho uma lembrança
Uma lembrança*

*Meu peito agora é um rochedo
Choro e este é meu segredo
Eu só tenho uma lembrança
Uma lembrança*

Deixo a última nota soar e espero as palmas, mas não escuto nada. Os olhos dele parecem irritantemente secos.

— Você não está chorando.

— Posso ser sincero? — Gavin olha para mim por um bom tempo, o que me faz mudar de posição na cadeira. — Os versos parecem muito genéricos. Eu ficaria longe dos clichês. Eles fazem a letra parecer dissimulada.

— É você que não está dizendo nada.

— Desculpe. Não estou me expressando direito. O que quero dizer é que não ouço *você* nessa música. Você está cantando sobre beijos e um esposo. Não sei o que isso quer dizer.

— É difícil achar uma rima para *esposo*.

— Acho que o refrão ficou bem bonitinho — diz Gavin. — O jeito que a letra acompanha a melodia... E parece uma coisa pessoal, sabe, porque você está falando de lembranças. Acho que você devia continuar com esse tema.

Tenho quase certeza de que ele me fez um elogio, e adoro receber elogios. Mas tem um problema.

— Tem certeza de que você não chorou?

— Joan, acho que você devia esquecer essa história de choro.

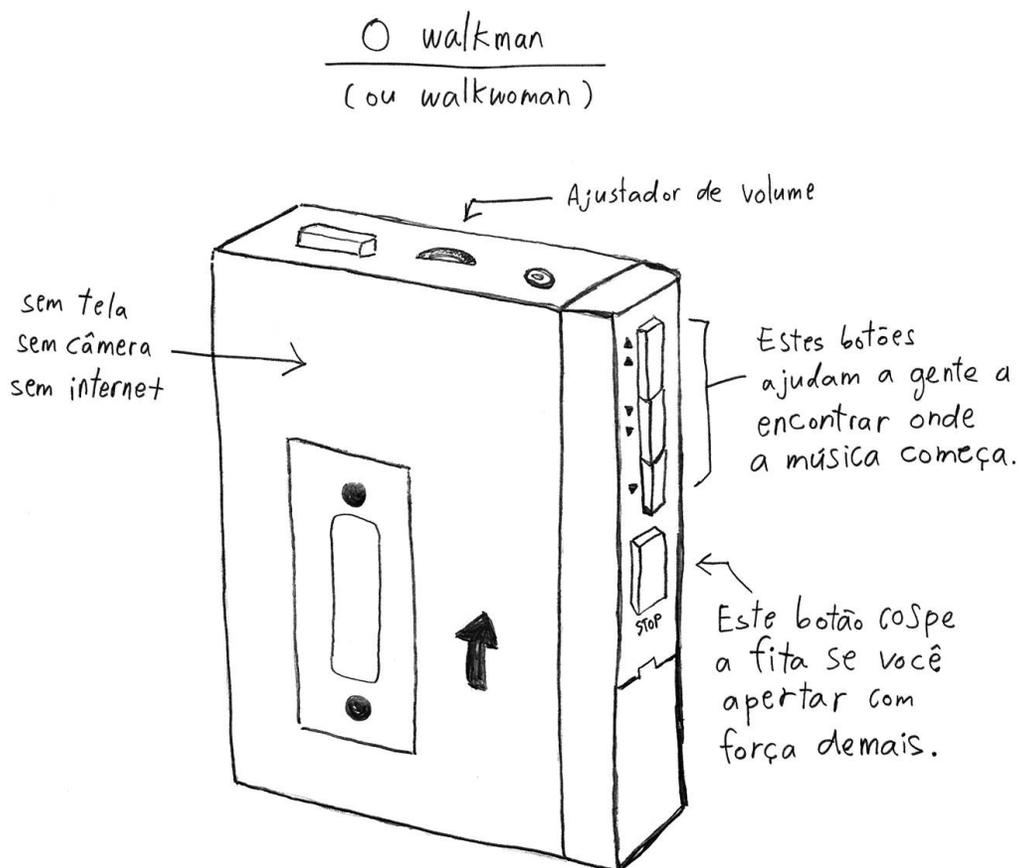
Odeio quando as pessoas me dizem para esquecer as coisas porque fica na cara que elas não me conhecem direito. Mas Gavin abre um sorriso simpático e eu me forço a não ficar irritada com ele.

— Como você escrevia as *suas* letras? — pergunto.

Ele pega uma pedrinha do chão e a joga para cima. Então, abre a mão como uma raquete de tênis e lança a pedra contra a parede de tijolos.

— Não sei tocar nenhum instrumento como você, então era diferente. O Ollie e o resto da banda me davam músicas e eu ficava andando de um lado para o outro com meu walkman.

Sei o que é um walkman porque meu pai tem um. É com ele que ouço a vovó Joan cantando.



— Eu ficava ouvindo a música até pensar em alguma coisa — explica Gavin.

— E se levasse muito tempo para você pensar em alguma coisa? Ele dá de ombros.

— Eu não tinha pressa. Ainda sou assim, na verdade. Nem sempre é bom. — Ele para de falar por um segundo, como se quisesse pensar no que acabou de dizer, então continua: — Você tem que relaxar e não pensar demais nas coisas. Deixe as coisas acontecerem naturalmente.

Mas eu não posso relaxar porque estou com *muita* pressa. Não tenho tempo para esperar a melhor letra aparecer na minha cabeça. Estou começando a achar que escolhi o parceiro errado para o concurso, porque, sempre que tenho uma ideia, o Gavin diz que não é boa. Achei que meu pai

era difícil de agradar, mas ele costuma ser mais exigente com a música do que com a letra.

Falando no meu pai, ainda não tive a chance de mostrar minha música a ele porque ele tem chegado muito tarde em casa e depois fica trabalhando no estúdio, terminando os últimos projetos. Quero ter certeza de que estou compondo uma música que vai emocionar meu pai. As emoções dele são um bom teste para as das outras pessoas, porque ele compõe há muito tempo.

Mas, por enquanto, tenho que me contentar com Gavin. Ele falou algumas coisas boas sobre a música e outras não tão boas, mas só consigo pensar nas não tão boas. Eu me pergunto se um dia vou conseguir fazer meu pai, Gavin ou alguma outra pessoa sentir uma emoção forte.

E agora estou ouvindo a voz de outra pessoa em minha cabeça. É a voz do Gavin e não está só na minha cabeça. Ele está cantarolando uma música e levo alguns segundos para perceber que é a minha, meu refrão. Na boca de Gavin, ela parece muito real e muito bonita. Meus braços se arrepiam e a sensação sobe pelas minhas costas, entra na minha cabeça e cobre meu rosto.

— Você vai cantar a música — digo.

— O quê?

— Quando a gente estiver no estúdio. Você tem que cantar. Ficou muito boa e eu não sei cantar. Não igual a você.

Já ouvi o disco do meu pai e do Gavin muitas vezes, e o som é bem estranho, mas a voz do Gavin faz a gente achar que está ouvindo uma coisa importante.

— Joan, eu não canto há quase vinte anos. Não acho que vai ficar muito bom.

— Meu pai vai gravar, então vai ficar ótimo.

Gavin não fala mais nada, mas tudo bem, porque sei que às vezes não dizer nada é como dizer *Ok* ou *Sim* ou *Quer saber, Joan Lennon, essa é a melhor ideia que você já teve*.

* * *

— Qual era a cor da gravata que ele estava usando? — pergunta Gavin.

Ele não sabia se queria ouvir outra lembrança do Sydney hoje, mas saquei que, quando quero que o Gavin faça alguma coisa, tipo me ajudar a escrever a música e a cantá-la, tenho que forçar um pouco a barra.

— Preta — respondo. — O Sydney estava usando uma gravata preta.

Sábado, 14 de março de 2009: Minha mãe, meu pai e o Sydney estão muito bem vestidos, com roupas muito chiques, e a babá está ouvindo as instruções da minha mãe. O Sydney olha para o meu pijama, que tem corações de várias cores, e diz:

— Srta. Joan, onde você arranhou isso?

Eu falo:

— Não sei. Minha mãe comprou para mim.

Ele responde:

— Eu tenho um igual em casa.

Eu digo:

— É mesmo?

Ele só sorri, e aí eu sei que ele está brincando. Sinto cheiro de hortelã e vejo que ele está com chiclete na boca. Peço um, ele me dá e diz:

— Cinco dólares.

É outra piada e, dessa vez, eu percebo na hora. Mas depois não tenho tanta certeza porque Sydney fala:

— Está bem. Pode ficar me devendo.

Ele segura um envelope branco que não cabe no bolso e agora está usando meias, mas não parece muito satisfeito com isso porque não para de se abaixar e puxá-las.

— Eu queria ter ido a esse casamento — diz Gavin, depois que conto tudo a ele. — É assim que a gente sabe que gosta mesmo de alguém. Você quer ir com a pessoa ao casamento de um desconhecido.

— E por que você não foi?

— Fazia poucos meses que a gente namorava. O Syd não estava pronto para me apresentar aos amigos. Não confiava em mim.

— Por que não?

— Por que os homens... — Ele se interrompe. — A gente costuma mudar muito de opinião. Ele queria ter certeza de que eu estava levando aquilo a sério.

— Tipo quando eu pedi um violão aos meus pais e eles disseram para eu usar um dos violões do meu pai antes para garantir que eu ia continuar

tocando e não ia me cansar uma semana depois, como fiz com o pula-pula que o vovô comprou.

— Exatamente — diz Gavin, lançando uma piscadela para mim.

Fico com inveja porque toda vez que *eu* tento piscar um olho só, os dois acabam piscando.

— Nas primeiras semanas, o Syd não me deixava dormir na casa dele. Ele me expulsava toda noite.

— Que maldade.

— Eu também achava. Mas isso me deixou muito mais feliz quando ele finalmente me deixou ficar. Bom, continue, por favor.

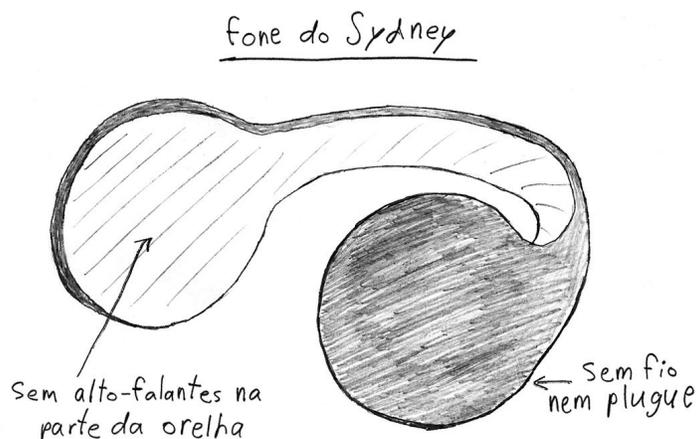
Bebo um pouco de limonada porque não estou acostumada a falar por tanto tempo. Não sei como minha mãe consegue. Como ela fica diante de uma turma e fala o dia inteiro?

— Todo mundo se despediu e eles foram para o casamento.

— Estava frio? — pergunta Gavin. — Eles estavam usando paletós?

— Estavam. O Sydney estava usando uma casaca com cinto, que eu achei muito legal. E estava levando um tipo de fone que eu nunca tinha visto.

Desenho o fone no meu diário para que o Gavin entenda o que quero dizer:



— Não eram fones de ouvido — diz Gavin, gemendo um pouco. — As orelhas dele sempre ficavam frias. Ele usava esse troço em Los Angeles. Dá para imaginar? — Ele começa a rir. — Uma vez, estávamos estacionando o carro e o manobrista disse: “O senhor deixou sua faixa de cabelo cair.”

Ele está gargalhando. Sinto vontade de rir também porque risadas podem ser contagiosas, mas eu queria saber o que é tão engraçado. Quando para, Gavin cruza os braços, fecha os olhos e diz:

— Quando você voltou a ver o Sydney?

— No dia seguinte, levou muito tempo para os adultos levantarem. Meu pai acordou primeiro. Ele fez crepes, e eu fiquei muito animada porque o papai faz cafés da manhã muito bons. Perguntei o que íamos fazer naquele dia, e ele respondeu que, quando o Sydney levantasse, ele ia voltar a arrumar o estúdio, que estava quase pronto. Então minha mãe e o Sydney acordaram. Ele entrou pela porta, e acho que tinha acordado havia algum tempo, porque já estava vestido e puxava uma mala de rodinhas. Ele entrou na cozinha e deu bom-dia.

— Bom dia — diz Gavin. Ele ainda está de olhos fechados.

Não sei o que dizer, então continuo com a lembrança.

— Então meu pai perguntou se ele queria um crepe e o Sydney respondeu: “Eu não devia...”

— “... mas vou comer.”

Gavin está certo. Foi o que o Sydney disse.

— Então o papai perguntou como ele gostava de tomar café, e o Sydney respondeu: “Com um pouco de leite e um monte de açúcar.”

— Você devia cortar um pouco o açúcar — diz Gavin.

— O quê? — pergunto.

— Use o adoçante — continua Gavin. — É só se acostumar com o gosto.

Olho para o pátio, mas não há mais ninguém com a gente ali. É aí que entendo com quem Gavin está conversando.

— A que horas você vai chegar em casa? — pergunta Gavin.

Fico quieta e escuto.

— Vou filmar até tarde da noite, mas talvez a gente possa tomar café da manhã juntos. Vou levar para você na cama. Não quero que levante. Você pode fazer isso? Fique deitado e não se mexa. Vou preparar o que você quiser. Pode fazer isso por mim? Ficar na cama? Só desta vez?

Não ouço nenhuma resposta, só alguns passarinhos piando. Levanto a voz para abafá-los:

— Gavin.

Ele abre os olhos. A luz o cega de início, então ele me vê. O rosto dele fica vermelho por causa do sol. Ele pega o telefone e os fones e diz:

— Acho que por hoje já chega.

12

Parei de prestar atenção no que Paige está dizendo. Eu a vejo parada ali, jogando queijo ralado sobre algo em uma assadeira, os lábios se movendo. Mas é como se alguém tivesse colocado um painel de vidro entre nós. Não ouço as palavras que saem de sua boca.

Desde que Sydney morreu, isso vem acontecendo com mais frequência. Estou no meio de uma conversa com alguém e perco o fio da meada. Quando percebo que viajei, já perdi muita coisa.

— E vamos refazer o piso, obviamente — diz Paige. — Para ficar tudo igual.

Isso mesmo. Ela está me explicando como quer derrubar metade da parede entre a cozinha e a sala de estar para deixar a casa deles mais parecida com um loft.

— Parece ótimo.

— Ela está falando nisso desde 8 de fevereiro de 2010 — diz Joan, de onde está sentada à mesa da cozinha.

— É — admite Paige. — Mas *agora* a gente finalmente pode fazer.

Estou rasgando pedaços de couve galega e jogando tudo em uma saladeira de madeira. Gosto de cozinhar, mas hoje não estou muito a fim. Mexer com alimentos lembra como cozinhei pouco no último mês, como venho comendo mal. E isso me leva de volta a Sydney e à conversa surreal que tive com a assistente dele.

Estou perdido. Não consigo imaginar por que Sydney mentiria para mim sobre ir para Nova York a negócios. Por outro lado, não é verdade. Eu *consigo* imaginar por quê. Mas prefiro não levar em consideração essa possibilidade desagradável. Tudo que sei é que ele não estava em casa comigo.

— Tome — diz Joan.

Olho para o descascador na mão dela.

— Para o pepino — explica ela.

— Ah, é. Obrigado.

À tarde, mais uma vez, não consegui resistir ao convite de Joan e voltei ao passado. Retornar ao lento começo de minha relação com Syd me fez lembrar que, assim como ele era franco e sincero sobre a maioria das coisas, também sabia ser cuidadoso e ponderado. Especialmente com o próprio coração, que havia sido muito ferido antes de nos conhecermos. Tive que provar que o merecia antes que ele me deixasse juntar seus pedacinhos. Considerando o tempo que levei para conquistar sua confiança, acho difícil acreditar que ele faria algo para arriscar minha confiança nele. É isso que torna essa história toda tão difícil de entender.

Estou fazendo de novo: viajando enquanto Paige fala.

— Me sinto mais à vontade para investir na casa agora que a vizinhança está finalmente melhorando — diz ela. — Ainda tem muito a melhorar, mas você devia ter visto quando a gente se mudou para cá. A ideia de ir à feira no parque Riverview me fazia rir.

Pelo que vi do bairro até agora, ele é basicamente composto por prédios residenciais de três ou quatro andares, com poucas lojas além de algumas mercearias e lavanderias. Esta quadra tem uma mistura incrível de fachadas, de tijolos a estuco, passando pelo vinil que adorna o duplex dos Sully.

— Mas a vista é a melhor de todas — digo, apontando para a janela da cozinha.

A casa dos Sully fica empoleirada na ponta leste de um bairro alto conhecido como The Heights e tem vista direta para o rio Hudson e para Manhattan.

— Foi por isso que viemos morar aqui — diz Paige, falando sério. Ela põe a assadeira de berinjela com parmesão no forno. — Obviamente, na época, o Ollie precisava ficar perto da cidade por causa da música.

— Como assim *precisava* ficar perto? — diz Joan, quase latindo. — Por que você está falando assim? Ele ainda *precisa* ficar perto.

Paige dá as costas à filha, fecha calmamente a porta do forno e me lança um olhar seco.

— Que tal um pouco de vinho?

* * *

— O Syd tinha um carro enorme, amarelo — diz Paige, o rosto brilhando sob a luz da varanda.

Ela e eu estamos de novo no pátio, com a barriga cheia e vinho em nossas taças. A cidade que não dorme brilha diante de nós.

— Tipo, era o carro *mais feio* que eu já vi. E, como se não fosse ruim o suficiente, o botão para acionar a seta estava quebrado, então ele teve que encaixar um palito de picolé no lugar.

— Não acredito.

— Estou falando sério — diz ela, e o absurdo da cena a leva a gargalhar.

Eu também rio, mas não é nada parecido com o que Paige está fazendo. Fico com ciúme da lembrança que ela tem de Syd adolescente e de seu carro feio.

— Você tem fotos daquela época?

— Em algum lugar. Preciso procurar.

Já ouvi a história que Paige está contando. Não é como o tempo que passo com Joan, quando espero saber algo novo. Na verdade, é o contrário: estou me sentindo inesperadamente bem ao ouvir uma velha história de uma velha amiga.

— Ele me dava carona para casa todo dia naquele carro — conta Paige. — Aí minha irmã terminou com ele e começou a namorar outra pessoa. O Syd disse que ia continuar me dando carona, o que deixou Lauren muito irritada. Ela teve que voltar a pegar ônibus enquanto a irmã mais nova ia de carro com um veterano. Ela achava que o Syd só me dava carona para implicar com ela. Mas a verdade é que ele não parecia muito chateado por ter terminado. Ele nunca foi muito a fim da Lauren, na verdade.

— Você já desconfiava?

— Nunca pensei nisso — responde Paige. — Estava ocupada demais me apaixonando por ele. A gente passava muito tempo juntos depois da escola. Minhas amigas ficaram com ciúme. Elas achavam que o Syd e eu estávamos namorando, e eu deixei que elas pensassem isso. Eu queria que fosse verdade. Mas chegou a um ponto que não aguentei mais.

— Foi aí que você beijou o Syd?

— Foi — responde Paige, com uma humildade exagerada. — Ele viu o que eu ia fazer. Não fui nem um pouco sutil. Ele basicamente estendeu o braço e me manteve longe. Disse que eu era como uma irmã para ele. Então me trouxe para casa no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. E teria continuado a me trazer para casa se a Lauren não tivesse contado aos

meus pais. Eles não gostaram da ideia de eu passar tanto tempo com um cara mais velho. Mas isso não mudou nada. Ele continuou me dando carona. Ele me deixava no fim da rua e a gente ainda conversava pelo telefone.

Ela faz uma pausa, morde a bochecha por dentro. Com os pés apoiados na cadeira e todo o corpo contraído, é fácil imaginá-la como uma menina de quinze anos apaixonada por um garoto mais velho.

— Fui à formatura dele. Tenho uma foto em algum lugar. Naquele verão, fui nadar no centro recreativo em que ele era salva-vidas. Eu fingia me afogar, mas ele nunca me salvava. Aí chegou a hora de ele ir para Michigan. Ele disse que ia me ligar e, no início, realmente ligava, mas acabamos perdendo contato. Quando nos reaproximamos, depois da faculdade, ele namorava a Samantha. Estava pensando em se casar com ela. Eu fui contra. Não consegui me controlar. Aí, claro, ele terminou com ela e me disse por quê.

Os grilos dominam o lugar. Talvez seja apenas um único grilo. O canto dele é tão insistente que mal ouço as palavras seguintes de Paige.

— Ele era o melhor.

Fico quieto.

— Não entendo. Ele tinha quarenta e dois anos e a saúde perfeita.

Ela quer saber por quê. Já fiz a mesma pergunta ao médico, ao Google, a mim mesmo. Consegui apenas teorias, possíveis causas e efeitos. Não é isso que Paige quer, mas é tudo que tenho.

— Dizem que provavelmente foi uma arritmia que não tinha sido detectada.

A mesma imagem aparece em minha mente: os pés descalços dele no tapete. Eu tinha filmado até tarde. Se tivesse sido outro dia, eu poderia ter acordado com ele. Naquela manhã, só acordei depois das nove. Mas já fazia horas. Disseram que foi rápido. Mesmo assim, eu o imagino deitado lá, sozinho.

Ponho a mão aberta no tampo de vidro da mesa. Ela enxuga os olhos antes de pegar minha mão.

— Sinto muito — diz Paige, a bochecha molhada brilhando à luz fraca.

Ela funga, pondo um ponto final na tristeza.

Quando Sydney morreu, eu não conseguia parar de chorar. Até a comida tinha sabor de lágrimas. Agora não choro nem se tentar. Não é um avanço positivo, só um tipo de problema diferente.

— Vamos falar de outra coisa — diz Paige, no momento perfeito. — Estou tentando planejar uma viagem em família.

— Isso vai ser legal. Para onde?

— Estou pensando na Costa Rica.

Outra lembrança. Tenho as fotos no meu laptop: nós dois nas fontes termais, fazendo aulas de surfe, na fazenda de café, em uma praia remota.

— É um país lindo — digo.

— É verdade. Tinha esquecido que vocês foram. Desculpe ter falado nisso.

— Tudo bem. De verdade. Não tem muita coisa sobre a qual a gente possa conversar que não me faça lembrar dele.

— Eu queria muito que essa viagem fosse legal — continua Paige. — Tipo, será que é melhor ir para algum lugar com bastante história? Deixar que a Joan aprenda um pouco? Ou será que seria melhor simplesmente ficar largados em uma praia em algum lugar? Eu, particularmente, só quero uma piña colada e um livro cafona. Os últimos anos foram estressantes.

— Então vocês vão mesmo fechar o estúdio?

Ela prende o cabelo em um nó no topo da cabeça, dando uma chance para o pescoço respirar.

— A gente achou que estava na hora. O pai do Ollie não é o mesmo desde que minha sogra morreu, e o Ollie achou que era uma boa começar a ajudar. Obviamente, se o estúdio estivesse indo bem, seria outra história. Mas não dá para a gente continuar assim. Agora ele vai receber um salário fixo e poderemos alugar o espaço. Não vamos ter que nos preocupar o tempo todo.

Ollie trabalha com música desde que o conheço. Ele insistiu por muito mais tempo que outros artistas promissores, que acabaram desistindo quando a vida exigiu ou o ânimo acabou. Esta noite, ele engoliu o jantar e desceu correndo para gravar. Paige me avisou que talvez eu o encontre dormindo no sofá do estúdio.

— Como ele está lidando com isso?

— Ele tenta não demonstrar, mas sei que é difícil. Por outro lado, está cansado de se dedicar tanto às músicas e esperar que, em algum momento, alguém pague para usá-las. É de partir o coração. Ele trabalha muito e não consegue nada.

Eu entendo. Até entrar em *The Long Arm*, eu estava sempre fazendo testes e me dedicando a papéis que, no fim, não conseguia. Mesmo assim,

por mais que já tenha ameaçado parar de atuar, não me imagino trocando a vida criativa por um emprego de operário, ou qualquer que seja o trabalho que Ollie esteja fazendo para o pai. Ainda não consegui conversar com ele sobre os detalhes. Só sei que, quando encontro ex-artistas, eles sempre me parecem mortos-vivos.

— Se ele está tranquilo com isso... — digo.

— Sinceramente, tem sido difícil, mas acho que ele também está animado por poder começar de novo e ter uma vida mais tranquila. Todos nós estamos animados.

Não sei se acredito nisso.

— E a Joan? Ela pareceu muito irritada antes do jantar.

Paige suspira.

— Ela acha que a culpa é minha. Mas a verdade é que sou o único motivo para o estúdio ter durado tanto tempo. Não me importo em ter que dar aulas particulares nas férias se puder investir o dinheiro em coisas como viagens ou reformas na casa, sabe? Mas continuar investindo em um negócio que não vai para a frente... Não posso mais fazer isso.

Considerando o quanto ela acha que precisa explicar, parece que Paige se sente culpada, de certa maneira. Eu me pergunto se Ollie sabe de tudo que ela acabou de dizer.

— Falando nisso — emenda Paige —, obrigada por ajudar a Joan com a música. Ela normalmente trabalha com o pai nesse tipo de coisa. Estamos muito contentes por você estar fazendo isso.

— Tudo bem. É até divertido. Não mexo com música há muito tempo.

Olho para a escuridão. Daqui, os enormes prédios de Manhattan parecem pitorescos e administráveis. Minha mente se volta, como sempre, para ele.

— Posso perguntar uma coisa? Eu estava conversando com a Joan e ela me disse que o Sydney veio aqui pela última vez em janeiro.

— Acho que foi. Por quê?

— Teoricamente, ele voltou para Nova York em fevereiro e abril. Você se encontrou com ele?

Ela pensa.

— Não. Nem sabia que ele tinha vindo para cá.

— É muito estranho. Não sei se ele veio. — Dizer essas coisas em voz alta torna tudo mais real. — Ele sempre vinha para cá porque estava trabalhando em um projeto. Foi o que ele me disse. Ele fazia tanta coisa ao mesmo tempo que eu não lembro que projeto era. Mas o estranho é que

falei com a assistente dele e ela alegou que o Syd não fez nenhuma viagem de negócios para Nova York esse ano. Pelo que ela sabe, não havia projeto algum.

Rugas que demonstram mais que a preocupação costumeira cobrem a testa de Paige.

— E tem mais uma coisa — digo. — Ele disse que encontrou você em abril e levou você para almoçar no dia do seu aniversário.

Paige sempre carrega a preocupação do mundo inteiro nos olhos. Mas, quando enfrenta um problema tangível, ela, mais do que ninguém, sempre tem uma solução lógica.

— Não — responde. — Isso não aconteceu. O Ollie ia me levar para almoçar no meu aniversário, mas tivemos que cancelar. Eu fiquei doente.

Foi o que Joan disse. Eu esperava que as discrepâncias pudessem ser apenas mal-entendidos inocentes, mas agora vejo que estava só torcendo para isso.

— Quando ele veio em janeiro, ele falou alguma coisa sobre o trabalho? — pergunto. — Você lembra sobre o que vocês conversaram?

— Não sei direito — responde Paige, ainda processando tudo. — Sei que ele tinha marcado de ver uns imóveis enquanto estava aqui. Não sei se ele foi.

Não me surpreende. Nós sempre conversávamos sobre voltar para a Costa Leste. O que eu não conseguia entender era a mentira descarada. Parecia impensável que meu homem de cabelos grisalhos pudesse mentir para mim.

Olho para longe. A cidade brilha à distância.

— No que você está pensando? — pergunta ela.

— Em nada — respondo, porque não quero ter que explicar o que estou sentindo.

Não posso provar ainda, mas em meu coração eu sei: ele está em algum lugar. Sydney, uma última impressão dele. E não tenho escolha. Tenho que sair em busca dela.

13

Estou deitada na cama em pleno dia, usando o violão como travesseiro, abraçando o meu diário em vez de escrever nele.

O Gavin me disse para escrever uma música sobre mim e minhas lembranças, então é o que tenho tentado fazer, mas é muito difícil. Penso em uma lembrança triste, como o dia em que colocaram o Pepper para dormir, em 2009, e volto à recepção do veterinário enquanto meus pais estão no consultório com Pepper e a recepcionista me dá um pirulito. Ver o pirulito me manda para outra lembrança, a de estar no acampamento em 2011, quando perdi meu pirulito e o encontrei preso no cabelo da Harper. Essa lembrança me faz sorrir, e eu volto para hoje e percebo que o prazo para o concurso está acabando, mas ainda não tenho uma música que possa viajar pelo mundo e fazer todos se lembrarem de mim.

Mas não posso desistir porque meu pai sempre me diz que sabia que eu ia ser musicista quando eu ainda era bebê. Ele tocava canções para mim no violão e eu, de macacãozinho, me sentava e o encarava. Tentava pegar as cordas e ele tocava diversos acordes e me deixava dedilhar. Meu pai diz que percebeu na época que eu tinha o bichinho da música, o mesmo que ele e minha avó tinham. Eu era muito pequena para me lembrar, mas já o ouvi falar disso tantas vezes que é quase como uma das minhas lembranças.

Mas meu pai não pode me ajudar agora, e não estou chegando a lugar algum. Pego o diário e o violão, passo pela cozinha, onde minha mãe está dando aula para um menino, e desço para o estúdio. A porta do Gavin está aberta, então entro e acendo a luz. O braço nu dele pende da cama.

— Desculpa — digo. — Não sabia que você estava dormindo.

Ele se senta na cama e faz o sinal do melro. Então cai de volta como se tivesse usado toda sua energia.

Tem uma caixa de fotos no chão. No topo da pilha de fotos, uma menina que conheço está olhando para mim.

— É a minha mãe?

Ele rola, tira a cara da cama e tenta ver a foto.

— É.

Na foto, o cabelo dela está cortado reto e ela está sentada ao lado de um cara louro.

— Esse é o Sydney?

Gavin grunhe, o que significa que adivinhei. Olho para o Sydney mais novo e para minha mãe mais nova e tento imaginar o que estavam dizendo um para o outro quando a foto foi tirada. Mas nunca vou saber, e isso é frustrante.

— Meu pai tem fotos de quando a vovó Joan era bem novinha — digo.

— Gosto de olhar para elas, mas também me deixam irritadas porque eu queria ter conhecido minha avó naquela época.

Os olhos do Gavin estão apertados, como se ele quisesse me ver, mas a luz o incomodasse.

— Ela era uma das minhas pessoas favoritas — completo.

Ele assente e olha para a foto. Gosto de contar minhas lembranças do Sydney para o Gavin, mas não quero fazer isso agora porque temos que trabalhar muito na nossa música.

— Estava esperando ter uma boa ideia, mas nada acontece. Preciso da sua ajuda.

Gavin ergue o corpo, se apoia no cotovelo e olha para o telefone. Ele faz que sim com a cabeça, como se concordasse com o que o telefone está dizendo, e depois o joga no colchão.

— Hoje não posso. Tenho que resolver uma coisa.

Ele sai da cama, devagar como um velho, depois pega o copo vazio da cômoda e sai.

Agora estou sozinha no quarto dele. Chuto uma meia suja para uma pilha de roupas no canto do cômodo. Na mesa de cabeceira, há uma tigela de cereais, uma carteira, um carregador de celular e alguns livros da estante do meu pai, inclusive *Songwriters on Songwriting*, um livro cheio de rockstars falando sobre como compuseram suas melhores músicas. John Lennon não está no livro. Foi isso que me deu a ideia de escrever as Dez Regras da Composição de John Lennon.

Pego a carteira do Gavin e a abro. Na carteira de motorista, vejo que o sobrenome dele é Deifendorf, não Winters, e que seu aniversário é dia 17 de março de 1975. Ele tem 1,80 metro de altura, exatamente igual ao John Lennon.

— Não tem muito dinheiro aí — diz Gavin.

Ele voltou e está segurando um copo cheio d'água.

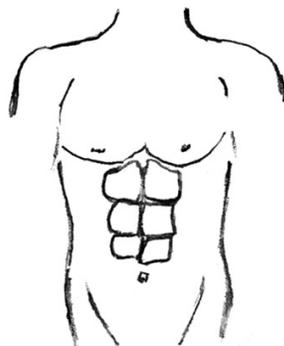
Eu jogo a carteira na mesa de cabeceira.

— Eu só estava olhando. Não sei por quê.

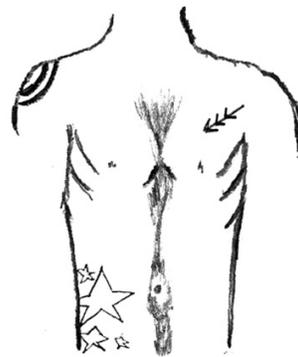
Ele não parece se importar e agora estou concentrada na barriga dele, que parece uma máquina de fazer waffles, mas com quadrados maiores. Noto que ele não tem tatuagens nem pelos como meu pai tem.

Corpos

Gavin



Papai



Agora estou me concentrando no rosto dele outra vez e parece que ele vai vomitar.

— Você está bem?

— Você pode perguntar qualquer coisa, menos isso. — Gavin toma um longo gole de água e, quando termina, faz um ruído, como se estivesse com muita sede e a água estivesse muito boa. — Desculpe. É que não gosto dessa pergunta. — Ele olha para o copo, mas não sobrou água. — Já tentou mudar de cenário?

— Acho que não. Como assim?

— Saia um pouco. Dê uma volta. Faça qualquer outra coisa e não pense na sua música.

Isso não deve funcionar porque tenho muita dificuldade para fazer meu cérebro pensar no que eu quero que ele pense. Acho que vou ter que perder um dia inteiro, porque o Gavin está ocupado demais para me ajudar. Vou até a porta.

— Aonde você vai? — pergunta ele.

— Não posso mudar de cenário. Não vai funcionar para mim.

— Espere — diz Gavin.

Ele respira fundo, tipo quando pergunto ao sorveteiro se ele tem um Choco Taco, mas ele diz que acabou, então suspiro e peço uma casquinha de baunilha com granulado, mesmo que não seja minha primeira opção. Gavin pega um dos livros do meu pai. Não conheço esse.

— Já foi ao Café La Fortuna?

— Não — respondo. — O que é isso?

* * *

Abro as gavetas e tiro as roupas que me trazem as melhores lembranças: um short brilhante de quando ganhei um bicho de pelúcia no calçadão (quinta-feira, 2 de agosto de 2012); meias de raposa de quando meu avô me levou para pescar e eu peguei um linguado, devolvi o peixe para a água e prometi nunca mais pescar (domingo, 5 de junho de 2011); uma camisa de botão branca de quando a plateia me aplaudiu no recital de piano (sexta-feira, 19 de abril de 2013). Estou sendo bem chata porque Nova York é um lugar especial, onde as pessoas fazem eventos importantes, como jogos de basquete, shows, reuniões e cerimônias de entrega de prêmios de concursos.

Minha mãe dá dinheiro ao Gavin, mas ele devolve. Pego meu diário e finalmente saímos. Descemos a pé a grande ladeira perto de nossa casa e andamos por Hoboken. Toda vez que atravessamos uma rua, Gavin segura minha mão. Seus dedos são macios como sabão molhado, diferentes dos dedos do meu pai, que têm calos de tocar bateria e violão.

Chegamos à estação de metrô e quero dizer ao Gavin que estive aqui com o Sydney em 21 de maio de 2010, sexta-feira, mas não digo porque quero que a gente continue andando rápido. Descemos a escada e agora estamos no subsolo. Gavin passa um cartão por um leitor, nós passamos pelo portão e entramos no metrô. Eu imito tudo que ele faz.

* * *

Subimos a escada e agora estamos na Big Apple, um nome estranho demais para analisar. Há muita coisa para ver, como uma senhora que segura o telefone longe do rosto enquanto grita com ele, um homem com uma camiseta dos Beatles que não vê que estou erguendo a mão para um *high five* e outro que me entrega um papel que diz *20% de desconto em toda a indumentária*. Não sei exatamente o que é *indumentária*, mas parece um bom negócio. Pena que não viemos fazer compras. Não sei direito por que estamos aqui, na verdade. Estamos em nossa Magical Mystery Tour, uma grande viagem mágica misteriosa.

Gavin olha para mim. Ele está de óculos escuros e barba por fazer, começando a ficar parecido com meu pai.

— Você sabe chamar um táxi? — pergunta.

Ficamos parados na esquina e ele me deixa acenar, mas os táxis passam direto por nós, como submarinos amarelos.

— Tente assim.

Ele me põe nos ombros e dá um passo para a rua. Balanço as mãos até um táxi finalmente parar na nossa frente.

Dezesseis de julho de 2013. Chamei meu primeiro táxi.

* * *

O táxi nos leva até a Rua Setenta e Um. Agora estamos parados na calçada e Gavin está olhando para o telefone. Vamos até uma lojinha com uma placa que diz *FERRAGENS* e Gavin me faz entrar. Passamos por um corredor cheio e seguimos até os fundos da lojinha. Então viramos e saímos.

— O que a gente está fazendo aqui? — pergunto.

— Estamos nos situando — diz Gavin.

— A gente acabou de entrar naquela loja e sair.

— Isso mesmo.

Agora estamos andando pela Avenida Columbus e o Gavin está olhando para o telefone de novo. Paramos em frente a uma loja chamada Farmácia West Side. Entramos e ele vai até o balcão — uma coisa que as pessoas fazem quando querem pagar por algum produto, mas o Gavin não está segurando nada.

— Está vendo alguém que você conhece? — pergunta ele.

Olho para o homem atrás do balcão, que está ajudando outro cliente. Ele usa óculos e tem pouco cabelo. Nunca vi aquele homem na vida. Então vejo outro rosto atrás da cabeça do homem, e aquele eu conheço bem porque é o do John Lennon. Está em uma fotografia pendurada na parede. A parede inteira está coberta de fotos e também conheço alguns dos outros rostos porque são famosos. Em algumas, o homem atrás do balcão abraça pessoas famosas.

— Posso ajudar? — pergunta o homem atrás do balcão. Ele fala como se ainda estivesse aprendendo inglês, apesar de ser idoso.

— Você gosta do John Lennon? — pergunto.

Ele sorri e se vira para a foto na parede.

— Era o melhor.

— Ele é o meu favorito, e também é o favorito do meu pai.

— Esta era a farmácia dele — explica o homem. — Éramos amigos.

— Não é possível. Você está brincando.

— Estou falando a verdade.

— Então o John Lennon esteve nesta loja?

Ele aponta para onde estou pisando.

— Ele já esteve exatamente onde você está.

Olho para baixo. É como se eu tivesse entrado em uma das lembranças do John. Agora estou com medo de me mexer.

* * *

Saímos da rua agitada e entramos em uma rua calma com algumas árvores urbanas, que são árvores que crescem em pequenas caixas de madeira na calçada e não na grama. São mais bonitas que as árvores urbanas que temos em Jersey City porque não têm sacolas de plástico vazias presas nos galhos.

Não consigo acreditar que acabei de pôr os pés onde o John Lennon pisou e que conheci alguém que conheceu o John e a família dele. Pergunto ao Gavin:

— Como você sabia que o John ia naquela loja?

— Li em um dos livros do seu pai. E sabe aquela loja de ferragens em que entramos antes? Costumava ser o Café La Fortuna. Era lá que o John tomava café. Talvez ele até tenha composto algumas músicas lá.

— Isso é muito legal.

É como se a gente estivesse andando por um museu do John Lennon, mas o museu fosse a cidade toda e não houvesse placas nas paredes dizendo por que cada lugar é importante. Mal posso esperar para contar ao meu pai, mas também me sinto bem confusa.

— Como isso vai me ajudar com a música?

Gavin caminha com a ponta dos dedos nos bolsos apertados de seu short rasgado. Quero que minha mãe corte minha calça jeans do mesmo jeito.

— Sempre que estou trabalhando em alguma coisa — explica Gavin —, eu faço muita pesquisa. Quando consegui o papel de Beau Kendricks em *The Long Arm*, o Syd e eu fomos até Louisiana. É de lá que o Beau é. Passei dois dias só andando por lá. Tentando imaginar como ele vivia.

— É isso que a gente está fazendo? Pesquisa?

— Mais ou menos. Achei que podia ajudar você a se distrair um pouco. John Lennon não ficava sentado em casa, compondo o dia inteiro. Ele vivia a vida. Andava por aí. Tomava café. Comprava coisas na farmácia.

— Ele não parava de criar lembranças novas.

— Exatamente.

Paro e penso um pouco.

— Foi por isso que você veio ficar com a gente, não foi?

Ele parece confuso.

— Para se distrair. Foi o que a minha mãe falou.

— Ah — diz Gavin. — Foi.

Continuamos andando. Olho para meus pés na calçada e penso em como essa lembrança vai ser gostosa de lembrar depois. Mas percebo que os pés do Gavin não estão mais ali. Estavam do lado dos meus um segundo antes e agora sumiram. Paro, me viro e vou até onde Gavin está. Ele indica um prédio do outro lado da rua com a cabeça. É enorme e cheio de torres, como um castelo.

— Era ali que o John morava — diz.

O Dakota.

Eu me lembro de quando meu pai me levou ao Strawberry Fields, no Central Park, e me mostrou o mosaico onde se lê IMAGINE. Estava coberto de flores e algumas delas eram miosótis, que também são chamadas de “não-me-esqueças” e é claro que são minhas favoritas. Papai perguntou se eu queria ir até o prédio em que John e a família dele moravam, e eu disse que sim, mas então ele me falou o nome do edifício, Dakota, e mudei de

ideia porque sei tudo sobre o Dakota — foi ali que a pior coisa aconteceu com o John.

Gavin pega minha mão para atravessarmos a rua, mas eu a puxo de volta.

— Não quero ir.

Ele olha para o Dakota e depois para mim. O lugar me deixa meio nervosa, tipo quando a gente passa por uma teia de aranha e fica com a impressão de que ela ainda está presa na nossa pele, apesar de a gente já ter tirado tudo.

— Está bem — diz Gavin, virando-me para outra direção. — Vamos visitar Strawberry Fields então.

Fico parada na esquina e olho para uma rua diferente, onde a cidade desaparece de repente. Também conheço esse lugar. É o Central Park. Não quero magoar o Gavin porque ele está sendo muito legal, mas também não quero ir ao Central Park.

— É uma das lembranças do meu pai. Não quero ir até lá sem ele.

Por alguns segundos, o Gavin me lança um olhar de rockstar, um daqueles em que os olhos encaram o nada e parece que a pessoa está pensando em alguma coisa importante. É o melhor olhar de rockstar que já vi ao vivo.

— Eu entendo. O Sydney ficava com ciúme quando eu ia a um café sem ele. O nome do lugar é Proof Bakery e eles têm os melhores croissants de Los Angeles. Crocantes por fora e macios por dentro. A gente passava muitas manhãs de sábado lá juntos.

— Eu queria que ele estivesse aqui com a gente — digo, ainda pensando no meu pai.

— É — responde Gavin.

Agora nós dois estamos mais quietos e eu não queria que isso acontecesse. É que é difícil pensar em música e não pensar no meu pai. Espero que ele goste da minha música.

— Ele vai gostar — diz Gavin.

É aí que percebo que estava falando em voz alta. Não sei direito que parte o Gavin ouviu, mas a covinha na bochecha dele me mostra que, o que quer que eu tenha dito, foi a coisa certa.

Agora estamos virados para uma direção totalmente diferente, olhando para uma rua agitada com carros seguindo nas duas direções, mas, antes que a gente possa dar um passo, alguém nos interrompe.

— Com licença — diz uma senhora de óculos escuros vermelhos.

Ela está parada com outra senhora, que segura o que parece ser um mapa, uma coisa que temos na sala de aula, mas que quase nunca vejo em outros lugares porque todo mundo tem mapas no celular.

Acho que as duas estão perdidas, mas então elas fazem uma pergunta que não tem nada a ver com ruas. É uma pergunta que me deixa animada e com inveja ao mesmo tempo.

A senhora baixa os óculos escuros para ver melhor e fala:

— Você é Gavin Winters?

* * *

Achamos uma mesa vazia na pizzaria e eu pergunto:

— Era aqui que o John comia?

— Saímos do roteiro — diz Gavin. — Vamos parar para almoçar.

— Mas eu não como pizza.

— Eu sei. Sua mãe me disse. Ela também disse que você nunca experimentou. Já volto.

Eu grito:

— Espera!

Mas ele já está conversando com o cara que segura uma enorme pá de madeira.

As duas senhoras que nos abordaram na rua queriam uma foto com o Gavin, então eu tirei a fotografia com o celular da que nos abordou. O Gavin pôs os braços em volta das duas e os ombros delas se encaixaram nas axilas dele. Olhei a foto antes de devolver o telefone e vi que era muito fácil dizer qual das três pessoas era famosa. Espero que um dia eu chame atenção assim em uma foto. Espero que senhoras saibam meu nome e me parem quando eu estiver andando na rua. Vou ser muito legal com elas, igual o Gavin foi.

Ele volta trazendo uma bandeja. Vejo três fatias de pizza e duas bebidas.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Você está na cidade certa para experimentar pizza. — Gavin tira os óculos escuros e os coloca na mesa. — Pronta?

Olho para baixo.

— Só uma mordida — diz ele. — Lembre que, quanto mais coisas experimentar, mais vai ter sobre o que compor.

Não sei como dar uma mordida em uma fatia de pizza vai fazer com que eu vire o John Lennon, mas não quero decepcionar o Gavin. Ergo a fatia com as mãos e a levo à boca. Gavin está me observando, então dou uma mordidinha de nada. Não é tão ruim quanto achei. Mesmo assim, não é boa. Odeio queijo e tem muito molho. Balanço a cabeça.

— Bom, você tentou — diz Gavin. — É isso que importa. Estou orgulhoso. Vamos parar em outro lugar depois e comprar alguma coisa para você comer.

— Tudo bem. Não estou com fome — respondo, bebendo água para tirar o gosto de queijo da boca.

Olho para o outro lado da mesa e acho que Gavin quer beijar a fatia de pizza.

— Você não sabe o que está perdendo... — diz Gavin, dando uma bela mordida. — Nossa, faz tanto tempo que não como uma pizza decente. A gente não tem isso em Los Angeles.

— Não tem pizza em Los Angeles?

— Tem, mas não como essa. Você tem uma cidade incrível no seu quintal. Tem que aproveitar. Não dá nem para chamar um táxi em Los Angeles.

Ele para de falar para comer mais pizza. Está cantarolando quando termina a primeira fatia e limpa a boca com um guardanapo.

— Tem a ver com a sua memória? — pergunta Gavin. — Você não gostar de certas comidas?

Bebo um pouco mais de água.

— Com algumas comidas, tem. Tipo banana, que eu experimentei pela primeira vez quando tive uma dor de estômago muito forte e agora não quero comer nunca mais. Mas outras... têm uma cara ou um cheiro que eu não gosto.

— Acho que eu também era chato para comer quando pequeno.

— Você não lembra?

Gavin mastiga.

— Não lembro quase nada da minha infância. Só as coisas muito importantes ficaram.

— Quais são as coisas muito importantes?

Ele olha para o jogo americano de papel, que tem um mapa da Itália.

— Meu pai se foi quando eu tinha dez anos, mais ou menos a sua idade. Isso foi muito importante. Minha irmã era um bebezinho. Ela nunca teve pai, só mãe. E eu.

Ele para por um segundo, como se não soubesse se devia dar outra mordida na pizza ou continuar falando.

Ando bem chateada por meu pai ter que sair de casa toda manhã e por eu só conseguir vê-lo à noite e no fim de semana, mas acho que é melhor do que a situação do Gavin e da irmã dele.

— Para onde seu pai foi?

— Desculpe. Eu não expliquei direito. Ele não foi a lugar nenhum. Ele sofreu um acidente. Um caminhão bateu no carro dele e...

— Ah, não... — digo e, quando falo, penso em como seria perfeito para colocar na música e fazer o Gavin chorar, mas me sinto mal por pensar isso. Eu deveria mudar de assunto, uma coisa que a gente tem que fazer quando o assunto não é divertido. — Bom — falo, e é uma boa palavra para mudar de assunto —, como é ser famoso?

Ele ri, mas não parece uma risada de verdade.

— Eu não diria que sou famoso.

— Eu diria. Você aparece na TV e no jornal e as pessoas querem tirar fotos com você.

— Só porque eu banquei o idiota.

— Você está falando de quando causou o incêndio e apareceu na TV de cueca?

Ele deixa a borda da pizza na mesa.

— É, é disso que estou falando.

Ele tenta tirar um guardanapo do suporte, mas, em vez de um, saem vários. Ele desiste e larga o maço todo na mesa.

Pego um guardanapo para ele.

— Obrigado. — Ele o dobra em um triângulo. — Pela minha experiência, ser famoso é uma merda. Desculpe. Um saco.

— Eu posso falar *merda*.

— Uma coisa é chamar atenção pelo trabalho que já fiz. Quem não gosta disso? Mas prefiro não ser conhecido como o cara de cueca que causa incêndios.

— Eu nem sabia que você aparecia na TV até ver você no jornal. É uma série para adultos e passa depois da minha hora de dormir. Foi legal ver seu nome escrito na parte de baixo da tela. Foi a primeira vez que eu vi.

Ele aponta para o meu prato.

— Você vai comer isso?

Passo o prato para ele.

— Então você está dizendo que eu não deveria me importar tanto com a maneira como as pessoas ficaram sabendo do meu trabalho? Que eu devia ficar feliz simplesmente por elas terem ficado sabendo? — pergunta ele.

Não sei direito do que ele está falando, mas faço que sim com a cabeça.

— Você parece meu agente — diz Gavin.

— Obrigada — respondo, porque o agente do Gavin deve ser inteligente, ou o Gavin não estaria trabalhando com ele. — Você fica nervoso quando aparece na TV e todo mundo está olhando para você?

— Fico. Mas é um nervoso bom.

— Acho que nunca senti um nervoso bom.

— É mesmo? Eu adoro essa sensação.

Eu gostaria de saber como é um nervoso bom, porque o único que já senti foi o ruim.

— Obrigada por me trazer para fazer esse passeio. Mal posso esperar para voltar para casa e ver se consigo deixar a música melhor agora.

— Ah, eu ia falar com você. O seu refrão ficou grudado na minha cabeça desde que você tocou.

Bato palmas apenas uma vez.

— Que incrível! Quer dizer que ele emocionou você!

— A questão é que não consigo lembrar a letra.

Estou percebendo que, quando diz alguma coisa legal, o Gavin sempre completa a frase com outra ruim. Acho que, daqui em diante, preciso ouvir a primeira coisa que ele diz e depois sair correndo.

— Sei que tinha a palavra *lembrança* — diz Gavin —, mas não sei onde. Você precisa de alguma coisa que faça a gente ficar com ela na cabeça. Tipo a música do Jay-Z, “Ninety-Nine Problems”. Ele não tem *um monte* de problemas. Tem noventa e nove. É isso que torna a música memorável.

Memorável é uma palavra difícil de entender. Tudo parece memorável para mim. Como vou saber o que é memorável para o resto das pessoas? Quero deitar a cabeça na mesa porque estou me sentindo cansada, mas o tempo está grudando demais.

— O que a gente vai fazer agora?

Acho que fiz aquilo de novo, disse a coisa errada, porque o Gavin aperta bem os lábios, larga a fatia de pizza pela metade no prato e joga o

guardanapo sujo em cima dela.

— Tem mais um lugar aonde quero ir.

14

Esperamos a corretora na Rua Thompson. O nome dela é Claire. Depois de conversar com Paige ontem à noite, mandei um e-mail para a corretora de Syd em Los Angeles, que me escreveu de volta hoje de manhã e me deu o endereço do escritório de Claire em Nova York.

— Você está nervoso? — pergunta Joan.

— Não. Por quê?

— Você está batendo o pé bem rápido.

Olho para baixo. Joan está certa. Respiro fundo para me controlar. É o momento perfeito, já que Claire está vindo, os saltos batendo na calçada. Ela estende a mão bem antes de realmente chegar até nós.

— Claire — diz.

— Gavin.

— Prazer. — Ela aponta para Joan. — E quem é essa?

— Meu nome é Joan Lennon.

— É um prazer, Joan.

Claire olha para mim em busca de mais explicações, mas não dou nenhuma. Só abro um sorriso largo.

Entramos no prédio com ela. Quando nos falamos por telefone mais cedo, Claire confirmou que tinha mostrado uma propriedade em Manhattan a Syd. Não esta exatamente — a que eles visitaram já foi vendida —, mas uma parecida e no mesmo bairro. Além disso, não foi em janeiro, como Paige sugeriu, mas em fevereiro. Esta é a primeira prova que consegui de que Sydney realmente viajou para Nova York uma segunda vez este ano.

Claire indica o porteiro, menciona uma academia. Ela continua elogiando o lugar, mas volto a perder palavras, distraído demais pelas possíveis revelações que virão. Chegamos ao elevador e subimos.

— Como ele está? — pergunta Claire, nossos três corpos perto demais uns dos outros.

— Quem?

— O Sr. Brennett.

Não falei sobre isso ao telefone, não havia por quê. Apenas perguntei a Claire se ela podia me mostrar mais imóveis parecidos com os que havia mostrado a Sydney. Agora estamos cara a cara, a centímetros de distância, e tenho uma menininha olhando para mim, esperando uma resposta.

Pego a mão de Joan e aperto um pouquinho.

— Ele está ótimo.

Claire sorri.

As portas do elevador se abrem e Claire nos leva até o apartamento do canto. Ela nos dá todas as informações: metragem, vista para o rio, quartos, banheiros, serviços, acabamentos. Mas Claire está gastando saliva à toa. Não vou comprar nada.

Ela nos leva ao primeiro dos dois quartos e, pedindo licença, sai para atender um telefonema. Joan tem que ir ao banheiro, então eu a mando para a suíte.

Sozinho no quarto principal, sento-me na cama queen size. Temos uma dessas em casa. Eu queria comprar uma king size, mas Syd não quis. Ele brincava que nunca mais íamos nos ver.

São necessárias muita procura e muita sorte para encontrar um parceiro que valha a nossa cama. O sono é precioso, e um parceiro toma metade do seu espaço. Eles puxam o cobertor, roncam... Mas aí você se apaixona e alegremente convida alguém para se juntar a você. Com o tempo, seu sono não é mais seu. Os dois estabelecem uma rotina em comum. Anos se passam e você mal se lembra do valor que dava a uma cama vazia. Até que um dia seu parceiro viaja a negócios e a cama volta a ser toda sua. Você se esparrama. Quando o travesseiro fica suado, você troca pelo outro. E dorme profundamente naquela noite. Mas a segunda noite chega e é mais difícil ficar em paz. O equilíbrio da cama está errado. Você não consegue deixar o quarto com a temperatura certa. Nada do que você faça conserta o problema. É uma cama *para dois*. Seu parceiro volta. Não é um alívio, mas uma retomada do equilíbrio. As coisas voltaram ao normal. Você pede que ele role para o lado, ele está roncando. Parte de você deseja estar sozinho outra vez. Até o dia em que seu parceiro não volta. Você percebe como estava errado por nem sempre ter valorizado a cama que compartilhavam. Você se esqueceu da primeira lição do amor: um pouco de desconforto é um pequeno preço a pagar.

Joan sai do banheiro. Ela percebe que estamos sozinhos e se aproveita disso.

— Por que você mentiu quando falou do Sydney?

Eu conto a verdade:

— Às vezes, é mais fácil mentir.

Não sei se é a lição certa a ensinar a ela, mas o que dizer? Estou fazendo o melhor que posso para lidar com uma situação estranha. Além disso, foi só uma mentirinha. Estou aqui para desvendar as verdadeiras mentiras.

Olho para o quarto em busca de possíveis pistas. Syd nunca esteve neste cômodo, mas esteve em um lugar perto daqui, analisando um espaço parecido. O que ele estava procurando? Se queria algo para nós dois, por que não me avisou?

— Sinto muito — diz Claire ao voltar.

Eu me levanto da cama.

— Bom, este é o quarto principal. — Ela continua com o telefone na mão e aponta com o punho fechado. — Como pode ver, o tamanho é bem generoso. A luz que entra pela janela é maravilhosa. O armário é bem espaçoso para os padrões da cidade. E, claro, é uma suíte.

— É bem legal — diz Joan.

Claire sorri e se vira para mim.

— Tem alguma pergunta?

— Por enquanto, não.

Claire continua a visita e nos leva a um segundo quarto um pouco menor.

— Aqui pode ser um escritório ou talvez o quarto de uma criança. Sei que o Sr. Brennett queria um lugar adequado para uma família.

Ela confere meu rosto, esperando uma confirmação. A charada está ficando mais difícil de adivinhar. Sei que deveria agir como um ator, mas atuar na vida real é diferente.

— Uma pergunta, Claire. Quando você se encontrou com ele, ele mencionou *por que* estava na cidade? De onde estava vindo? Para onde ia depois? Algo assim?

— Acho que não — responde ela, nervosa.

Claramente aquele não era o tipo de pergunta que ela havia imaginado. Ela procura no celular, esperando encontrar respostas nos perfis que cria para os clientes. Quando não funciona, ela balança a cabeça, resoluta.

Olho para Joan, que também parece incomodada. Ninguém consegue descrever nada com a quantidade de detalhes que ela consegue. Se pudesse

levá-la comigo para todos os cantos, eu sempre teria uma imagem completa da vida, e não algo cheio de buracos.

Claire nos leva à cozinha e de volta ao ponto em que a visita começou. Ela ainda está elogiando o apartamento, mas nos cansamos de ouvir. Joan parece absurdamente entediada e eu não sou capaz de atuar por nem mais um segundo.

— Muito obrigado — digo. — Eu entrarei em contato.

— Fico no aguardo — responde Claire. — E, mais uma vez, este apartamento é bem parecido com o que mostrei ao Sr. Brennett. Não sei o que o senhor achou daquele. Às vezes as fotos não fazem jus ao lugar. E, sinceramente, vi as fotos que o fotógrafo dele tirou e não ficaram tão boas quanto as que o meu fez.

Não sei se a ouvi direito.

— Que fotógrafo?

— O que ele trouxe.

Olho para Joan, que parece tão confusa quanto eu, mas por um motivo diferente.

— Você se lembra do nome dele?

— Não, infelizmente não — responde Claire, pegando a chave do apartamento na bolsa. — Na verdade, se me lembro bem, acho que era uma mulher.

* * *

Muito acima de nós, o telhado de vidro de um prédio se mistura com o azul do céu de verão. Mais abaixo, uma dúzia de árvores balançam em elegante harmonia. As vozes que nos cercam se unem em um som ambiente tranquilo. Por um instante, quase consigo me enganar e pensar que o mundo está em paz.

— E aí? Você vai comprar o apartamento? — pergunta Joan.

Ela está deitada na grama do Washington Square Park, mastigando o pretzel macio que comprei para ela em uma barraquinha.

— Não — digo, sentado atrás dela na calçada de concreto.

— Então por que fomos ver o apartamento?

Não sei se estou compartilhando coisas demais da minha vida com essa menina de dez anos. Sempre esqueço que ela é só uma criança, talvez

porque seus pais nunca a tratem como uma. Ou pode ser que o fato de Joan ser uma criança faça com que seja mais fácil conversar com ela. Ao contrário de um adulto, ela está disposta a ouvir sem julgar.

— Syd e eu cogitamos nos mudar para cá — explico. — Ele achava que, se íamos começar uma família, nosso filho devia ficar próximo das avós.

O problema era que eu finalmente tinha conseguido um trabalho fixo em Los Angeles e não estava pronto para voltar à Costa Leste. Nem estava muito pronto para ser pai, apesar de ter concordado com o plano e participado do processo. Ao contrário de Syd, fiquei aliviado quando enfrentamos alguns problemas na jornada para nos tornar pais. Na verdade, parte do atraso foi causada pela minha reticência. Enquanto isso, Syd não parava de se preparar para o dia em que enfim poderíamos começar nossa família.

Não sei o que pensar do fato de ele não ter ido procurar imóveis sozinho. Eu não saberia nem por onde começar minha busca para descobrir quem era a fotógrafa. Syd tinha uma rede enorme de profissionais criativos a quem pedia ajuda: diretores de cinema, compositores, designers.

— Você está muito quieto — diz Joan.

— Desculpe.

— Senta aqui na grama.

Eu me junto a ela no gramado. As folhas fazem cócegas em minhas pernas nuas. Ela quebra um pedaço de pretzel para mim, mas minha barriga está cheia depois de todos os carboidratos que consumi.

— Por que não me conta uma das *suas* lembranças com o Sydney? — pergunta Joan.

E eu estava começando a ficar à vontade...

— Sério? Agora?

— É. Qual é a sua melhor lembrança? A favorita.

Penso nas possibilidades. E penso mais um pouco.

— Não sei — digo. — Acho que é a de uma noite comum, nós dois na cama, assistindo a um programa ruim na TV ou alguma coisa assim. Eu sei que não parece muito, mas, sinceramente, não consigo pensar em outra coisa que eu gostaria de estar fazendo agora.

Ela não está satisfeita.

— Mas e a noite que foi melhor que todas as outras?

Ela está certa. Eu devia saber a resposta. Eu devia ter centenas de respostas. Deveria ser difícil escolher entre as muitas noites geniais que

tivemos, não entendo por que não consigo pensar em nenhuma. Todas as minhas lembranças de Sydney foram absorvidas por uma imensa névoa confusa.

A decepção no rosto de Joan não se compara com a que sinto.

— Desculpe. Vou ter que pensar um pouco.

— Pense.

— Vou pensar — completo, mas não sei se é verdade.

Não sei se aguento pensar mais. Ainda estou tentando descobrir uma maneira de nunca ter que pensar. Ou, pelo menos, de não ter que pensar nele.

15

Não vejo Gavin no dia seguinte. Ele não sobe para o apartamento, nem mesmo para lanchar. Quando desço para ver como ele está, a porta do quarto está fechada e não há luz passando pela fresta. Ele não abre a porta nem quando começo a tocar bem alto.

Minha mãe desce em determinado momento e, a princípio, acho que ela vai me pedir para parar de incomodar o Gavin. Mas, em vez disso, ela me pergunta como está a música. Digo:

— Tudo bem.

Ela pergunta:

— Posso ouvir?

Respondo que não, porque não está pronta.

Então meu pai vem para casa jantar e também me pergunta sobre a música, e eu digo que está ótima, apesar de não estar. Ainda não compus uma música que consiga emocionar meu pai de verdade e fazer com que ele queira pôr no volume máximo para sempre se lembrar de mim.

Isso foi ontem. Agora de manhã ouço uma batida à porta e vejo Gavin parado na entrada do meu quarto, fazendo o sinal com a mão. As asas do melro parecem mais agitadas hoje.

Ele entra no meu quarto e faz carinho na cabeça da minha boneca American Girl (não brinco mais com ela, mas Dorothy ainda faz parte da família). Ele olha para meu armário aberto e vê que sempre ponho meus tênis Converse voltados para o mesmo lado, mas provavelmente não sabe que eu também os arrumo de acordo com a ordem que os ganhei.



Gavin se senta no carpete, entre a cama e a parede. Ele parece grande demais para caber naquele espaço, mas não há outro lugar para se sentar, a não ser na cama comigo. Ele põe a mão dentro da caixa cheia de bichos de pelúcia e saca Wally, minha morsa mais antiga.

— Eu tenho isso desde bebê — digo. — Lembro de quando meu pai me deu, mas não sei a data exata.

Gavin esfrega o polegar na pele do Wally, que ficou cheia de bolinhas com o tempo.

— Você sabia que tem uma morsa de verdade à solta? — pergunto. — Ela fugiu do SeaWorld na Flórida e eu acompanho sua movimentação pela internet. Queria encontrar com ela, para a gente nadar junto no mar.

— Isso pode ser perigoso — diz Gavin.

— Mas também ia ser divertido. Eu gosto de imaginar coisas assim: eu nadando no mar com uma morsa, ou quem sabe...

— Conhecendo um unicórnio?

Não era o que eu ia dizer, mas sorrio mesmo assim porque é uma boa resposta e mostra que ele estava prestando atenção quando contei a lembrança com o Sydney. Gavin olha para o Wally de novo e coloca o bichinho de volta na caixa.

Tenho que perguntar:

— Onde você estava ontem?

— Dormindo, na maior parte do tempo. Ou tentando. — Ele coça o rosto barbado. — Para ser sincero, eu não sabia mais se queria descobrir outras coisas sobre o Sydney. Não sabia se isso estava me fazendo bem. Ainda não sei.

Estou com medo do que pode estar acontecendo agora.

— Você vai desistir?

— Não — responde Gavin, a voz ganhando um tom mais alto. — Não, não vou desistir. Ainda quero ajudar você com a música.

Respiro fundo.

— E ainda quero saber o que você puder me contar sobre o Sydney. — É a vez de Gavin respirar fundo. — Por bem ou por mal, tenho que saber. — Ele se recosta na parede. — Acho que a gente estava em 2010.

Ele está certo, então é nesse ponto que começo.

— Vinte e um de maio foi uma sexta-feira — digo, me ajeitando na cama. — Depois da escola, minha mãe me deixou na aula de violão. Ia ser de graça, só daquela vez. Se eu voltasse, teria que pagar, mas a mamãe

nunca me levou lá de novo porque o professor não era tão bom quanto meu pai. Depois da aula, minha mãe me pegou e o Sydney estava com ela. Eles estavam segurando copos de café com a logo da Modcup na frente. A gente começou a andar pela avenida Palisade. O Sydney disse: “Você está mais alta, Srta. Joan.” Eu não sabia se era verdade porque nunca meço a minha altura e não consigo me ver crescendo. Tentei descobrir o que havia de diferente nele, mas ele estava exatamente igual, tirando uma coisa.

— Que coisa? — pergunta Gavin.

— Ele estava usando uma pulseira nova. A mesma que está no seu pulso agora.

Gavin toca a pulseira para garantir que ainda está ali.

— Nós dois tínhamos uma. Aí o Syd perdeu a dele.

Estou pronta para continuar contando sobre a lembrança de 2010, mas ele não terminou de falar.

— Viajamos para o México. Uma noite, depois do jantar, estávamos caminhando e paramos em uma barraquinha. A mulher estava vendendo pulseiras de couro com pequenos animais gravados. Eram muito feias. Eu brinquei dizendo que a gente devia usar aquilo para afastar outras pessoas. O Syd nunca usava acessórios. Ele odiava a sensação de ter que carregar mais peso. Nem guardava o telefone no bolso. Mas disse que usaria a pulseira por mim. Uma delas tinha uma raposa, e a outra, uma águia.

Com a cabeça apoiada contra a parede e os olhos fechados, Gavin parece estar dormindo, mas sua boca se mexe o suficiente para deixar as palavras escaparem.

— A senhora que vendeu as pulseiras para a gente contou uma história. Disse que a águia era uma águia-real forte o bastante para pegar uma cabra em um penhasco. Ela me deu a águia-real e entregou a raposa ao Syd. Ela disse para ele tomar cuidado comigo.

— E aí a raposa sumiu?

— Sumiu.

— Que estranho — digo. — O que aconteceu?

— Ele deve ter deixado em algum lugar, não sei. Ele sempre tirava a pulseira. Fiquei chateado quando perdeu. Não porque me importasse com ela, mas porque eu gostava de saber que ele tinha que usar. Aquilo fazia com que ele fosse menos perfeito, menos controlado.

— E por que ele acabou usando a sua pulseira?

— Ele ficou dizendo que ia contratar um detetive para ir até o México encontrar a senhora que tinha vendido as pulseiras e comprar outra. Mas, em vez disso, só pegou minha pulseira da águia e jurou que nunca mais ia tirar. Ele usava no banho, na academia, dormia com ela... O troço começou a ficar com um cheiro estranho. Falei que ele já estava liberado, que tinha passado no teste, mas ele se recusou a tirar. E a questão é que ele odiava a pulseira. Tipo, detestava mesmo. Quando as pessoas perguntavam sobre ela, e elas sempre perguntavam, ele dizia o quanto desprezava a pulseira. Ele exagerava, dizia como era feia, o quanto sofria por ter que aguentar aquilo. Fazia isso para que todo mundo soubesse e para que eu soubesse.

— Soubesse o quê?

Ele engole em seco.

— O quanto ele me amava. — Gavin aperta os lábios e balança a cabeça.
— E pensar que eu quase joguei isso no fogo.

Entendo por que ele quis jogar a pulseira de águia na fogueira. Porque aquela pulseira devia ter um azar danado e também porque é estranho ter uma águia no pulso, já que ele devia ser um melro. Mas não entendo o resto.

— Por que você quis queimar as coisas do Sydney?

— Porque dói demais lembrar.

Eu entendo isso muito bem, o que faz com que me sinta muito próxima dele, como se a gente fosse mais do que parceiros na música, como se a gente estivesse no mesmo time de algum outro jeito. Ainda assim, não entendo.

— Então por que você está aqui agora? Por que está conversando comigo?

— Porque esquecer dói ainda mais.

Nunca ouvi ninguém dizer isso. Não sei como é perder uma lembrança, mas acho que já vi algumas pessoas bem chateadas com isso, tipo quando meu pai não consegue lembrar o nome de uma boate em que uma das bandas dele tocou ou quando esquece o nome do pai de outra criança, apesar de eles já terem conversado no parque. Eu vi isso acontecer também com minha avó.

— A vovó Joan começou a esquecer antes de morrer. Ela ficava com o rosto triste o tempo todo. Sempre discutia com o papai e o vovô. Parecia que estava tentando dizer alguma coisa a eles, mas não conseguia pensar na maneira certa de falar e sentia que ninguém entendia.

Gavin dobra as pernas e as abraça.

— Você pensa muito na sua avó, não é?

— Penso, sempre que vejo mãos velhinhas em um piano, cobertores de bebê com furos ou quando alguém diz *patife*. E sempre que vou à casa do meu avô e a porta da frente abre, eu acho que a vovó Joan vai estar parada ali, com os braços abertos, pronta para me dar um abraço apertado, mas isso nunca acontece.

Gavin descansa o queixo no joelho.

— Eu sei o que você quer dizer. Todo lugar que vejo me lembra o Sydney. Quando um guardanapo está dobrado em forma de retângulo, quero fazer um triângulo. Era o que ele faria. Ou quando estou em um restaurante e tem molho de Tabasco na mesa. Normalmente é daquela marca, Avery Island, e o Syd tinha uma amiga chamada Avery. Toda vez que a gente via um vidro de tabasco, eu brincava com ele e dizia: “Olha só quem está aqui.” Ainda falo isso para mim mesmo.

Gavin fecha os olhos por alguns segundos, então levanta a cabeça e diz:

— Vamos continuar?

Sexta-feira, 21 de maio de 2010: Sydney diz que tem que pegar o trem de volta para Nova York, mas primeiro me leva para tomar sorvete. Ele e mamãe não pedem nada porque estão tomando café, e o Sydney me pergunta sobre a aula. Conto que foi chata porque eu já sabia o que o cara estava tentando me ensinar. Sydney me pergunta se estou gostando do sorvete de chocolate e eu digo que está muito bom. Ele quer saber se vou adivinhar o sabor favorito dele e eu respondo que é menta com gotas de chocolate. Ele pergunta como sei disso e eu falo que chutei porque lembro que, quando veio visitar a gente em 2008, ele falou que seu macaron favorito era de menta e eu também me lembro de ele ter mascado chiclete de hortelã na visita de 2009. Então ele me pergunta um monte de coisas sobre as outras visitas dele, tipo sobre o dia em que eu o conheci em 2008, como estava o tempo, que roupa ele estava usando, e eu conto que foi em uma segunda-feira de outubro, que o tempo estava frio e ele usava uma camisa cor de pêssego e sapatos sem cadarço. Então ele fala:

— Isso é incrível. Você é incrível.

Eu agradeço.

Ele diz:

— *Eu sou mais fã do futuro.*

Perguntei:

— *O que é isso?*

Ele respondeu:

— *Gosto de me concentrar no que vai acontecer amanhã. E no dia seguinte. Quero saber no que as coisas vão dar. Prefiro deixar o passado passar.*

Conto a lembrança inteira para Gavin, inclusive o fim, quando minha mãe e eu fomos andando com Sydney até a estação de trem. Sydney fingiu que meu *high five* tinha quebrado sua mão e minha mãe deu um beijo e um abraço nele. Quando termino a história, Gavin fica quieto por um tempo.

— O Syd ficava frustrado comigo por causa disso — diz ele. — Quando não conseguia um papel, eu ficava de mau humor por dias. Mas, quando a equipe dele não conseguia uma campanha, ele simplesmente passava para outra. — Gavin esfrega os olhos como se estivesse acordando de uma soneca. — Seja como for, é um bom verso para a música.

— Qual?

— Deixe o passado passar.

— Você acabou de pensar nisso?

Ele se senta mais reto.

— Bom, foi o Sydney que disse. Mas foi *you* que lembrou.

* * *

Estou dedilhando o violão e Gavin dá voltas em meu minúsculo quarto. Ele segura um pedaço de papel que arrancou do meu diário, coisa que não gosto de fazer, mas Gavin diz que não podemos só esperar que uma ideia apareça, temos que saber quando a ideia finalmente chegou.

Meu braço está cansado de tanto tocar, mas Gavin quer que eu continue mais um pouco. Temos noções diferentes do que *um pouco* significa, porque ele não para de cantarolar e rabiscar o papel. Acho que, para ele, é tipo quando a gente sonha e tem a impressão de que só um minuto se passou, mas na verdade dormiu a noite toda.

— Está bem — diz ele, afinal. Seus olhos estão iluminados e coloridos como os vitrais de uma igreja. — Que tal isso para o refrão?

Ele canta enquanto eu toco:

Eu tento, mas não saio do lugar

Eu corro e sinto que me falta o ar

*Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

*Não entendo o que foi que deu errado
Procuo e você não está em nenhum lado
Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

Ele para de cantar. Paro de tocar e fico toda arrepiada. É isso, era o que a gente estava esperando. Vejo uma coisa, o modo como ele está esperando em silêncio, uma coisa que eu nunca tinha visto, mas que conheço bem porque é igual ao que sinto: ele quer muito que eu goste da letra porque *ele* adorou.

— É sobre o Sydney — digo.

Ele fica um pouco envergonhado.

— Não precisa ser.

Mas não me importo porque nem sempre consigo pensar em coisas interessantes para escrever. Além disso, a letra já era sobre o Sydney quando eu estava escrevendo. Acho que é legal compor uma música sobre alguém que não está mais vivo, como o John Lennon fez com a mãe dele na música “Julia”. E também sinto falta do Sydney depois de passar tanto tempo com ele nas minhas lembranças, quase tanto tempo quanto passei com o Gavin, então parece ótimo.

— Acho que me deixei levar — diz Gavin. — Desculpe. Sei que a música é sua.

— Não. É *nossa*.

Já não sei mais que partes são minhas e quais são do Gavin, e era assim com John Lennon e Paul McCartney quando eles compunham nos Beatles. Meu pai diz que não dá para saber onde um começa e o outro termina porque eles eram tipo um super-herói em vez de duas pessoas normais. Talvez seja por isso que eu goste mais das músicas que eles compuseram juntos do que das que o John compôs sozinho.

— Você devia terminar a letra — sugiro. — Eu cuido da música. Assim vai ficar meio a meio. Eu toco os instrumentos e você canta.

Ele passa a mão no cabelo — porque é muito estiloso ou está com dor de cabeça, não sei direito.

— A letra está saindo de você com muita facilidade — digo. — É mágico. Você já tem o refrão. É a parte mais importante. Agora é só escrever os versos.

Ele me olha por muito tempo.

— Se é o que você quer...

Mas eu percebo que não é isso que ele quer dizer, porque falo a mesma coisa para o meu pai quando ele e eu dividimos as tarefas de casa, e o papai aspira a casa enquanto eu arrumo tudo. Finjo que não me importo se a gente trocar as tarefas, mas, na verdade, estou muito feliz por poder organizar as coisas, porque isso faz muito sentido para mim. Então agora estou achando que talvez o Gavin queira compor essa música tanto quanto eu.

E se as pessoas se lembrarem do nome Joan Lennon porque fiz uma parceria com Gavin Winters, então acho que é igual a alguém começar a assistir à série do Gavin porque ele pôs fogo no quintal. As pessoas podem se lembrar de mim pelo motivo que quiserem, contanto que lembrem, porque eu nunca mais quero me sentir do jeito que me senti quando a vovó Joan se esqueceu de mim. Só quero me sentir segura.

— Mais uma coisa — peço. — Quando a gente mandar nossa música para o concurso, meu nome vai aparecer primeiro. Joan e depois Gavin. Fechado?

Ele aperta minha mão.

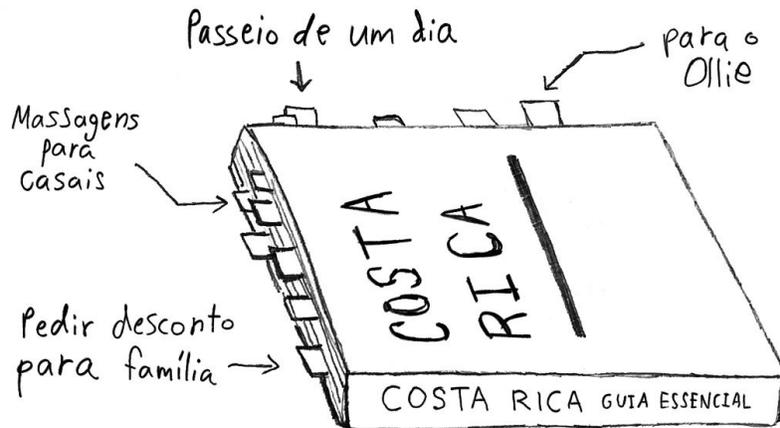
— Por mim, tudo bem.

* * *

Abro a geladeira e dou uma procurada até alguma coisa me animar. Abro o jarro de pickles, pego o mais verde e o enrolo em um guardanapo porque minha mãe odeia quando derramo caldo de pickles no chão.

O livro da mamãe está na mesa da cozinha. Parece um dos livros dela de escola, porque tem post-its amarelos saindo da parte de cima, mas é outra coisa:

Anotações da mamãe para as férias



Ver o nome do papai acaba com meu bom humor. Só tenho visto meu pai no jantar, e isso me faz querer pegar o livro da mamãe e jogar no triturador.

O telefone começa a tocar e quero que ele pare, então atendo.

— Alô?

— Alô — diz um homem. — É a Sra. Sully?

Decido dizer que é.

— Ah, boa tarde, Sra. Sully. Desculpe incomodá-la. Meu nome é Robert Brickenmeyer. Sou neurologista-chefe do Centro de Pesquisas Cognitivas de Hollybrook, aqui em Summit. Somos um dos principais centros de pesquisa em Alzheimer. Como deve imaginar, estou ligando para falar da sua filha, Joan Sully.

— Eu sou a Joan Sully — anuncio.

Não consigo falar mais nada porque minha mãe sai do quarto, pega o telefone e desliga. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo, a pele está rosada e ela usa a legging preta e o tênis de corrida. Ela costumava frequentar uma academia, mas parou porque não fizeram um preço bom para ela. Agora ela se exercita em casa e odeia o fato de meu pai não se exercitar e continuar magro. Ela diz que não é justo.

Eu a sigo pelo corredor até o quarto.

— A ligação era para mim.

— Tenho certeza de que era — diz minha mãe.

— Por que eu não posso falar com eles?

A moça na televisão está paralisada. Minha mãe vai fazê-la se movimentar com o controle remoto, mas precisa de mais alguns segundos para recuperar o fôlego. Ela me responde em uma voz baixinha, a atitude favorita dela quando falo alto demais.

— Você quer falar?

Eu não esperava por isso.

— Talvez a gente devesse *mesmo* marcar um encontro — diz minha mãe, dando de ombros. — Assim eles vão parar de ligar. Se realmente quiser fazer isso, tenho uma lista de pessoas que estão se coçando para conversar com você.

— O homem falou sobre a doença do alemão. Era o que a vovó Joan tinha.

Sei que o nome é Alzheimer, mas meu pai chama de doença do alemão, porque diz que é bom fazer piadas quando a vida fica triste demais.

— É — diz minha mãe. — Foi o que sua avó teve.

Eu queria ter conhecido o Dr. M antes de a vovó Joan começar a esquecer, porque talvez ele pudesse ter achado uma maneira de coletar todas as lembranças dela e pôr no meu cérebro, para eu guardar tudo com cuidado.

— Talvez esse tal de Dr. Roberts ache que eu possa ajudar os velhinhos a lembrarem — digo. — Não seria legal?

Ela me olha por um bom tempo.

— Vamos fazer assim. Anote o nome desse homem e eu ligo para ele. — Minha mãe ajeita o rabo de cavalo e volta ao vídeo. — Aliás, ouvi você e Gavin tocando no quarto hoje. Parece que vocês estão avançando com a música.

Eu a deixo pulando no quarto e minhas pernas me levam lentamente pelo corredor. O sol atravessa as persianas, mas o dia parece nublado para mim. Adoro pensar na minha avó, mas também odeio, porque o que aconteceu no fim da vida dela faz todas as lembranças que tenho com ela serem menos especiais. É como se a gente tivesse tocado em um grande show juntas e, na última música da noite, ela tivesse deixado o palco. Agora tenho que enfrentar a multidão sozinha, e às vezes não me sinto forte o bastante.

Mas não posso desistir, não agora que o Gavin e eu estamos finalmente chegando a algum lugar com a nossa música. Até a mamãe disse isso.

16

A rua está lotada. Homens, mulheres, crianças e cachorros espremidos em oito quadras para uma feira de artesanato.

Paige está com Joan na fila para comprar pipoca. Parece que as duas vão ficar ali por um tempo. Enquanto isso, observo os produtos em oferta, ou finjo fazer isso. Entre os bolinhos de chuva e a pizza no forno a lenha, há todo tipo de artesanato e bugiganga que se pode imaginar. É de deixar qualquer um tonto.

Eu não queria vir. Planejava finalmente começar a ler a avalanche de e-mails que abarrotava minha caixa de entrada. Meu agente quer que eu dê uma entrevista sobre o incêndio. Minha mãe não para de perguntar quando vou visitá-la. O primo de Sydney quer que eu ajude a criar o Fundo Sydney Brennett para famílias que perdem os entes queridos para infartos fulminantes.

Mas Joan me convenceu a vir com ela e a mãe. Disse que, se eu quisesse escrever uma boa letra, tinha que continuar a ter novas experiências. Criança esperta. Mais uma vez, ela me convenceu a fazer uma coisa que eu não queria. Primeiro, estou enfrentando Sydney de peito aberto, acolhendo as lembranças dele depois de jurar querer escapar delas. Agora estou escrevendo letras de música, algo que não faço há quase vinte anos. Para piorar, escrevendo sobre as coisas que eu estava tentando *esquecer*.

Passo por barraquinhas de todo tipo, analisando os produtos de longe, tomando cuidado para não fazer contato visual com os artistas. Eu me sinto culpado por não comprar as coisas deles.

Por fim, uma tenda me intriga. Sou particularmente atraído pelo quadro de uma mulher surfando. O mar foi criado a partir de pinceladas aleatórias. Já a mulher e a prancha são ultraprecisas, inclusive as finas mechas de cabelo. Não sei dizer se é o estilo do artista que é familiar ou se é o sentimento que ele evoca. Seja como for, acho que seria um bom presente para minha irmã.

Em uma mesa abaixo do quadro da surfista, há uma caixa de gravuras, com versões menores dos trabalhos pendurados na barraca. Então me pergunto se o quadro pesado não é ambicioso demais. Decido procurar uma versão de 20 × 25 centímetros. Folheio as gravuras até achar uma cópia do quadro da surfista.

— Custa vinte e cinco cada um — diz uma voz. — Os cartões-postais custam cinco.

É uma menina. Na verdade, uma moça. Deve ter a idade da minha irmã, vinte e poucos anos. Mas há algo de mais velho nos olhos dela, como se ela soubesse mais do que sua idade sugere.

— Gavin?

Fui reconhecido. Desde que meu vídeo apareceu no jornal e nos programas de fofoca, posso jurar que as pessoas começaram a me olhar de um jeito estranho.

— Desculpe — diz ela. — Você não me conhece. Eu conhecia o Sydney.

Tiro os óculos escuros e volto a olhar para o quadro da surfista. As pontas soltas começam a se unir.

— A gente tinha um dos seus quadros na nossa casa — falo. — O da floresta.

As árvores eram uma massa bagunçada de verde que se erguia em uma noite estrelada. Ao mesmo tempo, a lua tinha sido pintada com um realismo extremo. Era uma obra dramática. A palavra-chave é *era*. Pus fogo nela.

— Mara — apresenta-se ela, estendendo a mão. — É um prazer conhecer você.

— O prazer é meu.

Artistas de todos os tipos tinham comparecido ao enterro de Syd, mas muitos eu não conhecia. Syd havia divulgado o trabalho deles, alimentado sua criatividade, e eles haviam aparecido para demonstrar gratidão.

Aponto para a gravura da surfista.

— Eu queria levar este para minha irmã.

— Legal — diz Mara. — Ela surfa?

— Acho que não. Mas adora uma praia.

Ela sorri.

— É muito carinhoso da sua parte.

Olho outra vez para a caixa de cartões.

— Você tem algum cartão-postal do quadro da floresta?

Syd adorava aquele quadro, que ficava em um lugar proeminente da nossa casa. Ele tinha levado vários anos para encontrar algo que merecesse ficar naquela parede central.

Mara folheia os cartões, vasculhando, aparentemente sem sorte. Então, no fim, ela acha. Estende a mão e pega o cartão embrulhado em plástico.

— Por conta da casa — diz ela, hesitando antes de acrescentar: — Sinto muito pelo que aconteceu. Eu não conhecia bem o Sydney, mas ele foi muito importante para mim. De um jeito estranho, ele me fez perceber que sou capaz.

Conheço essa sensação. Como é estranho compartilhá-la com uma desconhecida hoje, neste lugar aleatório. E quase que eu não venho. Syd diria que era para ser.

* * *

Digo a Paige e Joan que encontro com elas depois. Ando para leste até chegar ao rio Hudson e olho a paisagem, apoiando uma das mãos no guarda-corpo. Abaixo de mim, a água escura bate contra a base de concreto.

Na outra mão, tenho as duas gravuras: a da minha irmã e a cópia do quadro que eu e Syd tínhamos. Pus fogo no quadro e, de alguma forma, ele voltou para mim. De início, pareceu um golpe de sorte incrível. Mas, logo depois, quando Paige e Joan voltaram com o enorme saco de pipoca, fui tomado por um desespero incontornável. O quadro que estava em nossa casa não me fora devolvido. Eu só tinha uma cópia menor e mais barata do objeto real. O mesmo pode ser dito sobre as lembranças de Joan com Syd. Elas podem trazê-lo para mais perto de mim, mas nunca vão realmente trazê-lo de volta.

E isso me deixa ainda mais frustrado por não ter controle total sobre minhas experiências passadas, como Joan tem. Ela pediu para eu contar minha lembrança favorita com Syd e eu não consegui. Claro que tenho lembranças que se destacam. A vez que ele pôs molho de pimenta demais no *pho* e começou a suar até pingar e eu não consegui parar de rir. Ou a vez que viajamos para o lago Salton e nos hospedamos em um hotel vagabundo de beira de estrada, onde encontramos um buraco estranho na janela, do tamanho de uma bala. Dormimos mais abraçados do que nunca naquela noite. Ou a vez que nós dois choramos no mesmo momento, vendo a Sigur

Rós tocar no Hollywood Forever Cemetery. Ou quando fiquei gripado e Syd tirou o dia de folga para ficar na cama comigo, com o laptop no colo, enquanto eu assistia a uma maratona de dez horas de *House Hunters*.

Sei que há centenas de lembranças melhores que estou esquecendo. Eu não estava prestando atenção suficiente quando elas aconteceram. Estava ocupado demais vivendo, aproveitando nosso tempo juntos, completamente alheio ao fato de que tudo podia acabar de forma repentina. Agora parece um sonho distante.

E, para completar, de repente tenho dúvidas que nunca tive sobre Sydney. Está bem, ele mentiu para mim, mas por quê? O que ele estava fazendo aqui? O que estava escondendo? Ou será que é possível que tudo tenha sido um engano? Talvez eu nunca saiba a resposta.

Eu me apoio e olho para as águas escuras. Tão tranquilas... Às vezes me pergunto se a escuridão completa seria mais fácil. Quando nos apaixonamos e éramos absolutamente inseparáveis, conversamos sobre o que faríamos se um de nós morresse de repente.

O outro vai se matar, falei.

Combinado, disse ele. A não ser que a gente tenha um filho, claro.

Dou as costas para a água e caminho. Movimentar o corpo ajuda a desbloquear a cabeça. Faz muito tempo que não faço exercício.

Ando mais rápido e o ritmo de meus passos na calçada cria um tipo de música. A estrutura de uma composição maior. Eu a combino com os acordes e a melodia que estão mais frescos em minha cabeça: a música de Joan. Agora faltam apenas alguns versos para completar.

Você já definiu meu futuro.

Enquanto ando, canto para mim mesmo o verso novo. Parece algo verdadeiro, que vale a pena manter. Eu o repito sem parar, como um mantra.

Logo outro aparece:

Não esqueço você, vivo no escuro

Tenho dois versos agora. É um começo.

* * *

— Pegue seu violão — peço.

Joan levanta do sofá num pulo.

— Acho que você estava certa quando sugeriu que eu fosse à feira hoje — digo, segurando um pedaço de papel. — Escrevi outros versos. Ela começa a tocar. Leio o que escrevi, cantando:

*Você chegou, a vida começou
Tudo que vivi antes desmoronou
Agora não sei o que fazer
Certas coisas, nunca vou saber
Eu poderia me fechar em um claustro
Mas ninguém some sem deixar rastro
Você já definiu meu futuro
Não esqueço você, vivo no escuro*

Eu havia esquecido como é bom compor. Combinar palavras com cadências. Folhear o dicionário mental de sinônimos. Capturar a palavra perfeita, aquela com significado e sentimento. Esqueci como cada vogal é cantada de forma diferente, altera a tonalidade e a emoção. Esqueci o quanto a música pode ajudar.

— Só tenho isso — digo.

— Adorei — responde Joan.

— Essa frase está fraca. *Eu poderia me fechar em um claustro*. Está pesada.

— Você quer dizer que não quer mais ficar aqui?

— Estou tentando dizer que, aonde quer que a pessoa vá, ela nunca vai embora de verdade. É igual ao jeito que você vê as pessoas nas suas lembranças. Elas ainda estão aqui, de certa forma. Bom, vou continuar trabalhando nisso.

— Está bem — concorda Joan. — No refrão, sabe a hora em que você fala *Não entendo o que foi que deu errado, procuro e você não está em nenhum lado*? E se você trocar o segundo verso uma vez para *Ao amor me sinto condenado*? Meu pai adora quando um dos versos do refrão é diferente.

— Beleza. Posso fazer isso.

— Além disso, andei pensando muito em uma ponte. Não seria legal uma música que fizesse as pessoas dançarem e chorarem ao mesmo tempo? Uma das músicas favoritas do papai é “A Day in the Life”. Ela começa bem

triste e lenta, então na ponte fica rápida, e o John canta sobre acordar e se preparar para pegar o ônibus, e aí a gente fica com vontade de dançar.

— Não é o John. É o Paul.

— Como assim? — pergunta Joan. — A música é do John. Ele leu uma história no jornal e compôs a música.

— É verdade, mas na ponte é o Paul. Ele compôs a parte do meio e é ele que canta. Sabe, seu estilo é mais parecido com o do Paul do que com o do John. O Paul era especialista em melodias, e era ele que fazia os arranjos elaborados, como o de *Sgt. Pepper's* e tal. É igual a você.

Ela estreita os olhos, pronta para atacar.

— Você sabe falar com sotaque britânico?

— Está *brrrincando* comigo? — digo.

— O quê?

— É o meu sotaque britânico.

— Ah. Entendi. Diga “John Lennon” com o sotaque também.

— John Lennon.

— Você ouviu? — pergunta Joan. — Quando você fala com sotaque britânico, parece que está dizendo *Joan Lennon*.

— E daí?

— Eu sou igual ao John! Meu pai quis que meu nome fosse *Joan Lennon*, não *Joan McCartney*. Eu sou a morsa, *I'm the walrus!*

Espero até ela se sentar.

— Você sabe que meu sobrenome é Winters, não sabe? Mas meu nome verdadeiro é Deifendorf.

— Vi isso na sua carteira. O que é Winters?

— Eu inventei.

Muitos atores inventam pseudônimos. Para mim, a questão não era só meu sobrenome ser complicado e difícil de pronunciar. Descobri que eu só era capaz de entrar de verdade nos papéis quando fazia meu passado desaparecer. Mas, claro, era só uma ilusão.

— Escute, você pode ter o nome que quiser — digo —, mas, no fim das contas, você ainda é você. Não dá para fugir disso.

Ela puxa um fio solto da calça e o amarra no dedo.

— E se isso não for verdade?

— Como assim?

— Bom, meu amigo Wyatt disse que eu posso perder a memória se cair de cabeça na Home Depot de novo. Se eu perdesse a memória, então eu não

ia ser mais eu. Seria igual a todo mundo.

Quero rir, mas fica claro que ela não está brincando.

— Escute, as crianças falam coisas muito malucas às vezes. Uma vez falei para minha irmã que uma criatura meio ave, meio homem morava no nosso telhado, e ela ficou com medo de abrir a janela por semanas.

Ela olha para mim e abre um sorriso.

— Eu queria ter um irmão ou uma irmã.

— Seus pais falam em ter outro filho?

— O tempo todo — responde Joan. — Mas isso nunca vai acontecer.

Sinto que tenho que dizer alguma coisa, apesar de não saber se ela vai gostar do que vou falar.

— Ter um filho é uma decisão muito importante. Não é uma coisa que a gente faça de uma hora para a outra. Talvez uma pessoa esteja pronta e a outra precise de mais tempo. E aí, por algum motivo, as coisas não funcionam como a gente planejou.

Olho para ela. Joan está se esforçando para acompanhar, mas a questão é que não é para ela que estou tentando explicar isso.

17

O Centro de Pesquisa Cognitiva de Hollybrook, em Summit, Nova Jersey, não tem nada a ver com a faculdade em que o Dr. M trabalha no Arizona. A faculdade do Arizona é cheia de árvores, tem muito sol e estudantes alegres sentados nos gramados.

Mas hoje, em Nova Jersey, está chovendo muito. O centro de pesquisa é só um prédio de tijolinhos com um estacionamento em volta. Não tem árvores, só postes telefônicos e fios para todos os cantos.

Dentro do centro é ainda mais sombrio. O consultório do Dr. M tinha várias coisas interessantes para ver, tipo um cérebro de resina e uma bolinha prateada que nunca parava de balançar, mas nesta sala só tem uma mesa, cadeiras e nada nas paredes. Minha mãe pode ficar comigo, mas tem que se manter em silêncio durante os exames.

Enquanto esperamos o médico chegar, eu jogo no meu Nintendo DS, mas estou nervosa demais para prestar atenção. A gente só está aqui por minha causa. Depois que minha mãe viu que eu tinha atendido o telefone e que eu falei que queria ajudar os velhinhos a lembrarem, ela marcou a consulta.

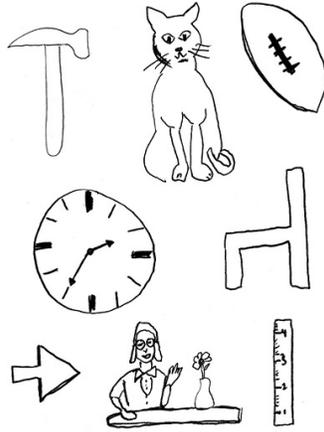
Estendo a mão para ela. Ela a pega.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Estou aqui.

* * *

O Dr. Robert Brickenmeyer é um homem magro com um penteado idiota. Ele põe um gravador na mesa entre nós, mas não é nada chique, não parece com as coisas do papai. Imagino que os médicos não se importem se o som vai ficar bom ou não no final.

O Dr. Robert pede que minha mãe não diga nada e me mostra uma imagem.



Então ele cobre a imagem e me faz perguntas:

Que horas o relógio marcava?

- 3h25
- 2h35
- 1h45

O que estava bem acima da régua?

- cadeira
- gato
- bola

Que mão a professora estava mostrando?

- direita
- esquerda
- nenhuma

É um teste bem difícil porque eu estava ocupada demais olhando para o gatinho fofo, mas tento acertar as perguntas mesmo assim. Então o Dr. Robert lê oito pares de palavras para mim:

carro — poça
raposa — melão
computador — cobra
diamante — chocolate
skate — gorila

guarda-chuva — milho
borboleta — plástico
professor — cinto

O Dr. Robert diz *computador* e eu tenho que lembrar que ele combina com *cobra*. Esses testes são iguaizinhos aos que o Dr. M fez, até ele perceber que minha memória não funciona assim.

Então o Dr. Robert pega um iPad e passa um vídeo. Parece um programa de TV. Tem um homem e uma mulher sentados em um sofá, então alguém bate à porta. O homem se levanta para atender e é outro homem. O primeiro homem deixa o segundo entrar na casa e os dois se sentam no sofá, enquanto a moça entra e sai da cozinha. Por fim, o vídeo acaba.

— Certo — diz o Dr. Roberts. Ele penteia o cabelo para o lado, apesar de os fios já estarem cobrindo tudo que podem. — A primeira pergunta é: que revista estava na mesa de centro em frente ao sofá?

Revista? Que revista?

— Não vi revista nenhuma.

O médico assente e faz mais perguntas, tipo quantas xícaras a mulher estava segurando quando voltou da cozinha.

Eu respondo todas elas, e o Dr. Robert passa o vídeo de novo e vejo que errei todas. A revista que nem notei era a *People* e, apesar de eu ter chutado que a moça estava com duas xícaras, ela na verdade não estava com nenhuma. Estava segurando um prato.

— Isso não é justo — digo. — Você me enganou.

— Faz parte do teste.

Eu me viro para minha mãe e ela sorri. Aquilo ajuda, mas me sinto uma idiota porque não é assim que minha memória funciona.

— Por favor, vire-se para a frente, Joan.

— Eu não me lembro de coisas assim.

— Bom, essa é a questão — diz Dr. Robert. — Não sabemos como a sua cabeça funciona. Queremos descobrir justamente isso.

— Mas eu já fiz esses testes com o Dr. M. Não quero fazer de novo.

— Você está indo muito bem — diz ele, mas fala como se fosse um robô, e eu não gosto de robôs.

— Quero ir para casa. — Eu me viro. — Mãe.

Ela me encara até ver algo, então se levanta e põe a bolsa no ombro.

— Com licença — diz o Dr. Robert.

— Sinto muito — responde minha mãe. — Ela mudou de ideia.

Eu corro para ela, o Dr. Robert se levanta, dá a volta na mesa e se ajoelha.

— Se você voltar outro dia, vamos ter que começar tudo de novo. Você não quer fazer isso, quer? Está se saindo muito bem. Depois vai poder entrar em uma máquina grande.

— Eu não vou voltar.

Minha mãe me pega pela mão e saímos do prédio sozinhas.

* * *

Olho pela janela molhada enquanto minha mãe me leva para longe de Hollybrook e fala ao telefone. Deve estar conversando com meu pai, porque ele disse ontem à noite que queria saber como tinha sido.

— Não foi legal — diz minha mãe. — É, ela está bem.

Tentei contar ao Dr. Robert que as coisas têm que acontecer *comigo* e na *minha vida* e que eu tenho que prestar atenção, ou então não vou me lembrar. Pergunte o que meu avô me deu no meu aniversário de quatro anos (um pula-pula). Pergunte em que dia eu aprendi a tocar o Si menor no violão (segunda-feira, 7 de novembro de 2011). Pergunte qual era a cor do prédio em que a vovó Joan foi morar depois que ficou doente (de tijolinhos vermelhos). Pergunte o que o Sydney estava vestindo quando chegou em 27 de outubro de 2008, mas não me pergunte que horas eram porque não uso relógio nem olho para eles.

O carro não está mais em movimento. Estamos estacionadas em um shopping e minha mãe diz:

— Que tal uma vitamina?

Minha mãe escolhe Berry Bananza e eu pego Nectar Nirvana e a gente se senta em frente à loja, sugando tudo pelo canudo. A janela está embaçada, então não dá para ver do lado de fora, mas ali dentro está seco e aconchegante.

Eu gosto dessa loja de vitaminas porque eles têm copos de plástico, que são melhores que os de papel porque dá para ver quanta vitamina ainda tem. Minha mãe diz que o plástico é ruim para os peixes no mar, mas sei que o papel é ruim para as árvores, então acho que é por isso que minha mãe diz

que *não dá para a gente ganhar todas*, o que significa que não existe uma resposta certa.

Depois de beber dois golões de vitamina, eu pergunto:

— Você está brava?

— Não, meu amor, claro que não — responde ela, balançando a cabeça um zilhão de vezes. — A culpa é minha. Eu tinha medo de que isso acontecesse. Era por esse motivo que eu não queria que você fizesse isso.

A única vez que ela me deixou falar da HSAM foi para o Dr. M.

— Então por que você me deixou fazer isso agora?

— Porque você queria ajudar pessoas iguais à sua avó e achei que devia deixar você tentar, pelo menos. — Dá para ver que ela quer falar outra coisa, mas não sabe se deve. — Olhe, você tem uma coisa especial que é sua e eu sei disso. Quando você completar dezoito anos, vai poder fazer o que quiser, mas, por enquanto, é minha tarefa proteger você. As pessoas me ligam pedindo um monte de coisas, e algumas oferecem dinheiro e não me parece certo. Você tem que acreditar que estou tentando fazer o que é melhor para você e para o seu futuro. Nem sempre tomo as decisões certas. Mas estou tentando.

Acho que minha mãe é igual ao Sydney, que era fã do futuro. Ela também gosta do futuro porque adora planejar as coisas antes que elas aconteçam. Será que era por isso que eles eram tão amigos?

— Você sente falta dele? — pergunto.

— De quem?

— Do Sydney.

Ela põe o copo na mesa, apesar de ainda ter muita vitamina. Sei que lembrar dói, como o Gavin diz, mas ele e eu sabemos que *não* lembrar é ainda pior.

— É claro que sinto falta dele — diz minha mãe. — Sinto muita falta dele.

Mas ela não tem chorado nos últimos tempos, não do jeito que chorava quando aconteceu. Se ela começar a esquecer o Sydney, nossa música vai fazer com que se lembre.

— Nossa música é sobre ele. O Gavin está escrevendo a letra.

Ela pensa um pouco.

— Estou feliz por ele estar escrevendo de novo. Eu queria que você tivesse visto seu pai e ele tocando na faculdade. Era incrível.

Fico irritada por minha mãe ter essas lembranças, mas eu não.

— Como está o Gavin? — pergunta ela. — Ele parece bem?

Eu só conheci o Gavin agora, então não sei como ele *deveria* estar.

— Ele era bem tímido no início, e quieto, mas agora não está mais tão assim.

— Não dá nem para imaginar — diz minha mãe. — O Sydney era uma parte importante da minha vida, mas eu só o via uma vez por ano, no máximo. Mas o Gavin...

Minha mãe bufa, como se estivesse soprando as velas de um bolo de aniversário, mas não parece estar se divertindo.

— Por que você e o papai não tiveram outro filho? — pergunto.

Ela se vira para mim.

— De onde saiu isso?

— O Gavin e eu estávamos conversando. Eu falei que queria um irmão ou uma irmã e ele me perguntou se você e o papai queriam ter outro filho.

Minha mãe agora está sentada com as costas eretas.

— E o que você falou para ele?

— Falei que queriam, que vocês falavam nisso, mas que eu não achava que iam ter.

— Ele falou mais alguma coisa? Alguma coisa sobre ser pai?

— Não — respondo, sem saber por que ela está perguntando. Então me lembro. — Bom, a moça em Nova York disse que o Sydney e o Gavin iam começar uma família. É disso que você está falando?

Minha mãe se inclina para mim.

— Que mulher?

— A mulher que mostrou o apartamento para o Gavin.

Ela pega o copo de vitamina, mas não bebe. Na verdade, ela não está fazendo nada agora. Está paralisada.

— Mãe.

Ela me encara, mas é como se não soubesse para onde está olhando. Então ela diz:

— Desculpe. — Aí toma um gole da vitamina bem devagar. — Só acabei de lembrar que tenho que contar uma coisa ao seu pai.

Ela não diz o que é, e tudo bem, porque ela me lembrou que também tenho uma coisa para falar com meu pai quando ele chegar em casa mais tarde. Hoje é quinta-feira, o que significa que só faltam dois dias para o fim de semana. Meu pai disse que ia gravar a música para o concurso no fim de semana. Tenho que garantir que ele não vai se esquecer.

Essa pode ser uma das últimas vezes que vamos gravar no estúdio. Eu me lembro de quando meu pai e eu pegamos vários teclados e usamos os dedos das mãos e dos pés para tocar oito notas Dó diferentes ao mesmo tempo. Quando perguntei por que estávamos fazendo aquilo, ele falou:

— Para ver que som dá.

E me lembro do dia em que ele me ensinou a afinar um tarol apertando e soltando as pequenas chaves metálicas e eu, por acaso, afinei o instrumento tão grave que ele começou a grunhir. Isso me fez rir tanto que engoli meu chiclete.

Minha mãe devia estar ainda mais chateada com o fato de o estúdio fechar, porque tem mais lembranças da música do meu pai do que eu. Ela vê o papai tocar desde a faculdade. Olho para mamãe e ela está paralisada de novo, fazendo uma coisa que eu nunca a vi fazer: um olhar de rockstar. Ela está olhando pela janela, mas não está prestando atenção no que seus olhos veem. Na verdade, está olhando com tanto afinco que parece que se esqueceu de como piscar.

18

Estou mergulhado em um transe digital, respondendo a e-mails e analisando uma série de comentários no Twitter — a maioria elogios, mas alguns alarmantemente venenosos sobre tudo, desde minha incapacidade de atuar até minhas propensões sexuais pecaminosas —, quando Paige escancara a porta.

— Oi — digo, assustado com a intrusão repentina.

— Desculpe — responde ela. — Eu devia ter batido.

Eu não a vi direito ontem. Ela levou Joan a uma consulta médica de manhã e depois para brincar na casa de uma amiga, e as duas ficaram fora até depois do jantar. Sem Paige para cuidar de mim, voltei à minha rotina de solteiro. Acabei comendo comida chinesa na cama enquanto assistia a um filme no celular.

Depois de analisar meu quarto bagunçado, Paige olha nos meus olhos.

— Vá se vestir. Você vai ficar comigo hoje.

* * *

Estamos na rodovia há trinta minutos (a mesma distância teria levado o dobro do tempo na estrada 110). Paige não quer me dizer aonde estamos indo, mas descubro assim que ela pega a saída 9. Estamos indo para a faculdade.

Encontrar uma vaga para estacionar no campus de New Brunswick é ainda mais difícil do que era quinze anos atrás. Descemos a avenida College em direção ao estacionamento que fica em frente ao shopping Voorhees.

Fica evidente pela nossa trajetória e pelo cheiro de fritura que Paige e eu vamos almoçar na Meca gastronômica da Universidade Rutgers, conhecida como “os trailers da gordura”. Trata-se de um conjunto de trailers estacionados que servem exatamente o tipo de coisa que se espera: pratos

que costumam ser devorados por estudantes bêbados às duas da manhã. Hoje eles serão consumidos por nós em uma hora vergonhosamente adulta, onze e meia da manhã.

— Não acredito que essas coisas ainda existam — digo, salivando.

— Sonho com esse dia há tanto tempo... — afirma Paige, quase babando.

— Você nunca voltou?

— Não — responde Paige. — É a primeira vez desde que nos formamos.

— Sei exatamente o que vou comer.

Ela se vira para mim, louca de fome.

— Eu também.

Nós nos sentamos na calçada com nossos sanduíches enormes, como fazíamos tantos anos atrás. Um Fat Darrell para mim e um Fat Sal para ela. Não há dúvida: vamos passar mal se comermos esses sanduíches inteiros. Mas *com certeza* vamos comê-los.

— Que ideia genial — digo.

Ela assente, orgulhosa.

— Obrigada.

Os alunos dos cursos de verão passam, parecendo jovens demais para frequentarem a faculdade. Paige e eu os seguimos com o olhar, inspecionando suas roupas e seus gestos.

— Todo mundo sempre diz que a faculdade é a melhor época da vida — lembra Paige. — Olhe só essa garotada. Será que é verdade?

Paro de fingir que tenho educação e falo com a boca cheia.

— Não foi verdade para mim. Mas imagino que seja diferente para você.

— Por quê?

Limpo o rosto com um guardanapo fino demais.

— Porque você conheceu o Ollie aqui.

Ela baixa o sanduíche e termina de mastigar.

— É. Mesmo assim, eu não ia querer voltar para aquela época. Meus amigos falam como se quisessem voltar no mesmo segundo, mas se esquecem de que a gente era pobre, não tinha nada e não *sabia* de nada. Eu já fui assim. Estou pronta para ser adulta.

Ela morde o sanduíche e olha para o outro lado da rua, para os alunos no gramado. Fica claro que há uma diferença entre o que eu vejo quando olho para Paige e o que ela vê no espelho. Mesmo na faculdade, ela parecia muito mais madura do que todos nós. Sempre concentrada e responsável,

com notas máximas em todas as matérias, de algum modo capaz de tomar boas decisões mesmo quando estava bêbada, enrolando a língua. E agora ela é casada, proprietária de uma casa, tem uma filha e uma boa carreira. Se ela não é adulta, quem é?

Além disso, é um comentário muito estranho para ela fazer sentada em uma calçada, com uma presilha de menina no cabelo e a boca cheia de um sanduíche de cinco dólares recheado com nuggets, muçarela empanada e batata frita enquanto o resto da sociedade está preso no trabalho. Em outras palavras, enquanto ela está agindo como criança.

Por outro lado, considerando a satisfação no rosto dela, talvez seja isso que ela queira dizer. Ser adulto não é uma questão de idade e responsabilidade. Para Paige, é finalmente poder fazer o que quiser.

— Guarde um pouco de espaço no estômago — diz ela. — Vamos ao Thomas Sweet depois.

* * *

— Esse sorvete de cookie com gotas de chocolate é especial — diz Paige — porque, em vez de jogar algumas bolinhas de massa de cookie no sorvete de baunilha, o sorvete *em si* é de cookie.

Estamos no Thomas Sweet dividindo duas bolas do que Paige afirma ser, sem dúvida, o melhor sorvete do mundo. O que eu supus ser um exagero nostálgico da parte dela se torna mais plausível depois que como a primeira colherada. É bom para caramba.

O fato de não estar com fome não me impede de pôr mais sorvete na colherzinha de plástico. Foi um dia tranquilo de gula até agora, mas não importa o quanto eu encha o estômago, não consigo preencher o vazio dentro de mim.

— Você estava certa.

— Sobre o quê? — pergunta Paige.

— O Sydney estava procurando imóveis em Nova York. Mas não em janeiro. Em fevereiro. Encontrei a corretora. Ela mencionou que ele tinha levado uma fotografia.

Ouçó um leve *hummm*. Não sei se é uma resposta para mim ou para o sorvete.

— É tudo que sei até agora — digo, largando a colherzinha na mesa. — Ainda não sei se ele veio mesmo em abril. Nem por que ele me disse que estava trabalhando quando não estava. Nem por que mentiu sobre levar você para jantar no seu aniversário.

Ela assente, engolindo.

— O que você acha que tudo isso significa?

— Obviamente, eu não quero pensar que havia outra pessoa.

Ela põe a colherzinha no guardanapo, ao lado da minha.

— Escute — diz, conferindo se os cantos da boca não estão sujos de cookie. — Você veio até aqui, voltou para casa finalmente, e já vi muitas mudanças em você desde que chegou. Não quero que isso faça você voltar àquele estado. Confie em mim. O que você e o Sydney tinham era verdadeiro, puro e especial. Você nunca teve motivo para suspeitar dele durante todo o tempo que estiveram juntos, não é? Não comece a desconfiar dele agora.

Tudo isso soa justo, lógico e carinhoso. Provavelmente é verdade. Mas não posso mudar o que sinto. As pessoas não mentem porque estão felizes e contentes. Elas mentem porque dizer a verdade é difícil demais. E, apesar de nossa relação parecer forte, acho que até os melhores e mais dedicados casais passam por períodos de dúvida às vezes. Eu deixaria para lá se soubesse que ele tinha me traído uma noite, mas pensar em um relacionamento longo, com várias viagens para cá, era doloroso demais de imaginar.

— Posso perguntar uma coisa? — diz Paige.

Algo no modo como ela fala me diz que a brincadeira acabou.

— Por que demorou tanto para voltar? Quer dizer, a gente era muito próximo na faculdade. Você foi padrinho do nosso casamento. E aí você sumiu, fugiu para a Califórnia, mudou de nome. Por que nunca veio nos visitar?

Eu não esperava ter que lidar com isso agora, mas sabia que o assunto ia surgir um dia.

— Não foi isso. Eu queria vir.

Vejo por sua expressão que vou precisar falar mais. Há uma teimosia no olhar dela que me lembra Joan. De repente sinto muita sede, mas não há água por perto.

— Olhe, eu passei uma época difícil em Los Angeles no início, quando deixei minha irmã e minha mãe aqui e cheguei lá sozinho. Tive que

aprender a tirar algumas ideias da cabeça. Tive que me permitir seguir em frente e não olhar para trás. Não estou dizendo que estava certo. Só que eu precisei fazer isso.

Ela está preparando uma resposta, mas não terminei.

— Então voltei para a formatura da Veronica. Ela era uma menininha quando fui embora e tinha se tornado uma mulher. Minha mãe estava muito mais velha. A culpa por ter ido embora voltou, mas muito maior do que antes. E também foi difícil para elas que eu estivesse de volta só por alguns dias. Eu me lembro de voltar para a Califórnia dizendo a mim mesmo que não devia voltar mais para casa. Era mais fácil assim.

Ela se encolhe ao me ouvir.

— Obrigada.

— Desculpe. Não tinha a ver com vocês. Você sabe disso.

— Mas a sua família visitava você na Califórnia. Você lidava bem com isso, não?

— Por algum motivo, não me afetava da mesma maneira. Tinha alguma coisa a ver com estar na minha casa.

Nova Jersey havia se tornado sinônimo da morte do meu pai e de tudo que havia acontecido depois. Sinto a mesma coisa acontecendo agora com Sydney e a Califórnia. Outra área proibida no meu mapa de traumas.

— Eu queria voltar um dia — digo. — Mas, quanto mais eu esperava, mais difícil ficava.

— Você voltou agora. Está sendo tão ruim assim?

— Não sei. Não. Mas...

— Olha só. Essa história, seja lá o que for que você tenha que esquecer... Não adianta ignorar, porque ela não vai desaparecer. Você precisa lidar com isso um dia. Não tem outro jeito.

Isso me parece estranhamente familiar.

— Você e o Sydney conversavam sobre isso?

— Claro — diz Paige. — Eu queria saber onde você tinha estado esses anos todos. — A expressão dela suaviza. — Não me entenda mal. Estou feliz por você estar aqui, apesar de ter demorado um pouco. Mas não quero mais ver você pondo fogo nas coisas, só isso. — Ela bate no meu braço de brincadeira.

Olho nos olhos dela, impassíveis, mas não cruéis.

— Não ligo para o que você disse. Você já era adulta no dia em que a conheci.

Quis que fosse uma brincadeira, mas ela responde de forma solene.
— Eu sei — diz. — Só não do jeito que eu quero ser.

* * *

Joan me encontra no sofá do estúdio e vê um bloquinho no meu colo.

— São letras de música? — pergunta ela.

Depois de passar a manhã com Paige, tenho sorte por ter algum lugar para extravasar o furacão de emoções que gira dentro de mim.

— Estou tentando — digo, desanimado com o quanto avancei. — Como está sendo seu dia?

Ela toca uma nota grave, sombria, no piano.

— A mãe da Harper levou a gente para ver um filme, mas não consegui me concentrar. Quando acabou, a Harper quis conversar sobre como foi ridículo quando o alienígena apareceu, mas eu nem percebi que tinha um alienígena. Acho que não vi essa parte.

— Não devia ser um filme bom se você não conseguiu se concentrar.

— Não — diz Joan, olhando para as teclas do piano. — Não é isso. Acontece com todos os filmes. Eu vejo alguma coisa que me faz pensar em uma lembrança e aí viajo para outro lugar.

— Acontece comigo também.

Ela desaba ao meu lado.

— Posso ver o que você escreveu até agora?

Agora que a música já tem um formato mais claro, estou mais exigente com o que decido colocar nela. A maior parte das palavras do bloquinho está riscada.

— Não tenho muita coisa para mostrar. Acho que preciso de um pouco de inspiração. Você acha que pode me contar outra lembrança?

— Depois dessa, só tem mais uma.

— Eu sei.

Joan começa a me contar sobre a visita de Sydney em 2012. Ela começa no dia 9 de setembro. Foi um dia antes de ela ver Syd com o terno da Ted Baker.

— A gente estava no pátio — conta Joan. — Meu pai estava de pé em frente à churrasqueira. Ele tinha arrastado os alto-falantes do estúdio pela

porta dos fundos para a gente ouvir música do lado de fora. Não sei quantas pessoas vieram, mas o pátio estava bem cheio.

— O que o Sydney estava fazendo? — pergunto, ansioso para vê-lo de novo.

— O Sydney estava sentado do meu lado à mesa. Ele disse que tinha trazido uma coisa da Califórnia para mim. Pôs a mão no bolso e me fez adivinhar o que tinha na mão. Falei “Doces”, e ele disse “Não”. Aí falei “Brincos”, e ele disse “Não. Vai desistir?”. Então ele abriu a mão e era um saquinho de palhetas de violão, e todas tinham meu nome escrito. Com certeza foi um dos três melhores presentes que já ganhei.

Syd tinha talento para dar presentes. Ele sempre comprava alguma coisa que eu nunca compraria para mim mesmo, adivinhando o que eu não sabia que queria nem precisava. Uma vez tinha sido uma máquina de alto-relevo personalizada. Outra, uma faca de cozinha Santoku.

— Todo mundo estava comendo hambúrguer — continua Joan —, mas o Sydney estava comendo uma coisa com arroz. Eu estava comendo melancia, que minha mãe não tinha servido ainda, mas eu tinha roubado um pedaço da geladeira do andar de baixo quando ela não estava olhando.

— Como ele estava vestido?

Ela o descreve: camiseta de gola V, short, sandália, pulseira de águia. Mas isso é só a superfície. Ela não podia saber que o nosso relacionamento tinha progredido muito desde que ela havia visto Sydney em 2010. Tínhamos saído do apartamento de Sydney em West Hollywood e comprado uma casa juntos em Los Feliz. Isso era ser adulto. Era a coisa mais adulta que eu havia feito e também uma das mais assustadoras. Era um compromisso tão grande, para mim, quanto me casar. Ainda não tínhamos uma cama, mas estávamos tão animados com a ideia de nos mudar para nossa casa nova que dormíamos em cobertores no piso de madeira. Talvez essa seja minha lembrança favorita.

— A música que saía pelos alto-falantes mudou — diz Joan —, e eu percebi que meu pai havia colocado uma música que a gente tinha gravado na semana anterior. Fiquei vermelha, mas também muito animada porque todo mundo estava ouvindo. Ninguém cantava a nossa música, então ninguém sabia de quem era, mas meu pai piscou para mim e acho que o Sydney viu, porque falou: “Você deve gostar muito dessa música.” Falei: “Gosto. É minha. Eu compus com meu pai.” Então, em vez de me dizer o quanto ele gostava da minha música, o Sydney olhou para o papai e disse:

“Você tem um pai muito bom.” Eu falei “Eu sei”, e o Sydney respondeu “Espero que um dia eu seja um bom pai também”. Aí eu disse “Aposto que você vai ser”, e o Sydney completou “Eu queria manter meu sobrenome vivo”. Quando ouvi isso, fiquei muito interessada, porque gosto quando as coisas continuam vivas e nunca morrem. Foi aí que o Sydney me disse que ele era o último Brennett, mas não sei o que isso significa.

Joan espera que eu explique.

— Significa que, se não tivesse um filho, ele seria a última pessoa a nascer na família dele. Não haveria mais ninguém.

Os olhos dela são tomados pela tristeza.

— Isso é horrível.

Para o bem ou para o mal, decido confessar para ela.

— Andei pensando muito em qual é minha lembrança favorita com o Sydney. Tenho muitas ótimas e não consigo escolher apenas uma. Mas sei qual é a de que menos gosto.

Ela parece interessada, então continuo:

— Foi perto do Natal do ano passado. Não consigo lembrar a data exata — admito, quase como um pedido de desculpas. — A gente teve uma briga feia por causa dessa história de filho. Era o grande sonho do Sydney, ter um filho, e ele estava animado para começar o processo. Eu não sabia bem se estava pronto, mas aceitei. Por um tempo.

Joan faz uma pergunta boa e óbvia.

— Como dois homens têm um filho?

— É complicado. Precisamos de uma mãe.

— Quem era a mãe?

— Foi mais ou menos por isso que a gente brigou. A gente contratou uma empresa para nos ajudar nisso e demos os primeiros passos. Tínhamos até uma mãe disposta, alguém que ia carregar o bebê. Só que para fazer um bebê, é preciso ter um óvulo. Existia uma lista de pessoas para a gente escolher, mas o Syd não gostava da ideia, porque não conhecíamos nenhuma daquelas mulheres, e eu concordava. Era frustrante porque aquela ia ser a pessoa responsável por como nosso filho seria em termos de aparência e de *personalidade*. — Vejo pela expressão de Joan que ela não está entendendo nada. — Bom, o Syd queria que fosse uma determinada pessoa e eu não tinha certeza.

— Quem ele queria?

Eu provavelmente já confessei coisas demais para um dia, mas ela ainda está curiosa.

— Minha irmã.

Agora o cérebro dela está fazendo hora extra de verdade.

— Ele queria que sua irmã fosse a mãe do seu filho?

Não sei como explicar, então só respondo:

— Queria.

— Mas você não queria que fosse sua irmã? — pergunta ela, apesar de eu não ter certeza do quanto ela realmente entendeu.

— Não é que eu não quisesse. A coisa toda estava indo rápido demais. Eu só não tinha conseguido perguntar a ela.

Usar os óvulos da minha irmã era o máximo que podíamos fazer para ter um filho que tivesse um pouco de nós dois. Eu sabia que Veronica teria aceitado sem hesitar. Foi exatamente por isso que não perguntei a ela na época. Tudo parecia estar indo rápido demais. Era como se uma noite tivéssemos decidido ter um filho e, no dia seguinte, estivéssemos fazendo um cheque gordo para uma agência, entregando amostras de esperma e escolhendo a barriga de aluguel. Eu não queria acabar com os sonhos de Syd. Só estava tentando pisar no freio por um instante. Eu só precisava de um pouco mais de tempo. Naquele dia, o tempo havia acabado.

No entanto, a culpa não podia cair só em cima de mim.

— O Syd às vezes era muito impaciente — explico. — Quando ele queria uma coisa, não desistia até conseguir. Ele vencia pelo cansaço. Mas a questão é que cada um funciona no próprio ritmo.

Ela parece entender.

— Acho que sou igual ao Sydney, e você é diferente. Você espera até a mágica finalmente acontecer.

Ela estava falando da nossa música. Não foi o que eu quis dizer, mas não significa que ela esteja errada.

— E se as suas boas ideias não vierem rápido? — pergunta Joan. — Não temos muito tempo sobrando. Não esqueça que a gente vai gravar a música *amanhã*.

— Não se preocupe — digo. — Vamos terminar tudo.

Não sei direito se uma abordagem é melhor que a outra. Às vezes me pergunto se Syd tinha uma intuição, reforçada pelo histórico médico complicado de sua família, de que seu tempo era limitado, e se era isso que o fazia ser tão dedicado. Seja qual fosse o caso, uma coisa eu sei: se eu

pudesse voltar e viver aquela noite de dezembro passado de novo, eu faria o que ele queria. Eu deixaria minhas reservas de lado. Concederia o desejo dele.

19

Pulo da cama na manhã seguinte e sigo pelo corredor. Estou prestes a bater à porta do quarto dos meus pais, mas minha mãe aparece atrás de mim e sussurra:

— Ele está dormindo.

Baixo o braço e sigo minha mãe até a cozinha. Ela pega ovos da geladeira e uma lata de feijões da despensa. Tem coentro picado na tábua, o que significa que ela está fazendo o café da manhã favorito do meu pai: *huevos rancheros*.

No computador da sala, entro no site do concurso e clico na página das regras. *As músicas inscritas serão julgadas por originalidade, melodia, composição e letra (caso se aplique).*

Pego meu diário e leio de novo as Dez Regras da Composição de John Lennon. Regra número um: comece logo. Em dez das quarenta músicas que estudei, o John começa a cantar assim que a música começa e, em dezenove delas, ele começa a cantar nos primeiros cinco segundos. Ele quase nunca espera mais de dez segundos.

Regra número dois: repita o título da música. Se o John deu o nome de “Sexy Sadie” à música, isso significa que vamos ouvi-lo dizer *Sexy Sadie* várias vezes (doze) durante a música. Ele adora repetir o título: “Help” (dezesseis vezes), “Julia” (quinze vezes), “Lucy in the Sky with Diamonds” (quinze vezes). O recorde dele é “Power to the People” (trinta e uma vezes).

Então chegamos à regra número três: comece com o refrão. E à regra número seis: a letra não tem que fazer sentido, contanto que soe bem. E à regra número oito: se estiver em dúvida, termine com um fade-out. Agora que estou pensando nisso, vejo que nossa música quebra quase todas as regras do John. Talvez porque ela siga a regra número dez: às vezes as melhores músicas quebram as regras. O melhor exemplo dessa regra é “A Day in the Life”. Mesmo assim, se a gente quiser de verdade, meu pai pode pôr um fade-out na música. Ainda dá tempo.

Falando no meu pai, ele finalmente acordou. Eu o sigo até a cozinha. Ele vê o que minha mãe está preparando e beija a testa dela. Ele me pega também e aperta nós duas, suas duas meninas. Eu me solto e faço uma dancinha na cozinha.

— A gente pode começar?

Meu pai joga água no rosto e seca com um pano de prato, o que é bem nojento.

— Preciso de algumas horas, meu amor.

— Quantas?

— Joan — diz minha mãe, jogando os ovos na frigideira.

Acho que ela quer um pouco do tempo do meu pai também, e tudo bem, mas tem que ser hoje?

Meu pai joga café na máquina e eu me pergunto se deveria tomar café, já que hoje é um dia importante e tenho muito trabalho, mas a verdade é que não preciso de mais energia nem tomo café.

Tenho que sair da cozinha porque o cheiro de ovo está começando a me incomodar.

— Vou ver se o Gavin está acordado.

— Ele saiu — diz minha mãe, balançando a espátula.

— O quê? Aonde ele foi?

— Ele não falou.

— Quando ele vai voltar?

— Não sei — responde minha mãe.

Parece que ela não ia se importar nem um pouco de saber a resposta.

* * *

Meu pai está finalmente aonde deve estar, no estúdio. Todas as lâmpadas estão acesas, a torre do computador zumbe baixinho e meu pai já acertou a cadeira de rodinhas na altura dele. Eu sei que foi meu pai que andou sumido, mas, de certa forma, sinto como se eu tivesse ido embora e acabado de voltar para casa.

Eu me sento em um banco na Sala Silenciosa e meu pai me pede para afinar o violão enquanto ajusta os microfones à minha volta. Estou muito animada por finalmente estar ali com ele, mas vejo a tatuagem da Monkey Finger em seu braço e não consigo deixar de ficar triste.

Monkey Finger é o nome da empresa do meu pai. Ele tirou esse nome de um verso de uma música do John Lennon, “Come Together”. Quando meu pai fechar o estúdio e parar de fazer músicas para a empresa dele, vai doer quando eu olhar para aquela tatuagem. Às vezes lembranças não são uma coisa boa. O Gavin sabe disso também.

Antes de começarmos a gravar, meu pai quer que eu mostre a música para ele. Toco a parte do violão e canto a melodia. Minhas mãos começam a suar porque estou nervosa com o que meu pai vai dizer.

Ele encara o violão por muito tempo depois que termino.

— Desculpe por não ter estado aqui para ajudar você — diz meu pai, como se fosse difícil falar isso.

— Então você não gostou da música?

— Não, meu amor, eu adorei. Estou muito orgulhoso de você.

Depois de muitos dias achando que não estava chegando a lugar algum, é muito bom ouvir isso do meu pai, especialmente porque eu estava com medo de ele ficar chateado por eu ter composto a música com o Gavin e não com ele. Além disso, fui sem ele a um monte de lugares legais em Nova York em que o John Lennon esteve e, normalmente, é ele que me mostra esse tipo de coisa.

— Mas tenho uma sugestão — diz meu pai. — E se você subisse para Dó no refrão em vez de voltar para Mi menor?

Ele pega outro violão da parede e toca a parte nova. Entendo o que ele quer dizer, então copio o movimento dos seus dedos e começo a praticar. Ele põe o fone grande nas orelhas e me pede para continuar tocando. Quando fecha a porta, tudo fica supersilencioso.

Eu queria que o Gavin me visse gravar a parte do violão, mas ele ainda não chegou e estou ficando preocupada. Ele sabe que dia é hoje. Sei que ele estava com dificuldade para terminar a letra e talvez tenha saído para ter mais experiências, mas a gente não tem muito mais tempo, só algumas horas. E se o Gavin decidiu fazer outra coisa hoje porque esqueceu a nossa música? O que vou fazer? Provavelmente vou chorar, meu amor, chorar. Isso é uma música do John Lennon, mas também é uma coisa que posso fazer quando não tenho mais nenhuma ideia.

Meu pai está ao computador agora, mas sou baixinha demais para ver pela janela. A voz dele sai pelo meu fone e parece que tem uma pessoa minúscula vivendo na minha orelha.

— Vamos tentar uma vez?

Já gravei com meu pai muitas vezes, mas é sempre muito legal.

— Vamos lá — digo.

Toco a música uma vez. Meu pai entra na cabine e põe o microfone mais perto do violão. Ele me pede para tocar a música de novo e de novo e de novo. Aí me pede para parar e entrar no estúdio.

Tiro o fone, saio da Sala Silenciosa e ouço meu violão tocando nos alto-falantes.

— Você é muito boa no dedilhado — diz meu pai.

Parece que estou flutuando. Agora sei o que minha mãe quer dizer quando fala que meu pai fica nas nuvens quando grava suas músicas.

— Você quer pôr um baixo? — pergunto.

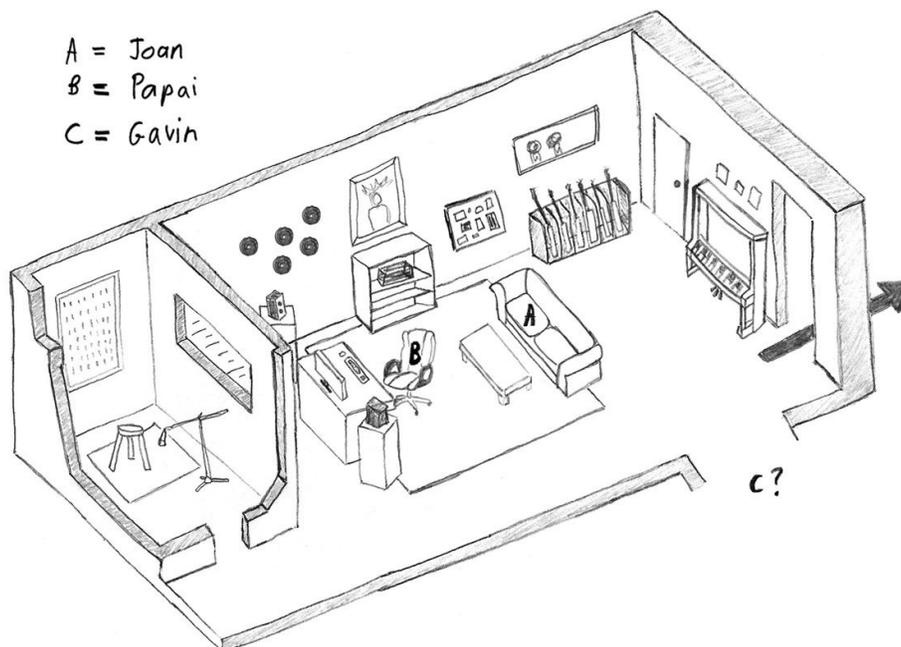
— Claro — responde meu pai. — Assuma o controle.

Tomo o lugar do meu pai na cadeira de rodinhas e começo a gravar para ele. Vejo uma grande barra vermelha se mover pela tela e ondas pretas se formarem quando o baixo do papai segue o meu violão. Ele toca a música algumas vezes e depois me pergunta de que partes eu gostei. Gosto de tudo que ele faz.

Quando termina de gravar o baixo, meu pai pega um pequeno órgão especial. Ele sabe que é o meu favorito por causa do som que faz e também porque não tem tomada nem bateria. Funciona quando a gente sopra em um tubo. Meu pai sopra enquanto eu mantenho pressionadas as teclas correspondentes às cordas do meu violão. Então meu pai toca o tarol e o contratempo, e depois eu chacoalho o chocalho e bato na pandeireta, e meu pai me manda bater no prato toda vez que o refrão toca. A música vai crescendo. Sinto como se estivesse ficando maior também, me esticando, como se meu corpo fosse pequeno demais para conter todo o sentimento que tenho dentro de mim. Acho que eu seria feliz se continuasse aqui embaixo com meu pai para sempre.

Enquanto ele ouve todos os instrumentos de novo e faz tudo soar direitinho, eu me sento no sofá com o diário. Na mesa à minha frente está o livro mais grosso que você poderia imaginar. É muito grosso porque conta todos os segredos de como os Beatles gravavam suas músicas. Meu pai diz que é a Bíblia dele. Dentro do livro, tem desenhos de onde cada Beatle ficava no estúdio da Abbey Road, quando eles gravavam as músicas famosas, porque os Beatles são importantes a este ponto: as pessoas querem saber exatamente onde eles estavam quando faziam sua mágica.

Se a música que a gente está gravando agora fizer o que eu espero que faça, então as pessoas no futuro também vão querer ver um desenho de como a gente gravou e vão querer saber como o estúdio do meu pai era antes de ser fechado. Ponho um pedaço de folha de caderno sobre o livro e traço o contorno de um dos estúdios da Abbey Road. Então transformo o contorno em um desenho do estúdio do meu pai:



Pus todas as coisas importantes: a Sala Silenciosa, a cadeira de rodinhas do meu pai, o rack de violões e guitarras, a seta no corredor que leva ao quarto do Gavin. Pus até meu pai e eu ali. A única coisa que está faltando é o Gavin.

— Ele devia estar aqui — digo.

Meu pai gira a cadeira.

— Escute, meu amor. O Gavin está passando por um período muito difícil agora e, mesmo quando está bem, ele pode ser meio leviano.

— O que é leviano?

— Ele some do mapa às vezes.

— O que ele faz? É leviano ou some do mapa?

— Deixa para lá. Eu só queria que você soubesse que, se ele não aparecer, não é pessoal.

Mas, se ele não aparecer, vai estragar todo o meu plano.

— Pai, o que a gente vai fazer?

— Não se preocupe. Vamos achar uma solução. Eu posso chamar outro cantor. Você não queria que a Christina cantasse sua música? Posso ligar para ela. Tenho certeza de que ela não vai se incomodar.

Meu pai não estaria sorrindo assim se eu tivesse cantado a letra da música em vez de só cantarolar a melodia. Ele perceberia que pedir para outra pessoa cantar é a pior ideia de todas, porque a única pessoa no mundo que pode cantar essa letra é o Gavin. Ele é o único que consegue passar o verdadeiro significado das palavras.

20

— Gavin.

— Oi, mãe.

Ela vem até a varanda e me sufoca em um abraço. No mesmo instante, parado ali, abraçando minha mãe, percebo que estava certo em vir hoje e errado por ter demorado tanto. Supus que ela sempre estaria aqui, esperando eu chegar. Levando em conta tudo o que passei, percebo que nunca há garantia. Tenho sorte de estar abraçando minha mãe agora.

Mas, claro, esse tipo de perspectiva “aproveite a vida” nunca dura muito. Especialmente quando sua mãe toca na sua bochecha sem tentar esconder o desagrado.

— Você está de barba — diz ela.

— E daí?

— Na série você aparece tão bem barbeado.

— Você está assistindo.

— Claro que estou — diz ela. — Tenho um grupo de amigos que vem toda semana ver comigo.

Tenho me esforçado para tentar esquecer o programa. Estou orgulhoso do trabalho que fizemos este ano, mas pensar em minha segunda vida na TV sempre me faz lembrar do vídeo que meu vizinho vazou e da tempestade midiática subsequente, que, ainda bem, só vi de relance. Estou muito feliz porque o programa está finalmente recebendo a atenção que merece, mas eu preferia ter mantido minha imagem intacta no processo. No entanto, acho que minha mãe assistiria mesmo se nada tivesse acontecido.

Ela me recebe na mesma casa de três quartos em que cresci, mas onde não entro há dez anos. Espero que uma melancolia gelada me domine quando entro, mas a única parte avassaladora da experiência é ver como tudo parece normal. Até a nostalgia parece vazia.

Minha mãe vai até a cozinha enquanto fico na sala de estar. Os móveis mudaram, assim como a disposição da sala, mas as fotos continuam as

mesmas. A família toda está ali na parede, todos os Deifendorf, inclusive o falecido patriarca. Ao vê-lo naquelas fotos antigas, sinto que milhares de coisas competem ao mesmo tempo. Vejo um estranho e também um espelho. Sou um adulto sem coração e uma criança de coração partido.

Como muitos pais, ele era quieto. Quando não estava lendo um livro, ficava olhando para o espaço, sempre pensando em algo. No enterro foi um choque ouvir seus alunos falando sobre como meu pai era um orador empolgado em sala de aula. Ele quase não abria a boca em casa e, mesmo assim, conseguiu levar embora grande parte do barulho quando morreu. Ele era a única coisa em que pensávamos, e nenhum de nós sabia como falar dele na época. Nunca aprendi, na verdade.

Minha mãe aparece do meu lado e olha para a parede cheia de fotos. A diferença é que ela está sorrindo. Ela aponta para uma fotografia minha em preto e branco. Eu era pequeno, devia ter uns cinco anos.

— Seu primeiro retrato — diz ela, entregando-me uma bebida gelada.

Sinto o aroma característico e noto as folhas verdes espalhadas pelo copo.

— É hortelã?

— É, da minha horta. Cem por cento orgânica.

Eu não tinha percebido que hortelã era uma coisa importante para Sydney até Joan me dizer. Pelas histórias dela, acho que nem Sydney sabia o quanto ele gravitava em torno da planta.

Nós nos sentamos no sofá. Ela parece ter esquecido que estou de barba. Seu desprezo foi substituído por um sorriso incontrolável.

— Estou tão feliz por você estar aqui.

— Desculpe ter demorado tanto.

Ela afasta a ideia com um gesto.

— Não se preocupe com isso. Sei que você é muito ocupado.

Que bobagem. Se alguém está ocupado aqui, é minha mãe. Ela tem milhares de atividades: um clube do livro, outro de mahjong, voluntariado, dança aeróbica, crochê e jardinagem, além da novidade da lista: reuniões com amigos para assistir à minha série de TV. Tudo isso, além do trabalho como decoradora de interiores.

Essa tendência a se manter constantemente ocupada era algo que, quando criança, eu confundia com indiferença em relação à morte do meu pai. Uma pessoa normal precisa de muito tempo para se recuperar quando o marido morre de repente e a deixa sozinha com dois filhos. Minha mãe,

não. Ela chorou por quarenta e oito horas seguidas, depois decidiu que havia chorado o suficiente para o resto da vida.

— Me diga se estiver com fome — diz ela. — Fiz gaspacho.

— Parece ótimo.

— Também comprei milho fresco. Aposto que você não come milho de Nova Jersey há muito tempo.

— Como muito milho — respondo. — Só não sei de onde vem.

— Você costumava cortar os dentes da espiga e comer com um garfo.

— Não faço mais isso.

— É mais divertido comer direto da espiga, não é?

— É — digo e começo a rir.

Já tivemos essa mesma conversa muitas vezes, sobre o jeito que como milho e que produtos consigo comprar na Califórnia. Sei que, durante o dia, vamos nos repetir muitas vezes. Isso me incomodava antes, mas agora é reconfortante saber que não importa a maneira como minha mãe e eu conversamos — pelo telefone, por vídeo, por mensagem ou ao vivo — nem por quanto tempo ficamos sem nos falar: sempre acabamos conversando sobre as mesmas coisas.

* * *

— Eu era chato para comer quando pequeno? — pergunto.

— Claro — responde minha mãe. — Você sabe disso.

— Eu não sabia direito se era muito fresco.

Estou no segundo prato de gaspacho. Minha mãe fez a refeição completa: fatias de abacate e sour cream para misturar com a sopa e pão rústico para mergulhar nela. Ela se serviu de uma pequena porção e, assim que terminou, pôs o prato sujo na pia.

— Depois de um tempo, desisti e simplesmente deixei você comer o que quisesse — diz ela. — Mas seu pai insistia. Ele fazia você experimentar tudo pelo menos uma vez. Aquele homem tinha muita paciência.

A palavra me impressiona: *paciência*. É um termo melhor para o que estou sempre fazendo: atrasando, procrastinando, esperando que as coisas se ajeitem. Com um pouco de calma e dedicação, uma falha na personalidade se torna uma virtude.

Quando era criança, toda vez que meu pai não respondia prontamente uma pergunta minha, eu supunha que ele não havia me ouvido ou estava me ignorando. Então, depois de muitos minutos de silêncio, ele me dava uma resposta e só então eu percebia que ele tinha ficado pensando aquele tempo todo. Aquelas reações retardadas me frustravam muito. Agora, tenho quase certeza de que faço exatamente a mesma coisa.

— Aliás — diz minha mãe —, o primo do Sydney me mandou um e-mail. Ele quer abrir um fundo. Acho que é uma boa ideia. É um jeito legal de lembrar dele.

Isso me faz pensar em Joan e no fato de ela dizer que músicas são lembranças. Outra maneira de prolongar as lembranças que as pessoas têm de você é morrer e fazer com que alguém dê seu nome a alguma coisa. Mas, claro, é uma opção bem menos gratificante.

— Não entendi. Por que o primo do Syd escreveu para você?

Ela dá de ombros.

— Ele disse que estava tendo dificuldade de entrar em contato com você. Eu encaminhei para o seu e-mail. Leia quando puder. Sem pressa.

Sem pressa. Ou ela está tentando entender o fato de eu ainda estar de luto ou — assim como Sydney, Paige e agora Joan — ela perdeu a confiança na minha capacidade de agir rápido em relação a qualquer coisa. Será que eles não entendem? Estou só sendo paciente.

Mas não posso deixar de voltar à única decisão da minha vida que me envergonho de não ter tomado logo. Em tese, eu queria ser pai, mas, quando Syd e eu começamos a tomar as medidas necessárias para fazer isso se tornar realidade, fui ficando cada vez mais paralisado por dúvidas. Syd achava que eu via a paternidade como algo mais complicado do que devia ser. *Na maior parte do tempo, você só precisa estar presente*, dizia ele. Mas eu sabia que mesmo aquela exigência mínima era mais difícil de cumprir do que parecia. Nem sempre eu *havia estado presente* para a minha família. Na verdade, assim como meu pai, eu havia praticamente sumido.

— Você tem falado com a Veronica? — pergunto.

Minha mãe, incapaz de ficar parada por muito tempo, já está levando minha tigela para a pia.

— Falei com ela há alguns dias. Por quê?

— Mande uma coisa para ela por correio. Só estava curioso para saber se ela já recebeu.

— Por que você mesmo não liga e pergunta?

Sydney sempre me fazia a mesma pergunta. Eu ainda não tinha uma boa resposta.

* * *

Minha mãe quer sair para caminhar, outro hobby dela. Antes de sairmos de casa, ela tem que se equipar com tornozeleiras de peso, uma viseira e um pedômetro de pulso.

— Até onde vamos andar? — pergunto.

— Vamos dar a volta no quarteirão — diz ela.

Não é uma caminhada, é quase uma corrida. Se eu soubesse, não teria comido tanto pão.

Passamos pelas mesmas casas pelas quais eu costumava passar de bicicleta quando criança. Muitas mudaram de cor, algumas foram ampliadas e outras parecem ter sido demolidas e reconstruídas. Minha mãe acena para um casal que não reconheço e anuncia em voz alta que sou filho dela. Todos os antigos vizinhos se mudaram. Absolutamente todos.

— Você nunca quis se mudar, mãe?

— Por quê? Eu gosto daqui.

Mas a pergunta que estou fazendo é um pouco diferente.

— Tipo, depois que o papai morreu.

Ela não para de andar.

— Pensei nisso — diz, arfando. — Mas o que eu ia fazer? — Respira. — Eu tinha dois filhos. — Respira. — Uma era só um bebê. — Respira. — Eu tinha que trabalhar e manter tudo funcionando. Não tinha tempo para me sentar e pensar no assunto. — Respira. Respira. Respira. — Na verdade, foi isso que provavelmente me salvou.

Ainda estou remoendo essas palavras quando damos a volta no quarteirão e vejo nossa casa à frente. Ela não parece sombria como naquela manhã, quando parecia me lembrar de um único acontecimento: a notícia, que chegara por telefone, de que meu pai havia capotado na rodovia. Todos os parentes que eu mal conhecia de repente vieram nos visitar, dar opinião, apoiar, até que as mãos que auxiliavam foram reduzidas a apenas quatro, as minhas e as de minha mãe, mas continuaram cuidando do bebê que logo estava andando e pegando as coisas. O bem-estar de minha irmã se tornou mais importante que minhas necessidades, meus desejos (e minhas dores)

pré-adolescentes e, mais tarde, minhas necessidades, meus desejos (e minhas dores) adolescentes. E, durante todo esse tempo, minha mãe estava sempre, sempre, sempre ocupada.

Agora volto para a casa não como o menino cansado que se convenceu de que carrega toda a tristeza da família sozinho, mas como o homem que só agora está aprendendo as muitas formas que a dor pode assumir, que acabou de ouvir a mãe confessar, por fim, que não foi fácil para ela chegar até aqui, que foi uma grande luta. E, de alguma forma, ela — ao contrário de mim — conseguiu realizar essa façanha sem mudar de nome, sem tirar as lembranças das paredes e sem destruir a casa com fogueiras descontroladas no quintal.

* * *

— Tenho que ir — digo, quando voltamos. — Preciso fazer uma coisa.

— Você finalmente veio me ver e agora não pode ficar?

Aí está a mágoa que sempre suspeitei que minha mãe sentisse, mas que raramente ela demonstra.

— Eu volto para visitar você — digo. Mas, ao ver o rosto dela, duvido da minha promessa e acrescento: — Está bem. Vou ficar mais um pouco.

Enquanto minha mãe faz café, dou um longo passeio pela casa. Não é mais o lugar triste e silencioso de que me lembro. Vejo a comoção da vida em todos os cômodos: no meu antigo quarto, onde eu pulava com Nirvana tocando a toda nos meus alto-falantes distorcidos; no porão, onde dei uma festa que acabou com uma visita da polícia, que parecia não ligar para o barulho, já que havia um problema pior — o Chevrolet Beretta que alguém havia estacionado no gramado do vizinho; na garagem, onde minha banda de ensino médio ensaiava covers do Bush sem nenhuma ironia; no banheiro, onde eu lia revistas sobre videogame, sentado no piso de ladrilho, enquanto os dedinhos de uma Veronica de quatro anos ficavam enrugados na banheira morna.

Então, depois de tomar café vendo o jornal da noite, minha mãe e eu voltamos à varanda, onde nos encontramos hoje de manhã. Ela quer me dar uma carona até a estação, apesar de o terminal ficar a apenas algumas quadras de distância. Diz que tem que pegar as tortas para levar ao abrigo

de idosos no dia seguinte. Não sei nem pergunto por que ela tem que pegar as tortas agora. Ela mora sozinha há décadas e está muito bem.

No entanto, isso não significa que nunca se sinta sozinha.

— Você pode dormir aqui, sabia? — afirma ela.

— Outro dia eu volto. Vamos fazer uma festa do pijama.

Isso a anima.

— Você devia vir no dia da sua série — diz, enquanto andamos até o carro. — Meus amigos iam morrer se você aparecesse.

— Hum, é, vou ter que olhar minha agenda. Tipo, é que agora eu sou famoso, então...

— Ei — diz ela, apontando um dedo em riste para mim. — Eu troquei suas fraldas. Não se esqueça disso.

21

Meu pai quis fazer uma pausa para buscar o jantar. Eu ligo a TV, mas nada me anima. Escrevo no diário, mas isso só me faz pensar mais. Pergunto à minha mãe o que o Gavin disse antes de sair de manhã, mas ela acha que ele não falou nada. Quando a porta de casa se abre finalmente, é só meu pai com o jantar.

Não estou com fome, mas o papai diz que não podemos terminar de gravar se eu não comer alguma coisa. Ele e a mamãe comem pizza enquanto eu me forço a engolir um miojo.

— Eu experimentei pizza — anuncio.

— É mesmo? — pergunta meu pai. — Quando?

— Em Nova York com o Gavin. Foi no mesmo dia em que ele me levou para conhecer os lugares que o John Lennon frequentava.

Meu pai faz que sim com a cabeça, toma um gole da sua bebida, e agora estou me sentindo mal por nunca ter experimentado pizza com ele, mas ter provado com o Gavin.

É estranho o Gavin não estar presente. Faz duas semanas que ele janta com a gente, lava a louça, leva o lixo para fora e conserta a internet quando ela para de funcionar. Não gostei do que o meu pai disse sobre o Gavin ser leviano e não estar aqui, porque parece que é o papai que tem sido leviano, já que é ele que não tem aparecido nos últimos tempos.

Eu como rápido e tiro o prato da mesa, mas meu pai precisa de um café.

— Como está indo a gravação? — pergunta minha mãe.

— Por enquanto tudo bem — diz meu pai. — A gente só está esperando o cantor.

Sei que meu pai só estava tentando ajudar quando se ofereceu para pedir a Christina para cantar nossa música, mas não quero que outra pessoa a cante. O Gavin não é só meu cantor, ele é meu McCartney, é meu melro, e não pode me decepcionar. Se ele não chegar logo, talvez eu tenha que pedir ao meu pai para me levar à Home Depot para comprar coisas importantes.

Aí vou poder bater a cabeça no concreto e me livrar da minha memória especial para sempre, porque acho que não vou querer me lembrar desse dia.

Minha mãe põe o que sobrou da pizza na geladeira.

— Que horas vocês acham que vão acabar?

— É difícil dizer — fala meu pai, observando a jarra da cafeteira ficar preta. — Você sabe como essas coisas são.

Ela fica parada ali, de braços cruzados, e esfrega o dedão do pé ao longo do rejunte sujo dos azulejos. Depois de fazer isso, tira duas taças de vinho do armário e coloca no balcão. Então olha para as duas, toca no queixo, põe uma de volta no armário e enche a outra até a metade.

* * *

O equipamento do papai parece a estação de controle de uma espaçonave. Agora ele está acrescentando um barulho que parece uma sirene baixa ao fundo.

— É muito triste — digo.

— Prefere que eu tire?

— Não. Triste é bom, não é?

Ele não responde, mas já sei que meu pai acha que triste é bom. Ele recosta na cadeira e deixa a música tocar. Quando termina, ele toca de novo.

— A ponte poderia estar melhor.

Faço que sim, como se concordasse, mas na verdade quero enterrar a cabeça no sofá.

— Você tem alguma outra ideia? — pergunta meu pai.

Toco a outra ponte que compus. É bem mais simples.

— Dá para trabalhar com isso — diz meu pai. Então canta no ritmo de “We Can Work It Out” dos Beatles: — *Dá para trabalhar com isso.*

Essa música foi composta pelo Paul. Tenho quase certeza de que o John compôs a ponte da música, mas, depois de conversar com o Gavin, não sei mais quem compôs o quê.

— É verdade que o Paul compôs a ponte de “A Day in the Life”? — pergunto.

— É. É incrível, não é?

— Eu não sabia disso.

Juntos, meu pai e eu tocamos a ponte algumas vezes e tentamos tons diferentes até essa parte ficar boa. É difícil impressionar meu pai, mas, quando ele finalmente fica animado, a gente sente que fez uma coisa muito especial.

— Está bem — diz. — Vamos gravar isso.

Ele me deixa na Sala Silenciosa e eu pratico a nova ponte algumas vezes, até dizer:

— Estou pronta.

Espero a voz do meu pai soar nos meus fones, mas ele não responde. Talvez tenha ido ao banheiro. Olho em volta, para a Sala Silenciosa.

Sábado, 18 de julho de 2009: o tio Nick e o vovô terminaram de construir as paredes da Sala Silenciosa, e agora estou ajudando meu pai a pintar tudo. O papai tem que pintar a minha parte de novo porque passei o pincel em todas as direções e não só para cima e para baixo como ele pediu. Meu pai me deixa gravar minhas iniciais com canetinha prateada perto da tomada.

Saio do banquinho e encontro minhas iniciais. Ver aquelas letras me faz sorrir, mas meu sorriso não dura porque começo a pensar no que vai acontecer com elas quando meu pai fechar o estúdio. E se as pessoas novas cobrirem minhas iniciais com tinta? E se transformarem o apartamento de baixo em uma loja de ferragens, como fizeram com o café favorito do John Lennon? Odeio lojas de ferragens.

Ouçõ a voz do meu pai no fone.

— Tudo bem, meu amor. Pode começar.

Volto para o banquinho. Toco aquela parte até meu pai ficar satisfeito. Então ele pede que eu vá ao estúdio. Quando entro, vejo alguém no sofá.

— Olá, *Joan Lennon*.

Ele diz aquilo com sotaque britânico e é difícil não sorrir. Mas também estou muito chateada.

— Onde você estava?

— Fui passear de trem — diz Gavin.

Ele fala como o Bob Dylan, e não gosto disso porque o Bob Dylan é o pior cantor do mundo, com exceção do Tom Waits, e a gente nunca vai ganhar o concurso com uma voz daquelas. Mas pelo menos ele chegou a tempo. É só o que importa. Bom, quase.

— Você terminou a letra?

Gavin põe a mão no bolso e tira um pedaço de papel.

— Terminei. — Ele desdobra o papel e diz: — Quero ouvir a música.

Meu pai toca a música, e a gente fica olhando para o rosto do Gavin enquanto ele escuta e lê o que escreveu no papel. Quando a música termina, ele diz:

— Está ótima. A ponte está diferente.

— Você gostou?

— Gostei. Preciso de uma caneta.

Meu pai entrega uma a ele.

— Toque de novo — pede Gavin.

Ele escuta a música outra vez e escreve mais palavras. Desta vez, quando a música acaba, ele se levanta do sofá e, sem dizer nada, entra na Sala Silenciosa.

* * *

Estou deitada no sofá, encarando o teto. A voz de Gavin está saindo pelos alto-falantes. Escuto quando ele pigarreia e quando faz *hum* e quando tosse. A música começa e ele canta a letra, a nova que acabou de escrever e a que já tinha. Quando tudo se mistura, parece uma música que já ouvi, não no meu quarto nem no pátio, mas no rádio ou no YouTube. Não parece minha música, mas é minha música. Nossa música. A música do papai também.

*Você se foi e já é dia
Sinto você na cama vazia
Você me deixou em uma confusão
Não consigo chegar a uma conclusão
Eu te odeio mais do que pode imaginar
Volte para mim e eu vou te perdoar
Minha vontade é fugir desta cidade
Mas estou preso, me devolva a liberdade*

*Eu tento, mas não saio do lugar
Eu corro e sinto que me falta o ar
Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

Não entendo o que foi que deu errado

*Procuo e você não está em nenhum lado
Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

*Você chegou, a vida começou
Tudo que vivi antes desmoronou
Agora não sei o que fazer
Certas coisas nunca vou saber
Eu poderia correr por esse mundo vasto
Mas ninguém some sem deixar rastro
Você já definiu meu futuro
Não esqueço você, vivo no escuro*

*Eu tento, mas não saio do lugar
Eu corro e sinto que me falta o ar
Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

*Não entendo o que foi que deu errado
Ao amor me sinto condenado
Então ouço você quase sussurrar
Viva, deixe o passado passar*

*Como posso viver sem seu carinho?
Como posso viver sem seu carinho?
Como posso viver sem seu carinho?
Como posso viver sem seu carinho?
Sozinho.*

Não sei se essa música é memorável, mas é linda, e o Gavin até usou o meu verso sobre se sentir condenado. Depois de fazer mais algumas gravações, ele sai da Sala Silenciosa.

Meu pai parece animado.

— Eu tinha esquecido como sua voz é rica.

Gavin anda pela sala.

— Tem um verso que ainda está me incomodando.

Deve ser o mesmo de antes. Vejo que ele já mudou de *Eu poderia me fechar em um claustro* para *Eu poderia correr por esse mundo vasto*. Ele

anda de um lado para outro no porão, e eu penso no lugar mais distante que conheço.

Segunda-feira, 12 de novembro de 2012: Minha mãe está me ajudando a montar uma maquete do sistema solar. Ela faz com que a Terra esteja inclinada no ângulo certo para que o Sol (uma lâmpada de verdade) brilhe mais no polo Norte que no Sul.

Ela diz:

— *Este é só um sistema solar. Existem bilhões de outros na nossa galáxia. E existem outras bilhões de galáxias também. E cada uma delas tem bilhões de sistemas solares.*

Tento imaginar, mas são muitos cálculos.

Gavin está no sofá, sem ideias.

— Que tal *astro*? — digo. — São as coisas que ficam mais distantes da gente e rima com *rastro*.

Gavin levanta a cabeça e meu pai gira a cadeira. Ninguém fala nada.

Então Gavin diz baixinho:

— Estrelas. — Ele se vira para o meu pai. — Quando a gente olha para elas, está vendo o passado, não é?

— Acho que funciona — diz meu pai.

A caneta do Gavin se movimenta rápido. Ele dá um pulo do sofá e some dentro da Sala Silenciosa. Meu pai lança uma piscadela para mim e se vira de novo para o computador. Deito no sofá, fecho os olhos, a música toca outra vez e agora Gavin canta o verso novo:

*Eu poderia me esconder em outros astros
Mas até as estrelas deixam rastros*

* * *

Eu me sinto orgulhosa porque o Gavin usou minha ideia, apesar de o verso novo não fazer tanto sentido para mim quanto o anterior. Mas, se o Gavin está feliz e o papai está feliz, então também estou. Na verdade, acho que nunca estive tão feliz na vida.

Assim que noto como tudo está perfeito, minha alegria some um pouco, porque sei que esta noite nunca vai acontecer de novo. Depois disso, vou mandar a música para o concurso, meu pai vai fechar o estúdio, o Gavin vai voltar para a Califórnia e eu vou ficar sozinha de novo. Sei que sempre vou

ter esta noite guardada na memória, mas lembranças nunca são tão boas quanto o momento de verdade, assim como uma versão de uma música quase nunca é tão boa quanto a original.

Mas tenho que dizer a mim mesma para me concentrar porque a noite ainda não acabou. A música ainda não está pronta. Tudo ainda está acontecendo e é melhor eu prestar atenção.

Ouçõ a música tocar várias vezes. Não me canso de ouvi-la. A voz do Gavin soa melhor a cada vez. Em dado momento, meu pai diz:

— Gostei do duplo sentido da palavra *estrelas*.

Gavin responde:

— Nem pensei nisso.

Então meu pai fala:

— Um cara do trabalho me perguntou se eu conhecia mesmo você.

Gavin canta de novo e, desta vez, ele muda parte da melodia no último refrão. Depois, meu pai pergunta:

— Está tudo bem?

E Gavin diz:

— Senti falta disso. Tinha esquecido.

E meu pai fala:

— Por que a gente demorou tanto?

Então eu me pergunto a mesma coisa. Nunca mais quero que meu pai nem o Gavin saiam de casa. Queria que a gente pudesse morar aqui embaixo. A mamãe traria comida para a gente e eu até aprenderia a gostar de pizza se fosse necessário. Parece que a gente é uma banda, nós três. Só precisamos de um nome, alguma coisa com “*the*” na frente, tipo The Beatles.

Então Gavin volta para a cabine e canta em um tom diferente do dele, e agora são dois Gavin. A música ganha cada vez mais corpo e parece um filme a que nunca vou me cansar de assistir. A música está tão enorme agora que é a mais famosa do mundo, e vejo todos os bebês e velhinhos cantando e se emocionando. Estou acima de tudo, vendo isso acontecer, flutuando nas nuvens, ou estou em um festival ganhando o primeiro lugar, ou estou em um sonho dourado, não sei, posso estar em qualquer lugar, porque, com meu pai em casa e a voz do Gavin saindo pelos alto-falantes, é muito fácil viajar. Mas não quero ir longe demais porque é bem aqui que quero estar.

Help!

22

— Ele chegou aqui bem tarde na sexta-feira, 25 de janeiro de 2013 — diz Joan. — Mas não vi o Sydney naquela noite. Eu estava dormindo.

Joan está me contando sobre a última vez que Sydney visitou os Sully.

A noite passada foi muito pura e gratificante, uma conquista, terminar nossa música, ouvi-la ganhar vida. Mas agora, esta manhã, sinto a baixa natural depois de ter realizado a grande tarefa para a qual estávamos nos preparando. O vazio voltou e não sei se me sinto forte o bastante para lidar com a última lembrança que Joan tem de Sydney. De início, hesitei em ouvir as recordações dela. Agora estou nervoso por saber que não terei mais nenhuma para ouvir.

A princípio estou sentado no sofá do estúdio, mas, quando Joan começa, sinto necessidade de me deitar. Depois de me ajeitar, pergunto:

— Quando você viu o Sydney?

— Na manhã seguinte — responde Joan. — Saí do meu quarto e passei pelo quarto dos meus pais. Meu pai ainda estava dormindo porque tinha ficado até tarde no estúdio. Entrei na cozinha e vi minha mãe e o Sydney sentados à mesa com um laptop, e o Sydney disse...

— Espere — digo. — Você pode ir mais devagar? Como ele estava? Me fale do rosto dele.

— Está bem. Bom, ele tinha olhos castanhos iguais aos meus, o cabelo curto e grisalho e um queixo que parecia um pouco com uma bola.

— E as orelhas? Está vendo as orelhas dele?

— Não.

— Ele tinha os lóbulos caídos. Eram tão compridos que quase balançavam.

Joan examina as próprias orelhas com os dedos.

— Desculpe — digo. — Pode continuar.

— O Sydney disse “Bom dia, Srta. Joan. Rápido, que dia é hoje?”, e eu falei “Sábado, 26 de janeiro”, e ele disse “Que dia da semana foi 26 de

janeiro do ano passado?”, e eu respondi “Quinta-feira”, e ele falou “E no ano anterior?”, e eu disse “Quarta-feira”. Aí ele falou “Incrível. Isso é realmente incrível. Você devia ir no programa da *Ellen*. Ela ia adorar você”, e eu perguntei “Quem é Ellen?”. A mamãe e o Sydney me disseram quem ela era e eu fiquei animada porque ia adorar aparecer em um programa de TV. Mas então eles esqueceram a história da Ellen e voltaram a olhar para a tela do computador do Sydney.

— Você viu o que tinha na tela? — pergunto.

— Não.

Estou fazendo mais perguntas que o normal. Sinto uma sede violenta e quero espremer cada última gota dele de dentro da cabeça de Joan. Sei que ele não está ali de verdade — já faz quase dois meses que se foi —, mas, de certa maneira, sinto como se estivesse observando Sydney ir embora uma segunda vez.

— O que aconteceu depois? — pergunto.

— Fui até a geladeira pegar suco de laranja — diz Joan.

— O que Sydney estava fazendo?

— Falando com a minha mãe, mas não prestei atenção. Estava ocupada demais pensando em como seria legal aparecer na TV. Pus um pouco do suco no copo e pedi para minha mãe me falar mais sobre o programa da Ellen, mas ela disse: “Com licença, eu estou conversando.” Aí comecei a prestar atenção na conversa porque estava esperando um momento para falar. Quando tive uma chance, perguntei de novo à minha mãe sobre o programa da Ellen e ela disse...

— Espere. E a conversa deles? O que eles disseram?

— Não tenho ideia — diz Joan. — Foi muito estranho. Primeiro minha mãe falou: “Gosto mais da toca do lobo.” Aí o Sydney disse: “Eu também. Da toca do lobo ou do café da manhã. Também estou pensando no D e D.”

Parece que Joan está falando uma língua estranha.

— Você pode repetir isso devagar?

Ela repete as mesmas palavras: *toca do lobo*, *café da manhã*, *D e D*. Ainda assim não consigo entender. Não sei se são nomes, expressões, títulos ou outra coisa. Mas Joan não para.

— E então o Sydney foi até a sala de estar fazer uma ligação. Minha mãe me perguntou o que eu queria comer e eu falei que ainda não estava com fome. Perguntei a ela o que íamos fazer e ela disse que estava pensando em me levar para patinar no gelo.

— Você ouviu o Sydney falando no telefone? — pergunto.

— Só a última parte. O Sydney falou: “Maravilha, vejo você às onze. Estou ansioso.” Aí ele voltou para a cozinha e...

— Espere.

Estou sentado no sofá com as mãos erguidas. Esta pode ser minha melhor e última chance de descobrir o que Sydney veio fazer em Nova York.

Faço Joan repetir toda a história e aí pergunto:

— Quando estava ao telefone, ele ficou em um canto, falando baixinho? Parecia que ele não queria que você e sua mãe ouvissem?

— Não — responde Joan. — Ele ficou andando pela sala de estar, falando normalmente.

— E você tem certeza de que foi *ele* que ligou? Ou a pessoa ligou para *ele*?

Ela leva muito mais tempo que o normal para responder.

— Não sei. Só sei que o telefone dele não tocou.

Não teria tocado. Não teria feito som nenhum, a não ser que estivesse em alguma superfície dura. Ele sempre deixava o celular para vibrar.

— O que aconteceu depois? — pergunto.

— Perguntei sobre o programa da Ellen de novo para a minha mãe e ela me disse o sobrenome dela. Levei o copo de suco de laranja para o computador e fiquei pesquisando sobre a Ellen e assistindo a uns vídeos dela no YouTube.

— O que o Sydney e sua mãe estavam fazendo?

— Estavam conversando, mas eu não estava ouvindo. Então o Sydney desceu para o estúdio, e foi a última vez que o vi.

— Espere, quer dizer... para sempre?

Joan não responde. Ela não tem que responder. Já sei pelo silêncio dela.

Eu me sento no sofá, sentindo-me absurdamente cansado. É como se eu tivesse sido obrigado a ficar acordado nos últimos dois meses e só agora percebesse o quanto preciso dormir.

Mas Joan não terminou.

— Ele voltou para cá naquele dia. Eu tinha saído com meu pai e não o vi, mas comi um dos minicupcakes que ele tinha trazido para a gente. Foi o melhor cupcake que já comi, porque tinha pedaços daquele chocolate Reese’s por cima e tinha até um cupcake em uma embalagem especial que

não tinha glúten para minha mãe, porque naquela semana ela estava convencida de que era alérgica a glúten.

— E você não tem ideia de onde ele foi?

Ela balança a cabeça.

— Joan.

— Oi.

Tenho medo da resposta, mas sou obrigado a perguntar.

— Tem mais alguma coisa? Pode me contar mais algum detalhe?

Ela volta os olhos para baixo e balança a cabeça de novo.

Fico sentado ali, encarando o nada. Sinto uma coceira na bochecha, mas não coço. Não poderia erguer o braço nem se tentasse. Minha mente abandonou seu posto, deixou-me imóvel. Tudo que posso fazer é olhar para a frente, para além da menina sentada na cadeira do pai, para o outro lado da sala, através das paredes da casa, para o ar livre, para o espaço. Ainda estou aqui, meu corpo está, mas estou muito longe.

* * *

Quando minha mente se reconecta ao meu corpo, eu me levanto do sofá e vou para a escada. Joan me segue até o apartamento. Encontramos Paige pondo um livro na bolsa.

— Eu ia ligar para você — diz Paige. — Pode ficar com a Joan? Uma das minhas alunas ia vir para cá, mas agora ela precisa que eu vá até a casa dela. Posso deixar a Joan com a vizinha, mas sei que ela ia preferir ficar com você.

Joan está assentindo.

— Tudo bem — respondo, sem processar. — Você já está saindo?

Paige enche uma garrafa d'água, põe a tampa e pendura a bolsa no ombro.

— Sim. Tenho que correr.

— Antes de você sair...

Ela para perto da porta.

— A Joan estava me contando sobre a última vez que o Sydney esteve aqui em janeiro. Ela disse que o Syd estava ao telefone, falando com alguém que ele ia encontrar mais tarde. Você tem ideia de quem poderia ser?

Paige contorce a boca enquanto pensa.

— Talvez um corretor?

— Talvez — digo.

Mas teria que ser outro, e não Claire, que disse que só encontrou Syd uma vez em fevereiro. Acho difícil acreditar que Syd viajaria para cá três vezes só para olhar imóveis e, ainda por cima, mentiria sobre isso. Não faz sentido. Nada daquilo faz.

— Antes da ligação, você e o Sydney estavam olhando para o computador dele e conversando sobre alguma coisa. Joan, quais eram as palavras mesmo? Toca do lobo. Café da manhã. E qual era a última?

— D e D — diz Joan.

— Você lembra o que era? — pergunto.

— D e D — repete Paige, tentando fazer o cérebro se lembrar.

— Parece que vocês estavam tentando escolher um dos três — digo, para tentar ativar a memória dela. Joan me deixou muito mal-acostumado.

— Quer saber? — diz Paige, chegando a uma conclusão. — Talvez ele estivesse me mostrando propagandas diferentes que a agência dele estava analisando. Ele me pedia opinião sobre isso às vezes. Mas, sinceramente, não sei dizer com certeza. Faz mais de seis meses. Desculpe.

Sinto que estou ficando vermelho e quente. Sei que, se não tomar cuidado, posso acabar pegando fogo outra vez. Saí da Califórnia esperando esfriar a cabeça e isso quase funcionou. Fiz o melhor que pude para enfrentar o passado, com as lembranças, a música e a ida para casa para ver minha mãe, e estava quase curado. *Pertinho* de recuperar um pouco de controle sobre minha vida. Mas agora fui surpreendido de novo.

— Gavin. — Paige está com a mão em meu ombro. — Você está bem?

— Estou.

Ela analisa meus olhos.

— Tem certeza?

— Tenho. — É uma das minhas melhores atuações.

Ela segue para a porta, abre, vira-se e fala alguma coisa sobre um jantar em família a que ela gostaria que eu fosse.

— Parece ótimo — respondo.

Mas mal ouvi o que ela disse.

* * *

Toca do lobo. Café da manhã. D e D.

Jogo os três itens misteriosos no Google e obtenho uma enorme variedade de resultados. Na lateral da página de resultados, há uma lista de lugares próximos cujos nomes contêm partes das palavras que estou pesquisando. Um lugar é basicamente uma correspondência exata: um restaurante aqui na cidade chamado D&D's. Fica perto de uma parada do trem.

Joan e eu entramos em um vagão antes que eu tenha tempo de pensar melhor. Uma visita ao centro da cidade não vai fazer mal. Naquele dia, em janeiro, Syd voltou à casa dos Sully à tarde e pegou o avião na mesma noite, então não pode ter ido muito longe de manhã. Talvez estivesse procurando um local de reunião no computador. Talvez, só talvez, ele tenha escolhido o D&D's.

É um tiro no escuro, eu sei. Eu me viro para Joan, que está sentada no banco ao meu lado, e peço que ela anote os três itens misteriosos em uma folha limpa do diário. Enquanto o trem corre, nós dois olhamos para a folha, torcendo para entender.

— Quais foram as palavras exatas que o Sydney disse quando estava desligando o telefone? — pergunto.

— “Maravilha, vejo você às onze. Estou ansioso.” — Joan se vira para mim. — O que isso significa?

Não tenho ideia.

E, infelizmente, o D&Ds não vai esclarecer o que quero. Percebo isso assim que entramos. Syd nunca colocaria os pés em um restaurante como aquele, se é que posso chamar isso de restaurante. É um lugar pequeno que serve basicamente frango frito para viagem. As diversas opções de frango estão representadas em uma caixa iluminada, e o único lugar para se sentar é um balcão estreito voltado para a rua.

Joan se aproxima da mulher gorda que cuida da fritadeira.

— Com licença — diz, mostrando o diário. — Estas palavras significam alguma coisa para você?

A mulher vem até ela rebolando, o biquinho demonstrando aborrecimento. Ela nos olha de cima a baixo antes de considerar o diário digno de ser analisado.

— Isso é para ser o seu pedido?

— Não — respondo. — Não sabemos direito o que é.

A mulher pega o diário da mão de Joan e o leva à luz. A colega dela chega, e as duas analisam a folha.

— O que é isso? — pergunta a outra mulher.

A mulher anterior grunhe e devolve o diário.

Minha próxima pergunta é boçal, levando em conta onde estamos.

— Imagino que vocês não tenham um registro de quem jantou aqui, não é?

Ela responde minha pergunta com outra:

— Hein?

— Deixa para lá. Obrigado por olharem.

Eu me viro para sair, mas noto Joan olhar com cobiça para as batatas fritas encharcadas que estão saindo do óleo. Ponho a carteira no balcão.

— Vamos querer uma porção de fritas para viagem.

* * *

Estamos sentados em um banco, esperando o próximo trem chegar para voltar para casa. Joan está comendo as batatas, usando o short como guardanapo.

Agora que minha temperatura interna caiu, vejo como foi absurdo vir até aqui. Tudo por um capricho. E arrastei a coitada da Joan comigo. Pelo menos dessa vez consegui comprar uma comida de que ela realmente gosta.

— Tem certeza de que você não quer? — pergunta Joan, oferecendo-me uma batata murcha.

— Não, obrigado. Estou bem.

Mas não estou bem.

— Sinto muito — diz Joan.

— Pelo quê?

— Por não ter prestado mais atenção no que o Sydney estava dizendo.

Olho para ela. Quer dizer, eu *realmente* olho. Sua presença miúda, mas formidável. As roupas, uma mistura de cores. Os olhos determinados. Ela tem sido uma luz me guiando esse tempo todo. E eu mal notei que, em algum momento desse processo, acabei ganhando um braço direito. Nossa aliança foi orgânica a esse ponto. Ela merece que eu me esforce para abrir um sorriso.

— Não é culpa sua, Joan. Não mesmo. Você tem me ajudado muito. Pode acreditar.

— Que horas o próximo trem vai passar? — pergunta ela.

— À uma e vinte e quatro.

— Que horas são agora?

Pego o celular e me distraio com uma nova mensagem de texto. É do meu agente. Quer que eu ligue para ele. Seguindo meu instinto, rolo a tela e continuo rolando, voltando no tempo, passando por conversas cada vez mais antigas, até achar um nome.

— Ei? — chama Joan. — E a hora?

— Desculpe.

Digo a hora para ela e depois faço uma coisa que não fiz desde que Sydney morreu: abro nossa antiga conversa.

Evitei isso pelo mesmo motivo que evitei todas as lembranças. Tinha medo de que a dor fosse forte demais. Mas já avancei muito desde que fiz a fogueira. E, como Paige disse, não posso adiar isso para sempre. E agora tenho um motivo para ler.

Continuo rolando para baixo, mais e mais, até chegar, por fim, à data em questão: 26 de janeiro deste ano.

Sydney (13:31): *Sr. Winters. O avião chega às 20h20. Mal posso esperar para ver sua cara roxa!*

Sinto a breve emoção. O passado parece acordar. As palavras são indubitavelmente dele.

Um dia antes de ele sair de Nova York, houve um pequeno acidente no set de filmagem de *The Long Arm*. Durante uma cena de briga, outro ator atingiu um dos socos falsos em meu rosto e me deixou com um hematoma na bochecha esquerda.

Eu (13:32): *Encontro você no terminal. Vou estar de máscara.*

Sydney (13:32): *Comprei um presente para a gente.*

Eu (13:33): *Parece alguma sacanagem.*

Sydney (13:33): *Beijos!*

Eu me pergunto se a mensagem sobre o presente poderia ser uma pista. Nem se tentasse eu conseguiria lembrar o que Sydney trouxe para casa. Ele sempre trazia presentes e suvenires. Entre as lembrancinhas que os clientes despejavam nele — tudo, desde camisetas baratas até bebidas caras — e a paixão que tinha por compras, Syd quase nunca voltava para casa de mãos vazias.

Depois daquela mensagem, nossa correspondência tinha uma pausa até minha chegada ao aeroporto. Então havia apenas duas outras mensagens.

Eu (20:39): *Cheguei.*

Sydney (20:47): *Saindo agora!*

Fecho os olhos e tento imaginá-lo andando até mim. Toda uma lembrança daquela noite no aeroporto que não existe. Isso é algo diferente, baseado na verdade, mas fabricado. Eu o vejo à distância, saindo pelas portas de vidro, mas está escuro demais para ver seu rosto. Ele está longe demais. Está se mexendo, mas não se aproxima, nunca chega até mim. Eu ainda estou aqui, esperando. Mas por quanto tempo?

— Gavin.

Sinto a mão de Joan em meu braço. O trem chegou. As portas estão abertas. É hora de ir para casa. Onde quer que isso seja.

23

Acordo com uma sensação ruim porque todo dia novo é um dia antigo, e o dia novo de hoje também é o aniversário da vovó Joan.

Antes de sair da cama, passo um pouco de tempo pensando nas minhas lembranças favoritas da vovó Joan, tipo quando ela fez panquecas, o fogo subiu muito, ela não notou e meu pai as chamou de “panquecas flambé” (domingo, 3 de fevereiro de 2008). E quando ela pulou comigo no pula-pula do festival italiano e o homem berrou para que ela saísse porque ela não era criança (sábado, 9 de maio de 2009). E quando ela tocou “Jealous Guy” no piano e trocou a letra para *I’m just a jealous wife*, porque ela era uma mulher e não um cara (quinta-feira, 24 de dezembro de 2009). Mas todas essas lembranças só fazem com que eu me sinta pior.

Passo metade do dia tentando preencher o tempo livre que tenho agora. Vejo TV, vou com minha mãe ao supermercado, escrevo no diário e confiro onde a morsa está nadando (Bald Head Island, Carolina do Norte). Agora estou na sala de estar, na frente do computador, mas só olho para ele porque não decidi se devo escutar música, jogar, assistir a um vídeo ou se devia me levantar e andar um pouco. Nada do que faço é tão divertido quanto compor músicas e compartilhar lembranças com o Gavin, e agora as duas coisas acabaram.

Gavin e eu terminamos a música no outro dia e meu pai mandou para o concurso. Agora temos que esperar alguns meses até descobrir se vamos ser selecionados para a final e convidados para a cerimônia de premiação em Nova York. Eu estava tão ocupada tentando terminar a música a tempo que não prestei atenção no tempo que levaria para o pessoal do concurso responder. Não sei se vou conseguir esperar esse tempo todo, porque esperar é a pior coisa que já foi inventada.

É ainda mais difícil agora que terminei de contar para o Gavin todas as minhas lembranças do Sydney. Era meio chato ter que me sentar lá e contar a ele cada detalhezinho, mas, agora que acabou, eu queria que não tivesse

acabado. Ninguém nunca tinha me perguntado tantas coisas sobre as minhas lembranças nem se importado tanto com o que eu tenho a dizer. O Gavin nunca achou que eu estava bancando a sabichona quando eu estava tentando ser cuidadosa ao contar a ele exatamente o que tinha acontecido. Eu queria que a gente tivesse um projeto novo para eu poder descer agora, acordá-lo e dizer que já está na hora de começar.

O tempo com Gavin não é a única coisa que estou perdendo. Só me toquei de verdade que o estúdio vai mesmo fechar naquele dia, quando a gente estava lá embaixo gravando, e tive a sensação de que quero fazer exatamente isso para sempre, gravar músicas com meu pai e o Gavin, e que era bem ali que eu queria fazer isso, no estúdio do papai. Já é quase agosto, o que significa que logo o meu pai vai começar a tirar as coisas de lá.

É tipo quando as aulas acabam e a gente limpa a carteira da escola. A professora tira todos os projetos da parede e nós guardamos os trabalhos, lápis e borrachas na mochila. A gente leva tudo para casa porque, no ano seguinte, vai estar em uma sala de aula nova — o que eu odeio, porque tenho muitas lembranças da sala antiga e nunca quero sair dela. No caso do estúdio é ainda pior, porque não há uma sala nova para ir. Não vai haver um estúdio novo. Onde o papai vai gravar? Onde vai colocar o piano, os violões, as guitarras, a mesa, o sofá e a bateria? Onde ele vai pendurar os quadros do John Lennon? Onde vou compor minhas músicas novas? Se eu ganhar o concurso — *quando* eu ganhar o concurso —, meus fãs vão querer ouvir mais músicas, e eu não posso compor aqui na sala de estar, com os tênis fedidos do meu pai à porta, minha mãe trabalhando na cozinha, o carteiro chegando com um pacote e o telefone sempre tocando, como agora.

Minha mãe finalmente atende.

— É, quem fala é Paige Sully. Ah, claro, sinto muito. É, eu ia ligar de volta. Eu ia falar com meu marido. Esqueci completamente.

Minha mãe não se esquece das coisas com frequência.

— Entendi — diz minha mãe. — Então ela estaria diante de uma plateia?

Agora estou realmente ouvindo porque tenho quase certeza de que *ela* sou eu. Vejo minha mãe abrir uma gaveta e pegar um bloquinho e uma caneta.

— E vão ser só crianças, não é? É, parece interessante, mas, olha, não é uma boa hora. Eu sei. Entendo. Talvez outro programa seja o certo para ela. Eu entendo. Acho que prefiro correr o risco. É, vamos ter que passar essa chance.

Minha mãe passa a caneta pelo bloquinho sem afastá-la do papel nenhuma vez.

— É, tenho certeza — diz ela. — Sinto muito também. Obrigada.

Ela desliga o telefone e eu me viro de novo para o computador, mas nem olho para o que está na tela porque estou observando o reflexo da minha mãe ficar maior e se afastar.

Depois que ela vai embora, encontro o bloquinho na gaveta. Na folha de cima está meu nome e, abaixo dele, uma longa lista de outros nomes e telefones. Um deles é o do Dr. Robert Brickenmeyer. Em algum lugar perto do meio da folha há uma linha de informação riscada com a caneta que minha mãe estava usando. É o nome de uma pessoa, um telefone e, bem à direita, está escrito: *The Mindy Love Show*.

* * *

Estou em frente à TV exatamente às sete horas. Já ouvi falar do *The Mindy Love Show*, mas nunca tinha assistido ao programa. Deixei meu diário aberto em uma folha em branco porque quero anotar as ideias que tiver e enquanto assisto.

A primeira coisa que aparece na tela é uma foto de um homem careca de terno. Ouço a voz de uma mulher:

— Três anos atrás, Arthur Ballibloc estava vivendo o sonho americano. Como diretor financeiro de uma das quinhentas empresas mais rentáveis do mundo, segundo a *Fortune*, ele podia ter quase tudo que quisesse.

À medida que a moça fala, as fotos mudam. Todas as fotos mostram o mesmo homem.

— Mas, hoje, Arthur não precisa de dinheiro. Ele doou tudo quando adotou o freeganismo. Agora Arthur sobrevive apenas do que obtém da natureza. Vamos descobrir como um homem passou de rico a mendigo quando eu me reunir com Arthur e a família que ele deixou para trás, a seguir no...



* * *

O rosto do homem desaparece e agora vejo fileiras e fileiras de pessoas sentadas em um teatro. Uma mulher alta de saia aparece de trás de uma cortina e anda com tranquilidade em seus saltos até a beira do palco. Seu sorriso é gentil, mas não gentil demais, tipo o do Sr. Hershwin, diretor da minha escola. Se a plateia aplaudir mais, as mãos de todos vão quebrar e voar para longe, como borboletas.

A moça diz:

— Quem ama vocês?

E a multidão grita:

— A Mindy!

Ela espera que as pessoas fiquem em silêncio e fala mais sobre o tal Arthur. Não consigo me interessar por ele porque estou mais interessada no jeito que Mindy *fala* sobre o Arthur, como se ele fosse alguém muito importante.

— Vamos receber meu convidado, Arthur Ballibloc.

A plateia assobia, grita e aplaude, e quero fazer isso também, mas não entendo por que eles estão tão animados.

O Arthur não se parece nem um pouco com as fotos. Ele não está mais gordo, tem os dentes sujos e a barba parece um lugar em que uma mãe passarinho tentaria criar os filhotes.

Estou tão concentrada no que está acontecendo na TV que não ouço minha mãe passar por mim a caminho da cozinha.

— O que você está vendo?

Pego o controle remoto e desligo a TV.

— Nada.

Eu me levanto num pulo e desço a escada. Passo pelo estúdio correndo em vez de ir devagar porque não é tão legal ficar ali agora que está escuro e ninguém mais usa.

A porta do Gavin está só um pouquinho aberta, então a escancarar. Ele está na cama, encarando o teto. Pulo no colchão e esmago o pé dele sem querer. Ele parece incomodado, mas camas servem para a gente pular e não tenho culpa se as pernas dele são tão compridas.

— Você já assistiu ao *The Mindy Love Show*? — pergunto.

Ele fala em uma voz preguiçosa:

— Não é um daqueles talk shows tristes que passam à tarde?

— Não, todo mundo está bem feliz no programa — respondo, abrindo o diário para o caso de eu precisar conferir minhas anotações. — Você lembra que o Sydney disse que eu devia aparecer na TV? Bom, alguém do *The Mindy Love Show* ligou para minha mãe e parece que eles querem que eu participe do programa.

— Legal — diz ele, mas não parece falar a verdade.

— Acho que você devia vir comigo. A gente pode tocar nossa música na TV.

Gavin sorri, mas só porque se sente mal por mim.

— Pense nisso — digo. — Seria perfeito porque, mesmo que a gente não ganhe o concurso, as pessoas vão ouvir nossa música.

— Agradeço a oferta, Joan. Mas acho que não estou a fim.

Desde que a gente voltou ontem de trem daquele restaurante que vendia frango, o Gavin está quieto, do jeito que estava quando chegou aqui em casa. Mas não posso deixar que ele fique quieto agora. Preciso que ele cante.

— Você tem sorte porque as pessoas sabem quem você é. Eu ainda estou tentando fazer as pessoas saberem meu nome, porque elas não podem lembrar a não ser que saibam. Você não quer me ajudar a fazer isso? Não posso tocar a música sem você. Você é meu parceiro.

Tem alguma coisa errada com o rosto dele. Ele está igualzinho a um melro hoje. Tem uma sombra sobre ele.

— É, eu sei, mas não sou um parceiro muito bom.

Ele solta um longo suspiro, como se eu o estivesse deixando cansado.

— É, sim. Você é um parceiro muito legal. A gente só precisa de outro projeto. Não dá para ficar deitado na cama pelos próximos dois meses.

— Dois meses?

— É quando vão anunciar os finalistas do concurso. Depois, um pouco mais para frente no segundo semestre, vai ter a cerimônia em Nova York,

vão escolher o ganhador e pôr a música vencedora no site para que o mundo todo possa se apaixonar por ela.

Entro no estúdio, pego a propaganda do concurso na mesa do meu pai e levo de volta para o Gavin. Não acredito que nunca mostrei isso a ele.

Ele lê a parte da frente do folheto e vira para ver o outro lado, mas é uma propaganda de outra coisa.

— Joan, olha, acho que foi muito legal a gente fazer a música. E agradeço por você ter me deixado participar. Ficou ótima. Acho que você devia ficar muito orgulhosa. Eu estou.

Parece que ele vai dizer *mas*.

— Mas — diz ele — acho que você não devia ficar muito animada com esse concurso.

— Por que não? Você acha que a gente não pode ganhar?

— Não estou dizendo isso. — Ele joga o folheto na cama. — Só não quero que você se magoe. Você está colocando muita esperança nisso, e às vezes as coisas não saem como a gente planejou.

Lembro que ele me disse exatamente a mesma coisa, quando a gente estava falando sobre por que ele e o Sydney não tiveram um filho. E agora ele vira a cabeça para a parede e eu viro a cabeça para a porta, porque sei exatamente o que está acontecendo: ele não quer mais falar comigo agora que já contei todas as minhas lembranças do Sydney.

É igual a quando a menina mais inteligente da turma, Wendy Wang, me pediu para ser parceira dela no quiz na quarta-feira, 14 de novembro de 2012. Achei estranho porque a Wendy nunca tinha prestado atenção em mim antes e, de repente, estava sendo muito legal comigo. Mas aí, quando a gente perdeu o jogo, ela ficou chateada comigo e percebi que ela só queria que eu fosse parceira dela porque achou que minha memória ia ajudá-la a ganhar.

Estou sozinha de novo, cercada só por coisas tristes: o estúdio, o aniversário da vovó Joan e o Gavin — só que não posso deixar o estúdio menos triste agora, nem a vovó Joan, mas talvez isso não seja verdade em relação ao Gavin.

Bato na testa com força.

— Tudo bem, acho que tenho que contar a verdade. Eu menti quando falei que não tinha mais lembranças do Sydney. Na verdade, tenho mais uma.

Ele rola para o lado.

— Do que você está falando?

— Eu não queria falar antes, mas agora estou pronta para contar.

— Joan.

— Vamos começar. Foi em 14 de fevereiro. Não, quer dizer 15 de fevereiro. É, 15 de fevereiro de 2013. Uma sexta-feira. O Sydney entrou pela porta. Olha só para ele. Estava tão bonito de camisa e calça. Parecia uma calça azul. É, era uma calça azul e claro que ele não estava usando meia porque ele odeia meias e está com a pulseira que você está usando agora. Nossa. Ele está lindo. As orelhas dele são compridas também. Estou vendo. São muito compridas. E você quer saber o que ele disse? Ele falou “Oi, Srta. Joan”, e eu falei “Oi, Sr. Sydney”, e ele disse “Tudo bem?”, e eu respondi “Tudo, e você?”, e ele falou “Estou bem”. Aí eu perguntei “Tudo bem com o Gavin?”, e ele respondeu “Ah, o Gavin está em casa na Califórnia, está muito bem e eu amo muito aquele cara”.

Gavin está imóvel.

— Então eu falei “Nunca conheci o Gavin. Gostaria de conhecer um dia”. E o Sydney disse “Acho que você ia gostar muito dele porque ele é legal, me ajuda, é inteligente, bem alto e tem olhos muito bonitos”.

— Ele disse isso tudo? — pergunta Gavin.

— Disse.

— São coisas muito legais de se dizer.

— Também acho.

Ele fecha os olhos por um bom tempo e, então, finalmente se senta na cama. Olha para mim como meu pai faz quando está esperando que eu pare com alguma brincadeira.

— Eu sei o que você está fazendo, Joan, e é muito gentil da sua parte, sério. Não sei nem o que dizer...

Acho que ele não está mentindo quando diz essa última parte porque não fala mais nada. Nem olha mais para a minha cara. Está olhando para as minhas mãos. Olho para baixo também e vejo meu diário.

— Você já tinha esse diário quando o Sydney esteve aqui em janeiro? — pergunta Gavin.

— Não — respondo.

Então entendo por que ele está perguntando — está pensando se meu diário tem alguma coisa importante sobre o Sydney.

— O diário que eu estava usando em janeiro está lá em cima no meu quarto.

Ele faz que sim com a cabeça, como se eu tivesse que ir pegá-lo agora, então eu vou. Corro até meu quarto, pego o diário de janeiro e, quando volto, já achei uma coisa.

— Depois que o Sydney foi embora naquele dia — conto a Gavin —, minha mãe me pediu para descer, tirar os lençóis da cama e esvaziar o lixo. Tinha um saco de papel em cima da lata de lixo e eu sabia que era dos cupcakes que o Sydney tinha comprado para a gente. Eu adorei os cupcakes, então desenhei o logo no meu diário.



Gavin sai da cama e pega o diário de janeiro da minha mão. Ele finalmente recuperou a energia.

— Isso ajuda? — pergunto.

Ele olha fixamente para o desenho por um tempo e digita o nome no celular. Então diz:

— Parece que só existe uma loja da Kroftman's e fica no Brooklyn.

— Isso é bom ou ruim?

Ele aperta o queixo como as pessoas fazem quando estão pensando muito sobre alguma coisa.

— Não sei — diz Gavin. — Mas tenho que descobrir.

24

Puxo Paige para um canto no momento em que entramos no restaurante.

— Tenho que perguntar uma coisa.

Ela faz um gesto para que Ollie e Joan sigam para onde o pai e o irmão de Ollie já estão esperando. Viemos jantar em um restaurante de um shopping ao ar livre, em um bairro de classe média, em memória da mãe de Ollie. Pelo jeito, é uma tradição da família e, pelo jeito, Paige perguntou se eu queria vir com eles ontem e, pelo jeito, eu disse que adoraria. Não me lembro de nada disso. Estava preocupado na hora. Ainda estou.

Paige para sob o toldo verde, jovial em seu vestido de alcinha. Os ombros magros lhe dão um aspecto de menina, mas os olhos pesados traem sua idade.

— O que houve? — pergunta ela.

— Ele foi ao Brooklyn. O Syd foi ao Brooklyn.

— Quando? Do que você está falando?

Abro mais um botão da camisa de Ollie que estou usando. Não trouxe nenhuma roupa formal.

— Da última vez que ele esteve aqui, em janeiro, você esteve com ele de manhã. Depois ele foi a algum lugar, encontrou alguém e, quando voltou, trouxe cupcakes de uma padaria no Brooklyn.

— E daí?

— O que ele foi fazer lá? É isso que eu preciso descobrir.

Paige leva a mão à testa. Eu a deixei exausta outra vez.

— Sei o que você vai dizer, Paige. Você acha que estou tentando transformar isso em uma coisa que nunca aconteceu, mas e se for verdade? E se ele tinha mesmo outra pessoa? Mudaria tudo que vivemos juntos. Como posso continuar a viver com essa dúvida?

Ela não responde, então continuo:

— Algumas coisas não fazem sentido. Por que ele não me contou que encontrou uma corretora em fevereiro? Por que manteve isso em segredo? E

por que ele não contou a você que veio para cá em fevereiro e abril? Normalmente ele fazia de tudo para ver vocês, não é? Ele disse que levou você para jantar, mas foi uma mentira descarada. Mas você *esteve* com ele naquela manhã em janeiro. Pense bem. Vocês conversaram sobre alguma coisa que chamou sua atenção? Qualquer coisa? Por favor.

Ollie põe a cabeça para fora do restaurante.

— A mesa está pronta.

— Só um minuto — pede Paige.

Ela respira fundo, mas continua em silêncio, encarando a calçada.

Um casal de idosos sai do restaurante e passa entre nós ao seguir para o estacionamento.

Espero até estarmos sozinhos outra vez.

— Eu tentei deixar para lá, Paige. Tentei mesmo.

Ela finalmente me olha nos olhos.

— O que você quer de mim?

É simples.

— Ajuda.

* * *

Estamos sentados a uma mesa redonda em um canto. Somos seis: eu, Paige, Joan e Ollie, além do pai de Ollie, Jack, e do irmão dele, Nick. Nick é mais velho que Ollie, tem um filho e uns dez quilos a mais.

Estou olhando fixamente para o cardápio há cinco minutos, sem ler direito. Quando estávamos parados lá fora, Paige parecia estar morrendo de medo de mim, como se eu fosse um paciente paranoico que parou de tomar os remédios. Espero que esteja *mesmo* só sendo paranoico. Nada me deixaria mais feliz. Se Paige puder me ajudar a achar uma prova concreta de que minhas suspeitas não têm absolutamente nenhum fundamento, vou ficar muito satisfeito em voltar a ser o homem semirracional que eu era.

Ela está sentada à minha direita agora, analisando o cardápio. Enquanto isso, do outro lado da mesa, Jack nem o abriu. Alguma coisa me diz que ele sabia o que ia pedir assim que acordou.

Acho que a última vez que vi o pai de Ollie foi no casamento dos dois. Ele tem mais corpo que o filho caçula, e muito mais a dizer. Enquanto Ollie costuma ser introspectivo e reservado, o pai é bastante falante.

Jack pega um pedaço de pão da cesta no centro da mesa e pisca para a neta.

— Eu soube que você compôs uma música linda, boneca.

— Foi — responde Joan, sentada à minha esquerda. — O Gavin e eu compusemos e o papai ajudou e eu acho que é boa o bastante para ganhar o concurso.

— Isso é incrível — diz Jack. — E o que você vai fazer durante o resto das férias?

Joan sorri, como se já estivesse esperando essa pergunta.

— Andei pensando que seria uma boa ideia se o Gavin e eu tocássemos a música em um programa de TV.

— Seria ótimo — diz Jack. — Tenho certeza de que o Gavin poderia ajudar você com isso, não é, Gavin?

Eu disse a Joan mais cedo o que achava da ideia. Mas, claro, ela basicamente ignora a palavra *não*. Agora o avô dela está me encarando.

Por sorte, Ollie me salva.

— Pai, não dá para estalar os dedos e aparecer na TV.

— Na verdade — diz Joan —, teve um programa chamado *The Mindy Love Show* que ligou lá para casa. A mamãe já falou com eles. Parece que eles querem muito que eu participe.

Paige lança um olhar sério para a filha e depois se dirige à mesa.

— É, eu falei com alguém de lá, mas...

— Parece uma ótima oportunidade — diz Jack. — Aparentemente vamos ter duas celebridades à mesa com a gente.

Joan está sorrindo.

— Ela não faz um programa no estilo do Dr. Phil? — comenta Ollie.

— Ela é bem legal — diz Joan. — Eu sempre assisto ao programa dela.

— Desde quando? — pergunta Paige.

— Sinto muito — diz Ollie. — Acho que não posso deixar você aparecer em um programa desses.

— Por que não? — pergunta Joan.

— Porque essas pessoas são nocivas. Por que você não faz um vídeo tocando a música e a gente põe no YouTube?

Ollie sabe muito bem que ninguém vai ver o vídeo. Mas não o culpo por querer proteger a filha do circo da mídia.

— Por favor, papai.

— Ela aguenta — diz Jack. — Olhe só para ela. É uma tigresa.

A garçonete se aproxima, mas eu a dispenso com um aceno.

— Pai, ela é uma menininha — diz Ollie.

— E daí? Vejo menininhas cantando na TV o tempo todo.

— Tem uma menininha arrasando agora no *America's Got Talent* — lembra Nick. E, então, analisando nossas expressões, continua: — Eu assisto com as crianças.

— Não é na música dela que estão interessados — diz Ollie.

— Talvez não — responde Jack. — Mas temos que aceitar as oportunidades que surgem. Sua mãe nunca teve chance de tocar para uma plateia assim.

A menção à esposa deixa a mesa em silêncio e nos lembra por que estamos aqui. Pelo que sei, ela tocava nos fins de semana e nunca realizou o sonho de ser uma artista em tempo integral. Foi claramente dela que Ollie puxou o talento. Joan também.

Jack continua, mas em um tom mais conciliatório.

— O que podem perguntar a ela, Ollie? Que dia foi 22 de agosto de 2010?

— Domingo — responde Joan.

— Viu só? — diz Jack. — Se ela quer ir, por que não deixar a menina tentar?

— Ela já tentou — informa Paige. — Eu a levei para falar com um médico, e não foi uma experiência muito legal. Além do mais, agora já não adianta. Já disse a eles que não.

— Então não vou viajar nas férias com vocês — diz Joan.

— Tudo bem. Você pode ficar com seus primos.

— Gente, calma — diz Ollie, analisando o cardápio pela centésima vez.

Penso em como Syd e eu teríamos lidado com essa situação como pais. Nos últimos tempos, acho que seria eu que proibiria aquilo. Por medo, claro.

Aproveitando a interrupção da conversa, Jack se aproxima de Ollie.

— E então? Quando essa viagem vai acontecer?

— Em abril ou maio.

Jack aperta o queixo.

— É, talvez seja complicado, companheiro. É nossa época mais ocupada. Paige põe o cotovelo na mesa, inclina o corpo para a frente.

— O que você disse, Jack?

— Nada — responde Ollie.

— Eu só estava dizendo que talvez seja complicado em abril ou maio — explica Jack. — Especialmente se o Ollie for cuidar da agenda.

— Posso cuidar disso enquanto ele estiver fora — afirma Nick.

— Vamos dar um jeito — diz Ollie, encarando Paige.

Ela desvia o olhar, sem gostar do que viu. Sei o quanto a viagem significa para ela. Tem meia dúzia de guias de viagem empilhados na mesinha de centro da casa.

O garçom chega e entrega taças para os adultos. A garçonete, bem atrás dele, enche cada uma delas com champanhe. Quando os dois se afastam, Jack ergue a taça dele. O resto da mesa o acompanha.

— Vou ser breve. — Os ombros largos de Jack se erguem com a respiração e voltam ao lugar. — Conheci a Joanie no casamento do meu amigo Marvin. Ela cantou uma música com a banda e eu fiquei encantado. Eu era um menino comparado a ela, mas a nossa idade não importava. Chamei Joanie para dançar, e o resto vocês sabem. Tivemos quarenta e um lindos anos juntos. Mesmo os últimos dois. Estou contando esses dois também. Sei que você está aí em cima agora, olhando por nós, e só quero que saiba que amo você. Sinto sua falta. Todos nós sentimos. E nem um único dia passa sem que você esteja comigo. Estou falando sério. Feliz aniversário, meu amor.

Paige enxuga os olhos com um guardanapo. Do outro lado, Joan parece perdida em uma de suas bolhas de tempo. Seu corpo está imóvel, e a mão segura o copo d'água com força.

Minha mente viaja também. O restaurante favorito de Syd ficava em Laurel Canyon. Não consigo me imaginar indo àquele lugar de novo. Não sei como Jack faz isso, como consegue voltar a este lugar depois de vir aqui com a esposa por tantos anos. Por mais inspirador que seja testemunhar a força dele, é difícil acreditar que um dia chegarei a esse ponto se levar em conta o modo como me sinto agora. Especialmente depois do último contratempo.

Mas sempre haverá contratempos. Sempre haverá lembranças. Todo ano vai trazer outro aniversário, de nascimento e de namoro. As ruas pelas quais ando, os restaurantes em que como, o guardanapo dobrado em forma de triângulo em meu colo, tudo isso lembra o passado. Sydney está em todo lugar, sempre.

Termino meu champanhe e demonstro minha consideração por Jack com um aceno de cabeça. Ele não foi o único a conseguir passar por tudo aquilo.

Minha mãe também fez isso, assim como muitos outros. Talvez, quando estiver pronto, eu deva parar de tratar essas lembranças como abismos perigosos que tenho que saltar. E, um dia, quem sabe, vou vê-las como bons motivos para comemorar.

25

Seguro a pequena lanterna com a boca e ilumino o diário. Está escuro na Sala Silenciosa, mas não quero acender a luz porque neste momento estou usando o lugar como esconderijo.

A Sala Silenciosa é um bom lugar para ficar quando estou me sentindo muito sozinha, porque só tenho boas lembranças daqui. É aqui que sento quando meu pai grava as minhas músicas. Assim que entro nesta salinha, parece que sou a pessoa mais importante do mundo, porque todos os barulhos são abafados, com exceção do som que estou fazendo.

Agora, o único som que estou fazendo é o do lápis passando pelo papel. Tenho muitas coisas para escrever e pensar, tipo que o Gavin não quer mais ser meu parceiro agora que a gente terminou a música e a mandou para o concurso. Agora sei o quanto os Beatles ficaram chateados quando se separaram e tiveram que fazer todos aqueles shows e entrevistas sozinhos, sem ninguém para ficar sob os holofotes com eles. Deve ter sido um saco.

E aí tem meu pai, que eu achava que me entendia melhor do que ninguém, porque ele é o único que ouve as músicas com muita atenção, o único que se lembra de todos os artistas que já fizeram sucesso mas não fazem mais, e o único que sabe a força que uma música pode ter. Mas parece que ele esqueceu tudo isso agora.

Não vai ser a mesma coisa sem o estúdio. Já houve bastante mudança por aqui. As pessoas acham que eu não devia sentir falta das coisas porque tenho a lembrança delas guardada na caixa do meu cérebro, mas essas lembranças só me fazem sentir mais falta das coisas. É por isso que foi tão difícil agir normalmente hoje no restaurante, enquanto todo mundo bebia daquelas taças chiques: porque eu estava *vendo* a vovó Joan de verdade, sentada à mesa com a gente. Eu queria falar com ela sobre a minha música, mas não podia porque ela não estava ali.

O Gavin deve saber do que estou falando. Enquanto eu contava minhas lembranças com o Sydney, às vezes ele ficava confuso e achava que o

Sydney estava mesmo ali, sentado à sua frente. Acho que isso faz com que a gente seja mais próximo do que imaginei, porque nós dois sabemos o que é perder alguém especial.

Meu pai diz que a vovó Joan é uma alma, a tia Lauren diz que ela está no céu, meu avô diz que ela é um anjo, e meu primo mais velho diz que ela está em uma caixa com minhocas. Minha mãe tem alunos que acham que uma avó pode se transformar em um animal e voltar à vida, mas tenho outra teoria. Acho que minha avó vive dentro de uma fita cassete e, quando ouço essa fita e a ouço cantar e tocar piano, é quase como se ela estivesse cantando e tocando só para mim.

Desligo a lanterna e fecho o diário porque agora quero achar a fita da minha avó. Quero que as músicas me lembrem como é bom estar com ela. Empurro a porta pesada e parece que alguém acabou de tirar protetores de ouvido das minhas orelhas, porque começo a ouvir vozes: as do meu pai e do Gavin.

— Você lembra? — pergunta Gavin. — Você enrolou a mão com uma faixa, mas ficava soltando. Você arrancou no meio da música e ela foi parar na minha cabeça.

— Isso mesmo — responde meu pai. — Eu cortei a mão naquela fechadura chata que tinha no porta-malas. — Ele parece muito mais feliz do que estava no jantar. — E aquele show em Washington em que você andou na mesa de sinuca?

— Eu era doido naquela época — concorda Gavin.

— *Era?*

Os dois riem.

Então meu pai pergunta:

— Como estão as coisas?

— Que coisas? — quer saber Gavin.

— Você. Como você está?

— Alguns dias são bons. Outros, nem um pouco.

— É um saco, cara. Eu sinto muito. Não sei o que dizer.

— É.

Eles ficam em silêncio. Estou começando a suar. Meu pai fez uma Sala Silenciosa em que o ar-condicionado não entra direito porque faz muito barulho quando ele está gravando.

Agora Gavin pergunta ao meu pai se ele se lembra de alguma coisa da última vez que o Sydney visitou a gente em janeiro. Meu pai faz a mesma

coisa que faz quando o assunto não é música: esquece.

— Desculpe — diz meu pai, e é outra coisa que ele sempre faz: pede desculpas por esquecer. — Você perguntou à Paige?

— Ela não se lembra de muita coisa.

— É mesmo? Isso é estranho. Ela costuma lembrar essas coisas. Ainda lembra o que a gente jantou em todas as noites da nossa lua de mel. É incrível. Eu mal lembro o que comi no jantar de ontem.

Gavin não diz nada e meu pai continua falando.

— Sempre achei que a Joan tinha puxado a memória dela. Mas o médico disse que não funciona assim. Quem vai saber...

Meu pai finalmente para de falar e tudo fica em silêncio por um bom tempo. Subo no banquinho e me ajoelho para olhar pela janela. Meu pai e o Gavin estão segurando copos. Papai está com os pés no sofá. Os olhos dele passam por todo o estúdio e tenho que me esconder para que não me veja. Eu o escuto dizer:

— Vai ser difícil ter que desmontar este lugar.

Gavin continua sem falar nada.

— Mas bom... — diz meu pai. — Eu vivi meu sonho. Por quase vinte anos.

— Tem certeza de que é a coisa certa? — pergunta Gavin, por fim.

— Acho que sim. Estou cansado de correr atrás. É demais ver todo mundo se sacrificando só por mim. Era eu que deveria estar tomando conta deles.

— Mas você está.

Levanto a cabeça devagar. Meu pai está olhando para dentro do copo, como se tivesse encontrado um cílio ou um mosquitinho.

— Não precisa ser tudo ou nada, não é? — diz Gavin. — Por que você não monta uma salinha para você lá em cima?

— Não sei. Meio que acho que tem que ser tudo ou nada. Sou um viciado. Se vejo um instrumento em um lugar, tenho que tocar. E, antes que eu me dê conta, já se passaram horas. Sinceramente, neste momento, parece que meus dias como músico acabaram.

Ouçõ um címbalo muito alto bater nos meus ouvidos e sacudir meus ossos e quase caio do banquinho. Não é verdade, mas é como me sinto. As palavras do meu pai me abalam tanto assim. Ele me disse que vai fechar o estúdio, mas nunca falou nada sobre não compor mais músicas. Isso é uma coisa muito diferente.

Quero pular para fora da Sala Silenciosa, correr até meu pai, implorar para que mantenha o estúdio aberto, pare de trabalhar para o meu avô e deixe tudo ser do jeito que sempre foi. A gente já perdeu uma musicista da família, a vovó Joan. Não pode perder outro. Só eu vou sobrar.

Mas meu pai já me disse não hoje, e não quero ouvir isso de novo. Decido ficar na Sala Silenciosa e pensar bem naquilo. Parece que meu pai vai fazer a mesma coisa que fez depois que o Pepper, nosso cachorro, morreu. Quando o Pepper se foi, meu pai pegou a caminha, os brinquedos e a comida dele e jogou tudo no lixo. Parecia que ele estava tentando esquecer o Pepper de propósito, e agora está fazendo isso de novo com a música. Foi o que o Gavin fez quando queimou todas as coisas do Sydney. Mas o Gavin não queria esquecer o Sydney *de verdade*. Ele queria guardar as lembranças dele, e eu o ajudei a fazer isso. Talvez eu também possa fazer isso pelo meu pai, ajudar a guardar as lembranças do que sei que ele ama.

Mas como? Posso pedir ao vovô que demita meu pai, mas não acho que ele faria isso. Ouvei o vovô dizer mais cedo, no jantar, que deu o nome de Sully & Filhos à empresa porque queria que os filhos trabalhassem com ele, e agora os dois finalmente estão trabalhando. E minha mãe disse há semanas que ela está cansada de pagar pelo estúdio, então ela com certeza não vai ajudar.

Na verdade, não foi só isso que minha mãe falou:

Terça-feira, 9 de julho de 2013:

— *Se quiser pagar pelo estúdio, fique à vontade.*

Talvez eu tenha que fazer isso. Se puder achar um jeito de manter o estúdio, então meu pai não vai poder esquecer, já que todos os instrumentos dele ainda vão estar aqui. Se eles ainda estiverem aqui, como ele mesmo disse, não vai ter escolha a não ser tocar.

* * *

Na manhã seguinte, quando a casa está bem quieta, abro a gaveta da cozinha e encontro o número de telefone que minha mãe riscou no outro dia. Ao lado do número está o nome Felicia Dufresne.

Sei que não devia fazer isso, mas não posso ficar sentada vendo meu pai se tornar uma pessoa diferente. Tenho que fazê-lo se lembrar de quem ele realmente é.

Minha mãe disse que algumas das pessoas que ligam para a nossa casa para falar sobre mim querem pagar a gente, e espero que a moça do *The Mindy Love Show* seja uma delas.

Eu digito o número e uma moça atende.

Eu sussurro:

— É a Felicia?

— É, é a Felicia? Quem fala?

— Meu nome é Joan Sully.

— Pode falar mais alto, senhora?

— Meu nome é Joan Sully — repito um pouquinho mais alto. Não quero que ninguém me ouça. — Acho que você falou com a minha mãe, Paige Sully?

Ela deve ter desligado, é o que estou pensando, mas então a voz dela reaparece.

— Você é a menina da memória.

— É. Sou eu.

— Joan Sully. Ora, ora, ora, ouvimos coisas incríveis sobre você. Vamos ver. Que dia da semana foi 6 de dezembro de 1923?

— Não sei.

— Não sabe? — diz Felicia, parecendo irritada.

— Eu nasci em 2003.

— Ah, é. Claro. Como posso ajudar, Joan?

— Estou ligando para falar do *The Mindy Love Show*.

— É, bom, estávamos torcendo *muito* para poder colocar você no programa sobre as crianças-gênio. Temos um aluno de faculdade de onze anos, gêmeos de nove anos que são chefs de cozinha e um herpetologista de oito anos.

— Isso é ótimo, porque tenho uma boa notícia: minha mãe mudou de ideia. Posso participar do programa. Só me diga quando tenho que ir e vou até vocês.

— Ah — diz Felicia, transformando aquela pequena palavra em uma canção inteira. — Que pena... Queria que tivesse me ligado antes. Agora é tarde demais.

— Tarde demais? Não, não é. Por que seria tarde demais?

— Vamos gravar o episódio amanhã.

— Tudo bem. Não tenho nada para fazer amanhã.

— Não, você não entendeu. Já preenchemos todas as vagas.

— Mas você ligou para minha mãe outro dia! — falo alto demais.

— É. Estávamos guardando uma vaga para você. Mas agora a vaga foi preenchida.

— Quero minha vaga de volta. Tem que me dar a vaga de volta.

Felicia ri como se eu tivesse contado uma piada muito engraçada, mas ninguém pensa em mim como uma pessoa engraçada.

— Isso não é uma série para a internet, está bem? É um canal de TV. Não posso colocar você no programa no último minuto.

Eu me pergunto: *O que minha mãe faria?* Ela é mestre em ligações porque sempre consegue fazer a empresa de TV a cabo ajustar nossas contas.

— Bom, então vamos ter que ficar com o Dr. Phil.

— O Dr. Phil?

— É. Ele me queria muito.

— Ele também vai fazer um programa sobre crianças-gênio?

— Hum, vai. Tenho quase certeza.

— Não — diz Felicia.

— Vai. É melhor eu ligar para ele agora e dizer que estou com disponibilidade. Onde será que minha mãe deixou o telefone dele?

— Me deixe falar com a sua mãe. Eu devia mesmo estar conversando com ela. Tenho certeza de que ela e eu podemos acertar alguma coisa.

— Minha mãe disse que eu devia fazer isso sozinha — falo, o que não é realmente mentira. — Você pode falar comigo.

— Joan, escute. *Dr. Phil* passa no mesmo horário que o nosso e nós temos mais espectadores, então, se eu fosse você, com certeza ia querer aparecer no *nosso* programa, não no dele. Além disso, você não tem que viajar até a Califórnia. Isso é ridículo. É um voo muito longo e é muito quente lá no verão. Vamos ver... Ah, veja só! Parece que temos um espaço no início do programa. Por que não colocamos você aqui? Que tal?

— Parece ótimo. Mas e o dinheiro? Vocês pagam muito?

— Deus... — exclama Felicia. — Sabe, eu preferia discutir isso com os seus pais. Mas, sim, pagamos o valor-padrão do setor.

Não sei quanto meu pai precisa para manter o estúdio aberto, mas *valor-padrão do setor* parece bastante.

— E vocês ficam em Nova York, não é?

— Ficamos. Estou vendo que você mora do outro lado do rio, então deve ser bem fácil. O que acha? Tudo certo?

Não quero que os dias de músico do meu pai acabem. Só quero que tudo volte ao normal. Quero meu pai tocando seus instrumentos, sem perder mais nenhum passeio em Nova York. E, enquanto tudo isso estiver acontecendo, também quero tocar minha música para milhares de pessoas na TV e emocionar todo mundo para que nunca me esqueçam e eu finalmente me sinta segura dentro da caixa delas. Nem faz diferença se Gavin vai estar comigo ou não, porque sei cantar um pouco e um pouco é melhor que nada. Além disso, minha mãe já disse que posso fazer isso se quiser de verdade.

— Tudo — respondo.

— Maravilha! Vou mandar a papelada para sua mãe então, com a informação do endereço e a hora que você deve chegar. Peça para sua mãe assinar a folha e traga com você amanhã. Você tem o e-mail dela? Vou mandar agora mesmo.

Peço que Felicia envie a papelada para o e-mail da família. Eu me despeço e vou até o computador para pegar o e-mail dela. Assim que desligo, meu pai entra na cozinha. Fico com medo de ele ter me ouvido ao telefone, mas provavelmente não ouviu, porque ele ainda não tomou café, o que significa que não acordou de verdade.

— Achei que você fosse trabalhar hoje — digo.

— Vou mais tarde.

— Cadê a mamãe?

— Ela teve que sair. — Ele serve água em um copo grande e bebe tudo.

— Você já tomou café?

— Não.

— Que tal um crepe?

Sinto saudade de quando meu pai preparava o café, mas não posso ficar.

— Não, obrigada. Não estou com fome.

Tento sair da cozinha.

— Joan — diz ele. — Sente-se.

* * *

Meu pai leva quase vinte minutos para preparar o café porque ainda está acordando e também porque leva o preparo dos crepes muito a sério. Ele recheia o meu com Nutella e morangos cortados bem fininhos. Depois ele

dobra tudo, salpica açúcar por cima e põe na minha frente. Antes que ele tenha a chance de se sentar à mesa com um crepe, já estou na metade do meu. Está bom assim.

— Então — diz ele, pousando a caneca de café e cortando o crepe com a lateral do garfo. — Você vai me contar o que estava fazendo no estúdio ontem à noite?

Eu não planejava, mas dormi na Sala Silenciosa. Meu pai e o Gavin continuaram conversando e fiquei com medo de sair da cabine. Aí alguém chamou o meu nome, a porta abriu e meu pai me carregou para o quarto e me cobriu com um cobertor. Quando abri os olhos, o diário estava esperando na mesa de cabeceira.

— Escrevendo no meu diário — respondo.

— Por que lá embaixo?

— Eu gosto de lá.

Ele para de mastigar o crepe, que é recheado de bananas gosmentas e um tipo de queijo molinho.

— Eu sei que gosta.

Ele olha para a mesa e eu também, achando que deve haver alguma coisa para ver, mas o filme a que meu pai está assistindo só passa na cabeça dele. Sei como é.

— Quando eu tinha a sua idade — diz meu pai —, o tio Nick e eu pedimos a seu avô para fazer uma casa na árvore para a gente. Ele quis que nós mesmos construíssemos. Ele fez a maior parte do trabalho, mas colocamos a mão na massa. Seguramos a madeira no lugar. Sentíamos que estávamos construindo. No fim, tínhamos uma coisa que havíamos ajudado a criar. Podíamos pôr as mãos nela, tocar em tudo. Não dá para fazer isso com a música. Ela existe no éter.

— O que é o éter?

— O ar. Não dá para ver. Fica basicamente na nossa cabeça. A música exige muita fé.

Lembranças são assim também. É por isso que gosto de escrever no diário. Isso faz todas as minhas lembranças parecerem mais reais.

O braço do meu pai está na mesa, e a tatuagem do Monkey Finger me encara.

— Gosto mais quando você está em casa — digo.

Ele limpa a Nutella da minha bochecha com o polegar. Apesar de a Nutella ter sumido, ele continua me encarando.

— Sei que é difícil, Joanie. É difícil para mim também. Mas, quando você voltar para a escola em setembro, nem vai notar que não estou aqui.

Mas não é verdade.

Quarta-feira, 1º de maio de 2013: Entro em casa depois da escola, largo a mochila no chão, pego uma maçã da geladeira, desço para o estúdio e meu pai está ao computador. Tiro o Gibson do suporte e começo a tocar. Meu pai está trabalhando e eu também e a gente nem conversa, mas é perfeito.

Aquele dia de escola foi igual a qualquer outro, mas as músicas são sempre diferentes, e nossas roupas também. Às vezes pego uma nectarina, não uma maçã. E às vezes eu nem toco porque estou fazendo o dever de casa, mas ainda assim estou lá embaixo no estúdio com meu pai.

Então minha mãe entra usando óculos de sol. Olho para as mãos dela, achando que ela pode ter ido comprar comida ou talvez fazer as unhas no salão. Mas as mãos dela estão vazias, e as unhas parecem feias e claras. Ela não está nem carregando a bolsa, o que é estranho, e tem o cabelo preso em um rabo de cavalo, o que é ainda mais estranho. Minha mãe não gosta das orelhas dela, então só prende o cabelo quando está com muito calor, tipo quando faz exercício. Mas ela está usando roupas normais, não as de ginástica.

— Onde você estava? — pergunto.

— Fui dar uma volta — responde minha mãe, o que para ela é ainda mais estranho do que não estar com a bolsa ou ter prendido o cabelo em um rabo de cavalo. — O Gavin ainda está dormindo?

— Acho que sim — diz meu pai.

Minha mãe abre a porta do estúdio e desce a escada.

Meu pai e eu ficamos olhando mamãe descer, então ele se vira para mim ainda sentado e abre os braços.

— Venha aqui.

Ele me puxa e o abraço faz com que eu me sinta pior, porque só me lembra do quanto fico feliz quando ele está por perto. Às vezes eu também esqueço as coisas.

— Desculpe pela história do *Mindy Love* — diz meu pai em meu ouvido. — Só estou tentando fazer o que é certo para você.

Também estou tentando fazer o que é certo para mim. E, enquanto estou fazendo isso, também estou tentando fazer o que é certo para ele.

26

No escuro, uma voz familiar me chama, sussurra meu nome. Ergo a cabeça e abro os olhos só um pouquinho por causa da luz. Uma sombra está parada à porta. Eu me pergunto, só por um instante, se pode ser ele. Finalmente acordei depois desse longo pesadelo?

— Você está acordado? — diz a sombra.

Não é Sydney. Claro que não é Sydney. É Paige.

Deixo minha cabeça pesada cair de novo no travesseiro.

— Estou — respondo.

— Levante. Vista-se.

— Isso pode demorar um pouco.

— Por favor — pede Paige. — A gente tem que conversar.

Ela sai e fecha a porta.

* * *

— Este era o lugar favorito dele — diz Paige.

Estamos no parque Riverview, a apenas algumas quadras da casa dos Sully. Estamos sentados na base de concreto que costumava ser o piso de um gazebo. De acordo com Paige, o telhado do gazebo foi destruído durante a grande tempestade do ano passado.

— Acho que ele não gostava muito do bairro — diz Paige —, mas adorava a vista daqui.

Nossas pernas balançam na lateral, os olhos estão voltados para a frente. O concreto está quente sob nossas pernas. Adiante, o sol ofuscante se ergue sobre Manhattan.

— Tem uma coisa que não contei — diz ela.

Meu coração acelera, a adrenalina faz minha mente se concentrar. Depois de algumas coisas que Ollie me falou ontem sobre a memória

excepcional de Paige, fiquei me perguntando se era possível que ela soubesse mais do que estava revelando.

— Não achei que fosse fazer bem a você. Mas agora vejo que você nunca vai desistir disso, e não o culpo. Se o que você disse ontem é verdade, então o Sydney também estava escondendo coisas de mim.

Eu não queria estar certo. Estava desesperado para estar errado.

— Você sabia que o Sydney pediu meus óvulos? — pergunta Paige.

— Não.

— Algumas semanas antes de vir me visitar em janeiro, ele me ligou e veio com essa ideia. Eu não sabia o que dizer. Falei que ia pensar e voltaria a falar com ele. — Ela faz uma pausa. — Tenho quase certeza de que não era a resposta que ele queria.

— Não entendo. Por que pedir a você? A gente ia usar os da minha irmã. Esse era o plano.

— Eu sei — responde Paige, olhando para a frente. — Mas esse plano não deu certo.

— Do que você está falando?

— O Syd falou com a Veronica.

— O quê? Quando isso aconteceu?

— Perto do ano-novo.

Penso mais uma vez naquela noite de dezembro, em como Syd ficou frustrado comigo por ter pisado no freio da nossa paternidade.

— A Veronica disse que ficaria muito feliz em fazer isso — diz Paige. — Mas tinha um problema. Ela havia acabado de começar a namorar um cara e achava que o relacionamento podia dar certo. Não era um bom momento. O Syd não queria contar com a possibilidade de o relacionamento não vingar, então começou a pensar em outro plano. Acho que começou comigo.

Ainda não consegui passar da primeira parte.

— Era eu que ia pedir à minha irmã. Eu ia pedir.

— Ele sabia disso — diz Paige, adotando um tom maternal. — Ele sabia que você ia fazer isso alguma hora. Mas também sabia como todo o processo seria difícil. Ele queria começar enquanto você ainda estava entendendo o que quer que você precisasse entender.

— Foi muito condescendente.

— Não era isso. Ele só não queria apressar você. Queria dar o tempo de que você precisava, mas também sabia que não podia esperar para sempre.

A urgência de Syd em relação ao futuro costumava me parecer obsessiva e irracional. No entanto, o jeito que Paige o descreveu o faz parecer clarividente. Era como se ele carregasse uma ampulheta no bolso e soubesse exatamente quando seu tempo acabaria. Na verdade, era só porque o medo dele o influenciava tanto quanto o meu me influenciava. A diferença era que o dele o incentivava a seguir em frente enquanto o meu continua me travando.

— O que isso tem a ver com todas as viagens que ele fez para Nova York?

— Não sei direito. — Ela se levanta. Eu a observo andar pelo concreto.
— O que vou dizer é só uma teoria, está bem? Só um palpite. Não quis contar logo de cara porque nem sei se significa alguma coisa.

Eu me levanto e cruzo os braços, preparando-me.

— Pode falar.

— Quando Sydney veio em janeiro, ele não falou do que a gente tinha conversado, sobre a possibilidade de usar os óvulos. Eu tinha pensado muito nisso. Estava seriamente considerando aceitar. Mas ele já tinha passado para a próxima possibilidade.

— Que era?

— Outra mulher. Não sei quem, mas ele jurou que sentia uma conexão com ela. Falei que não achava uma boa ideia. Não dava para ele pegar uma mulher, uma estranha, e pedir os óvulos dela. Falei que ele devia ir para casa e conversar com você. Achei que seria melhor vocês encontrarem uma doadora através da agência. Mas acho que ele não me ouviu. A gente estava olhando para a cidade, assim como eu e você estamos agora, e juro que tive a sensação de que ele não estava aceitando o que eu dizia.

— O que ele fez?

— Não sei — diz Paige, soltando um longo suspiro. — Talvez nada. Não tenho provas de que tenha dado em alguma coisa. Mas, conhecendo o Syd, ele pode ter decidido ir em frente de qualquer maneira. Se ele voltou outras duas vezes e não foi para trabalhar, então... não sei. Seja o que for, depois que não o incentivei, acho que ele não quis mais conversar comigo. Sinto muito. Eu não devia ter escondido isso de você.

Syd odiava todo o processo da agência. A grande maioria das doadoras de óvulos prefere se manter anônima, e com toda razão. Elas não querem que as crianças as procurem mais tarde. Mas Syd não conseguia entender

como devíamos tomar uma decisão importante na vida com base em uma lista de estatísticas e algumas imagens. Ele insistia em “conhecer” a pessoa.

— Quem era a mulher?

— Alguma artista. Era isso que ele estava me mostrando no computador aquele dia. Ele queria saber o que eu achava do trabalho dela.

— Você sabe o nome dela?

— Sei — diz Paige, ciente do que vou fazer com a informação, mas incapaz de parar agora. — Marigold Hallowell.

* * *

Voltamos para casa e garanto a Paige que não estou irritado. Eu entendo. Com Syd, quando a gente se recusava a participar, às vezes era deixado para trás.

Ela sobe para o apartamento e eu entro pelo estúdio, onde — que surpresa... — Joan está me esperando no sofá.

Eu pergunto:

— Você já ouviu falar no nome Marigold Hallowell?

— Não — responde Joan. — Então você vai cuidar de mim amanhã de manhã, não é?

— Vou? — digo, indo para o quarto.

Joan me segue.

— Minha mãe disse que vocês conversaram sobre isso na semana passada.

— Sim. E daí?

— Eu só queria conferir se você lembrava. Tem certeza de que continua querendo fazer carreira solo?

— Não sei do que você está falando, Joan.

— Eu ia preferir um dueto, mas parece que você prefere seguir carreira solo. Eu realmente gostaria de saber, porque tenho um show importante.

Chegamos à minha porta. Meu cérebro está inútil. Mal consigo acompanhar meus pensamentos, muito menos os dela.

— Não sei o que você está querendo dizer, Joan. Que show?

— Não posso falar. É segredo.

Não tenho tempo para mais adivinhações, não agora. Peço licença com o máximo de delicadeza possível e fecho a porta do quarto. Estou prestes a

fazer uma busca pelo nome Marigold Hallowell, mas não chego a fazer isso.

Vejo algo em minha cômoda. É o quadro da floresta de Syd, a versão em forma de cartão-postal que comprei na feira de artesanato. Esteve aqui o tempo todo, bem na minha cara. Destruí o original, mas o quadro voltou para minha vida de alguma maneira. Eu não sabia na hora por quê, mas agora entendo. Como eu poderia esquecer? O presente que Sydney mencionou na mensagem de texto, o que ele ia trazer para casa de Nova York. Agora me lembro. Ele não tinha trazido nada quando pousou no aeroporto. Chegou por correio uma semana depois. Era o quadro da floresta. Eu nunca tinha ouvido falar da artista. Ele chamou de investimento.

Viro o cartão-postal. O nome da artista é Marigold Hallowell. É a Mara.

As informações de contato dela estão ali. *Brooklyn, Nova York* está riscado. Acima disso, ela escreveu à mão um endereço novo em New Hope, na Pensilvânia.

O site de Mara mostra todos os trabalhos dela, inclusive o quadro da floresta. A obra se chama *Bosque*. Ela tem outras. *Toca do lobo, Café da manhã* e *D&D*.

* * *

De início, planejo embarcar em um trem, mas prefiro alugar um carro. Ponho o endereço no celular e deixo o GPS me guiar.

Não dirijo desde que cheguei a Nova Jersey. É um alívio estar ao volante de novo, andando ao ritmo que meu coração dita. Nesse caso, ele me faz correr pela faixa da esquerda da rodovia. Tenho os braços estendidos à frente, a pulseira balançando em meu pulso e a águia me encarando.

Minha intuição estava certa. Ele estava mentindo para mim. Só que não pelo motivo que eu suspeitava. Estava procurando uma doadora de óvulos.

Não sei se tudo isso vai acabar com Marigold Hallowell ou se envolve outras pessoas. Tudo que sei é que Syd foi encontrar Mara no Brooklyn em janeiro. Ele comprou um quadro dela que foi enviado para nossa casa, onde ficou pendurado com orgulho em nossa parede até ser jogado no fogo. O resto é um mistério, inclusive o que ele estava fazendo em Nova York em

fevereiro, além de ver imóveis, e o que veio fazer na viagem de abril, sobre a qual ainda não sei nada.

Fico assustado quando o GPS me manda pegar a próxima saída. Estou na estrada há noventa minutos, mas parecem vinte.

Deixei para trás os arranha-céus, as indústrias e o engarrafamento. Pego uma ponte caindo aos pedaços sobre um rio lento e passo por uma cidade modesta. Estou seguindo uma estrada vicinal, com árvores arqueadas lançando sombras no asfalto.

Entro em uma rua lateral. A casa, segundo o GPS, ainda fica mais à frente, mas paro ali e saio do carro. Aves e insetos produzem uma música natural à minha volta. Olho para cima, esperando pôr uma cara naquele piado. Um melro está empoleirado bem acima de mim. Meu espírito animal, segundo Joan. Encontrá-lo ali, no meio de uma jornada como esta, parece um bom presságio. Mas, olhando mais de perto, não vejo animal nenhum, apenas uma sombra. Procuro outros fazedores de melodias nas árvores, mas todos os músicos estão escondidos.

Checo a caixa de correio na calçada e confirmo o endereço. Começo a percorrer o caminho até a entrada, onde um único carro, um hatch, está estacionado. Alguém está em casa.

À medida que me aproximo, ouço um rugido baixo, constante e padronizado, algo feito por um ser humano. Vem da garagem situada a cerca de dez metros da lateral da casa. A porta automática está aberta. Dentro dela, há telas apoiadas na parede.

Eu me aproximo. Na garagem, alguém está agachado sobre uma lata, mexendo com um pincel, de costas para mim. Um grande ventilador industrial sopra contra uma camiseta branca; o cabelo longo está preso sob um boné. Meus sapatos fazem barulho quando saio do caminho cimentado e desço a trilha de cascalho até a garagem. Ela vira a cabeça e se levanta.

Não está totalmente surpresa. Há uma sensação de acerto de contas em sua testa franzida.

Ela larga o pincel na lata e limpa as mãos no jeans manchado. Depois de ajustar o boné sobre o cabelo amarrado, abre os braços para tudo que a cerca, o estúdio improvisado, o bosque, o mundo todo — e diz:

— Seja bem-vindo.

27

Estamos vasculhando araras, procurando uma coisa especial. Também estou ouvindo a música que toca na loja e não me sinto muito impressionada. Minha mãe acha que estamos aqui para comprar roupas para a escola, mas, na verdade, preciso de um vestido novo porque vou aparecer na televisão amanhã.

Minha mãe enfia a mão no meio da arara e saca um vestido. Sinto que já fiz isso antes. Acho que estou tendo um *déjà-vu*, quando a gente sente que se lembra de fazer uma coisa, mas a lembrança não é real. Nunca tive um *déjà-vu*, então não estou muito certa de início, mas agora tenho certeza absoluta, porque sei que esta é a primeira vez que minha mãe me leva para fazer compras nesta loja.

Minha mãe costuma comprar naquelas lojas que têm muitas coisas diferentes à venda, tipo roupas, computadores, papel higiênico, móveis e comida, e a gente põe tudo que quer em um carrinho de compras. Mas esta loja só vende roupas e nenhuma delas caiu no chão, nem foi colocada na arara errada, nem foi jogada em uma pilha bagunçada em uma prateleira. Tudo é perfeito. Além disso, não tem carrinhos de compras.

O vestido que minha mãe está segurando tem listras, e eu gosto disso, e é sem mangas, e também gosto disso. Fecho os olhos e me imagino na TV. O sonho é quase perfeito, mas meu parceiro não está do meu lado. Abro os olhos e minha mãe sacode o cabide, fazendo o vestido dançar no ar.

— E aí?

— Gostei.

— Mas você adorou? — pergunta ela.

— Não sei.

— Vamos continuar procurando.

Tive que inventar alguma coisa para fazer hoje porque o dia parecia estar se tornando muito longo, mais demorado que as filas das montanhas-russas

do Six Flags, mais demorado que o filme em preto e branco que meu pai faz a gente assistir todo ano no Natal.

Minha mãe vai passando os cabides.

— Bom, essa história do *Mindy Love Show* — começa a dizer.

Meu estômago revira.

— O que foi?

— Eu sei que aparecer na TV parece uma coisa legal, mas seu pai e eu achamos que seria melhor que a sua condição especial ficasse mais entre a gente.

— Por quê?

— É diferente com os nossos amigos e parentes. Eles a conhecem. Mas você tem que lembrar... Desculpe, você tem que *perceber* que o que tem é muito raro. Se aparecer na TV, muito mais gente vai querer falar com você. Nosso telefone vai tocar muito mais do que toca agora. Você entende isso?

Parece incrível. Mas sei que minha mãe não pensa assim, e me pergunto se a coisa secreta que estou tentando fazer realmente vale a pena.

E agora minha mãe está fazendo com que eu me sinta ainda pior, porque ela acabou de achar um vestido tão lindo que normalmente me faria dar pulinhos. Em vez disso, eu só sorrio como uma palhaça. Palhaços têm sorrisos pintados no rosto. Ainda assim, não parecem felizes.

— Você também não adorou este aqui? — pergunta minha mãe.

— Não, eu adorei.



Ele lembra um uniforme de super-herói, mas também um uniforme de policial e também aquela expressão que diz que a gente tem o coração na mão.

Sorrio de verdade agora e minha mãe também. Ela me entrega o vestido e se afasta para comprar mais coisas. Seguro a ponta do cabide e noto a etiqueta. Normalmente minha mãe compra para mim roupas com preços que começam com um número um, tipo doze, catorze ou dezoito, mas este vestido custa cinquenta e dois dólares.

Sigo minha mãe até a seção de adultos para ela procurar uma calça. Tem uma menina da minha idade que também está com a mãe ali. A mãe segura a mesma calça branca que mamãe tem nas mãos, mas a calça da mãe dela é bem maior, o que me faz olhar de novo para as pernas e a cintura mais finas da minha mãe, porque às vezes a gente vê uma coisa tantas vezes que esquece como é de verdade.

— Você vai comprar? — pergunto.

— A gente não deve usar branco depois do Dia do Trabalho — diz minha mãe.

— Quando é o Dia do Trabalho?

— Daqui a algumas semanas.

Ela ergue mais a calça, olha a parte da frente e a de trás, mas não olha para a etiqueta, a primeira coisa que ela costuma olhar.

— Por que não, né? — diz, pendurando a calça no braço, antes de nos guiar até o provador.

Eu me pergunto o que está acontecendo, por que minha mãe nos trouxe para uma loja chique e por que não parece se preocupar com o preço, apesar de dizer que não temos dinheiro suficiente para pagar pelo estúdio. Agora não me sinto mais tão mal com o que tenho que fazer amanhã, porque se minha mãe prefere comprar em lojas chiques e fazer viagens chiques a salvar o estúdio do papai e continuar deixando que ele toque, então tenho mesmo que fazer isso sozinha.

Agora estou pensando no *The Mindy Love Show* e também no meu parceiro. Estamos no provador e minha mãe olha fixamente para o espelho para ver como as pernas ficam naquela calça branca. Estou usando o vestido e ele parece cair bem, mas estou concentrada em outra coisa.

— Você conhece Marigold Hallowell? — pergunto.

Nós nos olhamos pelo espelho, apesar de estarmos uma do lado da outra.

— Onde você ouviu esse nome? — diz minha mãe.

— O Gavin me perguntou antes de sair. Por quê? Quem é ela?

Alguns segundos atrás, minha mãe parecia feliz com o modo como a calça branca caía nela. Mas agora, pela expressão em seu rosto, ela não

parece ter tanta certeza.

— É uma aspirante a artista.

— O que significa *aspirante*?

— Significa que ela quer ser uma artista de verdade um dia, mas ainda não chegou lá.

Acho que sou uma aspirante a artista também, mas não por muito tempo, porque depois de tocar minha música na televisão e ganhar o concurso, vou estar exatamente onde quero.

— O que mais o Gavin disse? — pergunta minha mãe, vestindo as roupas dela de novo.

— Nada, na verdade. Lembrei que ele vai cuidar de mim amanhã quando você estiver dando aula.

Saímos do provador e entramos na fila para pagar. Ela decidiu comprar a calça, mas ainda tem a expressão de dúvida no rosto.

— Talvez eu deva cancelar a aula e ficar em casa com você.

Meu plano secreto não vai funcionar a não ser que o Gavin esteja cuidando de mim.

— Você não pode cancelar. E seus alunos? Eles precisam de você, não precisam?

— Desde quando você se importa com isso?

Dou de ombros.

— Também posso deixar você na casa da Naveyah amanhã — diz minha mãe.

— Mas eu achei que o Gavin ia ficar cuidando de mim.

O atendente chama o próximo da fila.

— Eu sei. Mas isso foi antes...

— Antes do quê?

Minha mãe se aproxima do balcão, coloca as roupas diante do atendente e vasculha a bolsa à procura da carteira.

— Antes do quê, mãe?

Ela passa o cartão de crédito pela máquina e aperta alguns botões.

— Nada, amor.

Mas isso não basta.

— Eu queria saber o que está acontecendo com o Gavin.

Ela guarda o cartão de volta na carteira.

— Eu também.

28

A garçonete traz nossos drinques e deixa os cardápios. Talvez eu coma mais tarde. Por enquanto, meu estômago está ocupado se consumindo.

— No dia que você foi à feira — diz Mara —, eu não tive certeza se você sabia.

Quando a conheci naquele dia, vi Mara apenas como uma conhecida do homem que eu havia amado e uma artista cujo quadro exibíamos em nossa casa. Mas essa mulher sentada diante de mim agora é alguém totalmente novo. Ela é a pessoa em quem Syd estava disposto a apostar todo o nosso futuro.

É difícil não examinar cada movimento e atributo dela. Arco-íris de tinta se abrigam sob suas unhas. Os olhos são hipnoticamente azuis, ainda mais pronunciados em contraste com o cabelo castanho-escuro e a pele clara. Ela tem uma estrutura óssea facial decente, nada chamativo demais. No geral, há algo inegavelmente acolhedor e caloroso nela, como se estivesse abrindo um sorriso sutil quando não está. Então, quando ela sorri de verdade, o rosto parece expandir e uma grande covinha se forma na bochecha direita.

Tomo um gole de cerveja.

— Por favor, vamos do início. Como vocês se conheceram?

Mara começa a história em uma festa em uma casa em Park Slope. Ela foi convidada por um amigo de um amigo. Não sabe como Sydney foi parar lá.

— Eu estava olhando para uma estante de livros e ele veio até mim — diz Mara. — Ele achou que eu estivesse olhando para os livros, mas na verdade eu estava olhando as prateleiras. A parede inteira da casa era coberta por estantes embutidas. Eu disse a ele que, um dia, teria uma casa com estantes embutidas. E ele disse: “Acredito em você.” — Ela faz uma pausa para pensar. — Não era a resposta que eu esperava.

Eu me pergunto como teria reagido se Syd tivesse se aproximado aleatoriamente de mim em uma festa em vez de termos nos conhecido em

um encontro marcado. Será que eu o teria levado a sério? Só pela aparência, acho que não. O charme de Sydney se tornava mais evidente quando ele ficava sozinho com alguém. Era aí que todos descobriam seu dom especial. Sydney tinha um talento tão raro que, quando as pessoas percebiam, simplesmente contavam tudo a ele. Era simples: ele escutava.

Os dois conversaram mais sobre as estantes e depois sobre os livros. Syd comentou que *The Art of Looking Sideways*, que estava deitado na prateleira, ficaria melhor na vertical, pois a pessoa que observasse a estante seria realmente forçada a virar a cabeça para ler o título. Com isso, Mara sugeriu que todos os livros deviam ser guardados com a lombada virada para a parede, para que ninguém soubesse que livro estava pegando. Syd perguntou se aquilo era uma interpretação extrema do velho adágio “nunca julgue um livro pela capa”.

— Não foi o que eu quis dizer — conta Mara. — Só achei que seria mais divertido assim. Uma pequena aventura toda vez que pegássemos um livro. O Syd gostou disso.

Eles haviam se encontrado pela primeira vez em setembro. As datas faziam sentido. Joan já havia me contado que, naquela mesma viagem a Nova York, Syd também tinha ido a um churrasco no quintal dos Sully, onde havia conversado com ela sobre não querer ser o último Brennett.

— O que você achou dele? — pergunto.

Ela para um instante.

— Para ser sincera, antes de ele aparecer, eu estava entediada e prestes a ir embora. Mas, depois que começamos a conversar, perdi a noção do tempo.

— Sobre o que mais vocês conversaram?

— Ele estava muito interessado na minha arte. — Ela quase se encolhe ao dizer isso.

— O que foi?

— Nada. Eu odeio falar sobre o que faço. Fico mais feliz em fazer. — Ela solta o copo de cerveja como se só agora tivesse percebido como ele está gelado. — É um dos motivos pelos quais não sinto falta do Brooklyn. Parecia que algumas pessoas estavam mais interessadas em dizer que eram artistas do que em realmente fazer arte. Mas, sei lá, não me importei em falar sobre isso com o Sydney. Foi legal.

Syd era ótimo em fazer pessoas artísticas se sentirem importantes. Ele realmente acreditava no poder da arte de inspirar, guiar e transformar. Ele

também sabia como a arte era eficaz em fazer as pessoas comprarem uma ideia. Vender, afinal, era sua vocação.

— E imagino que você tenha percebido que ele não estava tentando passar uma cantada em você?

Ela abre um sorriso gentil.

— Ele logo mencionou você. Achei muito fofo o jeito que ele se gabou de você. Ele falou da série, do seu papel e insistiu para que eu assistisse. Falei que quase nunca assistia à TV e ele retrucou alguma coisa como: “Bom, querida, é melhor você começar.”

Ela fala aquilo com um olhar pensativo. Vi o mesmo olhar quando ela falou sobre Sydney na feira de artesanato. O olhar de quem se lembra de Sydney não é exclusivo dela. Vi uma expressão parecida em Paige e em muitos outros que falavam sobre ele. E, ao perceber isso, vejo que é um erro tratar Mara como uma estranha ou uma adversária ou alguém de quem só posso extrair informações. Porque agora eu vejo que ela, assim como todos nós, o amava.

— Não sei por quê — diz Mara, ainda com aquele olhar —, mas ele sempre me acalmava.

— Sei bem como é — garanto a ela.

Quero a calma que ele me passava. Tenho quase certeza de que Mara e eu iríamos gostar de uma dose dela agora.

Ela toma o primeiro gole da cerveja, deixando uma leve marca de batom na beirada do copo.

— Como vocês se despediram naquela noite? — pergunto.

— Ele me falou... — Ela se interrompe. A bolsa dela está tocando. Ela olha para o telefone e pensa se deve atender. Então ignora a ligação e pede desculpas. — O Syd disse que ia dar uma olhada nas minhas obras no site. A maioria das pessoas diz isso e a gente nunca fica sabendo, mas, uns dois meses depois, ele ligou, do nada.

— Quando foi isso exatamente?

— No início de janeiro. Logo depois do ano-novo.

Depois da nossa briga em dezembro.

— Ele disse que queria comprar um dos meus quadros — diz Mara. — Queria saber se podia vir me visitar da próxima vez que viesse à cidade. Comecei a literalmente dançar no meu quarto, surtando. Nunca tinha recebido uma ligação como aquela na vida. Achei que era bom demais para ser verdade. Mas ele ligou outra vez para marcar uma data. Fiquei muito

inspirada depois disso. Quando ele veio, já tinha um monte de quadros novos para mostrar.

— Você morava no Brooklyn na época?

— Morava — responde Mara. — Ele foi ao meu apartamento. E levou, tipo, uns cinco tipos de sopa.

— Por que tanta sopa?

— Também não entendi a princípio. Então lembrei que tinha escrito na minha página do Facebook que adoro sopa. — Ela ergue o copo, como se o cuidado de Sydney merecesse um brinde. — Ele obviamente tinha pesquisado bem.

Penso no meu primeiro encontro com Sydney e a noção — que havia adquirido recentemente através da lembrança de Joan — de que ele havia escolhido aquele restaurante japonês com base em uma imitação ruim que eu fazia na faculdade. Parece que ainda há muito mais a saber sobre o esforço que Syd fazia quando queria muito alguma coisa.

— Nós nos sentamos no meu apartamento, tomamos sopa e conversamos. Ele me fez várias perguntas, mas não pareceu uma entrevista nem nada. Foi tudo muito natural e fácil, como se fôssemos velhos amigos. Ele perguntou sobre coisas bobas, tipo qual é o meu signo, e...

— E *qual* é o seu signo?

— Leão.

Assinto, entendendo.

— O que foi? — pergunta Mara.

— Leão e libra são os melhores signos. Era isso que Syd sempre dizia. Ele achava que pessoas desses signos eram as mais fortes.

Ela pensa na ideia e depois dá um tapinha na barriga.

— Eu com certeza ia gostar de ser mais forte.

Eu sorrio e levanto meu copo, concordando.

— Ele me fez perguntas mais pessoais também — conta Mara. — Quis saber sobre meus grandes planos, e eu tive que rir. Eu não tinha planos. Falei que tinha dificuldade de acreditar que realmente podia me manter como pintora, e ele basicamente me disse: “Ei, se é assim que você vai pensar, é melhor parar agora.”

— Ele era mesmo um cara tudo ou nada.

— Eu sei — diz Mara. — Estou tentando ser mais assim.

Syd deixou uma marca nela. Não digo de maneira negativa. Ele deixou em mim também. Ele me fez perceber que eu não fazia tudo que podia e

que não era tarde demais para corrigir isso. Sinceramente, da primeira vez que fez aquele discurso para mim, achei que ele estava falando merda. Mas então, para minha surpresa, aquilo funcionou. Parece que ele estava tentando ensinar a mesma coisa para Mara. A acreditar.

— Foi quando ele comprou o quadro da floresta com você? O *Bosque*? — pergunto.

— Eu estava pedindo duzentos e cinquenta — diz Mara. — Ele disse que meu preço era baixo demais. Pagou dois mil e quinhentos.

As sobrelhas arqueadas me dizem que ela ainda não consegue acreditar no valor.

— Você ficou pensando, tipo: “Quem é esse cara?”

— Claro — responde Mara. — Mas, pelo que pude ver, ele estava realmente falando sério. Deu um cheque ali mesmo. Eu não quis descontar na hora. Lembro de ter ficado olhando para ele por dias. Significava muito mais do que dinheiro. E, acredite, eu precisava *muito* do dinheiro.

— E depois? Ele pegou o quadro e foi embora? — pergunto.

— Ele me deu um abraço. — Ela baixa o olhar e o fixa em uma mancha entre nós. Depois, olhando para mim com um sorriso corajoso, diz: — Não percebi o quanto eu queria aquilo.

— O abraço?

— A confiança — corrige Mara. — Alguém que dissesse: “Parabéns. Continue.” Meus pais não quiseram pagar pela faculdade de belas-artes. Eles nunca me entenderam, sabe?

Sei quão poderoso pode ser ver alguém ter confiança em você. Estou tentando encontrar as palavras certas para dizer, mas a garçonete chega e acaba com o momento.

Peço uma porção de fritas, só para pôr algo no estômago, apesar de nós dois termos dito que não estamos com fome, então peço licença para ir ao banheiro. Enxaguo o rosto com água fria, mas isso não me ajuda. Não me faz acordar do que parece ser um sonho. Sydney forjou todo um relacionamento com essa pessoa e, apesar de eu ter uma leve consciência disso, não tinha noção da força desse elo nem do quanto dependia dele.

Eu também não estava preparado para Mara, a pessoa. Ela é inteligente, esperta, humilde, atenciosa e, pelo que posso ver, forte. Eu devia saber que Syd não teria dedicado tanto tempo e energia a alguém que não merecesse de verdade. Mas simplesmente não esperava que a mulher que havia

construído uma parceria secreta com Sydney sem meu conhecimento e aprovação fosse tão adorável.

Há tantas perguntas que apenas Sydney pode responder sobre seu estado de espírito, suas intenções e emoções. Mas tudo que tenho é a narrativa unilateral de Mara. Imagino que já devia estar acostumado com isso, depois das várias lembranças de Joan. Mesmo assim, saber mais sobre Syd através de outra pessoa só me faz querer ainda mais poder ouvir aquilo *dele*.

Volto à mesa e encontro as fritas já servidas e Mara curvada sobre o celular. Não apenas passando o tempo, mas lidando com alguma coisa. Ela guarda o aparelho e volta a atenção para mim.

— Estou feliz por estarmos fazendo isso — diz, quase se confessando.

— Eu também.

Ela fica mais uma vez hipnotizada pela mancha entre nós. Não é na mesa que ela está concentrada. Está olhando para meu pulso. Para a pulseira de Sydney.

— Eu me sinto péssima — afirma Mara. — A coisa não funcionou como eu imaginei.

É uma lembrança. Não importa qual seja a história dela, o fim sempre vai ser o mesmo.

* * *

Algumas semanas depois de comprar o quadro, Syd ligou para Mara. Ele planejava voltar para Nova York no fim de fevereiro e queria encontrá-la. Syd afirmou que tinha um trabalho fácil de fotógrafa para ela, que pagaria o dobro da taxa paga pela galeria se ela tirasse o dia de folga no trabalho. Ela respondeu que topava.

Ele encontrou com ela na esquina das ruas Charles e Washington. Mara levou a câmera. Os dois se reuniram com Claire, a corretora, no andar de cima.

— O Syd queria que eu tirasse fotos do lugar — conta Mara. — Ele disse que iam ser usadas para um livro ou alguma coisa assim.

Só posso supor que Syd inventou o trabalho para ela, já que, pelo que sei, ele não fez nada com as fotos. Sim, ele esperava que nos mudássemos para Manhattan em algum momento e queria achar o imóvel certo, mas

parece que o objetivo principal dele naquele dia era simplesmente passar mais tempo com Mara.

— Ele me levou para almoçar depois — diz ela. — Me entregou um envelope com quinhentos dólares em dinheiro. Comecei a chorar. — Ela olha para o próprio colo, como se ainda segurasse o envelope tantos meses depois. — Tinham sido semanas difíceis. Mesmo com dois empregos, eu mal conseguia pagar as contas. O dinheiro do quadro já tinha acabado. E, mais uma vez, não era só o dinheiro. Eu estava trabalhando tanto que mal tinha tempo de ser criativa, e isso sempre foi uma libertação para mim, sabe?

— Sei.

— E ali estava eu, sendo paga só para tirar algumas fotos, algo que teria feito de graça. Parecia que ele tinha ido me ver no momento perfeito, bem quando eu estava pensando em voltar a morar em New Hope, o que eu realmente não queria fazer. Era como se estivesse admitindo o fracasso ou algo parecido. Mas ele me ajudou a ver isso de outra perspectiva. Ele me perguntou o que era mais importante: morar no Brooklyn ou ser uma artista? Eu sabia a resposta, mas precisei de mais alguns meses antes de realmente aceitar.

Por fim, ela pega uma batata frita do prato que ambos estamos ignorando. Agora que ela começou, eu a acompanho, ergo uma batata morna e a ponho na boca sem empolgação. Os dois param depois da primeira.

— Depois fomos dar uma volta — diz Mara. — Não sei o que foi, talvez só o fato de ter me aberto com ele no almoço, mas, de repente, ele começou a me contar tudo que estava acontecendo com vocês. Toda a história do bebê.

Sinto que a batata frita fica entalada em minha garganta, apesar de ter certeza de que a engoli. Ouço Mara contar em detalhes todos os problemas que eu e Syd estávamos enfrentando. A falta de controle que um casal sente quando nenhum dos dois tem um útero. A inconsistência das leis de estado para estado. A análise dos bancos de dados, ter que julgar doadoras de óvulos com base apenas em vídeos curtos e currículos. O fato de nós (Syd, na verdade) termos tentado todas as opções óbvias de doadores, ou seja, membros da família (pelo menos uma, Veronica) e amigas (Paige e possivelmente outras). E, por fim, nossa vontade de ter uma resposta satisfatória quando nosso filho perguntasse sobre a mãe, a paz de espírito

que poderíamos oferecer se tivéssemos uma pessoa que não era um mistério, mas alguém com quem tínhamos uma ligação íntima.

— Vi como aquilo era importante para ele — diz Mara. — Ele parecia estar sofrendo muito. Eu quis confortá-lo como ele havia feito comigo, mas não sabia o que dizer. Então, em certo momento, não me lembro quando, ele simplesmente me perguntou se eu já havia pensado em doar meus óvulos.

Era exatamente o que Paige o tinha aconselhado a não fazer. Ouvir aquilo de outra pessoa me deu um arrepio.

— O que você disse a ele?

— A verdade — responde Mara. — Que nunca tinha pensado nisso.

Encaro o prato de batatas fritas, pensando se não deveria enfiá-las nos ouvidos para não ter que aguentar o resto da história.

— E foi isso — continua Mara, como se não quisesse me poupar. — Ele não falou mais nada sobre o assunto. Voltou para Los Angeles e me dei conta: esse cara acabou de pedir meus óvulos? Eu não sabia como processar. Senti muitas coisas ao mesmo tempo. Foi chocante e também um pouco lisonjeiro, mas com certeza assustador e até perturbador. Eu sentia uma conexão com ele, é claro, mas imaginava mais uma coisa entre mentor e aluna. Então comecei a me perguntar: “Quem é esse cara, afinal?” Pus o nome dele no Google, pesquisei o máximo que pude. Vi as fotos que ele postou de vocês dois juntos e senti que havia amor ali, era óbvio. Mas a gente estava falando dos meus óvulos.

— Claro. É uma coisa muito importante.

— Eu sabia que queria ter filhos um dia. Quer dizer, não por agora porque eu só tenho vinte e cinco anos, mas um dia. Eu não sabia como isso ia funcionar. Então comecei a pesquisar tudo sobre o assunto.

Mara assistiu a vídeos no YouTube com doadoras descrevendo o procedimento: a visita ao médico; o processo de seleção (Já pagou por sexo? Já tomou antidepressivos? Drogas? Mais de dois parceiros sexuais nos últimos seis meses?); as injeções diárias de hormônio; as injeções na barriga e nas coxas; os efeitos colaterais; os ultrassons; a abstinência de sexo, álcool e remédios, com exceção de Tylenol; por fim, a inseminação.

As mulheres nos vídeos eram como ela. Algumas, adolescentes. A maioria com vinte e poucos anos. Algumas perto dos trinta. A compensação em geral variava entre oito e dez mil dólares. O dinheiro era usado para

pagar dívidas, faculdade, despesas diárias, até mesmo viagens de férias. Muitas das mulheres haviam doado meia dúzia de vezes.

Algumas doadoras tinham relações pessoais com os futuros pais. A maioria, não. A maior parte preferia se manter distante, tratar a situação como um emprego, apesar de aquilo dar a elas a sensação de estar fazendo bem ao mundo. Todas ficavam felizes em saber que estavam ajudando pessoas. Doando vida.

— Era um gesto bonito — diz Mara. — Entendi por que alguém ia querer fazer isso. Mas não conseguia me imaginar fazendo. Eu não conseguia abandonar a ideia de ter um filho em algum lugar, no mundo, existindo, sentindo, pensando. E se vocês decidissem se mudar aqui para Nova York? A criança estaria bem perto. O que meu futuro marido pensaria sobre isso? Por mais que adorasse o Sydney, eu tinha acabado de conhecer o cara.

Não posso negar nada do que ela está dizendo. Se Syd tivesse me incluído no processo, se eu tivesse demonstrado que estava pronto e disposto a ser incluído, eu o teria incentivado a parar e ir com calma.

— Deixei a ligação seguinte dele cair na caixa postal — diz Mara. — A mensagem não falava nada sobre bebês ou óvulos nem nada parecido. Ele só estava ligando para dizer oi, ver como eu estava. Parte de mim se perguntou se eu havia imaginado aquilo tudo.

Um mês inteiro se passou até os dois voltarem a se falar. Já era abril, quatro meses depois de Syd e eu termos brigado em dezembro e, pelo menos para mim, termos posto a busca pela paternidade na espera. Com base no que eu sabia, me parecia que Syd estava respeitando minha vontade de ir mais devagar. A agência ainda nos mandava listas atualizadas de doadoras, mas Syd rejeitava todas. O plano, para mim, ainda era pedir a Veronica quando eu estivesse pronto. Em abril, estava ciente de que Syd sabia que Veronica havia começado a namorar alguém em janeiro. Não pensei muito sobre isso na época. Achei que o novo relacionamento, assim como os anteriores, não duraria muito (eu estava errado). Além disso, eu precisava de mais tempo. Estava tão ocupado com *The Long Arm* naqueles meses que praticamente esqueci toda a discussão sobre paternidade.

No entanto, sei agora que Syd não tinha parado de pensar naquilo. Ele veio para Nova York em abril e perguntou se podia levar Mara para jantar em Manhattan. Depois de hesitar um pouco, ela aceitou.

— Ele pareceu um pouco estranho no início — diz Mara. — Não estava calmo como sempre. Conversamos por uma boa meia hora, falamos sobre arte, Nova York, tudo, e então, eu me lembro, ele simplesmente olhou para mim, respirou fundo e disse: “Ah, Srta. Hallowell...”

Todo meu corpo enrijece, preparando-se para a queda iminente.

— Perguntei como estavam as coisas entre vocês, e ele começou a falar um pouco sobre isso. Disse que vocês tinham encontrado algumas doadoras que podiam funcionar. Então ele se interrompeu. Queria falar mais, dava para ver. Eu o incentivei, fiz com que se sentisse seguro, e ele me contou tudo. Falou que, de início, ele não tinha uma imagem de quem seria a mãe ideal, mas que havia mudado de ideia ao me conhecer. Falou que eu era um pouco como ele e um pouco como você, que eu era inteligente, concentrada, imaginativa e linda. Era carinhosa, mas também ousada. Confiante, mas também me depreciava. Uma realista, mas também uma sonhadora. Ninguém nunca havia feito isso antes, passado tanto tempo pensando só em mim, em quem eu sou e do que sou feita. Foi intenso.

Ela relaxa por um instante, me lembrando de fazer o mesmo.

— Ele ficou quieto e depois pediu desculpas por desabafar tanta coisa daquele jeito. Não queria que eu me sentisse pressionada pelo que ele tinha dito. Sinceramente, eu não sabia como me sentir nem o que dizer. Eu gostava dele. Gostava muito dele. Mas...

Ela fez uma pausa.

— Eu queria muito ajudar o Sydney — diz Mara. — Mas não podia.

Ela precisou de várias semanas depois do último jantar dos dois em Nova York para reunir forças para dizer isso a Sydney. Mara ligou e deixou uma mensagem falando que queria conversar. Ficou surpresa quando muitos dias se passaram e ela não recebeu resposta. Então decidiu olhar o Facebook dele. Todos estavam dizendo tantas coisas legais sobre ele... Do tipo que as pessoas dizem quando você não está mais vivo.

* * *

Agora estamos do lado de fora, e Mara anda em frente ao restaurante com o celular na orelha. A voz sussurrada sugere que um drama está se desenrolando do outro lado da linha. Ela deve ter olhado para as ligações perdidas uma dúzia de vezes enquanto estávamos à mesa.

Estou parado a uns cinco metros de distância, dando privacidade a ela. O estacionamento está coberto pelo crepúsculo, e os tetos dos carros parecem colinas em um horizonte azul. Meu carro alugado está aqui em algum lugar. Esqueci como ele é.

Observo Mara andar, o vestido de verão caindo sem forma no seu corpo. A sacola de lona em seu ombro deveria estar cheia de compras, não de itens pessoais. No restaurante, ela encaixou todas as peças que estavam faltando. Ainda assim, nunca me senti tão vazio. É, ele agiu pelas minhas costas. É, ele “se apaixonou” por outra pessoa. Mas fez isso tudo por nós. Ele me amou até o fim. Que diabo eu posso fazer com isso?

Mara finalmente termina a ligação e anda até mim com um suspiro profundo.

— Eu preciso muito de um cigarro.

— Eu ia adorar.

Ela entra no restaurante e volta com dois cigarros e uma caixa de fósforos que pegou com o bartender, um cara que estudou com ela no ensino médio. Ela acende um fósforo. A chama dança no ar, se pendura na ponta branca e brilha, laranja.

Agora parece ser a hora certa.

— Pus fogo no seu quadro — digo.

— O quê? — pergunta Mara por trás de uma nuvem de fumaça.

— Queimei as coisas do Sydney.

— Ah! — diz ela, balançando a mão. — Eu soube.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. Muitas vezes eu quis pôr fogo neles também.

Acendo o cigarro. A fumaça entra em espirais e faz cócegas nos lugares certos. Ela se senta na calçada e eu a acompanho. Ficamos ali por um tempo, fumando em silêncio. Sinto como se tivéssemos acabado de escalar uma montanha impossível e agora estivéssemos descansando no topo, observando a vista, surpresos por termos chegado até ali.

— Posso perguntar uma coisa? — Mara interrompe o silêncio.

— Claro.

— Sobre o que Sydney disse que achava dos meus quadros. Você acha que ele foi sincero?

Inspira, expira.

— Eu entendo por que você está perguntando isso. Honestamente, pensei a mesma coisa algumas vezes. Será que ele achava mesmo que eu era bom

ator? Ou será que ele só era parcial por causa do que sentia? Mas quer saber? Eu não acho que as duas coisas sejam diferentes, você e a sua arte. Elas fazem parte da mesma coisa. E o objetivo da arte é tentar fazer as pessoas sentirem alguma coisa, não é? E você fez isso. De verdade. Isso eu posso afirmar sem dúvida.

Ela se inclina para trás, apoiando-se nos cotovelos, e olha para o céu. A fumaça dela se junta à minha, forma uma supernuvem acima de nós. Sigo a fumaça, perguntando-me até onde ela vai viajar, imaginando que de alguma maneira ela chegará a Sydney. Se ele estiver lá em cima observando, gostaria que soubesse que aprovo a escolha dele, apesar de discordar do método. Só queria que ele não tivesse sentido a necessidade de me esconder isso. Queria não tê-lo feito sentir que precisava disso.

— Eu devia ir embora — diz ela, esmagando o cigarro na calçada.

Parece cedo demais. Acabei de encontrá-la.

— Meu namorado está me ligando — explica ela. — Eu tinha que ter me encontrado com ele algumas horas atrás.

É a primeira vez que a ouço falar de um namorado.

— Há quanto tempo está com ele?

Mara parece entender por que estou perguntando.

— acredite em mim, não teve nada a ver com a minha decisão. Só estamos juntos há algumas semanas, mas namoramos no ensino médio. Quando voltei para New Hope, ele ainda estava aqui. Me ajudou muito tê-lo por perto, na verdade.

É bom ouvir isso. Por algum motivo, me sinto envolvido com o futuro dessa moça agora.

— Você acha que um dia vai voltar para o Brooklyn?

— Não sei, talvez. Não me vejo morando aqui para sempre, mas acho que eu precisava voltar por um tempo, para recarregar as energias.

Entendo o que ela está falando.

Nós dois nos levantamos e nos encaramos.

— Sinto muito por aparecer assim — digo.

— Estou feliz por você ter feito isso.

Eu a abraço da mesma maneira que abraçava Sydney. É difícil pensar no que poderia ter sido.

Quando finalmente a solto, digo:

— Acho que o Sydney ia querer que eu ficasse de olho em você, se não tiver problema. Sabe, só para garantir que você não desista.

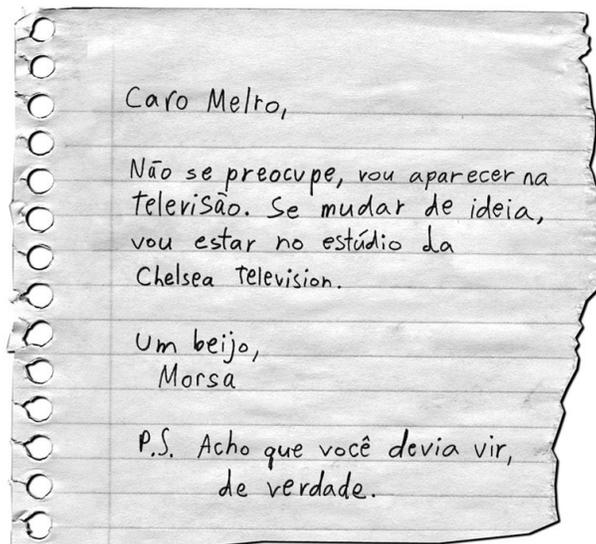
— Por favor, faça isso — responde ela. — Eu ia adorar.

29

Na manhã seguinte, Gavin finalmente aparece em casa. Minha mãe está saindo para a aula particular, e Gavin pergunta quando ela vai voltar, porque ele precisa muito conversar.

Minha mãe sai e Gavin faz café. Ele se oferece para preparar meu café da manhã, mas digo que não precisa. Ele pergunta se eu quero um suco de laranja fresco, como o que eu preparei de presente para o meu pai no Dia dos Pais do ano passado. Respondo que sim, porque estou com medo de dizer não para tudo e ele perceber que tem alguma coisa estranha acontecendo. Mas o suco de laranja é um erro, porque faz meu estômago ficar ainda mais nervoso.

Meu estômago piora quando o Gavin me pergunta por que estou de vestido. Digo que vou fazer um vídeo com o meu iPod no meu quarto e ele acredita. Então Gavin termina o café e diz que tem que ir ao banheiro. Ele desce para o estúdio, e é aí que tiro o bilhete do bolso e deixo na mesa da cozinha:



* * *

Finalmente minha memória vai servir para alguma coisa. Faço o mesmo caminho que o Gavin e eu pegamos aquele dia para chegar à cidade: desço a ladeira grande e passo por Hoboken. Fica mais difícil quando chego ao trem, porque o Gavin usou um cartão amarelo que nos fez passar pelo portão, mas eu não tenho um cartão amarelo. Pensei em todo o resto. Nas costas, estou trazendo o violão do meu pai e, dentro da caixa dele, tenho tudo de que preciso: meu diário, a bolsinha com dinheiro, as palhetas do Sydney, chiclete e os papéis que a Felicia mandou. Mas nada de cartão amarelo.

Um homem legal de camiseta dos Mets me vê parada perto do portão e pergunta aonde estou indo. Ele passa o cartão amarelo no portão e me diz para passar. Ele me põe no trem certo, e eu agradeço pela ajuda. Sei que não devia falar com estranhos, mas na verdade eu não devia fazer muitas outras coisas.

O trem abre as portas e saio no subsolo. Passo por um homem em um banco. Ele está tão curvado que parece que vai cair nos trilhos, mas não tenho tempo para ajudar. A estação tem o cheiro dos banheiros da feira de Riverview, e eu tenho que seguir as pessoas que estão subindo a escada até chegar ao dia claro e poder finalmente respirar.

Há muitas pessoas, e elas batem no meu violão como se não conseguissem me ver. De repente, percebo onde estou: estou em Nova York, e sozinha.

Este lugar é perigoso porque é difícil saber quem é louco e quem é normal. Foi o que aconteceu com o John Lennon. Mark David Chapman parecia um cara legal, mas era um fanático (uma coisa totalmente diferente de um grande fã, tipo meu pai e eu). Mark David foi até o Dakota, se aproximou do John e atirou nele, apesar de ele ter dado um autógrafo para o Mark David mais cedo naquele mesmo dia. Não sei por que o Mark David fez isso, já que o John foi muito legal com ele. Isso me faz pensar naquela foto que o Gavin tirou com as duas mulheres (terça-feira, 16 de julho de 2013). Meu pai diz que o Mark David queria ser famoso por ter machucado alguém famoso, então, só dessa vez, fico feliz por não ser ninguém especial.

Mas não por muito tempo, porque hoje vou aparecer na TV.

Ando até a esquina e estendo a mão o máximo que posso, mas os táxis passam direto. Fico acenando. O violão está começando a pesar nas minhas

costas e as alças estão machucando minha pele.

Ainda estou balançando o braço quando ouço a voz de um homem atrás de mim:

— É só você?

O homem usa um bigode, mas não é cheio como o de um caubói, é fino e arrumadinho. Ele estica o braço bem alto e um táxi para. O homem do bigode me põe no banco traseiro e eu falo que quero ir para o estúdio da Chelsea Television. Ele diz ao motorista aonde eu quero ir e pergunto ao homem de bigode:

— Você assiste ao *The Mindy Love Show*?

— Nunca ouvi falar.

— Bom, eu vou tocar uma música no programa. Você devia assistir.

Ele diz:

— Boa sorte.

Então bate no teto do táxi e o motorista arranca. Vejo os olhos escuros do motorista no espelho:

— Olá — diz ele.

Eu respondo:

— Olá. Meu nome é Joan Lennon.

Espero os olhos do motorista se arregalarem por ele estar impressionado com meu nome, mas eles ficam do mesmo tamanho e ele diz:

— Meu nome é Adisa.

— Você gosta dos Beatles?

— Não, não. No lugar de onde venho, ninguém acha legal.

— A última vez que entrei em um táxi foi no dia 16 de julho, que foi uma terça-feira.

— Eu gosto mais das sextas-feiras. E você?

— Eu também gosto — admito.

O carro vira.

— A gente tem que ir até o rio — diz Adisa. — Eu sempre me perguntei como é lá dentro, os estúdios onde eles fazem os programas de TV.

— Eu também.

— Você nunca esteve lá? — pergunta Adisa.

— Não.

— Este é um dia especial. Vou rezar por você.

Domingo, 20 de fevereiro de 2011: Meu avô me leva à igreja. Ele diz que, se não me levar, ninguém vai, porque meu pai não acredita e minha

mãe é judia. Ele diz que estamos aqui para rezar pela vovó Joan, mas não me diz como rezar, então eu só fecho os olhos e ouço a moça cantar. Eu gosto de como na igreja a gente pode cantar baixinho, mas nossa voz preenche a sala toda.

Queria que meu avô me visse na TV hoje, mas ele está ocupado trabalhando, e não posso avisar porque é segredo.

Adisa para no sinal vermelho e batuca um ritmo no volante, assim como meu pai. Então pergunto a Adisa:

— Você toca algum instrumento?

— Eu toco djembê — responde ele, continuando a bater. — Mas só no carro.

— Igual ao meu pai.

Adisa vira a cabeça e seus dentes brancos brilham atrás do vidro.

— Seu pai é taxista?

— Não.

Ele se vira para a frente e a gente volta a andar.

— Com o que ele trabalha?

— Bom, ele fazia música para comerciais.

— Que comerciais? — pergunta Adisa.

— Você já viu aquele em que a garrafa de Coca-Cola vira um telescópio?

Adisa se vira, mas continua dirigindo.

— Era do seu pai? Eu adoro aquele comercial! Eles passam na TV na Times Square. É um comercial muito bom. Nossa, estou com muita sorte hoje.

Eu também. Estou feliz por ter Adisa como motorista, porque ele sabe como o antigo emprego do meu pai era especial e isso me faz ter mais certeza da minha missão secreta.

Adisa dirige rápido, do mesmo jeito que meu pai conta que dirigiu depois que eu caí na Home Depot. Tenho que segurar na maçaneta, porque parece que vamos bater em outros carros. Ele gosta de buzinar e eu gosto de ouvir.

Pela janela, vejo pessoas passarem direto por um homem dormindo na calçada. Eu me pergunto se a família dele sabe onde ele está. Talvez esteja fugindo igual a mim. Penso em pegar a caixa do violão e jogar algumas moedas para ele, mas o Adisa sai correndo antes que eu possa fazer isso. Será que o homem que está dormindo bebe café quando acorda, como meu pai? Papai diz que Nova York tem o melhor café.

Terça-feira, 16 de julho de 2013: Gavin diz que Nova York tem as melhores pizzas.

Agora o carro parou e dá para ver o rio pela janela.

— Chegamos, menininha.

Não acho que o Adisa se lembre do meu nome, o que não é muito legal. Ele aperta um botão e aponta para um contador com números bem vermelhos.

— Sete e quarenta e sete, por favor.

Abro minha bolsinha de dinheiro e conto minhas moedas enquanto Adisa me observa pelo vidro. Ele sai do carro e abre minha porta.

— Tudo bem, sem problema.

Fazemos uma pilha com cada dólar e Adisa alinha as pilhas no banco.

— Você guardou esse dinheiro? Deve ser um dia muito importante.

— É, é sim.

Não tenho mais moedas na bolsinha. Olho para as pilhas no banco e só tem seis.

— Tudo bem, pequena — diz Adisa. — Isso já está ótimo. Divirta-se na TV.

Ele segura a case do violão e eu saio do carro. Adisa põe as alças da case nos meus ombros e aponta para um prédio na margem do rio.

— Você tem que ir para lá. Boa sorte.

Olho para o prédio e para o rio atrás dele e vejo Nova Jersey. Queria ver minha casa daqui, porque queria mostrar ao Adisa onde moro e como vim de longe. Mas, quando me viro, o táxi foi embora.

30

Fiquei longe por cinco minutos e ela sumiu. Joan sumiu.

Chamo por ela, vou de cômodo em cômodo, confiro os dois apartamentos. Ela não está em lugar algum.

Pego de novo o bilhete que encontrei na mesa da cozinha. Não é uma brincadeira. É verdade. Joan foi para Nova York sozinha.

Pelo menos sei onde ela está.

Pego a carteira e o celular e ligo para Paige enquanto fecho a porta. A ligação cai direto na caixa postal. É melhor assim. Desligo sem deixar mensagem. Isso aconteceu enquanto eu estava responsável por Joan. Tenho que consertar tudo. E rápido.

Desço a ladeira correndo e sigo depressa para o trem. Quase tropeço no cadarço desamarrado. Os pedestres não prestam atenção em mim enquanto passo correndo por eles.

Desço a escada, passo pela roleta, entro no trem parado. Sento, mudo de ideia e me levanto. Não posso me sentar, não agora, não com essa queimação no peito e o coração disparado. Os outros passageiros esperam pacientemente enquanto procuro o condutor. Deve haver alguém que possa pôr este trem em movimento. Alguém que possa agir em caso de emergência.

Mas ninguém vai ajudar. Eu me forço a sentar e consigo respirar fundo. Um par de rasteirinhas femininas aparece ao lado dos meus pés.

— Com licença.

Olho para cima.

— Você deixou isto aqui cair — diz a mulher.

Ela me entrega um pedaço de papel. O bilhete de Joan.

Ver a letra dela me dá um arrepio. Ela me pediu para participar daquele programa horrível com ela, mas eu me recusei. Como ia imaginar que ela faria uma coisa dessas?

Fecho os olhos e penso nela atravessando a cidade com medo, sozinha. Meu peito não aguenta. Não sei como Paige e Ollie vivem assim, como os pais fazem isso. Como deixam esses pequenos pedaços de si mesmos ficarem longe por um segundo que seja. Acho que não adianta. Podemos ficar por perto, observando com muita atenção, e mesmo assim as pessoas que amamos podem ir embora. Até as que deviam ter idade e experiência suficientes para cuidar de si mesmo.

Está acontecendo de novo: alguém está escapando de mim. A náusea me domina quando o trem finalmente se põe em movimento com um tranco. Não sei se consigo controlar o enjoo. Mal tive tempo para processar o que aconteceu ontem à noite com Mara, e agora isso. Fecho os olhos, tentando conversar comigo mesmo apesar da tontura.

O resto é quase um sonho: saio do trem, subo a escada, entro em um táxi. Eu me inclino para a frente no assento de trás.

— Por favor — digo ao motorista. — O mais rápido que você puder.

31

O homem no saguão me pede para pegar o elevador até o número nove, um número assustador por causa da música dos Beatles. Sou levada para cima e, quando as portas se abrem, vejo uma moça usando um fone que só cobre uma de suas orelhas.

— Joan Sully? Felicia Dufresne. Nossa, foi por pouco. Venha comigo.

É difícil acompanhar Felicia, porque ela anda do mesmo jeito que fala. Está dizendo alguma coisa para um microfone fino pendurado no fone:

— Ela está aqui.

Felicia parece mais nova do que imaginei, com cabelo louro preso em um longo rabo de cavalo. Achei que eu fosse muito branca, mas Felicia é tão branca que posso ver as veias azuladas sob sua pele.

— Seus pais estão lá embaixo? — pergunta ela.

— Não.

— Onde eles estão?

— Eles não vêm.

— Como assim, eles não vêm? Quem vem?

— Não sei. Espero que o Gavin venha.

— Ele é bom com as câmeras?

— Não sei.

— Vamos até o seu camarim.

Na parede, vejo fotos de pessoas que conheço da TV e me pergunto se todas estão no prédio agora. Também me pergunto se o Gavin trabalha em um prédio assim quando grava a série dele.

— Rápido, Joan!

É difícil acompanhar Felicia com o violão nas costas. Ela abre uma porta e me leva até um cômodo. É maior que meu quarto e tem um sofá de couro, uma mesa de centro e um banheiro dentro. Tem até um espelho com aquelas lâmpadas em volta.

— Você trouxe os documentos? — pergunta Felicia.

Eu me sento no sofá brilhante, abro a case do violão e entrego os papéis para Felicia. Fico bem quieta enquanto Felicia olha tudo. Desenhei a assinatura da minha mãe a lápis primeiro e passei caneta por cima.

— Quem é Gavin? — pergunta Felicia. — É um membro da sua família?

— Mais ou menos.

— É um tio, avô, o quê?

Felicia espera minha resposta.

— Tio — decido.

— Vai ter que servir. E quando ele vai chegar exatamente?

— Não sei. Logo, eu acho.

Felicia parece ter sentido cheiro de pum. Não fui eu.

— Você tem o telefone dele para eu poder ligar?

Faço que não com a cabeça e agora Felicia está me olhando do mesmo jeito que minha mãe quando conto uma coisa ruim e ela torce para eu estar mentindo.

— Seus pais mandaram você sozinha para Nova York? Por que isso não me surpreende?

Não tenho ideia.

Ela balança a cabeça e anota alguma coisa no bloquinho.

— Está bem, eu já volto para a gente preparar você para a entrevista. Depois vamos levar você para fazer o cabelo e a maquiagem. Está com fome?

— Estou. Muita. — Eu devia ter deixado o Gavin preparar o café para mim.

— Vou pegar alguma coisa na copa — diz Felicia, andando até a porta.

— Espera. Quando vou receber meu dinheiro?

— Seu tio pode preencher os formulários depois — informa Felicia. — Você vai receber o cheque em seis a oito semanas.

— Puta merda.

— Oi?

— Esse palavrão pode falar. Está na música do Johnny Cash.

Felicia fecha a porta.

Daqui a seis semanas, o estúdio já vai ter fechado e vai ser tarde demais. Tenho que receber agora.

Enfio um pedaço de chiclete na boca e começo a fazer bolas. O bom é observar as bolas ficarem maiores e ouvir quando elas estouram. Eu sopro e

estouro, sopro e estouro e então me lembro: estou esperando em um camarim só meu para participar de um programa de televisão de verdade.

Estou nervosa, mas acho que é o tipo bom de nervosismo, o tipo do qual o Gavin estava falando. Vou tocar minha música e, depois que as pessoas escutarem, tudo vai mudar e ninguém vai ficar irritado comigo porque todos vão estar ocupados demais sorrindo para mim e para o que fiz. Uma coisa especial. Uma coisa que vai ser lembrada.

THE MINDY LOVE SHOW

LOCUTOR

E aqui está nossa apresentadora, Mindy Love!

[Gritos e aplausos.]

MINDY

Quem ama vocês?

MULTIDÃO

A Mindy!

MINDY

E eu amo muito vocês. No programa de hoje, vamos ter um grupo extraordinário de jovens cujos talentos vão surpreender, encantar e, em um caso, talvez até salvar a vida de vocês. Vamos conversar com um aluno de graduação de onze anos que vai receber o diploma de médico antes mesmo de seus amigos chegarem à metade do ensino médio, com chefs gêmeos que têm fãs como Mario Batali e Geoffrey Zakarian e com um especialista em répteis de oito anos que acabou de voltar de uma expedição a Honduras e já tem uma nova espécie de cobra batizada com seu nome. Mas, primeiro, tenho o prazer de anunciar uma menina especial com um problema extremamente raro chamado memória autobiográfica altamente superior. Existem menos de trinta pessoas no mundo com ele, e a pessoa que vamos conhecer é vinte anos mais nova que todas elas. Ela só tem dez anos e esta é sua primeira aparição na TV. Uma salva de palmas para uma convidada realmente única, Joan Sully!

[Gritos e aplausos.]

MINDY

Ora, olá, Joan. Você é uma gracinha! Obrigada por participar do programa.

JOAN

Na verdade, gosto de ser chamada de Joan Lennon. Não de Joan Sully.

MINDY

Igual ao John Lennon, o músico?

JOAN

É.

MINDY

Estou vendo que você trouxe seu violão.

JOAN

É.

MINDY

Joan, fale um pouco sobre você. Onde você nasceu?

JOAN

Em Jersey City, Nova Jersey.

MINDY

Você tem irmãos ou irmãs?

JOAN

Não. Mas meus pais sempre falam em ter outro filho.

MINDY

E os seus pais? Eles têm uma memória boa?

JOAN

Minha mãe tem. Meu pai, não.

MINDY

Igual ao *meu* marido. [Risos.] E o que seus pais fazem?

JOAN

Tipo no trabalho?

MINDY

É. Com o que trabalham?

JOAN

Minha mãe é professora. Meu pai costumava fazer músicas para comerciais, filmes e tal.

MINDY

Seu pai não está trabalhando agora?

JOAN

Está. Ele trabalha com meu avô e meu tio. Não o tio que talvez venha hoje, o outro.

MINDY

Entendi. E onde estão seus pais agora?

JOAN

Minha mãe está dando aulas particulares. Mas não sei exatamente onde meu pai está.

MINDY

Você fica muito sozinha?

JOAN

Acho que sim. Mais ou menos.

MINDY

Isso deve ser difícil. Você usa suas lembranças para fugir?

JOAN

Não sei.

MINDY

O que quero saber é se você acha mais fácil pensar nas suas lembranças do que no que está acontecendo à sua volta.

JOAN

Hum. Não sei.

MINDY

Qual é sua lembrança favorita?

JOAN

Provavelmente de quando gravei minha música com meu pai e o Gavin. Quer dizer, meu tio.

MINDY

Quando foi isso?

JOAN

Em 20 de julho. Foi um sábado.

MINDY

Isso é incrível. Você sempre lembra o dia da semana?

JOAN

Ah, sim. Desde os cinco anos.

MINDY

Então, vamos ver se entendi. Você se lembra de todos os dias da sua vida, inclusive de qual era o dia da semana, desde que tinha cinco anos até hoje. É isso?

JOAN

É.

MINDY

Incrível. E antes dos cinco? Você se lembra de alguma coisa antes disso?

JOAN

Da maior parte. Só não sei quais são os dias. Os filmes de quando eu era bebê não são muito claros.

MINDY

Você disse filmes. De que tipo de filme está falando?

JOAN

Quando penso em um dia, eu vejo um filme do que aconteceu, mas não estou *dentro* do filme. Estou assistindo.

MINDY

Me diga. Que dia da semana foi 9 de dezembro de 2011?

JOAN

Foi uma sexta-feira. Eu estava na escola e a Sra. Dudley estava ensinando sobre pinguins que vivem lá no fim da Austrália. Ela separou a gente em grupos, mas não gostei do meu grupo porque Tracy estava nele, e eu não gosto de Tracy.

MINDY

A Tracy chateia você? Ela ri de você?

JOAN

O Tracy é menino. Ele não ri de ninguém. Todo mundo ri dele porque ele fede.

MINDY

Ah, entendi. Tenho certeza de que o Tracy é um bom menino. E 3 de agosto de 2006? Pode me falar sobre esse dia?

JOAN

Não sei direito. Provavelmente estava em casa nesse dia. Talvez a gente tenha ido ao parque. Eu só tinha três anos.

MINDY

Vamos tentar uma data depois disso. Que tal 26 de março de 2009? Que dia foi isso?

JOAN

Uma quinta.

MINDY

Tem alguma coisa errada?

JOAN

[Inaudível.]

MINDY

Ah, Joan. Não precisa ficar chateada. Alguma coisa ruim aconteceu nesse dia? O que aconteceu em 26 de março? Pode falar com calma.

JOAN

Foi um dia depois que o Pepper morreu.

MINDY

Quem é Pepper?

JOAN

Meu cachorro.

MINDY

Desculpe, querida. Você sente falta do seu cachorro?

JOAN

Sinto.

MINDY

Perder um bichinho é muito difícil, eu sei. Deve ser ainda mais difícil quando se tem lembranças tão vívidas. É difícil pensar no seu cachorro Pepper? Tudo bem, querida. Pode ficar tranquila. Nós voltamos já.

[Música e aplausos.]

MINDY

Bem-vindos de volta. Estou aqui com Joan Sully, uma menina especial que tem uma memória quase perfeita. Antes de passarmos para nossa próxima criança prodígio, eu gostaria de obter algumas informações com o Dr. William Satcher. O Dr. Satcher é neurologista do Centro Médico Weill Cornell, aqui em Nova York. Dr. Satcher, diga para a gente: o que causa essa condição?

SATCHER

Bom, primeiro, devo dizer que não sou especialista nesse tipo de memória. Mas, pelo que sei, não existe uma causa conhecida.

JOAN

Meu amigo Wyatt disse que fiquei com isso quando caí de cabeça na Home Depot.

[Risos.]

MINDY

E você caiu mesmo?

JOAN

Caí.

MINDY

Conte o que aconteceu.

JOAN

Bom, foi quando eu tinha dois anos. Meu pai estava me empurrando em um carrinho e eu caí e bati com a cabeça no concreto.

MINDY

Que horror... Deve ter doído.

JOAN

Não sei. Acho que sim.

MINDY

Você estava presa com o cinto?

JOAN

Não. Meu pai me deixou ficar de pé na parte grande.

MINDY

Seu pai não estava olhando você?

JOAN

Estava. Ele disse que ia me pôr na cadeirinha, mas uma das músicas dele começou a tocar na loja, e era a primeira vez que ele ouvia uma

música dele tocar enquanto estava fazendo compras. Acho que meu pai só ficou muito animado.

MINDY

Você ficou chateada com seu pai por ele ter deixado você cair?

JOAN

Não. A culpa foi minha. Eu não devia ter me pendurado.

MINDY

Não foi sua culpa, Joan. Não foi sua culpa.

JOAN

Está bem.

MINDY

Dr. Satcher, uma queda como a que Joan descreveu pode causar a memória especial?

SATCHER

Não, acho que não. Pelas pesquisas que vi, nenhuma das pessoas com essa condição apresenta qualquer tipo de trauma no cérebro. Um dos primeiros lugares que observamos é o hipocampo. Um dano no hipocampo causaria perda da memória. Vemos isso em pacientes com Alzheimer, por exemplo. Mas, nos casos como o de Joan, acontece o oposto. Na verdade, vemos regiões do cérebro sete vezes maiores do que as que encontramos em pessoas comuns. Também vemos muito mais massa branca ligada à massa cinzenta, o que resulta em uma melhor comunicação dentro do cérebro. Mas, respondendo à pergunta original, sem saber mais sobre o acidente da Joan, não posso especular sobre o que pode ter acontecido como resultado da queda.

MINDY

Você foi a um médico depois que caiu, Joan?

JOAN

Fui. Ela me deu um pirulito.

MINDY

Você é uma menininha muito corajosa.

[Gritos e aplausos.]

JOAN

Minha avó teve isso.

MINDY

O quê, querida?

JOAN

O que ele disse. A doença do alemão. A que faz as pessoas perderem a memória.

MINDY

Sim, Alzheimer. Então a sua avó não está mais aqui?

JOAN

Ela canta para mim na fita cassete. Eu queria poder ajudar velhinhos iguais a ela a lembrarem mais.

MINDY

Isso é uma ideia interessante. Dr. Satcher, o problema da Joan pode nos dizer alguma coisa sobre doenças como o Alzheimer?

SATCHER

É possível. Mas temos muito trabalho pela frente.

MINDY

E se eu for um pai assistindo em casa e achar que meu filho ou minha filha tem uma memória especial, como a Joan? O que devo fazer?

SATCHER

Como conversamos, a memória autobiográfica altamente superior é muito rara, então a chance de o seu filho ter isso, ou qualquer outro tipo de memória especializada, aliás, é extremamente pequena. Mas tudo bem. É importante perceber que usamos nossa memória o tempo todo. Costumamos pensar em lembranças como cartões-postais mentais, ou filmes, como a Joan disse, que podemos acessar quando queremos. Mas, na maior parte do tempo, esse processo é automático. É a memória que ensina a uma criança que o forno é quente e ela não deve tocar nele. Dito isso, existem exercícios que um pai pode fazer com os filhos para fortalecer ou melhorar a memória deles.

MINDY

Os exercícios vão estar no site assim que o programa acabar. Obrigada, Dr. Satcher. Voltamos já.

[Gritos e aplausos.]

MINDY

Bem-vindos de volta. Antes de trazermos ao palco a próxima criança prodígio, gostaríamos de convidar o tio da Joan ao palco. Ele diz que tem uma grande surpresa para a Joan. Por favor, sente-se e se apresente.

KEVIN

Meu nome é Kevin. Kevin Deifendorf.

MINDY

Bem-vindo, Kevin. Você é o tio que grava músicas ou o que trabalha com o avô da Joan?

KEVIN

O das músicas.

MINDY

Entendi. Agora, antes de você revelar sua surpresa para a Joan, diga como é ter uma sobrinha com um dom tão singular.

KEVIN

Ela está bem encrencada.

MINDY

Você está dizendo que é mais uma maldição do que uma bênção?

KEVIN

Não, não estou dizendo nada disso. Escute, eu não quero participar do programa. Só preciso levar a Joan para casa.

MINDY

Você parece ter muitos problemas com isso. Dr. Satcher, eu queria saber: como a família é afetada pela doença?

SATCHER

Bom, não posso falar especificamente sobre a memória autobiográfica altamente superior. Mas posso dizer que sempre há um efeito indesejado em condições extremas. Sensações de abandono e ciúme são comuns.

MINDY

Interessante. Com o que você trabalha, Kevin? Com música?

KEVIN

Realmente não quero ser entrevistado.

MINDY

É uma pergunta simples.

KEVIN

Não estou trabalhando agora. Estou de licença.

MINDY

Do que tirou licença?

KEVIN

Da polícia.

MINDY

Entendi. Você tirou licença por algum motivo especial?

KEVIN

Na verdade, perdi meu parceiro.

[Murmúrios.]

MINDY

Sinto muito. Eu queria saber por que os pais da Joan não a trouxeram hoje? Por que você, o tio dela, teve que trazer?

KEVIN

Não sou tio da Joan.

JOAN

Eu e o Gavin — quer dizer, o Kevin — fizemos uma música juntos.

MINDY

Você não é tio da Joan?

KEVIN

Não.

MINDY

Estou confusa. Qual é seu grau de parentesco com ela?

KEVIN

Nenhum.

JOAN

A música é sobre lembranças.

MINDY

É mesmo, Joan? Você escreveu uma música sobre seu problema?

JOAN

O Gavin escreveu a maior parte da letra.

MINDY

Não estou entendendo. Seu nome é Kevin ou Gavin?

KEVIN

Kevin.

MINDY

E você escreveu uma música sobre o problema da Joan? Mas ela não é sua sobrinha e vocês não são parentes? Qual é sua relação com ela?

JOAN

O Gavin é uma pessoa muito legal. É um grande ator, cantor e compositor e é meu amigo e parceiro. Sou a morsa, e ele é o melro. Não gosto do fato de ele achar que não posso ter esperança no concurso, e não gosto do fato de ele não querer vir ao programa comigo hoje, e não acho que seja bom para ele usar essa pulseira, e não gosto de como a barba nova cobre a covinha dele, mas gosto de todo o resto. Soube que o Gavin era especial desde a primeira vez que o vi.

MINDY

Kevin, é óbvio que a Joan gosta muito de você. Ficou claro para mim que, sem o pai por perto, a Joan precisa se aproximar de uma figura masculina. Você concorda, Dr. Satcher?

SATCHER

Não sou psicólogo, mas faz sentido. Pode ser interessante saber mais sobre a infância do Kevin.

KEVIN

Não é da sua conta. Escute, já chega. Vou levar a Joan e nós vamos embora.

MINDY

Levar a Joan? Espere. Se não é tio dela, acho que você não vai *levá-la* a lugar algum.

[Aplausos.]

JOAN

Eu odeio ter essa doença! Quero tocar minha música!

MINDY

Você ouviu isso, Dr. Satcher? A Joan disse que odeia ter memória especial. Isso é normal? Rejeitar a si mesma dessa maneira?

SATCHER

Faz parte do processo. Vemos isso em pacientes com câncer. Ninguém quer ser definido pela doença que tem.

MINDY

Mas você não chamaria de *doença*, não é?

SATCHER

Correto, Mindy. Eu só estava traçando um paralelo.

MINDY

Vamos falar com a plateia. Diga, senhora, qual é a sua pergunta para nossa pequena gênica aqui?

MULHER

Na verdade, minha pergunta é para ele. Você é Gavin Winters, o ator?

JOAN

Vou começar a tocar minha música agora. Olá, aqui é a Joan Lennon no violão.

MINDY

Bem que achei que você parecia familiar.

JOAN

E o Gavin vai cantar. Quer dizer, o Kevin.

MINDY

É você *mesmo*. Meu Deus... Isso é incrível, senhoras e senhores.

[Violão tocando.]

MINDY

Vamos parar um pouco e explicar tudo agora. Alguns de vocês vão se lembrar de uma notícia que apareceu no jornal há algumas semanas sobre um ator que pôs fogo na própria casa e depois sumiu. Bom, ele acabou de aparecer no *nosso* palco. Da série *The Long Arm*, o Sr. Gavin Winters! [Aplausos.] Vamos chamar a próxima criança genial daqui a pouco. Mas, primeiro, vocês não vão querer perder a primeira entrevista com este astro recluso, que vamos fazer depois do intervalo. Voltamos já.

GAVIN

Vamos embora, Joan.

[Gritos e aplausos.]

MINDY

Estamos de volta com Joan Sully e nosso convidado-surpresa, Gavin Winters, da série *The Long Arm*, que está recebendo críticas maravilhosas em sua segunda temporada. Gavin, obrigada por ficar.

GAVIN

Eu não queria ficar. Foi a Joan que quis ficar.

MINDY

Gavin, vamos começar com a principal pergunta que todos estão fazendo: onde você estava?

GAVIN

[Palavrão disfarçado.]

MINDY

Por favor. É um programa familiar.

GAVIN

Escute, eu não devia estar aqui.

MINDY

Mas está. Vamos lá, conte onde você estava escondido nas últimas semanas.

GAVIN

Eu não estava escondido.

MINDY

Você deve entender que as pessoas estavam se perguntando por onde você andava.

GAVIN

Sinceramente, não prestei atenção. Eu estava aqui o tempo todo, com a família da Joan.

MINDY

Teve algum motivo especial para sair de Los Angeles?

GAVIN

Eu só queria ficar um pouco longe de tudo aquilo.

MINDY

Teve a ver com você ter posto fogo na sua casa há algumas semanas?

GAVIN

[Inaudível.]

MINDY

Oi?

GAVIN

Talvez.

MINDY

Algumas pessoas disseram que o vídeo foi montado. Que foi só uma armação para aumentar a audiência de *The Long Arm*. Você está rindo. Por quê?

GAVIN

O fogo foi de verdade. Não dou a mínima para o que @KickingButtTakingDames diz no Twitter. Não teve nada a ver com a série. Se quer saber a verdade, eu estava tentando queimar todas as coisas do meu namorado.

MINDY

Pelo que eu soube, ele morreu subitamente.

GAVIN

Foi. Eu acordei um dia e ele estava caído na sala de estar.

MINDY

Eu sinto muito. Deve ter sido horrível.

GAVIN

Foi.

MINDY

E por que você veio para a Costa Leste? Para fugir? Para passar tempo com seus amigos?

GAVIN

É, foi assim que começou. Mas a viagem se transformou em uma coisa diferente.

MINDY

O que você quer dizer? No que ela se transformou?

GAVIN

Ficar em casa, na nossa casa, era quase impossível. Eu precisava me afastar daquilo. Então eu vim para cá, e a Joan tinha muitas lembranças dele, lembranças que eu não tinha.

MINDY

Esta Joan aqui?

GAVIN

É, esta Joan aqui.

JOAN

O Gavin não queria ouvir as lembranças no início.

GAVIN

É verdade. Mas a Joan e eu começamos a conversar. E acabou sendo bom.

MINDY

O quê?

GAVIN

Lembrar.

MINDY

Isso é fascinante. Dr. Satcher, parece que o senhor quer dizer alguma coisa.

SATCHER

Compartilhar histórias tem um grande poder de cura. Vemos isso o tempo todo com veteranos de guerra.

MINDY

Muito bom, Dr. Satcher. Mas, Gavin, vamos voltar à noite do fogo. Todos nós que já perdemos pessoas que amamos entendemos a dor que você estava sentindo, mas o que fez você dar aquele passo e, de repente, queimar tudo?

GAVIN

Quem vai saber? Isso bate na hora que quer.

MINDY

O que bate?

GAVIN

Não sei, a injustiça daquilo tudo. O Sydney não devia ter morrido. Mas o que posso fazer? Queimei tudo porque não sabia mais o que fazer. Não foi racional. Eu nunca disse que foi. Meu Deus, não acredito que estou desabafando tudo para Mandy Love.

MINDY

É Mindy.

GAVIN

Desculpe. Escute, o Sydney não era o homem perfeito. Longe disso. Mas ele era bom. Era bom e otimista e é muito difícil ser assim. Ele era o tipo de pessoa que atraía os outros. Fazia a gente se sentir melhor. E escolheu ter um futuro *comigo*. *Comigo*. Ele queria que a gente tivesse um filho. Um bebê. Era tudo que ele queria. Que a gente vivesse essa experiência. E estava disposto a fazer de tudo para que isso acontecesse. O que fosse preciso. Mas eu não acreditava. Não de verdade. Não confiava. Isso é amor, não é? Confiar. Acreditar. Eu queria as mesmas coisas que ele, mas estava com medo. E sinto muito por isso. É uma coisa da qual vou me arrepender para o resto da vida. E é difícil, é muito difícil...

MINDY

Ei, está tudo bem. Tudo bem.

GAVIN

É sério? Isso está mesmo acontecendo? Estou chorando no *The Mandy Love Show*?

MINDY

É Mindy.

GAVIN

Desculpe. Eu sinto muito mesmo.

32

Eu não recomendo a ninguém que comece a chorar diante de uma plateia durante a gravação de um programa de TV. Mas agora que acabou, não lamento que tenha acontecido. Todo meu corpo de repente parece mais leve, como se toda a energia densa e indesejada guardada dentro de mim tivesse finalmente sido expelida.

Joan está sentada ao meu lado no trem que nos leva de volta para Nova Jersey. Está abraçando o violão como uma criança abraça um bicho de pelúcia.

Em tese, sou o adulto aqui, mas não sei direito como lidar com essa situação. Se devo ser duro com ela ou entendê-la. Ensinar ou escutar. Tudo que sei é que esta menininha quase fez com que eu me descontrolasse hoje. E, para ser sincero, me resta muito pouco controle para perder.

Não sou o único irritado. Liguei para Paige antes de pegarmos o trem de volta, contei o que havia acontecido e disse que estava tudo bem, mas ela ficou tão abalada que mal consegui falar, só perguntou quando *exatamente* estaríamos em casa.

— Você nos deixou muito preocupados, menina.

Joan murmura alguma coisa em uma voz distante.

— Pode repetir? — peço.

— Você acha que eles vão se lembrar de mim? — pergunta Joan. — Ela não me deixou tocar a música, aí você entrou no palco e ela ficou mais interessada em conversar com você.

Pego o violão dela e o apoio no banco.

— Joan, escute. Já conheci muita gente na minha vida, mas ninguém igual a você. Estou falando sério. E, quando digo isso, não estou falando da sua memória. Foda-se a Mandy Love.

— É Mindy.

— Isso. E também não estou falando de seu dom para música e composição. Estou falando de você. De você inteira. Da pessoa toda. É fácil

admirar você, sabia? Você é tenaz. Eu levo uma eternidade para tomar uma decisão. Mas você sabe exatamente o que quer e não tem medo de correr atrás disso. Você é igualzinha ao Sydney.

Eles realmente não são tão diferentes, Joan e Sydney. Ambos são quase maníacos de tão focados e teimosos.

— E você nunca vai esquecer o Sydney, não é? — pergunta Joan.

Foi a pergunta mais fácil do dia.

— Nunca.

O trem apita quando passa por uma curva. A cabeça de Joan cai no meu ombro. Solto um dos braços e a puxo para mim. Ficou claro que não sou especialista em paternidade, mas tenho quase certeza de que a coisa a fazer agora é abraçá-la.

— Eu queria que você morasse com a gente para sempre — diz Joan.

E eu estou pensando que é hora de ir embora. Paige e Ollie já estão me abrigando há semanas. Eles foram bons amigos e hoje, em retribuição, quase perdi a filha deles. Acho que já fiquei aqui tempo suficiente.

Além disso, tenho uma irmã que prometi visitar. Acho que cansei de adiar as coisas.

* * *

De volta a Jersey City, entramos na rua e imediatamente percebemos a figura curvada na entrada da casa dos Sully. Paige. Ela tira os olhos do celular, nos vê chegando e corre até Joan. Elas se abraçam na calçada e Paige parece não querer largar a filha pelo que parecem vários minutos. Ela finalmente se afasta, mas mantém uma das mãos firme no ombro de Joan e não a solta até termos passado pela porta e estarmos seguros dentro de casa.

Um instante de silêncio se faz na sala de estar, então a expressão de Paige fica mais dura. Ela manda Joan para o quarto e pede que a filha espere até ela ir buscá-la.

— Desculpe — digo, quando estamos sozinhos. — Eu devia ter prestado mais atenção nela.

— Tudo bem — responde Paige, sentando-se.

Não parece tudo bem. Nem de longe.

— Eu não sei como vocês conseguem.

— O quê?

— Como conseguem ser pais. É assustador.

— É — admite Paige. — É mesmo.

O peito dela se expande e se contrai, expelindo toda a tensão.

Isso me faz querer ver minha irmã ainda mais, me agarrar com força à família que ainda tenho.

— Está na hora de eu ir embora.

— Espero que não seja por causa disso.

— Não. Só está na hora. Quero ver minha irmã na Flórida. A gente precisa conversar.

— Vai me contar o que aconteceu ontem? — pergunta Paige. — Estou louca para saber.

Conto a ela sobre o dia que passei com Mara, fazendo meu melhor para incluir todos os detalhes da história. Fico arrasado em pensar que Sydney foi levado a tomar medidas tão extremas — viajar para o outro lado do país várias vezes para cortejar uma mulher que tinha acabado de conhecer — por causa de mim e da minha indecisão. Foi uma perda de tempo enorme, já que, no fundo, nós dois queríamos a mesma coisa.

— É tudo culpa minha — diz Paige. — Se eu tivesse dito sim para o Syd, vocês poderiam ter sido pais.

— Não faça isso.

— O Ollie e eu falamos em ter outro filho. Mas esperei tanto para chegar a um ponto em que minha vida voltou a ser minha... Agora finalmente posso fazer o que é certo para *mim*. — A última palavra ecoa nos imóveis adjacentes.

— Você merece isso, Paige. Olhe, se alguém devia se culpar, sou eu. Se eu tivesse perguntado à minha irmã um ano atrás, quando a gente começou a conversar sobre isso, teria sido muito simples. Mas eu fiz o que sempre faço. Esperei. E agora é tarde demais.

Ela se vira e me encara.

— É mesmo?

— Como assim?

Ela se levanta, me deixando ainda mais ansioso do que já estou.

— Andei pensando muito nisso, no que o Syd queria e no que ele perdeu. No que vocês *dois* perderam. E, de repente, me toquei. Você e o Sydney não congelaram o esperma de vocês?

Levo alguns segundos para voltar a todos os momentos e decisões do ano passado.

— O médico falou que não precisava — respondo. — Que aquilo era só para pessoas que iam fazer quimioterapia ou algo parecido. Mas o Syd insistiu em fazer. Sinceramente, achei que era um desperdício de dinheiro, mas você conhece o Syd.

— Conheço mesmo — diz ela, lançando-me um olhar que só confirma como sei pouco.

— Paige. Não estou entendendo aonde você quer chegar.

— Você não vê? O plano que você e o Sydney tinham desde o início não precisa mudar. Você ainda pode usar sua irmã como doadora.

Agora que ela finalmente chegou aonde queria, as sugestões que fez parecem óbvias. Mesmo assim, o que ela está sugerindo parece o cúmulo do absurdo.

— Você ficou maluca? Se eu não estava pronto para ter um filho *com* o Syd, por que eu ia querer ter um filho sozinho?

— Não seria só *um* filho. Seria o filho do Sydney. Se quiser de verdade, Gavin, tenho certeza de que pode fazer isso. Você tem muito jeito. Eu vi você com a Joan.

— Tenho jeito? Você está brincando? Eu quase perdi a sua filha.

Ela ri.

— Isso pode acontecer com qualquer um. Acredite, eu já fiz coisa pior.

— Eu não entendo — digo. — Você acabou de admitir como é assustador ser mãe, e agora está me dizendo para fazer isso sozinho?

Ela abre os braços.

— É assustador, mas vale muito a pena.

— Sério? Você acabou de dizer que estava muito animada para finalmente ter a sua vida de volta.

— Eu digo isso, mas não mudaria o que tenho por nada. Como já disse, eu não voltaria para a faculdade, para o ensino médio nem para nenhuma outra época. Eu tenho a Joan agora. Se eu voltar, não vou ter a Joan. Ela é tudo para mim, Gavin. Ela e o Ollie são a minha vida.

Ela me encara com uma esperança emocionada. Eu adoraria me empolgar com isso, mas não posso ignorar a realidade.

— Minha profissão é imprevisível — digo. — Trabalho até tarde. Nunca sei de onde virá o salário seguinte. Vou precisar de um lugar para morar. Tipo, não posso ser pai solteiro.

— Eu entendo — responde Paige, assentindo. — Você tem muitos motivos para não ir em frente. Só estou dizendo que, se quiser de verdade,

you will find a way. Trust me.

33

Quando a porta do meu quarto se abre, o sol não está mais entrando pela janela. A luz do teto acende de repente e minha mãe não diz nada de início. Ela se senta na cama e fica olhando para um desenho na parede. É uma caricatura minha. O artista pôs óculos redondos em mim como os do John Lennon e desenhou minha mão fazendo o sinal que significa paz.

Minha mãe dá uma boa olhada em mim.

— Gostei do seu cabelo.

— Está horrível.

— Eu achei que ficou bonito.

O pessoal da maquiagem do *The Mindy Love Show* me transformou em uma das bonecas do meu videogame da *Barbie*:

O que fizeram comigo



Cabelo normal



Cabelo para a TV

O dia não foi como eu planejei. Não recebi o dinheiro para salvar o estúdio e ninguém prestou atenção quando toquei minha música. O Gavin finalmente chorou, mas não por causa da música, então não conta. Além disso, não consegui o autógrafo da Mindy Love porque o Gavin apertou meu pulso e me tirou do palco antes de eu ter a chance de pedir. Quando a

gente chegou aos bastidores, Gavin disse para a Felicia que ela era inacreditável, a mesma coisa que meu pai fala sobre a música “Across the Universe”, mas sei que *inacreditável* também pode significar “horrível”.

Sei o que devo dizer agora, mas nem tenho a chance, porque minha mãe fala primeiro:

— Desculpe — diz ela. — Eu sabia que essa mudança seria difícil para todos nós. Mas às vezes esqueço que tudo é um pouco mais difícil para você.

Desta vez não fico irritada por ela esquecer. Não quero mais ficar irritada.

— Também sinto falta do seu pai durante o dia, sabia?

— Eu sei — digo, mas na verdade só fiquei sabendo *mesmo* agora.

Nem sempre éramos só meu pai e eu no estúdio. Eu me lembro de um dia em que eu estava tocando violão, e meu pai, bateria, e, quando a gente terminou a música, a plateia começou a aplaudir, mas na verdade era só minha mãe, porque o resto da plateia era composta pelos bichos de pelúcia que eu tinha enfileirado no sofá. Minha mãe sempre foi a minha plateia mais animada.

Pego Wally, minha morsa de pelúcia, porque quero pôr alguma coisa entre mim e minha mãe antes de falar a verdade.

— Está bem — digo. — Eu estava tentando conseguir dinheiro para o estúdio, para o papai não parar de tocar, porque você disse que eu poderia pagar por ele se quisesse. Não sei de quanto dinheiro a gente precisa, mas a Felicia disse que vai me pagar daqui a seis ou oito semanas.

Minha mãe vira o corpo para mim.

— Eu sei que você estava tentando ajudar. Mas não pode ir sozinha para a cidade. Você sabe disso. — A testa dela relaxa e ela me abraça. — Eu quase tive um infarto.

Isso me faz pensar no Sydney, o que me faz perceber que ainda tenho muitas perguntas.

— O Gavin disse que o Sydney e ele iam ter um filho.

Ela para de me apertar.

— Ele contou isso?

— Contou. E falou para a Mindy Love e para toda a plateia dela também.

— Sério?

— Ele disse que não teve porque ficou com medo. Com medo do quê?

Minha mãe encara a parede antes de responder.

— É normal ter medo quando a gente vai fazer uma coisa que nunca fez. É igual a quando você aprendeu a nadar. Você não queria entrar na água. Mas teve um menino que pulou direto. Cada um é de um jeito.

Agosto de 2006: Meu pai abre os braços e minha mãe aponta a câmera do telefone na minha direção. As boias estão beliscando meus braços. Meu pai promete que vai me pegar, mas não consigo tirar os pés da borda, então ele me levanta, me põe na piscina e todo mundo aplaude como se eu tivesse feito isso sozinha.

— É por isso que você e o papai estão demorando tanto para ter outro filho? — pergunto. — Porque vocês estão com medo?

Ela faz um sim rapidinho com a cabeça, quase nada, mas basta como resposta. Eu me pergunto se é por isso que as pessoas dizem não o tempo todo, porque há muitas coisas que dão medo.

Quero falar com o Gavin agora. Talvez ele seja o único que me entenda de verdade.

— Posso descer um pouquinho?

— Agora não, amor.

— Por quê? Estou de castigo?

— Não sei. Tenho que conversar com seu pai.

— Posso só ir falar com o Gavin?

— Não. O Gavin precisa de um tempo sozinho.

Agora é o *meu* coração que tem um ataque.

— Ele está irritado comigo? Sinto muito porque ele teve que ir para Nova York me buscar. Eu já pedi desculpas a ele. O que mais posso dizer?

— Joan, escute. Isso não tem nada a ver com você.

— Mas por que não?

Caio na cama e cubro as pernas. Minha mãe me abraça por cima do cobertor, diz que me ama e faz carinho no meu cabelo. Mas nada disso faz com que eu me sinta melhor, porque estou com um machucado enorme dentro do meu corpo.

* * *

Na manhã seguinte, vou até o andar de baixo ver Gavin, mas ele não está. O quarto dele foi arrumado, a cômoda está vazia, e o armário só tem cabides.

Os cobertores estão presos embaixo do colchão e é estranho porque acho que o Gavin não arrumou a cama nenhuma vez durante todo o tempo que ficou aqui.

Odeio ir dormir, porque os adultos fazem muita coisa quando a gente não está por perto, tipo arrumar as malas e ir embora.

Pressiono a cabeça contra o travesseiro e sinto o cheiro dele. Olho para o pôster da *Awake Asleep* na parede. É esquisito, porque está na nossa casa, mas na verdade é uma lembrança da vida do Gavin. Eu me pergunto se ele gostou de olhar para o cartaz todos os dias ou se ficou incomodado — as lembranças vêm de maneiras diferentes para cada um. Algumas fazem a gente se sentir bem quentinho e outras cutucam a gente com uma vara.

Estendo o braço para apagar a lâmpada, mas primeiro olho na lata de lixo, abro a gaveta ao lado da cama, ponho a mão dentro e tateio, mas está tudo vazio. Queria encontrar um bilhete. Ele não se despediu.

Across the Universe

34

Lá está Veronica, esperando. Faz quase três meses desde que a vi no enterro. Ela me vê descendo a escada rolante do aeroporto, os ombros erguidos de ansiedade. O cabelo claro de sol, o rosto sardento de boneca e aquele sorriso imenso que revela só seus dentes de cima. Antecipando minha chegada, ela gane como um filhotinho e pula em mim. Eu a abraço pelo que parecem dias.

Afastando-me, ela pega meu rosto.

— Eu adorei a barba.

— A mamãe odiou.

— Claro que odiou.

Saímos no terminal e atravessamos a rua até o estacionamento. Dois bipes destravam as portas de um BMW preto.

— Esse carro é seu? — pergunto.

— Não. Não tenho carro.

Nós entramos. Os bancos de couro estão quentes.

— É do Tim? — pergunto.

— O Tim e eu terminamos há meses — informa Veronica, de forma casual. Então, percebendo minha confusão: — Eu contei a você.

— Quando?

Ela põe o braço para trás e dá marcha à ré.

— Quando fui a Los Angeles. Você tinha coisas mais importantes na cabeça, obviamente.

— Eu não tinha ideia. Sinto muito.

— Tudo bem. Não era para ser.

O clichê ecoa em minha cabeça enquanto Veronica manobra para sair do estacionamento e entra na rua principal. Por causa das janelas abertas, seu cabelo voa para todos os lados, mas ela não se incomoda. Enquanto isso, no banco do carona, estou tão zozzo com as possibilidades que sinto que poderia voar para longe.

* * *

Em menos de dez minutos, conquistamos toda a ilha, da cidade nova para a antiga. Veronica estaciona perto da água.

— Já vai chover — diz ela, antes de entrar em um prédio para devolver a chave para o dono do carro.

Ele pertence a alguém chamado Larry, um homem que Veronica jura que é só um amigo.

Vou até a beira do píer e olho para o Atlântico. Em algum lugar daquele oceano está Cuba. É mais perto que Miami, segundo Veronica.

Sinto uma gota de chuva no nariz, depois outra. Em alguns segundos, elas começam a cair em grupos. Eu me abrigo sob um toldo e largo a mala no chão seco.

Uma família corre para dentro do prédio atrás de mim. Estou parado diante de um aquário. Meus pais me levavam a zoológicos e aquários quando eu era pequeno, antes de Veronica nascer. Sempre esqueço essas lembranças neutras. Costumo me lembrar só dos melhores e piores momentos.

Pressiono o rosto contra a janela e observo a família na bilheteria. Um homem e uma mulher com dois meninos. O mais novo pega a mão do irmão, mas este se desvencilha. O menino mais novo então pega a mão da mãe e ela a aceita, sem hesitar.

Meu hálito embaça a janela. A tempestade já passou. O sol está brilhando. Veronica volta.

— Você está encharcado — diz ela, rindo. — Eu tentei avisar.

— Aconteceu muito rápido.

— É. É a estação.

Caminhamos pela rua Whitehead, uma via semiagitada com riquixás, turistas e banquinhas de camelôs. Lares pitorescos dormem por trás de muros brancos baixos e plantas tropicais. Aves cantam em galhos de árvores, como se tivessem sido pagas pela cidade para criar um bom ambiente. Eu me pergunto se há algum motivo para minha irmã ter escolhido morar em um lugar que parece estar sempre de férias. Por outro lado, algumas pessoas falam a mesma coisa de Los Angeles.

— O que quer fazer? — pergunta Veronica, brincando com o pingente de seu colar comprido. — Está com fome? Quer ir à praia? Podemos fazer o que você quiser.

— O que *you* quiser.

— Vamos deixar suas coisas em casa. Vou mostrar onde moro e depois a gente sai.

De repente, ela pula nas minhas costas. Com a mala pesada na mão, quase caio para a frente.

— Estou tão feliz por *you* estar aqui — diz ela, as pernas balançando.

— Eu também — respondo, tentando ficar de pé.

Estou curvado para a frente, mas consigo segurá-la. Não temos que andar muito.

* * *

Veronica me mostra seu pequeno apartamento. Os móveis parecem ter vindo com o lugar: cadeiras de vime e mesinhas laterais de vidro no mesmo estilo. Ela sempre foi uma mulher sem frescura, mais preocupada com a praticidade do que com a aparência.

No entanto, acrescentou alguns toques pessoais. Um vaso com uma espada-de-são-jorge à janela. Uma placa na parede que diz: É SÓ A SUA VIDA. Fotos de pessoas que conheço e de desconhecidos. Em uma foto, meu pai está segurando Veronica na dobra do braço, mal sentindo o peso dela.

— É um sofá-cama — diz Veronica. — Não me importo em dormir aqui se *you* preferir a cama.

— Não, o sofá está ótimo para mim.

Não consigo tirar os olhos de meu pai, Alex Deifendorf, com o bebê recém-nascido junto ao corpo. Ele tinha mais ou menos a mesma idade que tenho agora.

— Venha ver o andar de cima — chama Veronica, levando-me por uma escada caracol estreita até um loft.

Imediatamente reconheço o quadro na parede de seu quarto.

— Obrigada por me mandar, falando nisso — fala ela. — Eu adorei.

É a surfista de Mara. Quando comprei a gravura na feira e a mandei para minha irmã, não percebi que estava passando de uma candidata a mãe para outra. Sydney veria magia nisso. Acho que, pela primeira vez, tenho que fazer o mesmo.

35

Uma semana inteira se passa sem o Gavin. Quando acho que não posso ficar mais deprimida — meu pai diz que todos os artistas se sentem assim —, o fim de semana chega e papai começa a esvaziar o estúdio.

Primeiro, ele tira todos os pôsteres, fotos e cartões-postais da parede e da cortiça. Depois, pega todos os miniteclados das prateleiras e desconecta todos os fios dos equipamentos e enrola os fios em círculos arrumadinhos. Depois, tira as guitarras e os violões do suporte, junta todos os microfones, põe tudo em caixas e as fecha com fita adesiva. Mais tarde, ele vai carregar tudo para a van da Sully & Filhos, estacionada do lado de fora.

Olho uma caixa que ainda não foi fechada e encontro fitas cassete, CDs, canhotos de ingressos, letras de música, setlists, credenciais para bastidores e uma chave extra da antiga van do meu pai. Pego uma baqueta quebrada e a balanço. Pequenos pedaços de madeira caem no chão. Não sei por que meu pai guarda uma baqueta quebrada, mas então percebo que não é mais uma baqueta, é um lembrete que leva a uma lembrança.

Adoro o fato de o meu pai guardar todas as coisas antigas dele, assim como eu guardo meus desenhos importantes na caixa embaixo da cama. Mas as coisas do meu pai não vão ficar na nossa casa. Ele vai levar tudo para o depósito e, enquanto estiverem lá, não vai poder mexer nas coisas de música dele quando quiser.

No fundo da caixa aberta, acho revistas e jornais. Folheio tudo e encontro uma foto do meu pai e do Gavin em uma revista em preto e branco chamada *Hub City*. Papai está sem barba e de cabelo comprido, enfiado atrás da orelha. Gavin usa uma calça jeans com buracos enormes nos joelhos e tem olhos parecidos com os de um guaxinim, com uma sombra preta em volta.

— Isso faz muito tempo.

Meu pai está parado atrás de mim, e agora nós dois estamos olhando para a foto.

— O Gavin está de maquiagem? — pergunto.

Ele olha mais de perto.

— Parece que sim. — Ele pega a revista da minha mão e começa a ler o artigo. — Foi nesse dia que conheci sua mãe. Ela foi ao show naquela noite.

Tento me imaginar como minha mãe na faculdade, vendo meu pai tocar bateria. Então lembro que não preciso imaginar, porque posso ir pedir à mamãe para me contar agora mesmo.

Eu a encontro no quarto extra. O pôster da *Asleep Awake* não está mais na parede e os cobertores e lençóis foram tirados da cama. Caio de cara no colchão descoberto e pressiono o nariz contra a cobertura fofa. Mal consigo sentir o cheiro do Gavin agora.

Eu me viro.

— Quando você viu a banda do papai tocar na faculdade, você achou que ele era especial na hora?

Os filmes da minha memória carregam rápido, mas minha mãe tem que esperar pelos filmes dela. Ela encontra o que está procurando e sua boca se abre em um sorriso torto.

— Eu não conseguia tirar os olhos dele. Ele era tão apaixonado, parecia que ia explodir. Eu quis saber o que deixava seu pai daquele jeito.

Sei exatamente o que ela quer dizer, porque meu pai não *toca* bateria, ele bate nos pratos como se quisesse transformar tudo em panqueca.

— E o que era? O que fazia com que ele ficasse daquele jeito?

Ela joga lustra-móveis nas gavetas da cômoda e tira o excesso com um papel-toalha.

— Ele adorava fazer aquilo — diz, lustrando em pequenos círculos.

Ela fica no mesmo pedaço por um bom tempo e parece ter esquecido o que está fazendo, uma coisa que as pessoas fazem quando sonham acordadas.

— O que vai acontecer com essa cômoda? — pergunto.

Minha mãe finalmente passa o papel-toalha em outro ponto.

— Vamos ver se os locatários querem. A cama e a mesa de cabeceira também.

Torço para nunca conhecer os novos locatários, porque eles não vão ser melhores que o cara que estive aqui. Olho para o teto e repasso algumas das lembranças que tenho de Gavin: no trem, no *The Mindy Love Show*, à mesa da cozinha no mesmo dia mais cedo, quando ele estava tomando conta de mim. Continuo voltando, vendo tudo de novo: comendo pizza, andando por

Nova York, procurando pistas em Jersey City sobre o que Sydney estava fazendo. Eu o vejo ouvindo com muita atenção enquanto conto minhas histórias e surpreso quando desenho o rosto do Sydney. Vejo a barriga tanquinho de quando ele estava sem camisa e a perna sem pelos do dia que usou short e o jeito que usava a mão direita para escrever a letra e a esquerda para beber café ou vinho.

Eu o vejo me dar um *bagel* simples, segurar minha mão para atravessar a rua, me pôr nos ombros, fazer o sinal do melro e passar os dedos pelo cabelo volumoso. Eu o ouço cantar minha música e me lembro das suas palavras: “Uma música boa é uma música boa”, “Você tem que relaxar e não pensar demais nas coisas”, “Dói demais lembrar”, “Esquecer dói ainda mais”, “Foda-se a Mandy Love”.

As lembranças são muito claras e fazem com que seja ainda mais difícil estar aqui no quarto vazio dele, mas não sei mais para onde ir. As lembranças me seguem aonde quer que eu vá.

Volto para o estúdio e meu pai está sentado na cadeira de rodinhas, de braços cruzados. Está olhando para todas as caixas como se elas estivessem tentando falar, mas ele não entendesse o que estão dizendo. Agora minha mãe está parada ao meu lado, observando meu pai também e, pela primeira vez, acho que está sentindo o que estou sentindo, porque vai até o papai e aperta os ombros dele. Este cômodo nunca mais vai ser igual à minha lembrança e eu odeio quando isso acontece, quando o jeito que as coisas *são* e o jeito que as coisas *eram* são totalmente diferentes.

— As caixas acabaram — diz meu pai. — Tenho que ir à Home Depot.

Eu o ouço falar e sei na hora o que tenho que fazer.

— Eu também vou.

— Sério? Você odeia aquela loja.

É, mas talvez seja a única escolha que eu tenha agora.

* * *

As portas de vidro se abrem para a gente, e meu pai e eu entramos. Não sinto medo até ver os carrinhos laranja e sentir o cheiro de madeira, ou seja lá o que for. Então começo a ficar com sono, como se quisesse ir para casa me esconder embaixo das cobertas.

Mas, em vez de fugir, faço o contrário. Eu me abaixo e toco no chão. É duro, frio e me faz lembrar de quando eu deitava no piso frio da cozinha com o Pepper porque ele gostava de ficar ali e eu gostava dele. Eu queria que cachorros ficassem enrugados como as pessoas para podermos saber quando eles estão ficando velhos e não levarmos um susto tão grande quando chega a hora de nos despedir.

Eu alcanço meu pai. Enquanto ele procura caixas, busco um bom lugar de onde pular. O teto é tão alto que um gigante poderia fazer compras aqui sem bater a cabeça. As prateleiras estão cheias de pacotes brilhantes que se parecem muito com brinquedos. Brinquedos para pais.

Meu pai vai falar com um funcionário que usa um avental laranja feio. Agora parece ser um bom momento, já que há uma escada alta esperando no corredor. Começo a subir sem pensar demais no assunto, mas é bem difícil não pensar em tudo. Eu me pergunto para que minha memória serve, se os únicos que parecem se importar com ela são pessoas como o Dr. Robert e a Mindy Love, e eles não são pessoas muito legais.

Chego ao topo da escada e olho para baixo. Tenho que me segurar nas laterais porque estou bem no alto.

— Joan! O que você está fazendo?

Meu pai e o funcionário estão olhando para mim. Os olhos do papai parecem prestes a saltar do rosto, e eu acho que o funcionário está dizendo uma coisa grosseira sobre mim para o microfone preso à sua camisa.

— Não se mexa — diz meu pai. — Eu vou subir.

Uma pequena multidão se reuniu. Uma plateia. Meu pai sobe a escada e se senta comigo na plataforma. Ele tenta fazer com que eu olhe para ele, mas não consigo.

— Joanie, por favor. O que está acontecendo?

— Estou cansada, mas não com sono.

— O que você quer dizer? Não sei o que você quer dizer.

— Quero que tudo volte a ser como era.

— Eu sei, meu amor.

— Não, papai, você não sabe. Você esqueceu.

— Não esqueci, não. Juro que não esqueci.

Olho para ele. Quero acreditar no meu pai.

— Venha aqui — diz ele, antes de me abraçar com força.

A Day in the Life

36

Bato no rosto dele. *Syd. Pare de brincar. Acorde.* Tento escutar sua respiração, sentir seu pulso. Sopro em sua boca. Aperto o peito dele. Seguro o nariz, sopro de novo. Aperto o peito dele cada vez com mais força. Tento erguer a cabeça, o corpo dele. Muito pesado. Pego o celular. Chamo uma ambulância. Respondo às perguntas do atendente, sigo as ordens dele, faço tudo que ele pede. Desligo. Vou até a varanda, ouço a sirene. Volto para dentro. Sacudo Sydney, grito...

Abro os olhos, acordo do pesadelo. Mas não consigo me livrar dele porque o pesadelo realmente aconteceu.

Levo um minuto para lembrar que estou na casa de Veronica, no sofá-cama.

Eu me sento, jogo a colcha para o lado, limpo o suor da testa. A janela está aberta, mas não sinto o vento. Meus pés acolhem o beijo frio do piso de lajotas.

Nas últimas noites, meus sonhos foram assustadoramente vívidos. Lembranças e imagens que expulsei da minha cabeça estão me invadindo de novo. É como se eu estivesse vivendo minha vida com atraso. Ele morreu há meses, mas só estou entendendo agora.

Encontro um bilhete preso à cafeteira. *É sexta-feira! Vamos sair hoje!*

A letra de criança me lembra Joan, de quem sinto muita falta desde que saí de Nova Jersey. Apesar de Veronica e ela serem absurdamente diferentes — a primeira é bem séria, a segunda, quase nunca é —, eu as reuni em minha cabeça como parte de uma família pela qual me sinto responsável. Espero que minha nova irmã caçula esteja bem sem mim.

Na semana que passei com Veronica, saímos todas as noites, com exceção de uma. Parece que todo dia é sexta-feira no mundo dela. A não ser que essa festa ininterrupta seja só por minha causa.

O incrível é que, não importa até que horas a gente fique acordado, isso nunca prejudica a produtividade de Veronica. Toda manhã, ela acorda com

o despertador e sai para trabalhar sem se atrasar. Ela chefia o setor de atendimento ao cliente de um resort local. E, enquanto está fora, eu ando pela ilha. Dou uma olhada em galerias e lojas de antiguidades, observo pássaros em bancos de parques, tomo café em mesas ao ar livre. Às vezes, só dou um passeio tranquilo por lugar nenhum.

E, quando Veronica volta para casa no início da noite, normalmente saímos para comer alguma coisa e acabamos ficando fora até muito tarde. Essas longas noites têm sido uma distração bem-vinda para o turbilhão que tenho na cabeça e no coração. Ainda tenho que perguntar à minha irmã sobre a conversa que Syd e ela tiveram sem que eu soubesse. Ao que parece, a paternidade, tecnicamente falando, ainda é possível para mim. Parte de mim gostaria que Paige nunca tivesse me alertado para isso. Perceber a existência desta última maneira tortuosa de ressuscitar um pequeno pedaço da pessoa que perdi é algo quase impossível de ignorar.

Por isso, antes que as festividades comecem, decidi — agora, enquanto estou parado, sonolento, na estreita cozinha de Veronica — que vou ao mercado fazer compras. Hoje vamos ficar em casa, pois eu vou fazer um belo jantar.

* * *

— Estou impressionada — diz Veronica.

A gente acabou se sentando à mesinha de vidro, de pernas cruzadas, no chão, com almofadas do sofá sob nossos traseiros.

Ela assente, demonstrando que gostou, a boca cheia de dourado-do-mar e arroz negro.

— Tem alguma coisa doce aqui também — percebe ela.

— Laranja navelina.

— É mesmo? Eu nunca teria adivinhado.

— Fico feliz que tenha ficado bom — digo. — Achei a receita na internet.

Eu adorava cozinhar assim para Syd. Isso dava um sentido aos dias em que eu não estava trabalhando nem fazendo testes. Eu pesquisava na internet em busca de receitas interessantes e ia até o Whole Foods procurar sumagre, pasta de tamarindo ou algum outro ingrediente de que nunca havia

ouvido falar. Fazia meses que eu não tinha ânimo para experimentar um prato diferente.

— Você pode cozinhar para mim sempre que quiser. É sério, esta é a melhor comida caseira que como em anos.

— Parece que é a única comida caseira que você come em anos. Os únicos temperos que você tem são sal e pimenta.

Ela dá de ombros, culpada da acusação.

— Pelo jeito, você não é um vilão.

— O quê?

— Em *The Long Arm*. Eu sabia que você não tinha matado aquele cara. Seus olhos não demonstravam isso.

— Não me subestime — digo.

— Nunca.

Veronica muda de assunto mais uma vez e começa a contar que o pneu de sua bicicleta estava tão murcho que ela mal conseguiu voltar para casa.

— Isso era trabalho do Tim — explica ela. — Ele conferia se meus pneus estavam cheios. Eu sempre me esqueço de conferir.

— Vou encher para você.

Ela sorri, grata.

— Afinal de contas, o que aconteceu com ele? — pergunto, aproximando-me aos poucos do meu objetivo. — Vocês dois pareciam bem firmes no início.

— E a gente estava. Conheci o Tim logo depois que me mudei para cá. Ele me apresentou muitas pessoas que ainda são minhas amigas. Além disso, conseguiu o emprego no resort para mim. Ele era praticamente meu mundo. Mas comecei a me sentir sufocada.

Ela conta toda a história de uma forma tranquila, mais interessada na comida do que na explicação.

— Então foi você que terminou?

— Foi — responde Veronica. — E é uma cidade muito pequena, então é chato. Estou surpresa por ainda não ter encontrado com ele.

— Quando vocês começaram a namorar?

Ela faz a conta de cabeça.

— Foi em meados de dezembro.

Paro para beber um pouco.

— E foi perto do ano-novo que o Sydney pediu seus óvulos, não foi?

Pela primeira vez, minha irmã parece abalada. Ela leva alguns segundos para se recuperar.

— Ele me pediu para não dizer nada — explica Veronica. — Falou que você ia ficar irritado.

— Não estou irritado. Só queria que você soubesse que eu sei.

Ela me encara, sem saber o que dizer.

— Ele disse que vocês tinham outra candidata de que gostavam muito. Alguém que vocês tinham achado na agência. Falou que não dependiam de mim.

Eu queria que fosse verdade.

— Nunca achamos ninguém pela agência. Ele só não queria que você se sentisse mal.

A julgar por seu rosto pálido, isso aconteceu de qualquer maneira.

Ela olha para a comida, o garfo ainda na mão, mas a atenção em outro lugar.

— Depois que ele me ligou, ele não disse mais nada sobre o assunto. Perguntei à mamãe e ela falou que vocês iam dar um tempo na coisa toda.

— Um de nós ia. É verdade.

— Ele disse que você ia me ligar, Gavin. Eu estava esperando. Por que você não ligou?

Tento encontrar palavras para me expressar. Tudo que consigo dizer é:

— Não sei.

Ela larga o garfo no prato e engatinha até meu lado. Seus braços passam sobre meus ombros e envolvem meu pescoço.

— Sinto muito.

Eu também. Devia ter ligado para ela um ano atrás, sete meses atrás. Tive tantas chances, tanto tempo. Parece muito simples agora. Eu ligaria, ela atenderia. Falaríamos das novidades por um tempo, depois eu explicaria tudo. Contaria que estava com medo de ser pai. Ela me diria para superar isso, que era perfeitamente normal ter dúvidas, o mesmo discurso que Syd e Paige tinham feito. Ela diria que me ama, que faria o que fosse preciso. Syd nunca teria que recorrer a Mara.

Ou talvez não tivesse acontecido dessa maneira. Talvez ela tivesse dito não. Pelo menos eu teria paz de espírito. Teríamos tentado, perguntado, hora de continuar a vida. Syd e eu teríamos passado à candidata seguinte juntos. Teríamos procurado em equipe, sem parar até encontrarmos a pessoa perfeita.

E, se nunca tivéssemos encontrado a pessoa perfeita, tudo bem. Conseguiríamos dormir, sabendo que havíamos tentado. Tínhamos sido sinceros. Tínhamos sido honestos. Tínhamos estado dispostos. Tínhamos acreditado. Que coisa rara: acreditar. Havíamos tido sorte. Poderíamos ter tido.

— Você está bem? — pergunta Veronica.

É o que todo mundo quer saber.

Ignoro a pergunta e digo algo que é cem por cento verdade:

— Estou pronto para sair.

37

Estou sozinha onde as ondas batem na praia. A água corre pelos meus pés e mantém todo meu corpo frio sob o sol quente.

Se voltar os olhos para a esquerda e para a direita, não vou estar mais sozinha, porque dá para ver os barcos a vela. Eu me viro e vejo meus pais esperando a certa distância. Estão sentados em cadeiras de praia, mamãe lendo um livro e papai dormindo com os fones nos ouvidos. Não é a viagem que minha mãe queria, essa só vai acontecer ano que vem, mas é uma viagem que meu pai achou que a gente devia fazer depois de me tirar da escada da Home Depot.

Foi legal meu pai trazer a gente para passar o fim de semana em Cold Spring Harbor e me levar até Cannon Hill, a mansão em que o John Lennon e a família dele moravam quando saíam da cidade e achavam que estavam de férias. Mas meu cérebro continua funcionando do jeito de sempre, o que significa que visitar um lugar a que o John Lennon ia só me faz lembrar dos outros lugares a que ele ia e da pessoa com quem visitei esses lugares. Isso significa que estou pensando *nele* de novo. Nem quero falar o nome dele porque ele se esqueceu de mim, e isso não é justo porque não sou capaz de me esquecer dele.

Minha mãe me dá um susto.

— Quer nadar?

— Na verdade, não.

Ela fica de pé, com os braços cruzados sobre o maiô, e olha para a água, tentando ver o que estou vendo.

— É lindo aqui.

Tenho dificuldade de pensar no que existe aqui porque estou basicamente pensando no que não existe aqui. Eu queria que houvesse uma maneira de saber que estamos vendo alguém pela última vez. Assim poderíamos prestar ainda mais atenção na pessoa quando isso estivesse acontecendo.

Terça-feira, 30 de julho de 2013: Saímos do trem de Nova York e o Gavin me carrega nas costas por toda a ladeira. Ele me põe no chão, entramos na nossa rua e minha mãe está esperando à porta. Ela corre até a gente e me abraça. Me leva para a casa, me manda para o quarto e essa parte acontece tão rápido que nem penso em virar a cabeça e olhar para o Gavin.

— Venha — chama minha mãe. — Vamos nadar.

Ela segura minha mão e entramos na água. Vamos até o fundo, até meus pés não encostarem mais no chão e eu ter que nadar. Minha mãe inclina a cabeça para trás, abre os braços e fica boiando. Faço a mesma coisa, e nós duas olhamos para o céu. Eu me lembro de quando aprendi a boiar. O professor de natação teve que segurar meu bumbum porque não parava de afundar.

Acho que minha mãe está dizendo alguma coisa, mas, com os ouvidos na água, não consigo escutar direito. Ergo e balanço a cabeça, para me livrar da água nos ouvidos, e pergunto:

— O que você disse?

Ela não está mais boiando. Está batendo as pernas, e agora estou batendo também.

— Falei que talvez a gente esteja lidando com esse assunto do jeito errado.

Ainda não sei do que ela está falando.

— A gente?

— É — confirma minha mãe, olhando para o meu pai na praia. — Ficamos frustrados uns com os outros, eu sei, mas todos temos talentos e fraquezas. Talvez seja melhor deixar as pessoas fazerem o que elas fazem bem em vez de forçá-las a fazer algo que não é natural para elas.

Olho para a praia também e vejo que meu pai não está mais lendo a revista. Está tocando violão, o Gibson, o único que ele não pôs dentro de uma caixa.

— Ele fica mais feliz quando está criando — explica minha mãe. — É o que ele faz de melhor.

Meu pai está com aquela cara de que está com a cabeça nas nuvens. Não adoro nuvens porque elas às vezes tapam o sol, mas não me importo quando meu pai está com a cabeça nas nuvens porque isso quer dizer que ele se perdeu na música, e se esqueceu de onde está. Esse é o único tipo de esquecimento de que eu gosto.

— E o que você faz de melhor, Joan, é lembrar. — Ela está virada para mim agora. — Eu sei que você fica irritada às vezes, mas ninguém lembra como você, e você não deveria esperar que ninguém faça isso. Não é nisso que as pessoas são boas. Lembrar é o *seu* trabalho. E é um trabalho muito importante.

Ela dá uma piscadinha e põe a cabeça para trás. Quando levanta a cabeça da água, seu cabelo está liso e molhado e ela parece a criatura mais linda do mundo. Também quero ser uma criatura, mas de um tipo diferente. Eu tapo o nariz, mergulho e finjo ser uma morsa deslizando pelo escuro e pelo silêncio. Quando fico sem fôlego, subo, abro os olhos e, não sei como, mas parece que o sol ficou um pouco mais brilhante.

* * *

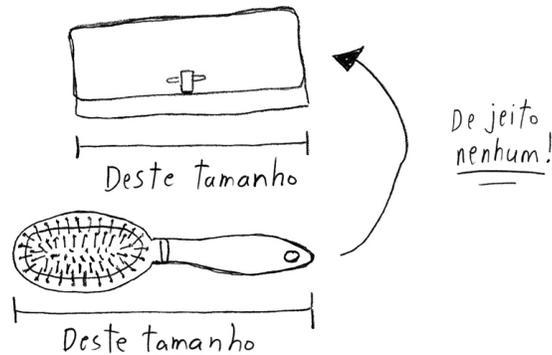
A garçonete tira nossos pratos, pergunta se temos espaço para a sobremesa e meu pai diz que sim. Fico feliz por termos pegado a mesa perto da janela porque o sol está dizendo boa-noite de um jeito lindo, criando ondas laranja e roxas no céu.

Cold Spring Harbor deve ter sorte, porque John Lennon compôs a maior parte das músicas de *Double Fantasy* aqui e ganhou um Grammy por esse disco. Além disso, Billy Joel tem um disco com o nome desta cidade e ele é um grande artista, apesar de eu não gostar das músicas dele. Meu pai tentou colocar algumas canções do Billy Joel no carro hoje, mas a única música dele de que gosto é “We Didn’t Start the Fire”, e agora não gosto mais porque ela me lembra uma pessoa que realmente pôs fogo em um lugar.

Meu pai pede café com a sobremesa, mas minha mãe ainda está bebendo vinho. Ela está com a calça branca nova porque o Dia do Trabalho não passou ainda. Não sei o que acontece depois do Dia do Trabalho, mas minha mãe adora seguir regras. Uma de suas mãos está brincando com o cabelo, ou talvez ela só esteja usando os dedos como pente. Minha mãe não trouxe a escova para o jantar porque não cabia na sua bolsa chique.

Ela está encarando meu pai, girando a taça de vinho sem parar, segurando-a pela base.

— O que foi? — pergunta meu pai.



— Acho que a gente devia manter o estúdio — diz minha mãe.

Isso faz meus ouvidos ficarem atentos, porque é tudo que eu queria ouvir da minha mãe. Meu pai parece chocado, provavelmente porque teve que carregar todas aquelas caixas pesadas para fora e agora vai ter que carregá-las para dentro de novo.

— O que você quer dizer?

— Vi você hoje — responde minha mãe —, sentado na praia, tocando violão. Fazia tanto tempo que não via você assim. Parecia tão feliz. Não quero tirar isso de você. Nunca quis. Isso é tudo que eu sempre quis, nós três juntos, sem trabalhos, sem projetos, sem distrações. Se a gente puder tirar um tempo durante o ano, vou ficar satisfeita. Só preciso de uma folga de vez em quando para me sentir uma pessoa normal. E preciso que você tire essas folgas comigo. Preciso de você. Nós duas precisamos de você.

Agora estamos esperando o papai falar, mas a garçonete voltou. Ela entrega a torta e o sorvete e põe o café quente diante do meu pai. Ele sorri para ela e, quando ela vai embora, ele diz:

— Vou me esforçar mais. Eu prometo. E podemos fazer mais viagens de fim de semana assim. Já estava na hora. — Ele leva a caneca fumegante aos lábios. — Mas não vamos manter o estúdio.

— Não me importo em manter, Ollie, é sério. Se isso deixar você feliz.

— Mas não deixa — responde ele, antes de tomar um gole de café e pousar a xícara com cuidado. — Hoje foi a primeira vez, desde que me lembro, que toquei violão só porque queria. Não por causa do trabalho. Não para ganhar dinheiro. Eu não estava arriscando nada. Foi só por diversão. Foi por isso que comecei a tocar. É bom sentir isso de novo. Não sinto mais tanta pressão. — Ele olha para o café, tão preto que daria para passar os créditos de um filme nele. — Estou feliz com o jeito que as coisas estão.

Meu pai sorri para minha mãe, mas não gostei do que ele disse. Por um segundo, achei que meu maior sonho fosse se realizar. Parece o dia em que fui a um canil e pedi à pessoa responsável para tirar um cachorro da gaiolinha. Ele balançou o rabo quando fiz carinho nele e achou que fosse para casa comigo, mas tive que colocá-lo na gaiolinha de novo porque minha mãe disse que era cedo demais para pegar outro cachorro (sábado, 4 de setembro de 2010).

E agora uma moça em outra mesa está me encarando e me pergunto se estou com chocolate no rosto, ou talvez esteja chorando e não saiba. O jeito como ela aperta os olhos está me assustando muito, apesar de não fazer sol aqui dentro. Tento desviar o olhar, mas, por algum motivo, não consigo.

Agora ela está de pé, jogando o guardanapo na mesa. Ela vem até nossa mesa e eu limpo o rosto, só para garantir. Ela está parada ao lado da minha mãe, mas olha para mim e diz:

— Eu conheço você.

Aponto para mim, nervosa.

— Já sei! — exclama ela. — Do *The Mindy Love Show*! Você é a menina com a memória. — Ela estende a mão. — É um prazer conhecer você.

Aperto a mão dela, mas não sei o que dizer. Isso não parece importar, pois ela está muito satisfeita em falar por mim.

— Preciso dizer que você é uma graça. Maravilhosa. É Joan, não é?

— É. — Mas não gosto de como a palavra soou. Foi baixinho demais. Aumento o volume da voz para que as próximas palavras sejam bem fáceis de ouvir. — Meu nome é Joan Lennon.

* * *

Estou sentada à escrivaninha do quarto do hotel, usando o laptop do meu pai. Sinto chulé dele daqui, mas não digo nada porque ele parece muito confortável na cama, com minha mãe sob seu braço. Às vezes minha mãe parece muito grande e forte, mas meu pai consegue acabar com essa imagem só de ficar perto dela.

Fiquei de mau humor depois que meu pai disse que não íamos manter o estúdio, mas isso foi antes de eu ser reconhecida. Ser reconhecida me lembrou de quando meu parceiro de composição, cujo nome não posso dizer, me levou para Nova York e duas mulheres o viram e quiseram tirar

uma foto com ele. E agora estou pensando *nele* e na nossa música e em como ele cantou sobre recomeçar e deixar o passado para trás. Eu não entendia do que ele estava falando porque não posso deixar o passado para trás, não importa o que faça, mas ouvir meu pai falar sobre música durante o jantar me fez pensar na letra da nossa música de um jeito um pouco diferente. Meu pai começou a trabalhar com uma coisa nova e disse que os dias dele como músico tinham acabado, mas agora falou que vai voltar a tocar de outro jeito e que se sente bem assim. Então acho que, quando meu parceiro de composição, cujo nome não posso dizer, canta *Deixe o passado passar*, ele quer dizer *Deixe o passado para trás até que ele volte a ser legal de novo, então volte para ele*. Só que isso é longo demais para caber em uma música, então ele teve que encurtar.

E isso me faz pensar no que minha mãe falou quando a gente estava nadando no lago, ou no mar, ou seja lá o que for. Por isso decidi aceitar o conselho dela e fazer o que faço melhor: lembrar.

Peço ao meu pai o e-mail do meu parceiro de composição e começo a digitar. Parece que meu parceiro precisa que alguém o ajude a lembrar as coisas certas, porque, pelo que minha mãe disse e pelo que vi, ele não é muito bom em fazer isso sozinho.

Então escrevo tudo e clico no botão que faz a mensagem passar pelos fios, atravessar o universo e chegar ao cérebro dele, para que o cérebro dele fique cheio das coisas que o meu cérebro contém. Assim ele vai saber que não tem problema voltar ao passado agora. Afinal, tem algumas coisas no passado que valem a pena rever.

38

Estou dançando em uma pista de areia enquanto a banda toca o que só posso descrever como música das ilhas. O cantor está se apresentando descalço em um palco baixo ao ar livre, mas ninguém além da mulher peituda ao lado da caixa de som presta atenção nele. O resto das pessoas está de costas para os músicos, absorvendo os sons, recebendo a energia, mas indiferente à fonte.

Veronica requebra ao meu lado, pegando minha mão de vez em quando, como se quisesse garantir que isso está realmente acontecendo, que estou mesmo com ela na Flórida. No momento, não quero estar em nenhum outro lugar. Mas isso não é uma decisão completamente natural. É, em parte, uma escolha. A música que estamos ouvindo, tanto pela letra quanto pelo clima, insiste que tudo vai ficar bem, muito bem, e, pela primeira vez, *decidi* não dispensar essa sensação. Não costumo gostar desse estilo “Don’t worry, be happy”. Sempre preferi músicas cruas e sinceras. Músicas íntegras e verdadeiras. Músicas como a que Joan e eu tentamos fazer. Mas hoje quero ser como minha irmã e Syd. Quero acreditar que essa música não é só sobre ignorar as tragédias da vida propositalmente, mas sobre escolher o otimismo com coragem, apesar delas. Hoje, pelo menos, quero acreditar que tudo vai *mesmo* ficar bem.

Depois de pegar mais duas cervejas no bar havaiano, caminho pela multidão, entrego o copo a Veronica e meio que grito no ouvido dela:

— A Paige disse que eu devia fazer mesmo assim.

— O quê? — berra Veronica de volta.

Tomo um gole da cerveja e dou a ela tempo para pensar. Quando não funciona, olho nos olhos dela até que Veronica os arregala, entendendo.

Ela entendeu, deve ter entendido. Ou não estaria me puxando pelo braço para um lugar mais silencioso. Paramos em um ponto em que as ondas fazem mais barulho que a banda. Ela me encara e diz:

— Sim. Minha resposta é sim. Vamos lá. Eu topo.

Foi exatamente por isso que não perguntei a Veronica quando devia ter perguntado. Eu sabia que ela ia entrar nessa por impulso, antes mesmo de saber para onde o barco seguiria ou quanto tempo a viagem demoraria.

— Não diga isso — peço. — É um compromisso enorme para você. É muito mais do que me dar seus óvulos.

— Eu sei disso — responde Veronica, determinada. — Vou fazer o que for preciso.

Mas ainda não sei se ela entende a magnitude do que estou sugerindo. Não sei nem se eu entendo.

— Não estou dizendo que vou mesmo fazer isso — digo. — Só estou mencionando a ideia. Não sei como funcionaria. Não sei como cuidar de uma criança.

— Fala sério. Claro que sabe. Você é ótimo com crianças.

— Desde quando?

Ela agarra minha mão e me força a sentar em um banco com ela.

— Desde que me lembro. Quando eu era pequena, você fazia umas casas cheias de detalhes para as minhas bonecas com as caixas da loja da mamãe. E sempre me trazia aquelas barras de fruta congelada quando trabalhava no acampamento. E me deixava dormir na sua cama quando eu estava assustada, apesar de eu chutar você a noite toda. E eu pedia para você me levar ao parque depois da escola e você sempre dizia não, porque tinha coisa melhor para fazer, mas aí me levava mesmo assim. E, quando eu era mais velha e você estava em Los Angeles, ligou para meu primeiro namorado. Lembra o que disse a ele? Você falou que era melhor ele ser cavalheiro comigo porque tinha pedido a alguém para ficar de olho nele. Ele nunca quis me beijar em público.

Ela balança a cabeça — não sei se por não acreditar que eu tenha dito isso ao garoto ou por não crer que ele tenha caído nessa.

— É sério, eu poderia continuar, Gavin. Você ainda era uma criança, mas sempre foi muito preocupado, carinhoso, protetor e simplesmente esteve *por perto*, mesmo quando não estava.

Não sei como ela conseguiu sair de um começo de vida tão precário com tanto otimismo, perspectiva e gratidão. Talvez eu realmente tenha alguma coisa a ver com isso, no fim das contas.

— E você até enche os pneus da minha bicicleta — acrescenta ela, brincando. — Gavin, sinceramente, não consigo pensar em ninguém que

pudesse ser um pai melhor que você. E o fato de você ter hesitado esse tempo todo só prova que vai levar isso a sério quando finalmente acontecer.

Procuro a cerveja e a encontro no chão ao meu lado.

— Obrigado por ter dito essas coisas, mas não consigo fazer isso sozinho.

— Por que não? — pergunta Veronica. — A mamãe criou a gente sozinha e fez um ótimo trabalho.

Engulo em seco, a cerveja e as palavras de minha irmã.

— É, fez mesmo. Mas ela não escolheu fazer isso assim.

— Verdade — diz Veronica, esticando os pés à frente.

Ficamos assistindo à banda de longe. Faixas de luz branca passeiam pela pista de dança. Penso no homem que nos fez, no modo como, depois de um longo silêncio, ele por fim falava. A paciência não é só se sentar e esperar. É aguentar. Terminar a história.

— Essa criança teria uma vida difícil — digo. — Os pais seriam irmãos.

— É, um gay, uma hétero, e os dois solteiros. Seria uma merda total. Ia ser incrível.

Acima de nós, o céu escuro está cheio de estrelas. *Eu poderia me esconder em outros astros. Mas até as estrelas deixam rastros.* O significado desses versos mudou desde que os escrevi. Na época, eu estava lamentando o fato de nunca poder me livrar de Syd, do mesmo modo que nunca havia realmente superado a perda de meu pai. Mas não há como escapar das lembranças. E isso não tem que ser uma coisa ruim. Na verdade, estou pensando em Sydney agora, imaginando o que ele diria sobre esse plano maluco, o mesmo que ele começou a colocar em prática, e devo dizer que me sinto um pouquinho mais corajoso.

— Seja qual for a sua decisão — diz Veronica —, estou aqui.

Não posso esperar para sempre. Já cometi esse erro antes, ao achar que o jeito que as coisas são em dado momento vai ser o mesmo que as coisas serão quando eu acordar de manhã. É por isso que digo a ela:

— Eu te amo.

Ela se vira para mim, surpresa.

— Eu só queria que você soubesse — comento.

Veronica apoia a cabeça em meu ombro, e eu olho para as estrelas. Milhões delas, há muito perdidas, mas ainda aqui. Lembranças, lembranças, lembranças.

O céu negro se curva até se tornar o oceano. Uma onda surge do horizonte perdido e bate na areia.

— Vamos entrar na água.

— Agora? — pergunta ela.

— É — respondo. — Agora.

* * *

Tiro os tênis e a camiseta e entro na água. Mergulho sob uma onda e sinto o choque rápido passar pelo meu corpo. No mesmo instante, o mundo se torna negro, vazio e leve.

Volto à superfície e me viro para a praia. Veronica, de sutiã e calcinha no escuro, hesita na praia.

— Vamos — grito. — Entre logo.

Ela vem andando até ser apenas um rosto e cabelos louros. Mergulho e nado às cegas até ela. Quando ressurjo, ela grita e joga água em meu rosto.

— Mergulhe — falo.

— Não. Está muito gelada.

— Gelada? Parece uma banheira.

Vou pegá-la.

— Para! Gavin, eu juro! — Ela nada para longe. — Vou sair.

Mas ainda não estou pronto. Não estou pronto para andar com meus próprios pés. É bom ser levado pela corrente.

— Tome cuidado, Gavin. — A voz dela já está distante. — Está me ouvindo? Não vá muito longe.

Ela nada para a praia, quase desaparecendo em meio à noite. Enquanto isso, aumento a distância entre mim e a terra. Mais fundo. Mais fundo. É tranquilo aqui, em meio ao silêncio da natureza. Eu me pergunto se não seria uma boa maneira de morrer, com essa breve sensação de calma, todas as cartas na mesa, todas as palavras ditas. Cair no oceano infinito, juntar-me a ele, meu melhor amigo, desde aquele primeiro encontro às cegas até hoje, para sempre. Aquele que mantinha minha cabeça fora d'água. Estou tentando fazer isso sozinho. Estou tentando de verdade. Mas fico muito cansado. Esta pulseira é pesada demais.

Algo esbarra em minha perna, algo de pelos grossos está passando. Isso me faz prestar atenção. Olho para baixo. Não vejo nada. O mar está preto.

Eu me viro no mesmo lugar, alerta. Uma segunda passagem. Nenhum barulho além das ondas. Nenhum movimento estranho. Meu coração começa a se acalmar. Não foi nada, só minha imaginação. Estou sozinho.

Na verdade, não. Olho para a frente. Minha irmã espera na praia, pequena como um pontinho. É difícil dizer daqui, mas parece que está acenando. Está só me cumprimentando? Ou está me chamando?

Mais uma vez, algo encosta em meu pé. Dessa vez é inconfundível: há algo na água.

Eu nado para a praia, braços e pernas cortando a superfície da água. Ergo a cabeça, minha irmã está muito longe. Provoquei o destino há alguns segundos, quando tudo estava finalmente bem. Como pude fazer isso? Nado até ela.

Mais uma vez, mordiscando meu pé, meus dedos. Eu me viro, por algum motivo, e vejo, surgindo, uma nadadeira, um focinho, um corpo. E então ele se vai, nada. Na praia, minha irmã espera, mas não consigo me mover. Outro cutucão embaixo de mim. Chuto para todos os lados, exigindo meu espaço.

A água se abre de novo, a coisa emerge, maciça. O focinho furado, os bigodes marrons, grosseiros. Sorrindo na escuridão, dois longos dentes, sabres brancos. Dentes, não — presas. Claro, presas. Uma morsa. *Aquela* morsa. Não pode ser.

Ela mergulha e afunda. Espero que volte à superfície, olhando para todas as direções. Tudo tranquilo. Imóvel. Então o pânico volta; me apresso para voltar para a praia.

Alcanço Veronica. Ela está se abraçando, tremendo.

— Falei para você não ir muito longe. Você me assustou.

Tenho dificuldade de respirar.

— Você viu aquilo?

— O quê?

— Lá dentro.

— Não — diz Veronica, analisando meu rosto e não a água. — Você está bem?

Eu me viro para o mar. Procuro. Procuro. Procuro mais um pouco.

Então digo a ela e a quem mais puder me ouvir:

— É, estou bem.

Para: Gavin Winters

Assunto: Dez principais motivos

Caro Melro,

Minha mãe me disse que você está com medo de ser pai, e acho que talvez você não esteja pensando nas lembranças certas. Como você já me pediu para ajudar você a lembrar uma vez, achei que podia ajudar de novo. Além disso, eu também gosto de fazer listas.

Estes são os Dez Principais Motivos pelos quais você seria um bom pai:

- 1. Porque você se lembrou do meu nome (terça-feira, 9 de julho).*
- 2. Porque você disse que gostava da minha roupa (quarta-feira, 10 de julho).*
- 3. Porque você segurou minha mão quando a gente atravessou a rua, me ajudou a chamar um táxi pela primeira vez, me ensinou a mudar de cenário e me mostrou que o John Lennon não ficava só compondo músicas, ele também bebia café e ia à farmácia (terça-feira, 16 de julho).*
- 4. Porque você comprou um bagel simples para mim (quarta-feira, 10 de julho), um pretzel macio (terça-feira, 16 de julho) e batatas fritas (segunda-feira, 22 de julho) e me fez experimentar pizza (terça-feira, 16 de julho).*
- 5. Porque você gostou do meu desenho (quarta-feira, 10 de julho).*
- 6. Porque você sempre fazia o seu sinal, mesmo quando estava com dor de cabeça e não conseguia sair da cama (terça-feira, 16 de julho).*
- 7. Porque você sempre me dizia a verdade, como na vez em que falou que minha música não tinha feito você chorar (quarta-feira, 10 de julho), que minha letra não estava dizendo nada (quinta-feira, 11 de julho) e que eu provavelmente não vou ganhar o concurso (quinta-feira, 25 de julho). Você às vezes era meio cruel, mas tudo bem porque sempre me tratava como uma adulta e fez minha música ficar melhor. E como você sempre era sincero comigo, eu podia acreditar*

em você, como quando você falou que eu era impressionante e que nunca tinha conhecido ninguém igual a mim (terça-feira, 30 de julho).

8. Porque você foi me buscar no The Mindy Love Show (terça-feira, 30 de julho).

9. Porque você me ensinou que existe um tipo de nervosismo bom (terça-feira, 16 de julho) e eu senti isso (terça-feira, 30 de julho).

10. Porque você me mostrou que não posso só esperar uma ideia aparecer. Também tenho que saber quando a ideia chegou (quinta-feira, 18 de julho).

11. Porque, sempre que eu tinha uma boa ideia para a letra, você usava.

12. Porque você ouviu minhas lembranças com muita atenção e fez perguntas e foi basicamente a única pessoa que já fez isso além de médicos e apresentadoras de TV.

13. Porque você sabe falar com sotaque britânico.

14. Porque você sabe muito sobre o John Lennon e sobre o Paul McCartney.

15. Porque você faz o melhor olhar de rockstar que eu já vi.

16. Porque você tem uma voz ótima e não só para cantar. Aposto que você seria ótimo lendo histórias para dormir.

17. Porque eu amo meu pai mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Não importa o que ele faça ou diga ou aonde ele vá, eu amo o papai. Você não tem que se preocupar.

18. Porque você é meu parceiro e eu sei que, no fundo, você não se esqueceu de mim.

Desculpa, eu tinha mais de dez motivos.

*Com amor,
Morsa*

Don't Let Me Down

Ponho a fita no walkman velho do meu pai. Rebobino e ela guincha até voltar ao início. Aperto o grande botão play e, através do chiado, ouço o piano e a voz da vovó Joan. Fecho os olhos e finjo que ela está aqui no meu quarto, fazendo um show para mim.



Quando minha avó tira as mãos das teclas e o pé do pedal, dá para ouvi-la suspirar. É um suspiro do tipo que a gente dá depois de beber uma coisa gostosa, rir muito ou de se lembrar de uma coisa incrível.

A gravação acaba, mas a fita continua tocando. Eu a deixo chiar e sinto que minha avó ainda está aqui.

— Eu queria que você pudesse ouvir minha música.

As rodinhas giram pela janelinha de plástico.

— Queria que ela emocionasse você.

Meu pai diz que eu carrego a memória dela, mas ele está falando do meu nome quando diz isso, não da minha memória especial.

— Eu queria ganhar por sua causa. Vou ganhar.

Fico escutando.

— Oi? Vovó?

As rodinhas giram mais devagar, o walkman faz um clique, o chiado para e a fita acaba.

Minha porta se abre.

— Está pronta?

Meu pai está usando botas de cano longo, calça jeans justa, uma camisa de botão e um paletó preto por cima para ficar mais chique. É o tipo de

roupa que ele usava para as reuniões em Nova York, antes de fechar o estúdio e antes de a moça nova se mudar para o andar de baixo. O nome dela é Pam e ela quase nunca fica em casa porque trabalha metade da semana em Toronto, uma cidade que fica em outro país. Então ela diz que podemos usar o pátio o quanto quisermos. Além disso, ela não fez meu pai destruir a Sala Silenciosa, disse que é um bom lugar para pôr todas as roupas dela. Ela jura que minhas iniciais ainda estão lá, em cima da tomada.

Meu pai para atrás de mim e vê o toca-fitas. Ele ergue parte do meu cabelo e finge puxar.

— Você vai ficar bem se não ganhar, filha?

— Eu não quero pensar nisso — respondo.

— Lembre que a arte é subjetiva. As pessoas gostam de coisas diferentes.

— Tipo como algumas pessoas gostam do Paul McCartney e outras gostam do John Lennon?

— E algumas gostam dos dois.

— Eu também gosto do Paul McCartney — admito.

— E eu também — diz meu pai. — Eu adoro todos os Beatles.

Ele beija minha cabeça e vai até a porta.

— Não importa o que aconteça, só quero que saiba que estou muito orgulhoso. E espero que também esteja. Você só tem que continuar fazendo uma arte que a faça se sentir bem. Não dá para controlar o que vai acontecer depois. Parece que ninguém está prestando atenção, mas aí, quando você menos espera, alguém escuta. Só continue mostrando suas coisas. É o mais difícil. Mas nunca se sabe. É isso. A gente nunca sabe.

Aquilo ecoa em mim. É uma coisa que os violões fazem, e as palavras também. Aquilo ecoa em mim porque, em um dia dessas férias, eu estava jantando com a minha família, preocupada com meus assuntos e, do nada, uma estranha pediu para apertar minha mão porque tinha me visto na TV (sábado, 17 de agosto de 2013).

Meu pai batuca na porta, não como um baterista, mas como uma abelha batendo contra uma janela, procurando uma saída.

— Vou tirar o carro — diz ele, antes de sair.

Há menos de trinta pessoas no mundo com a memória tipo a minha, mas agora só há dez pessoas no mundo que podem ganhar o concurso “O Futuro Grande Compositor”, e eu sou uma delas. Isso significa que sou ainda mais especial na música do que sou com as lembranças. (Alguns dos finalistas

são mais de uma pessoa, mas só um prêmio vai ser entregue, então minha matemática funciona. Minha mãe ficaria orgulhosa.)

Meu pai odeia quando uma pessoa diz *para ser sincero* porque significa que a pessoa estava mentindo ou vai mentir, mas quero dizer mesmo assim. *Para ser sincera*, eu não achava que ia chegar à final porque, normalmente, quando quero muito uma coisa, ela não acontece, tipo quando eu quero desligar a TV com um piscar de olhos ou quando quero que um cachorro com três pernas faça a perna que falta crescer de novo.



Para ser ainda mais sincera, achei que os *meus* dias como musicista também tinham acabado, porque querer tanto uma coisa é cansativo e me leva a fazer coisas que eu não devia, tipo fugir para a cidade sozinha. E, para ser muito, muito sincera, não pensei tanto no concurso nos últimos dois meses e meio. Fiquei ocupada com outras coisas, tipo quando meu pai levou a gente ao Six Flags, e meu avô me levou à loja de música para comprar um violão novo, e minha mãe me levou ao dentista e também para nadar na casa da Harper e ainda para comprar material escolar. E aí as aulas começaram, eu compus músicas novas que são ainda melhores que as antigas e fiquei vendo a morsa subir e descer a costa nadando, até finalmente a pegarem lá em cima, na Nova Escócia, no Canadá.

Foi por isso que, quando meu pai recebeu o e-mail com o convite para a cerimônia em Nova York, na sexta-feira, 25 de outubro, que é hoje, eu fiquei surpresa. Agora que voltei a pensar no concurso, sei que tenho que ganhar, não importa o que meu pai tente me dizer. Ele foi ótimo comigo nas

últimas semanas, mas ainda tenho medo de a minha memória não estar segura com ele, com minha mãe ou alguma outra pessoa. Posso ser a menina mais ocupada do mundo, mas nunca vou esquecer meu sonho de um dia ser importante o bastante para ser lembrada. Não só hoje, mas sempre.

Eu me levanto do chão, ajeito o vestido e dou uma olhada no meu espelho de corpo inteiro: vestido vermelho e azul-marinho, tênis Converse brilhante, presilha com purpurina. Está tudo aqui, mas na verdade não, porque minha cabeça está em outro lugar. Minha cabeça sempre está em outro lugar, mas finalmente encontrei o olhar que combina com o modo como me sinto.

Ou talvez eu já soubesse fazer um olhar de rockstar. Talvez seja o tipo de coisa que a gente não consiga se ver fazendo no espelho, assim como a gente nunca consegue ver exatamente como fica de óculos escuros; é uma coisa que só outras pessoas podem fazer por você.

* * *

Meu pai diz que chegamos, mas não podemos estar no lugar certo, porque não tem um tapete vermelho, repórteres, câmeras nem placa do lado de fora anunciando o concurso. Tem só um porteiro gordo com uma prancheta.

Papai diz nossos nomes para o porteiro do lado de fora da boate e ele confere a lista, irritado. Depois, desenha um X enorme na minha mão e eu corro para entrar, com medo de que ele tente me comer.

Passamos por uma multidão até chegar ao bar lotado. Mal ouço meu pai contar que tocou naquele mesmo lugar com uma de suas bandas, pois o lugar está muito barulhento. Também penso no tempo que demorei para chegar aqui, em como primeiro tive que arranjar um parceiro, compor a nossa música, chegar à final, ficar no trânsito do túnel Holland, andar pelo que meu pai chamou de East Village e finalmente entrar nesta sala minúscula que não parece um teatro gigante com arquibancadas nem cortinas vermelhas, mas uma caverna escura com cadeiras dobráveis e um teto que cai na gente e me faz querer andar abaixada para não ser esmagada. Não tem mais ninguém aqui, a não ser um cara de cabelo comprido sentado em uma cabine de som, mas ele está ocupado demais olhando para o celular para cumprimentar a gente.

— A gente está no lugar errado — digo.

— Não.

Meu pai aponta para um pedaço de papel preso à primeira fileira de cadeiras que diz: *Reservadas para os finalistas*. Ele se senta comigo para eu não ficar sozinha e minha mãe pega uma cadeira na área atrás de nós.

Um vento frio sai de um pedaço do teto, e eu me abraço para me manter aquecida. Este deve ser o lugar mais solitário em que já estive, com exceção do zoológico Turtle Back, onde cada um dos répteis é mantido sozinho em um buraco iluminado na parede.

As portas para a sala principal se abrem e finalmente as pessoas começam a entrar. Elas se sentam em cadeiras e ficam de pé no fundo da sala. A primeira fileira começa a ser preenchida, mas os outros finalistas não se parecem nem um pouco comigo. Eu devia ficar feliz por ser a mais nova, mas não gosto, porque sempre sou a mais nova, mesmo entre as pessoas com memória especial. Desta vez eu só quero ser igual a todo mundo. Quero que todo mundo saiba como sou séria e importante.

Meu pai fala sem parar:

— Lembre-se do que eu falei. Algumas dessas pessoas fazem isso há muito tempo. Existem muitos outros concursos para você participar. Você tem a vida inteira pela frente. Eu amo você. Sabe disso, não é?

— Sei, pai.

Olho em volta outra vez e estico bem o pescoço. Parece que todas as pessoas já chegaram. Ninguém mais está entrando pela porta dos fundos.

Até agora este concurso não tem nada a ver com o que imaginei. Minha cadeira de metal está gelada, o homem do som está tocando uma música horrível e não vejo o programa da noite em lugar algum. Quando a gente vai a uma peça ou a um casamento, eles normalmente distribuem um programa para a gente saber exatamente o que vai acontecer e quando, mas aqui não tem nada embaixo da cadeira, a não ser poeira e um cigarro amassado. Não entendo por que querem anunciar o futuro grande compositor em um lugar como este. Estou com medo de ter cometido um grande erro em achar que este concurso ia ajudar a divulgar minha música pelo mundo. Estou percebendo que é um erro confiar em qualquer um, porque as pessoas dizem coisas para deixar você animado e depois esquecem o que disseram e fazem outra coisa. Quero escorregar para o chão sujo, engatinhar por baixo de todas as cadeiras, passar pelo porteiro e chamar um táxi, talvez o do Adisa, e pedir que ele me leve para casa, para Jersey City, porque não era assim que devia ser.

— Perdão, querida.

Eu me ajeito na cadeira e vejo o único britânico falso que conheço. O rosto dele está sem barba, o cabelo, mais comprido, a covinha, funda, e as mãos dele batem como asas.

Faço meu sinal para ele também.

— Obrigado por guardar meu lugar — diz Gavin ao meu pai.

Meu pai responde alguma coisa, mas estou ocupada demais olhando para o Gavin. Se esta for a última vez que o vejo, quero ter certeza de que reparei em tudo nele, tipo o modo como as mangas da jaqueta estão desabotoadas, como a barra da calça jeans está dobrada, a fivela do cinto parece enferrujada, como a mão esquerda dele segura uma garrafa de cerveja que tem BROOKLYN escrito no rótulo, e como seu braço direito está pendurado de maneira que consigo ver que ele não está mais usando a pulseira do Sydney.

Antes de conhecer Gavin Winters, ouvi muitas coisas sobre ele dos meus pais, do Sydney e da TV. Depois pude conhecê-lo do meu jeito. Aí ele desapareceu, mas eu continuei ouvindo falar dele pelos meus pais e pela TV, então ele não chegou a sumir de verdade, apesar de ter ido embora. É difícil saber se ele está mesmo aqui, se é só uma lembrança ou alguma outra coisa. Toco na mão dele. Ele olha para baixo enquanto ouve meu pai e aperta minha mão. Nem estou mais chateada, porque ele prometeu que viria e aqui está ele, e sei que é verdade porque consigo sentir sua mão.

Meu pai olha para o relógio.

— Está quase na hora.

Ele se abaixa e me sufoca em um abraço forte. Então dá um tapinha no ombro do Gavin e vai até onde minha mãe está sentada.

Gavin se senta na cadeira do meu pai.

— Como você está se sentindo?

— Bem.

— Você não parece bem — diz ele, bagunçando meu cabelo.

— Para.

— Relaxe, quanto mais bagunçado melhor. Isso mostra que você não se importa.

— Mas eu me importo.

A covinha dele diminui um pouco quando ele toma um gole de cerveja. Eu me sentiria bem menos nervosa se tivesse o violão comigo, mas meu pai disse que não é esse tipo de evento. Nem todos os finalistas são cantores;

eles são compositores, então, em vez de um violão, ele me pediu para trazer um discurso, para o caso de eu ganhar.

Ponho a mão no bolso do vestido e sinto o pedaço de papel. Minha mãe me ajudou a escrever. Eu o tiro do bolso e leio de novo para praticar. Atrás de mim, minha mãe abre um grande sorriso e eu sorrio também, mas meu sorriso é pequenininho.

Quando me viro para a frente de novo, há duas mulheres no palco. Uma parece uma versão adulta de Annie, a pequena órfã, e a outra tem cabelo branco comprido, preso à cabeça em camadas, como um bolo de casamento. Minha cadeira começa a vibrar como no dia do terremoto em Jersey City, 23 de agosto de 2011, terça-feira. Eu agarro a cadeira porque estou com medo de o chão se abrir, o teto cair e eu ser esmagada e nunca saber quem ganhou o concurso. Mas não é um terremoto. São só meus joelhos.

Annie ergue o queixo para alcançar o microfone alto.

— Olá. — Ela espera que o salão faça silêncio. — Bem-vindos à cerimônia de premiação do primeiro concurso “O Futuro Grande Compositor”.

Annie faz uma pausa para as pessoas aplaudirem, e a maioria faz isso.

— Como alguns de você sabem, a Coral e eu temos um blog. O tema do blog é que nós discordamos em praticamente tudo, e isso leva ao que esperamos que sejam discussões interessantes sobre música, arte, cultura e sabe-se lá mais o quê. Mas sobre uma coisa nós duas concordamos: hoje as pessoas prestam atenção demais nos cantores do mundo e quase não se importam com os compositores. Somos fãs de histórias e contadores de histórias. E também somos grandes fãs das nossas terras natais, Nova York e Nova Jersey. Sempre soubemos que havia muito talento escondido aqui no nosso quintal e queríamos ver se era possível encontrar alguns de vocês e ajudar a divulgar seus nomes.

Olho para o Gavin e ele olha para mim. O rosto dele diz: *Já está no papo*, mas não tenho certeza. A gente se vira de novo para o palco.

A mulher com cabelo de bolo pega o microfone.

— Ficamos chocadas com a quantidade de inscrições que recebemos. Tivemos muita dificuldade de escolher só dez, mas fizemos o melhor que pudemos e aqui estamos. Na fileira da frente estão nossos dez finalistas. Palmas para eles.

Estou pronta para fazer uma reverência, mas ninguém mais fica de pé, então continuo sentada.

— Todos os finalistas vão receber prêmios dos nossos generosos patrocinadores. São vales-compra, maneiras de divulgar suas músicas e a assinatura de uma revista. Isso é muito maneiro.

Eu não sabia que havia prêmios para os perdedores. É muito maneiro mesmo.

— Vamos divulgar a música que ficou em primeiro lugar em nosso blog, e ela também vai ser divulgada em alguns dos nossos sites parceiros. Além disso, ele ou ela vai receber um cheque de cinco mil dólares, graças à Zeem Music.

É tarde demais para usar o dinheiro do prêmio para salvar o estúdio do meu pai, mas fico imaginando se cinco mil dólares são suficientes para viajar para Los Angeles, porque o Gavin disse que é a capital do entretenimento, e parece ser o lugar perfeito para mim.

Á a vez de Annie falar no microfone:

— Sei que estamos aqui para descobrir quem vai levar o grande prêmio para casa. Mas, antes disso, temos algumas coisas a fazer.

Um homem magro de terno entra e agradece a uma longa lista de pessoas. Então Annie volta. Ela convida outra pessoa ao palco, alguém que ela diz ser um ótimo artista que “já apareceu muito” no site delas. Mas esse cara não parece ótimo para mim. É careca e tem uma barriga enorme que mantém o violão longe do corpo dele. O homem tem que esticar os braços para tocar, e a voz dele parece a de um passarinho doente. Não estou impressionada. Ele não é um rockstar.

O pior é que não conheço a música dele. Se ele é tão bom e a música dele apareceu no site do concurso, então eu devia conhecer, assim como todo mundo aqui.

O homem finalmente termina a música chata e Annie o ajuda a sair do palco. Não sei direito por que ele não consegue fazer isso sozinho.

— Mais uma salva de palmas para o grande Bisk Weatherby.

Bato palmas, o que me assusta, porque eu não queria aplaudir. Só estou tentando ser legal. E se aplausos forem só isso? Uma grande mentira para ser legal? O Gavin também está aplaudindo.

Annie chama outro músico ao palco, e esse cara é bem mais legal. Ele é um cantor-compositor que todos parecem conhecer, mas mal consigo ouvi-lo, porque já tem coisas demais acontecendo no meu cérebro e também no meu corpo. Preciso muito fazer xixi.

O cantor-compositor termina a música e as mulheres voltam ao microfone.

— Agora vamos ao que interessa — diz Annie. — Quando eu anunciar o terceiro e o segundo lugares, por favor, fiquem de pé e façam uma reverência.

Então a gente vai *mesmo* fazer reverências. Agora, sim. Só espero que minhas pernas funcionem.

Annie olha para um cartão e eu pego a mão do Gavin.

— Sem mais delongas — diz Annie —, o terceiro lugar vai para Olsen T. DeLawrence, pela música “Quiver”.

Olsen é um cara estranho de óculos. Quando fica de pé, ele quase encosta a cabeça no teto baixo. Meu coração está batendo como um pica-pau. Digo a Gavin:

— Preciso muito fazer xixi.

— Acho que é meio tarde para isso.

— Eu tenho que ir.

— Você vai perder — diz Gavin.

— Eu não ligo.

— Segure.

— Não consigo.

— Conseguo, sim.

Então Annie anuncia o segundo lugar. Ela fala dois nomes.

— Gibson e Ren — diz Annie. — Eles compuseram uma música emocionante chamada “Third Chance”, que juro que não consigo ouvir sem chorar. Já tentei. É impossível.

Uma música para chorar. Eu disse ao Gavin que a gente precisava de uma música para chorar, mas ele não me ouviu. Pediu para eu esquecer a música para chorar, o que foi um conselho ruim, porque chorar tem a ver com lembrar. É isso que meninas fazem, e às vezes pais também, tipo quando eles voltam para casa depois de ver a mãe.

Mas ainda não acabou. Estamos muito perto. Só falta um vencedor. Isso pode acontecer. Pode acontecer de verdade. *Vamos lá, Annie, diga o meu nome.*

Annie pigarreia e eu ponho a cabeça entre os joelhos.

— E agora o momento que todos esperávamos.

* * *

Meu pai segura minha mão enquanto passamos pela recepcionista, pelas pessoas falando alto nas mesas e pelos garçons que equilibram as bandejas, até uma porta de vidro que não me deixa ver nada porque está coberta com uma cortina branca.

— Não estou com fome — digo.

— Não precisa comer — responde meu pai.

— Cadê todo mundo?

Pela primeira vez na vida, não me lembro de nada que aconteceu. Na verdade, lembro de exatamente duas coisas: a primeira é o nome da menina que ganhou. Ter um nome como Victoria é muito estranho e injusto. A segunda coisa é que a Annie e a mulher com cabelo de bolo tiraram uma foto com todos os finalistas e depois todo mundo quis tirar fotos separadas só com o Gavin, e ninguém acreditava que ele havia participado daquele concurso bobo. Não lembro se Victoria era bonita ou feia, mas ela provavelmente era muito bonita. E não lembro se o cheque de cinco mil dólares era um daqueles cheques gigantes ou do tipo que cabe no bolso. E não lembro o que o Gavin disse no meu ouvido quando a gente perdeu, nem de como saímos do salão, nem como chegamos do lado de fora da boate, nem o que meu pai estava tentando me dizer enquanto me levava pela rua até esse restaurante ruim. Então é assim que é ter um cérebro normal. Acho que eu odeio isso.

— Você vai ver — diz meu pai.

Vou ver o quê? Não me lembro do que a gente estava falando.

A porta se abre e vejo minha mãe, meu avô, meu tio, minhas duas tias e Gavin. Não conheço o resto das pessoas: uma mulher mais velha com o cabelo curto igual ao de um menino e brincos de argola grandes, um homem de rosto sério, camisa de botão e suéter e uma mulher de cabelo louro e um belo bronzeado.

Gavin pega uma grande sacola de plástico apoiada na parede. Ele estende a mão para mim e diz ao grupo:

— A gente já volta.

Saímos para a noite agitada e ficamos parados ao lado do restaurante.

— Em que lugar você acha que a gente ficou? — pergunto.

— Não importa.

— Importa, sim. Tem muita diferença entre o décimo e o quarto lugar.

— É só uma opinião.

— Mas décimo é o último lugar — digo.

— E daí? — pergunta Gavin. — Pense nas milhares de pessoas que se inscreveram. Veja como você chegou longe.

As pessoas da cidade circulam com cigarros fedidos nas mãos, roupas interessantes e arames saindo das orelhas.

— Só cheguei até aqui porque você me ajudou — digo.

— E daí? Todo mundo precisa de ajuda em algum momento.

— Não importa, não é? Ninguém liga. Ninguém se lembra do nome dele.

— Do nome de quem? — pergunta Gavin.

— Do cara que subiu no palco e tocou a música. Elas disseram que ele era ótimo, mas ninguém sabia o nome dele nem conhecia a música, e ninguém conhece meu pai nem a mim. Ninguém vai se lembrar da gente, e é muito triste e não consigo mais pensar nisso.

Ouvi no jornal que, quando uma avalanche cai, a neve fica dura como concreto. É assim que me sinto agora, como se eu estivesse cercada de concreto, porque não tenho mais para onde ir. Não tenho mais nenhuma ideia.

— Quero mostrar uma coisa.

Gavin põe as mãos dentro da grande sacola de plástico e tira uma daquelas bandejas dobráveis para comer na frente da TV. Ele sacode o plástico da bandeja, vira e não é uma bandeja no fim das contas.

— Isto é para você — diz ele.



— Tenho uma amiga pintora. Na verdade, ela era amiga do Sydney. Fui fazer uma visita a ela ontem e disse exatamente o que eu queria.

— O que tem na asa do passarinho? — pergunto.

— Um curativo.

— Ele está machucado?

— Está. Mas está melhorando. E está vendo aqui no canto?

Ele volta o quadro para a luz do poste. Aproximo o rosto e vejo uma palavra escrita em maiúsculas: **IMAGINE**.

Fico arrepiada. A noite não está fria, mas fico arrepiada.

— Você e o Sydney têm isso em comum. Vocês acreditam.

Gavin está brilhando sob a luz do poste, e eu queria ter uma câmera para poder tirar uma foto dele. Eu pediria para meu pai transformar a foto em um pôster, penduraria o cartaz na parede e olharia para ele toda noite antes de dormir. Mas tudo bem eu não ter, porque tenho uma câmera embutida em mim mesma.

— Obrigada.

— Não. *Eu* que agradeço.

Ele coça a testa e faz um biquinho. Quando estou nervosa, eu mordo minha boca por dentro.

— Sabe, eu sempre quis saber uma coisa. Você gosta mesmo das músicas do John Lennon? Ou é só porque seu pai adora?

Penso sobre isso. É difícil saber.

— Gosto do fato de a gente ter uma coisa especial nossa.

Gavin sorri.

— Eu também.

Ele parece pronto para voltar para o restaurante, mas não estou em clima de festa e não quero dividir o Gavin com todas aquelas pessoas, porque ele é meu parceiro e demorou muito tempo para que ele voltasse para mim.

— A gente devia compor mais músicas juntos — digo.

— Devia mesmo.

— Nossa banda podia se chamar “The Reminders”.

— Gostei — diz Gavin. — É um bom nome.

— A gente só precisa de uma música. Mais nada. Uma música que o mundo nunca esqueça.

Ele olha para mim pelo que parece muito tempo e então diz:

— Ouvi “God” outro dia. A gente falou dessa música no primeiro dia em que ouvi a sua. Estávamos falando sobre mágica.

Adoro quando as pessoas lembram.

— Você sabe o que o John quer dizer nessa música? — pergunta Gavin.

Não.

— Ele diz que *era* a morsa, mas não é mais. Agora ele é o John. Agora ele é ele mesmo. Todo mundo faz com que essas pessoas sejam maiores do que são. Elvis, os Beatles, Zimmerman. Você sabe quem é o Zimmerman? É o Bob Dylan. É um mito. Eu uso o nome Winters, mas sou um Deifendorf. Essa é a minha família. E é isso que o John está dizendo. Ele está falando

sobre família. Está dizendo que tudo que importa é ele e a Yoko. — Ele aponta para o restaurante. — As pessoas que estão esperando ali são as únicas que importam. Ninguém mais.

Ele não para de me encarar e eu tento sorrir, mas isso não impede as lágrimas de caírem.

— Não quero me despedir de você.

Ele me abraça e, ao meu ouvido, faz uma promessa. E tudo está de cabeça para baixo, mas me sinto bem porque parece uma música de dançar e outra de chorar em uma só.

* * *

No meio do jantar, o Gavin bate com a faca em um copo d'água. Isso acontece depois que meu avô me ergue no ar com suas mãos fortes e diz que vai me jogar do outro lado do salão se eu não der um autógrafo a ele. O problema é que ser jogada do outro lado do salão parece divertido, então é uma escolha difícil de fazer.

Isso acontece depois que o Gavin me leva até o homem sério, que ele chama de agente, e diz:

— Carl, gostaria de apresentar a você sua nova cliente.

Carl diz que ouviu falar muito sobre mim e que sou fotogênica, o que parece uma doença, mas é o contrário.

E isso acontece depois que o Gavin me leva para conhecer a senhora com cabelo curto, que, na verdade, é a mãe dele. Ela me entrega um buquê de flores do jardim dela e explica, muito animada, que as flores não têm “nenhum produto químico”. Ela também diz que, quando olha para mim, sente a mesma coisa que sentia quando olhava para o Gavin quando pequeno. Pergunto o que ela quer dizer e ela responde:

— Você vai ser uma estrela.

E aí o Gavin revira os olhos, mas acho que é uma coisa muito legal de se dizer.

E isso acontece depois que o Gavin me leva até a última estranha no salão, a que tem os olhos azul-claros iguais aos dele. Tento apertar a mão dela, mas ela bate na palma da minha mão e diz que adorou minha roupa. O nome dela é Veronica, e ela é uma filha e uma irmã e logo, logo, também vai ser mãe, mas de um jeito que não vai fazer a barriga dela ficar grande. O

Gavin avisou que o bebê vai ter o nome do pai porque é um nome que funciona tanto para menina quanto para menino. Espero que, apesar de a gente ter dez anos de diferença, o bebê Sydney e eu ainda possamos ser amigos.

E isso acontece depois que meus pais ficam se encarando com uma cara de aniversário de casamento, e meu pai, que sempre vai ser meu músico favorito, deita a cabeça no ombro da minha mãe de um jeito que parece familiar, que tem alguma coisa sobre como nossas mães nos fazem sentir, porque a mamãe me faz sentir da mesma maneira quando me abraça e me diz como está orgulhosa de mim.

É depois de tudo isso que Gavin começa a bater no copo d'água e todos param de conversar. Meu pai pega uma case embaixo da mesa e a abre. Ele tira o violão Gibson e me entrega. Não sei o que fazer.

— Toque — pede Gavin.

Não estou com vontade, mas quero passar uma boa impressão para o agente do Gavin, então penduro a alça no ombro e toco a primeira coisa em que penso. É “Look At Me”, do John Lennon.

— Não isso — diz meu pai. — A sua música.

Paro para beber um gole d'água, respiro fundo e toco um acorde em Sol. Não estou com as palhetas do Sydney, então uso os dedos, como meu pai me ensinou. Olho para as cordas e as sinto vibrar sob minhas mãos.

Alguém na plateia está fazendo a cadeira ranger. É meu avô. Ele dá uma batidinha no ombro da mãe do Gavin e a pega pela mão. Os dois vão para o canto do pequeno salão e ele a faz girar e cair para trás e ela ri.

Espero até o Gavin começar a cantar e ele começa. A voz dele faz meu coração bater ainda mais rápido. Estamos realmente empolgados agora e todo mundo está aqui, todos os que importam, cantando, sorrindo, dançando e chorando. Não sei o que vai acontecer amanhã, o amanhã nunca sabe, como diz o John, mas eles estão olhando para mim agora, como se realmente vissem quem eu sou. Quero ficar com eles para sempre e acho que há um jeito de fazer isso. Vou guardar todos na minha caixa. Vou manter todos seguros para sempre. É o que eu faço. Eu me lembro.

Agradecimentos

Levei muito tempo para chegar até aqui, e não teria conseguido sem a ajuda de uma série de pessoas de ouro.

Obrigado à minha equipe muito dedicada de editoras inteligentes e gentis, Judith Clain, Francesca Main e Amanda Brower, por confiarem em mim e neste livro com uma fé inabalável, uma sofisticação suprema e muito amor. Eu adoro todas vocês. Obrigado a Nicole Dewey e a Lucy Kim da editora Little, Brown, e a Tracy Roe por fazer deste romance o que ele é. E muito obrigado a todos os editores estrangeiros por defenderem este livro e começarem a apoiá-lo tão cedo.

Obrigado ao meu metucioso agente, Jeff Kleinman, por acreditar em mim antes de eu estar pronto, por me tornar um verdadeiro escritor e por sempre fazer com que eu me esforçasse e avançasse mais do que parecia possível. Obrigado às outras almas extraordinárias que representaram este romance com muito amor: Molly Jaffa, Lorella Belli e Sylvie Rabineau.

Obrigado a Brent Monahan, Jen Duktorski e Jenn Northington por fazer críticas inteligentes sobre o livro ainda em seu estágio inicial. E obrigado a todos que incentivaram minhas tentativas literárias anteriores: Mike Emmich, Matt Schuman, Jason Cupp, Kate Rockland, Michael Rockland, Jon McGarry, Melissa Niglio Gelade, Eileen DeNobile, Chris Maltese, Joey Arbagey e Karen Haney.

Obrigado a Arielle Eckstut, David Henry Sterry, Chris Goldberg, e ao clube do livro Huevos Rancheros. Obrigado a Ed Paparo e Harris Katz pelos conselhos legais e pelas críticas criativas.

Eu tomei muitas liberdades ao descrever a memória autobiográfica altamente superior, mas o livro de Jill Price, *A mulher que não consegue esquecer*, e o de Marilu Henner, *Total Memory Makeover*, me ajudaram a entender como a HSAM funciona no mundo real. *The Kid*, de Dan Savage, e *Mommy Man*, de Jerry Mahoney, me mostraram um pouco do que casais do mesmo sexo enfrentam quando tentam se tornar pais. Por terem me

ajudado a dar autenticidade a outras áreas importantes, agradeço a Amanda e Arianna Mondelli, Kara Franklin, Michelle Chapman, Olivia Gelade, Dan Coughlin, Ralph Hanan, Daniel Baker pelas “panquecas flambé” e Sydney Gelade por me dar a letra de Joan.

Obrigado a todos os leais ouvintes de minhas músicas, que foram meus primeiros leitores e que continuam a me *lembrar* que eu tenho uma voz. E obrigado àqueles que compuseram músicas comigo por me ajudarem a refinar outro modo de contar histórias.

Obrigado à minha família, que apoia tudo e qualquer coisa que eu faça: Erica, Marie, Mike; os Emmich, Baker, Caterina e Gelade; Mel e Lois, por sempre me tratarem como seu; e especialmente a Valentine e Joan, por nunca terem questionado meu caminho estranho.

Obrigado a Harper e Lennon por existirem e me inspirarem absolutamente todos os dias. Um agradecimento especial a H por tolerar minha ficcionalização de um dia angustiante. E, sobretudo, obrigado a Jill pela paciência, inteligência e vontade de sonhar. Você é o motivo para eu fazer, ser ou ter alguma coisa a ver com esse mundo.

Sobre o autor



© Andrew Holtz

VAL EMMICH é escritor, compositor, cantor e ator. Atualmente mora em Nova Jersey, nos Estados Unidos, com a esposa e os dois filhos.

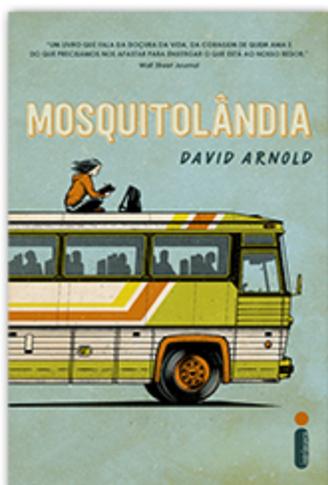
Leia também



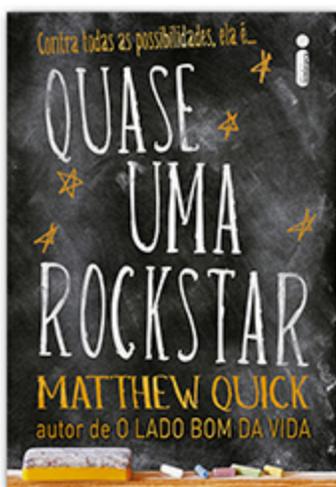
A menina que roubava livros
Markus Zusak



Claros sinais de loucura
Karen Harrington



Mosquitolândia
David Arnold



Quase uma rockstar
Matthew Quick



Um dia
David Nicholls